

## Instituto Sedes Sapientiae

### Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2006/2008

Claudia Paula Santos (Eventos), Daniela Danesi (Grupos de Formação Contínua), Denise Maria Cardoso Cardellini (Clínica), Fátima Milnitzky (Transmissão e Pesquisa), Flávio Roberto Carvalho Ferraz (Cursos), Lucia Barbero Fuks (Relações Internas), Maria Antonieta Whately (Administração e Tesouraria), Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes (Representante da Comissão de Admissão), Mario Pablo Fuks (Publicações), Sílvia Leonor Alonso (Relações Externas), Tera Leopoldi (Representante do Departamento no Núcleo de Departamentos)

# Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE: ANO XIX: JUNHO DE 2007

### Conselho Editorial

Camila Salles Gonçalves, Eliana Borges Pereira Leite, Leda Maria Codeço Barone, Lilian Quintão, Mania Deweik, Maria Elisa Pessoa Labaki

### Grupo Administrativo

Zulmira M. Montiel e Eva Wongtschowski

### Grupo de Entrevistas e Debates

Andréa Carvalho Mendes de Almeida, Bela M. Sister, Danielle Breyton, Renata Politi, Silvio Hotimsky, Susan Markuszower

### Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves, Darcy Haddad Daccache, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caleiro Costa (coordenadora), Rubia Delorenzo, Sergio Telles

### Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena Stahl (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Laciano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luís Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder Bacha (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Néelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificação Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Centro Brasileiro de Psicanálise de Salvador)

### Linha editorial

*Percurso* é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir.”

### Revisão

Simone Zaccarias • Fone: 4221-6301 • simonezac@yahoo.com.br

### Projeto e Produção Gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Idéias • Fone: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

### Assinaturas

Jessica Janete da Silva, Regiane Montiel • Fone/Fax: (11) 3816-3780

### Capa

Desenho de Fabio Herrmann

### Coordenação Editorial / Recepção de originais para publicação

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Fone/Fax: (11) 3081-4851

Sítio na Internet: [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso) • e-mail: [percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)

*Percurso* é indexada em *Psychoanalytic Abstracts*, Washington, D.C., USA.



Instituto Sedes Sapientiae  
R. Ministro de Godoy, 1484  
05015-900 São Paulo SP  
Fone: (11) 3866-2730  
Secretária do Núcleo de  
Departamentos: Rose Batista Oliveira



Gráfica e Editora Santuário  
Rua Pe. Claro Monteiro, 342  
12570-000 Aparecida SP  
Fone: (12) 3104-2000  
Fax: (12) 3104-2036  
0800-16-00-04

O pensamento vivo de  
Fabio Herrmann

# Percursos 38

REVISTA DE PSICANÁLISE: ANO XIX: JUNHO DE 2007

# Sumário

## Table of Contents

3 Sumário

9 Editorial  
*Letter from the editors*

### TEXTOS PAPERS

---

II Sobre *A infância de Adão*  
*About The childhood of Adam*  
Fabio Herrmann

3

23 Campo transferencial. Nos rastros de uma teoria para a clínica  
*Transferential field: the spurs of a theory upon the analyst's work*  
Leda Herrmann

31 O impensado de Leda Herrmann. Sobre a morte do autor e o nascimento do leitor  
*Leda Herrmann's unthought: on the death of the author and the birth of the reader*  
João A. Frayze-Pereira

39 Pensando modos de perversão na clínica  
*Thinking about modes of perversion in clinical work*  
Leda Maria C. Barone • Luciana Saddi • Magda G. Khouri

47 A má-fé e o disfarce  
*Bad faith and disguise*  
Camila Salles Gonçalves

57 A nau desarvorada  
*The wandering vessel*  
Cecília Maria de Brito Orsini

- 67 Metáforas do tempo: um ensaio, *en hommage*  
*Metaphors of time: an essay, en hommage*  
Osmar Luvison Pinto
- 75 Crença e preconceito  
*Belief and prejudice*  
Gislainne Magalhães de Sá
- 81 O grande sedutor  
*The great seducer*  
Suzete Capobianco
- 85 Recuperação e identificação do método psicanalítico  
pela Teoria dos Campos  
*Reclamation and identification of the psychoanalytic  
method by the Theory of Fields*  
Marilsa Taffarel
- 91 A intimidade da clínica. “Um troninho para Ricardo”  
*The intimacy of clinical practice. “A small throne for  
Ricardo”*  
Sandra Regina Moreira de Souza Freitas
- 97 A intimidade da clínica. Permanência e  
simbolização: o que o vento não levou  
*The intimacy of clinical practice: what is not gone  
with the wind*  
Alice Paes de Barros Arruda
- 101 Um rei em busca de seu trono  
*A king in search of his throne*  
Maria Cecília Pereira da Silva
- 105 O destino – da psicopatologia à cura.  
Um breve passeio pela Teoria dos Campos  
*Fate – from psychopathology to healing. A brief stroll  
in the Theory of Fields*  
Rubia Mara do Nascimento Zecchin

- 115 As sombras que assombram. O método psicanalítico da Teoria dos Campos na clínica do *envelhecete*  
*Haunting shadows: Clinical method of the Theory of Fields as applied to ageing*  
Sylvia Salles Godoy de Souza Soares
- 123 Fabio Herrmann – dos *Andaimes* às *Meditações*. Uma investigação metodológica  
*Fabio Herrmann – from the Scaffolds to the Meditations. A methodological investigation*  
José Carlos Mohallem • Fernanda Sofio
- 129 Clínica extensa. Enfermeiros dos ambulatórios do HC em busca de identidade e comunicação  
*Extended practice. Nurses of the São Paulo Hospital das Clínicas searching for identity and communication*  
Ana Cristina Cintra Camargo • Sonia Soicher Terepins
- 135 Crimes contemporâneos: uma interpretação. Ou, o inumano  
*Contemporary crimes: an interpretation. Or, the inhumane*  
Marion Minerbo
- 145 O impacto da ruptura de campo sobre a Psicanálise.  
*The impact of field rupture in Psychoanalysis.*  
Camila Pedral Sampaio

5

## ENTREVISTA

### INTERVIEW

- 155 Pavel Katchalov  
Quem deve vigiar os próprios vigilantes?  
*Who will watch the watchers?*

## DEBATES

### DEBATES

- 163 O homem psicanalítico é um ser da estranheza  
*Psychoanalytic man is a being of strangeness*  
Sandra L. Schaffa • Noemi M. Kon • Alan V. Meyer

## LEITURAS

---

### BOOK REVIEWS

- 171 Morrer em análise  
*To die in analysis*  
Rubens M. Volich + Carmen S. Molloy + Liana P. Chaves
- 177 Quem escreve a História da Psicanálise?  
*Who writes the History of Psychoanalysis?*  
Comitê do II Encontro Mundial dos Estados Gerais  
da Psicanálise + Comitê do IV Encontro Latino-Americano  
dos Estados Gerais da Psicanálise
- 187 Reinvenção da Psicanálise [*Andaimes do real:  
o cotidiano*]  
*Re-invention of Psychoanalysis*  
Renato Mezan
- 195 O método psicanalítico em extensão [*Introdução à  
Teoria dos Campos*]  
*The psychoanalytic method: an introduction to the  
Theory of the Fields*  
Grupo Vórtice de Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos
- 199 Uma micropolítica das violências contemporâneas  
[*Violência*]  
*Micropolitics of contemporary violence*  
Maria Cristina Gonçalves Vicentin
- 203 O que um psicanalista tem a dizer sobre a  
contemporaneidade? [*Arquivos do mal-estar  
e da resistência*]  
*What has an analyst to say about our times?*  
Alessandra Monachesi Ribeiro
- 208 Leituras psicanalíticas de Guimarães Rosa  
[*Guimarães Rosa e a Psicanálise*]  
*Psychoanalytic readings of Guimarães Rosa*  
Yudith Rosenbaum
- 213 Os duros gestos do poder institucional [*O gesto  
espontâneo*]  
*The harsh gestures of institutional power*  
Sérgio Telles

- 217 A difícil travessia em direção ao masculino  
[ *Paradojas de la sexualidad masculina* ]  
*The difficult crossover towards the masculine*  
Daniela Danesi
- 221 Entre a literatura e a psicanálise: uma poética da dor  
[ *A poética do suicídio em Sylvia Plath* ]  
*Between Literature and Psychoanalysis: the poetics of pain*  
Eliane Accioly Fonseca
- 226 Tirando a máscara do palhaço [ *Depressão & doença nervosa moderna* ]  
*Removing the clown's mask*  
Decio Gurfinkel
- 231 “Que você só tenha pra contar coisas melhores do que eu te contei” [ *Memórias de vida, memórias de guerra* ]  
*“Let you have better things to tell me than those I have told you!”*  
Susan Markuszower
- 234 O sentido ético do esquecimento na psicologia dos sonhos [ *O esquecimento dos sonhos e as ilusões da consciência* ]  
*The ethical meaning of forgetting in the psychology of dreams*  
Cibele Ruas
- 239 Colaboradores deste número  
*Contributors of this issue*
- 242 Normas para envio de artigos e resenhas  
*Rules for contributors*
- 244 Onde encontrar *Percurso*  
*Where to find Percurso*
- 247 Para assinar *Percurso*  
*How to subscribe to Percurso*





# Editorial

O presente número de *Percurso* trata da obra de Fabio Herrmann. Mais que uma homenagem, ele é o resultado de um diálogo proposto por Fabio ao longo de sua vida – como psicanalista, supervisor, professor, orientador e escritor – em diferentes lugares: no Sedes, na PUC, na SBPSP, nos saraus em sua casa onde recebia com generosidade seus interlocutores e naturalmente em sua obra escrita, bastante extensa, complexa, crítica e extremamente refinada.

Assim, os textos aqui recolhidos guardam a marca de ser escritos a partir dessa antiga interlocução com Fabio Herrmann, e cada um, a seu modo, toma em consideração uma questão, procurando manter viva a idéia de transmissão implícita na obra do autor.

Das questões aqui tratadas, sobressaem aquelas referentes à clínica considerada de forma extensa, o valor teorizante da escuta clínica, o diálogo com outras disciplinas, como a filosofia e a literatura, e a busca do análogo da psicanálise, entre outras.

Sobre a transmissão da psicanálise, Fabio não cansou de lutar contra a repetição e a mesmice, reconhecendo que *repetir nada mais significa do que o conhecidíssimo movimento neurótico defensivo, tão comum como fatal, que soluciona a relação com a essência produtora visando infinitamente um arremedo*. Assim, no movimento de transmissão, Fabio faz distinção importante entre a transmissão da teoria e a do método: se o que se transmite for uma teoria pronta, o culto é inevitável, mas se for uma ação – o método que produz e descobre o inconsciente – a forma

*psicanalítica é arriscada e recupera-se em cada autor.* Dito de outra maneira, Fabio reconhece que há duas maneiras de proceder: ou se transmite a forma essencial despersonalizada, o *quê* inconsciente e o *por* metodológico, ou se transmite a cara do mestre com seus gestos, idiossincrasias e modismos.

Talvez este número de *Percurso*, pela multiplicidade dos textos e principalmente pela tentativa de levar adiante esse diálogo iniciado com Fabio e sustentado em sua idéia de transmissão, possa abrir a obra do autor, como aponta o texto de João Frayze, neste número, para a passagem da *endopoiesis* para a *exopoiesis*, ou seja, a passagem da leitura da obra a partir de seus consti-

tuintes internos para uma leitura que tome em consideração o espaço e o tempo em que a obra foi gerada. Trabalho talvez árduo e angustiante. Primeiro pela própria densidade do texto, depois pelo que ele revela. Se de Freud foi dito que ele trouxe a peste, o pensamento de Herrmann de forma mais radical nos tira a certeza das teorias construídas e nos lança num contínuo construir de nossa clínica, a falar em nome próprio e a assumir por conta e risco nosso ofício.

Mas essa é a idéia defendida insistentemente por Fabio em todo o seu trabalho. Garantir que o ato analítico – o ato inaugural de Freud – seja reinventado a cada análise, a cada momento de uma análise.

# Sobre *A infância de Adão*

Fabio Herrmann

**Resumo** Neste texto, o autor comenta seu livro *A infância de Adão*. As ficções nele reunidas apontam para questões centrais tanto na vida psíquica quanto na prática do analista, que Herrmann discute com base em sua Teoria dos Campos.

**Palavras-chave** inconsciente; interpretação; realidade psíquica; sujeito; ficção psicanalítica.

**Fabio Herrmann** (1944-2006) foi psicanalista, criador da Teoria dos Campos, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1985-1986) e da FEPAL (1986-1988), fundador do Centro de Estudos da Teoria dos Campos (CETEC) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP, no qual lecionou de 1984 até seu falecimento. Publicou 105 artigos científicos e 30 capítulos de livros, além de vários livros, entre os quais os três volumes de *Andaimos do real*, *Clínica psicanalítica: A arte da interpretação (traduzido na Argentina)*, *O que é Psicanálise – para iniciantes ou não...*, *A psique e o eu*, *Introdução à Teoria dos Campos*, *O divã a passeio: À procura da psicanálise onde não parece estar*, *A infância de Adão e outras ficções psicanalíticas*.

Este texto foi, originalmente, uma aula no seminário “Da clínica extensa à alta teoria”, SBPSP, dezembro de 2004.

“O Bem e o Mal são preconceitos de Deus” – disse a Serpente. [F. Nietzsche]

## I. Chorar de rir

O escritor sério agoniza-se para entreter seu leitor. Os grandes livros são escritos com sangue e lágrimas, com lágrimas de sangue pelo que se ouve. *A infância de Adão e outras ficções freudianas*, publicado pela editora Casa do Psicólogo (São Paulo, 2002), não foi escrito com líquidos tão nobres nem seu autor, confessadamente, alberga no íntimo pretensão alguma a ser um sério escritor de ficção. Na verdade, a escrita de alguns dos contos que compõem o livro por vezes representou certo empecilho emocional: era difícil parar de rir e voltar a escrever. Assim sendo, lê-lo descomprometidamente dentro do espírito de *aquilo que sempre quis saber, mas não encontrava a quem perguntar* e divertir-se resolvendo alguns enigmas não constitui pecado algum nem ofende obra e autor. A maior parte dos amigos que o leram leram-no assim, achando graça, e não tiveram vergonha de o confessar. Ao contrário, histórias de humor são para rir; charadas, para divertir; contos psicanalíticos, desafios à razão emocional.

Todavia, no fundo dos enigmas costumam esconder-se os mistérios. Os primeiros a gente soluciona e estão liquidados, mas os últimos recusam-se a morrer, pois não têm solução. Há também em *A infância de Adão* uma camada misteriosa, diga-



é óbvia para nós a existência  
de sentidos inconscientes nas coisas,  
nos atos, nas palavras,  
porém não se segue daí que exista  
um inconsciente

mos, que reflete os problemas práticos da clínica psicanalítica e talvez antecipe ficcionalmente alguns possíveis desenvolvimentos teóricos.

A certa altura do seminário *Da clínica extensa à alta teoria*, participantes argutos pediram explicações a respeito da função crítica desempenhada por essas ficções na situação presente da Psicanálise, desconfiando, com inteira razão, de que nelas se ocultam chaves importantes de nossa posição. O resultado foi o texto que segue, uma espécie de auto-resenha, precedida de certas considerações não de todo otimistas sobre a atualidade psicanalítica. Nem pessimistas, desafiadoras. Trazermos à tona alguns fragmentos do leito clínico, teórico e metodológico em que corre o rio dessas histórias não parece traição a seu estilo líquido, assim como não parece traição ao espírito do riso que as anima extrair de seu corpo uma gota de sangue ou uma lágrima, como amostra para o exame laboratorial dos males que afligem nosso tempo. Não se diz: *chorar de rir?*

## II. A situação

Das coisas que dizemos nós, os analistas, daquelas que escrevemos e em que acreditamos, há algumas que devem ser verdadeiras, outras que são hipóteses a demonstrar e há outras ainda que parecem pura e simplesmente erradas. Estas últimas, as erradas, não o são em geral por falha de observação ou por engano na interpretação dos fatos, coisa tão comum noutras ciências. Não são erros por falta, por falta de atenção ou por falta de teoria, em geral são erros por excesso, ou seja, por afirmação imprecisa.

Por exemplo, é óbvia para nós a existência de sentidos inconscientes nas coisas, nos atos, nas palavras, porém não se segue daí que exista um inconsciente; assim como a existência das sombras não prova a existência de um grande reservatório sombrio de onde procedem todas elas; nem que cada qual arquitete um plano de fuga, hipótese que apenas ocorreria a Peter Pan (quem sabe também a Oscar Wilde), nem que as ditas sombras queiram desafiar ao duelo seus corpos de origem ou vice-versa, incidente registrado tão-só por Lucky Luke, o caubói que atira mais rápido que a própria sombra. O Grande Reservatório Sombrio, escrito assim, com impressionantes maiúsculas, haveria de ser a noite, ou, melhor dizendo e ainda melhor grafando, a Noite – *Nyx*, como diziam os gregos, mãe de *Lyssa*, a loucura. O que contradiz em parte nossa experiência, visto que o melhor momento para se observar a sombra é mesmo de dia e à luz do sol. Assim também os sentidos inconscientes não se apreciam melhor no Inconsciente, pai duplamente presuntivo da mesma loucura – em primeiro lugar, porque a paternidade só se presume; em segundo, porque sua existência mesma, a de um Inconsciente, é pura presunção. Quer lhe chamemos *Lyssa*, quer psicopatologia, a loucura humana luz ao sol do quotidiano, não pede que se desça pelas mofadas escadarias que levam ao almoxarifado do inconsciente. A afirmação de que existe um aparelho psíquico inconsciente, outra versão do grande reservatório sombrio, não decorre por necessidade da admissão de haver sentidos inconscientes, longe disso, sendo antes uma hipótese a mais, até certo ponto independente das descobertas de tais sentidos; hipótese essa que urge demonstrar quem nela ponha fé, caso contrário a ser descartada, ainda que provisoriamente, por excedente ou supranumerária. Causas não se multiplicam sem necessidade, já afirmara Ockham, embora o dissesse em latim, que soa melhor e mais convence. No caso, diferentes tipos de efeitos inconscientes são notórios no coração da fala, mas sobre a respectiva causa, quanto à natureza de um hipotético aparelho

psicológico gerador, quase nada de positivo permite a clínica afirmar – só entrando em conjecturas, que, como se sabe, nunca é recomendável misturar com interpretações, que invariavelmente as provariam. Muito mais em nosso caso que no da física, “o fenômeno é absolutamente inseparável das condições de sua detecção, é pela detecção que ele deve ser caracterizado”, como lembra Bachelard<sup>1</sup>. E se a detecção dos sentidos inconscientes só pode ser clínica e interpretativa, o mesmo não se pode dizer do aparelho inconsciente: que sessão o revela? Numa palavra, acreditar na unidade substancial do inconsciente torna as coisas mais fáceis para ensinar-se a clínica ou praticá-la sem maior esforço crítico, mas dela com certeza não procede. Ou, em meia palavra: o inconsciente é o ato de descoberta do inconsciente, enquanto a teoria do inconsciente é a ata desse descobrimento.

Aquele que age sabe via de regra de seus motivos e dos fins perseguidos pela ação, ignorando apenas a lógica de sua produção e as harmonias e contrapontos que sustentam sua melodia. Cada vez que um grupo de jovens passa à ação rebelde, por exemplo, naquilo que caracteriza a militância política ou o simples conformismo, jamais falta a voz contemporizadora de algum analista a garantir que seu objetivo é equívoco – o que é fato, porque todos os objetivos inevitavelmente o são –, para a seguir relevar-nos o objetivo verdadeiro: alguma sorte de variação sobre o tema edípiano, temperado, por tratar-se de evento coletivo, com uma pitada de horda primitiva, rivalidade com o pai ou com os irmãos, posse das mulheres, ou, por fim, revolta contra o estabelecido, que aliás é o que já sabíamos desde o início, não carecendo da ingrata labuta do intérprete, pois de revolta se tratava. O que era claro – eles revoltam-se por estarem revoltados – fica pois obscuro. E não obscurecido por uma sombra informe qualquer, mas por uma das formas platônicas da psicanálise corrente – seria mais exato dizer *plutônicas*, como

aquele que age sabe de seus motivos  
e dos fins perseguidos pela ação,  
ignorando apenas a lógica de sua  
produção e as harmonias e contrapontos  
que sustentam sua melodia

as rochas que emergem da litosfera, forma essa retirada no caso das profundezas tectônicas do Grande Reservatório Sombrio em que o deus Plutão converteu o inconsciente. Quase nunca a gente se dá ao trabalho de interpretar o evento seguindo uma análise ordenada pelo método; máxime porque, em tal circunstância, seria quase certo resultar disso um inconsciente peculiar, exemplar único, quiçá irrepetível, inapropriado a incluir-se em qualquer uma das nossas mais prezadas teorias.

Cada uma das psicanálises clínicas ou teóricas de Freud, como cada uma daquelas que conduzimos nós, seus pósteros e seguidores, cria e descobre inconscientes que não podem ser reduzidos a um só conjunto, sem que se perpetre alguma violência epistemológica. A resistência a aceitar essa elementar verdade por parte de certos analistas refugia-se em sofismas, dos quais o mais encontrado nas discussões psicanalíticas e acadêmicas não honra o douto título de quem o enuncia, seja professor, seja analista; a saber, que constituindo tal ou qual análise um novo inconsciente, este ultrapassa o acervo freudiano – por nele ainda não estar incluído, o que é óbvio –, significando isso, nem mais, nem menos, que o autor em causa considera Freud ultrapassado. Ora, a diferença entre ultrapassar e estar ultrapassado é bastante nítida, e sua confusão decorre de um uso lingüístico popular, elevado a argumento refutatório: fulano está ultrapassado, como a dizer que ele já não serve para nada, que já não é mister prestar-lhe ouvidos, que já era. Uma ambigüidade verbal apenas e das mais vulgares, sem grandes repercussões judicativas, uma vez que tendo sido nosso carro ultrapassado numa estrada, nem por

1 G. Bachelard, *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*, p. 297.





o problema não é a reificação em si, mas o fato de ela oferecer ao espírito algumas certezas fáceis, saciando-lhe o apetite e desviando-o de novos empreendimentos e investigações

isso o julgamos ultrapassado a ponto de correr à loja para trocá-lo por um novo. Mas é preciso saber conformar-se com tais conclusões inopinadas e estólicas, mesmo nas discussões que se pretendem muito responsáveis, pois a paixão científica, aceitemos a predicação de aparência contraditória, não é menos apaixonada que a política e a amorosa, valendo-se como estas de argumentos extremos, quando não de clamorosas falácias ou de reles xingação.

Esse gênero de equívoco por afirmação excessiva – os sentidos inconscientes têm por causa uma espécie de *consciência inconsciente* – não constitui exceção, sendo antes de regra entre nós psicanalistas. O emprego que fazemos de cada uma de nossas teorias ou de seus conceitos quase sempre esconde no fundo alguma descoberta muito legítima, desenterrada a custo da vala comum das idéias ditas, por isso mesmo, de senso comum, só para ser outra vez coberta de terra conceitual, que é como quem diz de inaceitáveis reificações, de generalizações injustificadas, de apoio em imagens e metáforas primárias para facilitar a intuição. Isso faz com que nos debates epistemológicos dos analistas um terço do que se diz não se alcance compreender em absoluto, que outro terço o compreenda cada qual à sua maneira e o terço final, que este sim se compreende e se partilha, esteja simplesmente errado. O problema maior da mixórdia teórico-epistemológica que se instalou não é contudo haver reduzido os conceitos a seus nomes de batismo – inconsciente, Eros e Tânatos, identificação projetiva, repressão etc. –, desvinculando-os do contexto de sua invenção, descoberta ou detecção, com grave prejuízo do corpo teórico; um pouco, digamos, como o nome

que se grava na campa onde repousa em santa paz o corpo do falecido – ainda que a imagem possa repugnar os partidários de ingleses e franceses, seguros que estão de que tais procedimentos escusos concernem exclusivamente à escola vizinha. O problema, dizíamos, não é a reificação em si, mas o fato de ela oferecer ao espírito algumas certezas fáceis, saciando-lhe o apetite e desviando-o de novos empreendimentos e investigações. Seja por inabalável certeza, nos grupos escolásticos, seja pelo enfado terminal com respeito às teorias existentes entre os clínicos, que bem sintetiza a conhecida declaração: eu sou clínico, teoria não me interessa. Ao que retrucarão anglófilos e francófilos que o terminal enfado é de nossa culpa, culpa de nossa ignorância e mau entendimento da real profundidade de seus respectivos pensamentos, razão última de havermos pretendido lançar ao mar a nave da psicanálise brasileira, contra todas as adversidades, intempéries e monstros lendários, e que só por maldade enfim transpusemos o estreito de Messina, lar dos homéricos monstros Cila e Caribdes, ao hoje pacato canal da Mancha, escolhendo entre as escolas oponentes o caminho mais difícil para a psicanálise pátria – na melhor das hipóteses terceira margem, coisa de nossas letras, de valor suspeito por conseguinte.

No entanto, falando francamente, não há meio seguro de fazer crer nas teorias um pensador teórico. Isso porque ele próprio também as cria de quando em vez e conhece, por conseguinte, quão raso as teorias costumam deitar suas raízes. *Quem não cria crê*, é fato assaz comprovado pela experiência, e assim se espera que continue a ser, alguém sempre deixando de criar para poder acreditar. Se pessoa alguma cresse na teoria, aonde iríamos parar? Por sorte, não são muitos os teóricos de raiz, na Psicanálise, de longe ultrapassados, nos dois sentidos do termo e da estrada, pelos teóricos de ramo, comentaristas eruditos ou simples práticos. Tratando-se de uma ciência nova, nem sequer ciência ainda, mas ciência em construção, podemos em sã consciência restringir a aplicação do nome de *pensador* àqueles que desceram às origens da



idéia psicanalítica, que questionaram a natureza desse conhecimento, escavando sua pedra fundamental, e, por meio da crítica mais importuna e execrável, dela conseguiram tirar leite de pedra, como reza o dito. Vale traduzir, antes que se pense estarmos desdenhando o valor da obra edificada, que esses poucos souberam ordenhar a pedra fundamental dos alicerces, pedra metodológica é escusado acrescentar, de forma a fazer brotar das pétreas raízes do edifício teórico algum suco nutritivo; se leite, nada garante que se afirme, sendo somente força de expressão. Leite, linfa, episteme, método ou outro qualquer nutriente, que a seu tempo os demais se encarregarão de pasteurizar, segundo a praxe consensual estabelecida. Por felicidade, como dizíamos, não são tantos os autores de raiz capazes de abalar a fé dos práticos, um punhado no máximo, nem sua obra consegue contagiar por muito tempo.

Quando um daqueles poucos afirma, por exemplo, que os *princípios* de Freud se encaixam na *dialética da consciência de si, tal como se realiza de Sócrates a Hegel*<sup>2</sup> – pensamento profundo, mas notório exagero quanto à intenção de nosso fundador, que seria o primeiro a desaboná-lo –, não pretendia decerto fazer crer que os encontrou no texto, palavra por palavra, mas sim que os ordenhou das fundações metodológicas, usando suas próprias mãos, ou pelo menos os apêndices críticos que fazem as vezes de mão no trabalho intelectual de ordenha. E, se não é para pôr a perder a fé alheia, em Freud e em si mesmo, uma vez que os ditos princípios de qualquer modo não estão visíveis, por que razão assim se comporta o autor? Concebivelmente, já que não lhe podemos ir perguntar, para dar novo começo à conhecida história de nossa disciplina, a qual já vinha desembocando àquela altura em doutrina teórica e repetição clínica – concebivelmente, repitamos, não por maligno espírito de contradição é que o faz, muito menos por desdém ou menos-

2 J. Lacan, *Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse*.

3 F. Châtelet, *Hegel*.

»  
a metapsicologia freudiana desfere um machadiano piparote no nariz da Ciência, consistente em converter método em ruptura e conceito em vórtice

cabo da história, mas por respeito à sua potencialidade heurística. Numa palavra, ele soube ir ao fundo com um sorriso nos lábios, mesmo que não tão ao fundo nem com suficiente ironia que o protegessem de officiar o consórcio putativo entre Freud e Hegel, daqueles em que não se pergunta como nos demais casamentos se alguém se opõe ou que para sempre se cale, por temor ao escândalo provável – além de sponsais mais efêmeros com a lingüística, fenomenologia, estruturalismo, topologia etc. Num Freud de índole hegeliana, a metapsicologia seria ainda metafísica, mesmo que em consumação dialética, tal como no *assassino respeitoso da filosofia* (a elegante expressão é de Châtelet<sup>3</sup>), e, não sejamos ingênuos, dentro dos departamentos de filosofia não chegaria a produzir uma *subversão do sujeito*, quando muito uma trepidação do objeto. Enquanto que a título de fantasia científica declarada, a metapsicologia freudiana desfere um machadiano piparote no nariz da Ciência, consistente em converter método em ruptura e conceito em vórtice. Quanto à filosofia, reafirma então a opinião da *Gaia Ciência: um mal-entendido do corpo*, precisamente por não considerar que só se instaura o humano na transcendência da natureza, mas em seu miolo contraditório. O fato é que se fôssemos dirigir alguma crítica ao mestre Lacan, não lhe censuraríamos haver pretendido transformar Freud em filósofo da existência, como Kojève o fizera com Hegel, mas se haver contentado em ser o Kojève de Freud, quando estava mais para seu Marx. Ainda assim, há que convir, essa manobra representou um ganho concreto com respeito ao



*o sujeito em questão*, título  
celebérrimo que mal alcançamos  
compreender, é aqui só o do autor  
de uma ação

romantismo da ideologia psicanalítica então  
vigente, à sua *lei do coração* – para não sairmos  
da referência – que proclamava: *o mundo é mau  
porque nele não me sinto bem*, adaptemo-lo.

Depois, claro está, as coisas voltam a seu  
eixo. Aqueles práticos que não tiveram per-  
turbada sua doutrina ignoram a perturbação  
causada por Lacan e seguem repetindo a sério  
as interpretações de ofício; enquanto a legião  
dos que se deixaram perturbar transforma em  
doutrina a perturbação e repete o modelo novo,  
com invejável pertinácia. E sempre haverá a de-  
cúria dos teóricos de ramo ou a centúria dos  
comentadores – dois contingentes a que falta o  
invejável dom da amaurose teórica do prático –,  
para moderar o teórico de raiz, é duro reconhe-  
cer, aparando arestas, ou, como seria mais apro-  
priado ao caso, podando as raízes, até conseguir  
misturar seus linfáticos sucos epistemológicos,  
enxertar os troncos, trançar os galhos, termi-  
nando por transformar num só bonsai, mimo-  
so mas doméstico, as árvores copadas de nosso  
bosque. Um inconsciente miniaturizado, cujas  
formações são até conhecidas – quem diria? –,  
em vez da selva de nossos inconscientes relati-  
vos, é o que sobra do esforço de confluência e  
consenso da comunidade científica posto em  
marcha nos últimos anos no âmbito da IPA.

### III. A questão

Entre todas as perguntas que ficam sepultadas  
pela camada de rocha sedimentar da teoria do  
aparelho psíquico, já que nos acomodamos na  
geologia metafórica com a menção às rochas

plutônicas, há uma pelo menos que é puro es-  
cândalo. É a pergunta – *quem?* A pergunta de  
Freud. Por exemplo: quem fez o que foi feito? Se  
já temos a resposta na ponta da língua, não sen-  
do o eu consciente, o culpado foi o inconsciente;  
então, como ficou dito acima, a certeza fácil sacia  
e não há mais por que perguntar – *quem?* Note-  
se que tivemos de desperdiçar algumas páginas  
preciosas, contra todas as regras do ofício teórico  
que mandam ir direto ao ponto, só para preparar  
o clima deste modesto, talvez mesquinho, clímax  
interrogativo: a pergunta – *quem?* Do contrá-  
rio não se entenderia nada. Por que perguntar  
quando já se conhece a resposta? Alguma teoria  
do sujeito, a primeira ou a segunda tópica, o su-  
jeito barrado lacaniano, os objetos internos dos  
kleinianos, o espaço transicional subjetivante de  
Winnicott? Todos e nenhum deles será a respos-  
ta, evidentemente, pois em *A infância de Adão* a  
pergunta está sendo feita de novo. É só isso.

Quem mesmo? Nem você, nem ele, nem eu,  
ilusões individuais, nem muito menos nós, ilu-  
são grupal. *O sujeito em questão*, título celebéri-  
mo que mal alcançamos compreender, é aqui só  
o do autor de uma ação. Acontece, porém, que  
os sujeitos em questão, nos contos desse livri-  
nho, constituem de fato uma questão, vejam só.  
E mais. Uma questão irrespondível, como toda  
questão que se preza.

Pondo de parte a forma de uso entre filó-  
sofos e psicanalistas, que consiste em responder  
primeiro, para só depois exemplificar a resposta  
teórica com alguma situação da vida concreta  
(procedimento que na Límbia se considera de  
mau gosto, além de impraticável), estamos con-  
denados a ler cada história de ficção como se  
fosse um acontecimento regido por sua própria  
lógica de concepção e, pior, psicanaliticamente  
concebido, ao pé da letra. Como casos clínicos.

O que se poderia justificar, mas sem gran-  
de convicção, argumentando que a Psicanálise  
distingue-se da maioria das ciências pelo uso  
desabusado da ficção, uso que raramente se  
confessa, além do mais. Novamente teríamos  
de nos deparar com o mesmo gênero de obje-



ção que se faz acima ao autor que decide ver em Freud um filósofo dialético, quando decidimos, nós mesmos, a nele ver um ficcionista, tanto nos casos, quanto nas teorias. Vale repetir a objeção: será verdade? Não, não é verdade, lá como cá; bastaria perguntar ao interessado, a Freud, caso tivéssemos valor para tanto e, no mínimo, igual desapego à vida. Isso não se diz só por ser preciso descer aos infernos ou subir aos céus para formular-lhe a questão, mas, muito pior, pelo risco de ouvir a resposta, acompanhada de pronta defenestração. Que a Psicanálise seja uma ficção, aí está uma ficção de verdade, das de arrepiar. Dá outro começo à conhecida história da disciplina e oferece-lhe novo seguimento, mas não com o fito de abalar a fé alheia, nem por amor à contradição. Nem tampouco para calar qualquer teórico, os dos ramos, que os de raiz não se deixariam calar e, acima de tudo, sendo estes tão raros, nem por sonhos nós os desejaríamos ver calados. Por isso, melhor restringirmos a justificativa a um mínimo e seu lugar a uma utopia: em Límbia, na cercania anular da realidade consensual, dizemos que a Psicanálise é ficção.

Das histórias de *A infância de Adão*, creio que uma das poucas coisas que se pode afirmar com segurança é que o sujeito não está propriamente em questão, mas, ao contrário, a questão é o autêntico sujeito da ação. Algo se faz; não há por que duvidar das narrativas, mas sim dos sujeitos envolvidos, suspeitíssimos todos eles, quem sabe só aparentes, aparentes como a própria realidade. Compreende-se facilmente que a realidade seja aparência, quando o é para um sujeito psicológico, um percebedor incerto e inseguro, falível como todos enfim. Realidade subjetiva chamamos a isso, em condições normais, com seu correlato: *cada cabeça, uma sentença* – limpa expressão de nossa língua, deturpada lamentavelmente pela guilhotina da Revolução Francesa. Contudo, se falta a interpretação subjetiva de um sujeito concreto, ainda que errático, a realidade torna-se subjetiva num sentido menos normal, que já não se compreende com a mesma facilidade. Ela, a realidade, subjetiva-se por si mesma, as coisas

»  
o sujeito não está  
propriamente em questão,  
mas, ao contrário, a questão  
é o autêntico sujeito da ação

adoecem de humanidade, que é uma grave doença, e as gentes que comparecem nos contos são também realidades do mesmo gênero, sem tirar nem pôr: coisas e pessoas, nessas histórias, são quase intercambiáveis, um peão de xadrez pode ser tão cúmplice de um atentado como a esposa do enxadrista, e esta última não será mais gente que a dama que se perdeu no tabuleiro. Tão difícil de compreender é tal situação que tivemos de lançar mão de histórias inventadas, para não deixar dúvidas de que acreditamos de fato que a realidade seja assim, exatamente assim, intencional e deveras mal intencionada. Sempre se pode acusar o autor de haver inventado os contos com o propósito de confundir, ou de haver perdido a mão literária, esquecendo um detalhe, omitindo um fato, trocando inadvertidamente o nome de alguma personagem, escrevendo mal, em suma. Pensando assim, pondo nele a responsabilidade, talvez se consiga ler as histórias até o fim, com a consciência limpa de quem sabe ser alheio o pecado de complicar o que é fácil. A alternativa seria pior: admitir que esse regime, em que a questão é o verdadeiro sujeito, constitui a própria clínica psicanalítica, e que o livro constitui um manual de clínica, ainda que de mentira. Mentira produtiva que, através de nossa clínica, revela a realidade do mundo que deu à luz a Psicanálise, o nosso, em que a realidade já declarou ser fantástica.

#### IV. A ficção

A última história do livro, *A recompensa merecida*, esclarece o mistério, se mistério havia. *A infância de Adão* é fruto da colaboração bastan-



três cientistas descobrem o impossível,  
cada qual em seu próprio  
campo de estudo. Uma forma  
de propulsão relativística absurda,  
dita *Propulsão Referencial*

te improvável de um escritor com seu crítico e perseguidor. Sozinho, contudo, nenhum dos dois a poderia ter escrito, e os dois jamais a escreveriam a quatro mãos. Tampouco o conto mencionado em sua correspondência parece ser *A infância de Adão* que figura no livro, cem páginas antes. Para o leitor – e isto declaro como leitor, até quem sabe como crítico, nunca como autor –, o desfecho da correspondência não é apenas surpreendente, como deve ser a de um conto de mistério, mas paradoxal ou, para tudo resumir numa palavra simples, impossível.

Voltemos, porém, ao conto. Carla, mestrande em literatura, escolhe estudar em sua dissertação certo crítico recém-falecido, de nome Cândido Abelardo, um tipo esforçado, assíduo nas letras, mas nada criativo e ainda menos interessante. Um chato, ao que parece. Sobrando-lhe tempo ao fim da redação, põe-se a remexer um pouco mais e descobre a complicada relação que tinha ele com o autor mais criativo de seu tempo e país, um certo Caetano. Abelardo parece ser a contraparte acadêmica de Caetano, ligado a títulos e a prêmios, trabalhando ademais para que este último não os consiga, a fim de manter acesa a chama do gênio. O leitor hesita diante de sua intuição generosa. Seria um mártir dedicado à causa da invenção literária, que sacrificaria a própria existência para fazer o outro criar, desviando-o das ambições de sucesso e reconhecimento? A última carta suspende a crença em resposta tão romântica: exatamente como na vida, não somos capazes de decidir quem é um e quem é o outro. Mesmo a blasfema epígrafe que, juntando *criacionismo* e evolução darwiniana, conclui sensatamente ser o Criador aparentado

aos primatas – *E o Senhor fez o homem à imagem e semelhança dos macacos, os quais, em vista disso, só se podiam parecer com Ele* – só alimenta dúvidas no espírito do leitor e fá-lo retroceder na leitura, não só para o conto anterior chamado *A infância de Adão*, teológico ao extremo, como também a um outro intitulado *O escorpião e a tartaruga*, que tampouco deixa de ter seu ranço a teologia – restando ver qual dos dois, Abelardo ou Caetano, seria o escorpião, qual a tartaruga, e onde fica a divindade. Pois a parceria Abelardo e Caetano, remetendo embora a Caim e Abel, também constitui típico exemplo de um escorpião nas costas largas da tartaruga.

Na venenosa história precedente, três cientistas descobrem o impossível, cada qual em seu próprio campo de estudo. Uma forma de propulsão relativística absurda, dita *Propulsão Referencial*, pois depende quase só da posição do observador, o segredo da imortalidade, o P78, ou quase isto, e a única filosofia merecedora do nome, a cura da acomodação humana às próprias idéias, o *Paradoxo Invertido*. Não obstante, quem foi mesmo que criou esse despautério todo? A suspeita recai sobre o diretor do projeto P. – que, ao contrário do que parece, não é P. de Projeto, mas de Piltown, por ser o Prof. Nigrius aficionado àquela impostura inglesa, disfarçada uns vinte anos pelo British Museum –, um especialista em fazer com que a mentira produza verdades, que também parece ter alguma afinidade com o deus criador. Se parente ou contraparente, da família do *Altíssimo* ou da do *Lá-de-baixo*, é o que resta ver. Ele fornece pistas falsas de caminhos promissores, joga com a motivação emocional dos três jovens pesquisadores, ódio e amor, inveja e curiosidade, espicaça-os quase até a loucura. Até ao menos conseguir o que quer, o impossível. Contudo, quando os três projetos chegam a bom termo, descobre-se que tendem a um só propósito, que cada um vale pelos outros dois, servindo o conjunto a libertar a humanidade de sua suicida condição num planeta superlotado. Deus ou diabo? O fato é que aquela velha história do es-

corpião suicida, que ferroa o sapo por natureza, encontra seu *erro necessário* na grossa carapaça de uma tartaruga, lá ficando humilhanamente presa a peçonhenta criatura. Quem manda repetir o dito clássico com o bicho errado? *Mil perdões, madame...*

Até aqui, como se constata, estamos diante de procedimentos analíticos bem característicos. A mentira partejando a verdade, propriedade de qualquer interpretação psicanalítica, o estímulo transferencial a realizar o impossível, o mergulho na consciência pelo avesso, a indecibilidade prática do sujeito psíquico, as relações humanas mais embrulhadas que profundas, selo de legitimidade do sujeito psicanalítico, constituído por posições, não um pote de afetos, como julgam os espíritos simples, o duplo em ação sub-reptícia de desdobrimento do eu etc. Um escorpião ferrando a dura carapaça da tartaruga, sem a matar, mas sem poder soltar-se, recorda ademais a máxima nietzscheana sobre aquilo que, não matando, fortalece. A criação, numa história como na outra, vem de um inconsciente recíproco, outro nome do destino quando visto à luz da Psicanálise, que a gente tem o costume de personificar em deus.

Os temas psicanalíticos dessas duas histórias aparecem igualmente noutras, acrescentando-se, multiplicando-se. O paradoxo da realidade psíquica, reverso da questão do sujeito, é assunto de *Zêuxis*, assim como de *A realidade indistinguível*. Na primeira história, revisitamos psicanaliticamente o conhecido episódio em que o pintor grego, *Zêuxis*, conquanto houvesse tão bem retratado a cesta de uvas carregada por um menino ao ponto de as aves do céu tentarem bicá-las, não venceu o concurso de realismo pictórico: argüiram-lhe que se a pintura fosse de fato tão real, os pássaros não desceriam por temor ao menino... Assim também a representação na clínica psicanalítica: quando perfeita, vira a coisa representada e pede nova representação. A própria clínica de Freud escorrega na casca de banana do paradoxo de *Zêuxis*, como ele mesmo não deixa de

o paradoxo da realidade psíquica,  
reverso da questão do sujeito,  
é assunto de *Zêuxis*, assim como  
de *A realidade indistinguível*

intuir: nunca estamos em condições de decidir se o desejo furta-se à representação por desinteresse ou por temor.

Quem é quem? Em *A realidade indistinguível*, um pintor tenta superar o paradoxo acima, com um auto-retrato absolutamente realista, o mais realista que se possa imaginar, que de longe porá no chinelo o pobre *Zêuxis*. Tão perfeito que o exclui do quadro – quem cabe por inteiro no próprio campo visual? –, a menos que fôssemos dar ouvidos a certos boatos fantasiosos que sustentam estar ainda hoje o pintor, *Lukas van de Velde*, procurando repintar-se de dentro para fora, para escapar de sua própria obra. Hipótese pouco plausível no mundo das artes, convenhamos, que só se verifica mesmo na situação analítica, lugar onde, perdidos na representação transferencial de um campo, tentamos recuperar-nos de dentro para fora, rompendo-o e irrompendo.

De uma forma ou de outra, todas as histórias deste livro tratam de saber quem fez o que foi feito. Exemplar, sobre esse aspecto, é *Morphée garde mes rêves*, um conto policial escrito segundo as convenções do gênero – que o autor infelizmente domina mal – e dentro do estilo *é bom demais para ser verdade*. Uma aula prática de criminalística, ilustrada por um crime perfeito, ao que parece. E, como se não bastasse o esforço didático do Diretor Geral de Polícia em educar sua dedicada discípula, o investigador encarregado é um jovem genial (também ao que parece), percorrendo o labirinto problemático do *inconsciente criminal*. Existirá afinal o inconsciente delituoso ou será, como tantas vezes se verifica com aquele vulgar do cidadão honesto, um artefato de





*A infância de Adão* passa-se em Límbia, como tudo o mais. E é uma ficção freudiana. Deus fala a Adão, o que haverá de mais ortodoxo?

técnica? Não antecipamos a resposta, porque ao fim e ao cabo estamos falando de uma história de mistério, cujo suspense não se deve desmanchar prematuramente. Só que o culpado acaba por denunciar-se por sua própria esperteza, tal como se dá nas novelas policiais, mesmo que, como na vida real, isso não faça grande diferença no curso dos acontecimentos. Freud, a propósito, inventou a análise inspirado também na investigação detetivesca. O método indiciário, como mostra Guinzburg<sup>4</sup>, reúne Freud, Conan Doyle e outros médicos no mesmo rol dos farejadores, peculiaridade que haveria de ser esquecida pelo sentimentalismo da massa dos analistas, dedicados a transmitir tolerância, espontaneidade, amor e sucesso social, coisas raras de encontrar-se numa investigação policial.

Quem pergunta por quem fez jamais pode estar alheio ao problema do modo de produção daquilo que foi feito. Os *Três esboços para inventar a realidade* agregam, à questão do sujeito que faz, a do processo de o fazer. Como se cria uma personagem, como se escreve um livro de sucesso – se o soubéssemos nós, teríamos escrito um *best-seller*, em vez deste livrinho que ninguém lê nem muito menos confessa que leu –, por fim, como se cria uma obra de arte plástica? A triste história de um colunista de xadrez que inventa uma partida, tendo de jogá-la depois contra o primeiro campeão mundial – mas com as cores invertidas. A tradução da tradução da tradução de um livro jamais escrito, receita de sucesso. Um objeto pendurado num museu, a respeito do qual se pergunta quem foi o artista: a involuntária criadora, o grande pintor, Duchamp, vítima da

treta, o inescrupuloso *marchand*, ou simplesmente o sujeito que o pendurou.

Duas ficções discutem o problema dos sentimentos e de como escapar à convenção psicanalítica que se limita a dizer mal dos homens, sempre oscilando entre o mal e o pior, entre ciúme e inveja, entre depressão e melancolia, entre desrazão e paranóia. *Bondade e Inveja envergonhada* abordam o outro lado, não o sombrio, mas o radioso, a bondade dos fortes, como a da prática senhora que, tendo adotado a filha, vê que é mais simples adotar também a neta, e a opinião de Nietzsche sobre a positividade franca da inveja helênica. Outras ainda discutem a história da Psicanálise – nossa história, sim, mas do ângulo correto, ousaria dizer sem o menor laivo de modéstia. E qual ângulo é esse? Se a psicanálise que existe é tão-somente o protótipo das psicanálises possíveis, como quer a Teoria dos Campos, então é ao ponto de vista do futuro que devemos recorrer a fim de pôr nosso presente em perspectiva, coisa que se faz nos dois pequenos ensaios batizados: *De nossos predecessores*. Também aqui, como sempre, está em questão o sujeito. Praticado o contorno do tempo, podemos entender quem fez o malfeito que hoje experimentamos. Nenhum malfeitor senão nós mesmos, é claro.

Por último, nesta resenha imprecisa, tanto o lugar efetivo da ficção em Freud, *A ficção freudiana*, quanto o lugar utópico onde habita a Psicanálise desde Freud, *Notícia de Límbia*, os dois primeiros capítulos do livro de natureza crítica, realizam-se no conto central, *A infância de Adão*. *A infância de Adão* passa-se em Límbia, como tudo o mais. E é uma ficção freudiana. Deus fala a Adão, o que haverá de mais ortodoxo? Aí porém surgem os problemas, e não são poucos. Em que língua? Como nos mostram a poesia ou a prosa em obras tais que a de J. Joyce e G. Rosa, para não falar da psicanálise clínica, a língua recria-se de ocasião, mesmo que sob alto preço. Numa ocasião

4 C. Guinzburg, *Mitos, emblemas, sinais*, p. 143 ss.



ímpar, ou mesmo inaugural, como essa, em pleno zôo original, a língua adâmica que está ainda a ser criada tropeça a cada instante em sua origem etimológica arcaica, equivoca-se de idioma, não se consegue fixar na denotação dicionarizada, escorregando em paronomásias, aliterações, neologismos bárbaros, e mais toda sorte de agônicas figuras de linguagem, atos falhos, citações obscuras ou equivocadas, plágios ignóbeis cometidos por antecipação ou anacronismo. Em qual tempo, em qual lugar? Lá, no jardim do Éden, mas também aqui, num zoológico (inspirado vagamente pelo zôo de Berlim), no futuro e na eternidade, que é, como sabemos, uma doença do tempo. E quem? Deus é deus, o deus da palavra, aquele que cria ao pronunciar, *dictum factum*, como se dirá nalguma daquelas línguas futuras que lhe serão consagradas, cria a luz no primeiro dia, pelo visto bem escuro e pouco dia até então, e jamais pode voltar atrás no dito e feito: está condenado a ter razão.

Não o escutam – como poderíamos, sem saber se o homem já O criou? –, mas inteiramo-nos de sua palavra pelas respostas de Adão. Assim, descobrimos que ele se pretende pai do homem, sendo Adão um qualquer e todos ao mesmo tempo; que se quer personagem principal da história, dita por isto sagrada, e que procura trazer sua criatura ao bom senso, desiludindo-o de lembrar uma infância que não houve, tendo sido criado adulto. Adão resiste, como numa análise faria o paciente que suspeita haver criado transferencialmente seu próprio analista, bem como sua infância inconsciente, pelo mesmo processo dialético que carece de síntese outra que a cura. Como o inconsciente, a infância de Adão há por não existir. Deus quer curar Adão de suas lembranças encobridoras, Adão quer curar deus de sua paranóia interpretativa; quem vencerá a contenda? O duelo é

5 Nossa clínica caracteriza-se por permitir que alguém discorde de si mesmo, tendo pois razão apenas aquele que a ela renunciou. Ou, como melhor expressa o escritor: “porque, quando um indivíduo chegou à capciosa etapa de ‘ter razão’, acontece a trágica metamorfose... simplesmente porque o homem que trata de convencer o outro quase nunca se convenceu...” J. Filloy, *Caterva*.

como no coroamento  
de cada análise freudiana,  
sobram restos, as prototeorias a que ele  
viria a chamar de *construções*,  
ao fim de sua obra

áspero e cortantes, os argumentos, reproduzindo uma psicanálise em que só alcança a vitória racional o primeiro que renuncia a ter razão<sup>5</sup>. Progressões e regressões sucedem-se ao sabor das rupturas de campo, até o fim, até a alta, que consiste psiquiatricamente em trancar a porta do hospício pelo lado de fora.

Porém, como no coroamento de cada análise freudiana, sobram restos, as prototeorias a que ele viria a chamar de *construções*, ao fim de sua obra. Em *A infância de Adão*, tais teorias provisórias figuram como interpolações, como pausas para a representação, que só fazem sentido quando incidem sobre a análise em curso, teorias interpretantes. Reunidas num tomo a parte a história da torre de Babel, do *Único e verdadeiro Deus*, do feminismo, dos hieróglifos etc., perdendo seu caráter essencialmente crítico, irônico, heurístico, o leitor logo desconfia que não seriam mais do que a própria doutrina canônica contra a qual foram disparadas. Assim como a teoria freudiana, quando unificada na abstração dos comentaristas sérios, converte-se na doutrina que deveria alvejar e fica sem seus erros necessários, não pode mais ser resgatada pela ironia, vê sua metapsicologia convertida num avatar extemporâneo do sistema metafísico, perde sua ironia e perde seus ironistas sócráticos. A análise do homem, empreendida em *A infância de Adão*, não é em suma uma análise existencial, não é um empreendimento filosófico, não é literatura experimental, nem sequer é uma súmula da Psicanálise, mesmo quando reúna seus principais conceitos. É só uma psicanálise, o retrato falado do que imaginamos ser uma psicanálise vista de dentro por seu *dâimon*,



o riso humano de um deus agnóstico, descrente de si, mas fiel à ironia curativa.

*A infância de Adão* pode ser lido por prazer como qualquer série de contos, é o que se espera. Mas sua dimensão reflexiva mais profunda já não é tão fácil de assimilar, pois sua existência deve primeiro ser aceita. Se, como pensamos, é de longe preferível reinventar constantemente a Psicanálise a inventar um Freud que sempre venha a ter razão, este pequeno livro é um projeto antecipatório, cujo tempo pode ou não chegar algum dia. Este, claro, não é ainda seu tempo; mas talvez, apesar de tudo, a Psicanálise chegue a sin-

tetizar ciência e ficção. Diferentemente da paixão programática do jovem Abelardo – ou teria sido Caetano? –, realizando este pequeno livro um programa intelectual em vez de propô-lo, como compete à ficção, pode ser lido mesmo hoje como uma coleção de teorias levadas ao absurdo, ou como sugestão teórica daquilo que no futuro há de resultar da crítica às psicanálises contemporâneas. No primeiro caso, com a torturada suspeita do fiel, obcecado em decifrar onde se esconde a ameaça à sua fé; no segundo, com a bonomia da descrença, que espera o dia longínquo em que, rindo por último, há de rir melhor.

#### Referências bibliográficas

- Bachelard G. (2004). *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. São Paulo: Contraponto.
- Châtelet F. (1995). *Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Guinzburg C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Filloy J. (1937/2003). *Caterva*. Madri: Siruela
- Lacan J. (1966). *Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse. Écrits*. Paris: Éditions du Seuil.

#### About *The childhood of Adam*

**Abstract** In this review of his own book *The childhood of Adam*, Fabio Herrmann shows how the stories point to questions relevant both for the inner life of human beings and for the psychoanalytic work. Issues such as the nature of the unconscious, interpretation and psychic reality are discussed from the point of view of his Theory of the Fields.

**Key words** unconscious; interpretation; psychic reality; psychoanalytic fiction.

Texto recebido: 8/2006

Aprovado: 12/2006

# Campo transferencial

## nos rastros de uma teoria para a clínica

Leda Herrmann

**Resumo** O artigo trabalha o conceito de *campo transferencial* elaborado por Fabio Herrmann. Para a Teoria dos Campos, a transferência constitui-se como um campo que implica também a contratransferência, retirando do conceito psicanalítico tradicional de transferência o caráter de fenômeno interno e repetitivo.

**Palavras-chave** Teoria dos Campos; transferência; contratransferência; Fabio Herrmann.

**Leda Herrmann** é membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos), da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP.

Este artigo, com algumas modificações, foi apresentado em mesas-redondas de dois eventos: em 1998, na I Jornada Psicanalítica de Aracaju (ABP), e no I Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, São Paulo, 1999.

A Teoria dos Campos define a transferência como campo, envolvendo nele, no campo transferencial, imediata e indiscernivelmente, a contratransferência. Como campo, tanto transferência como contratransferência perdem, portanto, a condição de serem tomadas como um conjunto de relações e como fenômenos. O tema do *campo transferencial* é tratado, ao longo da produção escrita de Fabio Herrmann, no âmbito da construção de uma teoria para a clínica, derivada diretamente da reflexão sobre o método psicanalítico em operação na sessão de análise<sup>1</sup>. São construções teóricas que não se prestam para a constituição de um saber objetivado sobre o sujeito enquanto sujeito, mas para a peculiar situação vivida na sessão analítica de um homem em crise de auto-representação, o Homem Psicanalítico. Penso ser válida a afirmação de que esta teoria para a clínica constrói noções e conceitos operacionais propiciados pelo método.

### Uma breve consideração sobre o conceito de *campo transferencial*

A concepção psicanalítica mais corrente de transferência e contratransferência considera-as como fenômenos internos, repetitivos, passionais que se atualizam na relação transferencial e cuja ocorrência precisa ser detectada e denunciada pelo analista para que o trabalho analítico possa se dar.

<sup>1</sup> Cf. F. Herrmann, *Andaimos do real: o método da Psicanálise*, Partes I e II, e *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*, cap. 2 e 5.



a Teoria dos Campos pensa a transferência não como um fenômeno a aparecer ou não na sessão analítica, mas como uma forma de apreensão do discurso humano, que deixa vaziar a lógica inconsciente de sua construção. Do ponto de vista teórico e metodológico, a transferência inaugura um campo abrangente e constante, o campo transferencial

A Teoria dos Campos considera a transferência como uma forma de apreensão do discurso humano que permite a revelação de seus valores inconscientes, por propiciar o surgimento de sentidos possíveis que aquele discurso compreende. Implica essa apreensão uma escuta peculiar por parte do analista, que põe de parte o valor intencional consciente aprisionador da fala do paciente no assunto ou tema tratado pelo diálogo estabelecido entre os dois. Abre-se a escuta analítica para os sentidos marginais contidos naquela comunicação e evidenciados pela justaposição de assuntos aparentemente aleatórios, pelo tom discrepante de uma frase, por um lapso ou um trocadilho involuntário, por uma espécie de ruptura de significação. Esses sentidos possíveis que emergem na escuta analítica vão denunciar vivamente os limites consensuais da identidade do par analítico. Isto é, as representações vigentes para analisando e analista acoladas ao tema do diálogo, desvestidas da exclusividade de serem as únicas, abrem a potencialidade de

significações nelas contidas. Tal dissolução de limites identitários poderia, em princípio, revelar qualquer conjunto de pressupostos ocultos ou ordens inconscientes, desde conjunções históricas e sociais, até aspectos psicológicos mais ou menos triviais. Mas a atenção interpretativa, ou a escuta peculiar do analista, busca as conotações emocionais apontadas pelo dizer do paciente. É o campo transferencial que constrói, de tais conotações, um sentido outro, cujo choque interpretativo com as representações conscientes de analisando e de analista denuncia os limites arbitrários de suas representações de identidade, deixando que surja uma crise representacional do par.

Dito de outro modo, a Teoria dos Campos pensa a transferência não como um fenômeno a aparecer ou não na sessão analítica, mas como uma forma de apreensão do discurso humano, que deixa vaziar a lógica inconsciente de sua construção. Do ponto de vista teórico e metodológico, a transferência, entendida como condição de interpretar, inaugura um campo abrangente e constante, o campo transferencial, onde o par analítico se disporá de acordo com o sentido afetivo-disposicional do discurso do paciente com respeito ao analista: par sadomasoquista, pai e filho, interlocutores descontraídos, amantes etc. É pela ação do campo transferencial que o analista vai decifrando ao longo do tempo estruturas lógico-emocionais organizadas do paciente, inicialmente ocultas ou inconscientes.

O campo transferencial, que se apreende na escuta do analista e se revela por sua atividade interpretante, propiciando crises representacionais do par analítico, vai se constituir no suporte da ação terapêutica do trabalho analítico. É nele e por ele que o paciente pode experimentar choques de representações e mudanças em suas auto-representações. Por causa dessa compreensão do campo transferencial, a ação interpretativa do analista, para a Teoria dos Campos, não precisa ficar atrelada à denúncia da relação intersubjetiva analista/analisando.



Isto é, a referência à pessoa do analista é circunstancial na interpretação, não o é a atenção ao campo transferencial. O que, sim, é essencial para a atividade terapêutica do analista é o diagnóstico transferencial ou o diagnóstico do campo transferencial.

### Um exemplo

Passemos a um exemplo clínico na tentativa de esclarecer estes pontos teóricos<sup>2</sup>.

*Laura é uma jovem profissional, passando da categoria de autônoma para a de micro-empresária. Desde que iniciou a análise, pôde também começar outro movimento de passagem, de mudança pessoal e de vida, rompendo a paralisação que lhe impunha sua depressão ansiosa. Até então, vivia a desmanchar-se em lágrimas, o que, por assim dizer, tornava cada coisa de sua vida permanentemente úmida de si. Este colar-se umidamente ao mundo e assim por ele esparramar-se manifesta-se, nas sessões, por uma forma peculiar de comunicação comigo. Ao relatar idéias ou acontecimentos, vale-se de um estilo fortemente telegráfico, deixando a mim a tarefa de transformar o telegrama em carta.*

Temos aqui a apresentação do caso e já um diagnóstico transferencial: a paciente esparrama-se no mundo e, pela sua comunicação telegráfica, na analista.

Explicitando um pouco mais esse diagnóstico:

*Em certa sessão, ao explicar como o marido tornara-se mais tolerante com ela, lembra que sempre que o avisava de seu período fértil, ele se preocupava em usar um preservativo nas relações sexuais, alegando que só o fazia porque ela fumava;*

<sup>2</sup> O exemplo extraído de minha clínica integra o artigo “Da interpretação na Teoria dos Campos: condições e conseqüências”, em colaboração com Fabio Herrmann e publicado em *Psicanálise brasileira – brasileiros pensando a Psicanálise*.

é como se Laura atrelasse  
a seus ditos a minha  
atividade mental, que deve  
incessantemente segui-la,  
completá-la, ampará-la.  
Este estilo transferencial  
de *esparramamento  
por telegrafia* ou de *invasão  
lacônica* acabava  
por restringir-me a cumprir  
uma rotina de atenção  
flutuante algo viciada.

*dessa vez, não usou nem falou de seu cigarro, sinal de que algo havia mudado entre ambos.*

Se ela fuma então ele coloca *camisinha* – esse estranho emprego de um conectivo lógico de implicação (se... então), que junta dois reinos tão diferentes (cigarro e procriação), só adquire algum sentido quando, na minha escuta, insiro-o no contexto de um tema anteriormente tratado na análise – ela acreditava que o cigarro pudesse prejudicar uma gravidez eventual, no entanto, não se animava a parar de fumar.

Ora, Laura mesma jamais se dignaria a estabelecer tal gênero de conexão, deixando-a para mim. É como se atrelasse a seus ditos a minha atividade mental, que deve incessantemente segui-la, completá-la, ampará-la. Este estilo transferencial de *esparramamento por telegrafia* ou de *invasão lacônica* acabava por restringir-me a cumprir uma rotina de atenção flutuante algo viciada. A obrigação de complementar os ditos da paciente torna muito difícil o deixar que surja para tomar em consideração da Teoria dos





que pode haver  
passado? O estúdio  
é um lugar propício,  
há lá um clima,  
uma atmosfera  
reclusa e estimulante.  
Para quê? Para uma  
relação erótica  
e descontraída,  
sem preservativos  
ou reservas  
de sentimento,  
talvez.

26

PERCURSO 38 : junho de 2007

Campos, que aqui representaria o *poder escutar a paciente sem estar atrelada ao tema da conversa*. Libertar a escuta analítica, portanto, é neste caso mais que uma necessidade técnica: é, em si mesmo, um ato terapêutico. Não basta à analista desprender-se de modelos teóricos interpretantes; é antes preciso completar sem completar o pensamento de Laura. Isto é, negar-se a completá-lo equivaleria a um abandono insuportável, mas se continuasse sempre atrelada ao carro de suas idéias, limitar-me-ia a contextualizar, sem ter espaço para, por exemplo, atinar com a falta de certos elos significativos de seu discurso emocional.

Vejamos como se moveu o campo transferencial, com o recurso técnico que utilizei, ao longo do trabalho com Laura, de completar os telegramas da paciente com lacunas e frases dubitativas.

*Laura inicia certa sessão comunicando uma “briga horrível” com o marido. Atribui ao fato de trabalharem juntos a impossibilidade de*

*separar os assuntos do trabalho daqueles do casamento. Considera-se muito exigente no trabalho, mas impedida, pelo casamento, de manter esse mesmo nível de exigência com o marido. Convém esclarecer que, do casal, ela é a profissional mais experiente. Na mesma linha de queixas e explicações, comenta um trabalho de fotografia que passou ao marido. Ele, além de atrasar todo o trabalho, não se desempenhou bem. Ela me diz: “As fotos ficaram uma porcaria. Eu achei, o cliente achou e o Carlos também. E eles sabem que o Carlos é meu marido”. Prossegue dizendo que Carlos “cismou” em voltar a fotografar. Sua experiência anterior era com fotos de paisagem e de rua, não fotos de produto, mais complicadas, pois exigem iluminação e equipamento especiais, sob o risco de “ficar uma porcaria, cheia de sombra”.*

É interessante notar que a paciente, apesar de expor longa e detalhadamente o processo de fotografia requerido, suas condições e requisitos, jamais chegou a empregar a expressão *estúdio fotográfico*. Evidentemente, Carlos não dispunha de um ou não sabia usá-lo. Estúdio fotográfico seria o elemento telegráfico que lhe teria dispensado tanta explicação. Quando repete ter sido a briga horrível, acrescenta: *“Fiquei pensando se fui eu quem criou o clima...”*.

Agora Laura já contava uma história e responsabilizava-se por seu sentido. Antes teria dito, talvez: *“E o Carlos não sabe fotografar em estúdio”*, deixando a mim o trabalho de deduzir por que isso a enfurecera. Todavia, nesse exato ponto em que principia a narrar compreensivelmente, deixando-me em liberdade, omite justamente o termo-chave.

Que pode haver passado? O estúdio é um lugar propício, há lá um clima, uma atmosfera reclusa e estimulante. Para quê? Para uma relação erótica e descontraída, sem preservativos ou reservas de sentimento, talvez.

Quando pode soltar-se, contudo, desaparece o lugar, o *estúdio fotográfico* some da fala, assinalando possivelmente a natureza precisa da

prisão em que vive: o clima erótico dá sempre lugar a outro. Arrisco então dizer-lhe: “O clima para a briga?”

A resposta de Laura é uma negação imediata seguida de reticências e depois de uma concordância, cúmplice e sorridente: “É, para a briga”. Penso que essa resposta evidencia sua adesão à proposta interpretativa que a minha pergunta trazia: *é melhor ficar na briga.*

Continuo dizendo-lhe: “Mas parece que não era isso que você ia dizer, não é verdade?” Agora sim, Laura se surpreende. Não era. Ela pensara num outro clima, mas nem se dera bem conta de que pensara, de um outro clima que estava mais para quarto que para estúdio e mais para casamento que fotografia. Suas queixas são de que Carlos, agora que é marido, não cuida mais dela, só seus pais é que sabem cuidá-la. Imagina uma solução mágica para o problema: ter um filho, que pode dispensá-la até do marido, convertido em pai. Tudo isso vem espontaneamente, seguindo a pequena intervenção analítica.

A ausência da expressão *estúdio fotográfico* na fala da paciente revela a tentativa falha de uma auto-representação em que se descola do esparramamento no mundo pelo *estúdio*. Estúdio marcaria os limites eu/mundo, no entanto Laura é levada a um refúgio mágico mas insuficiente: *estúdio = barriga + filho*, ou seja, solidão matrimonial transformada em maternidade compartilhada. A ameaça mais negra é a de permanecer sozinha.

Mostro-lhe, em seguida, que, por meio das múltiplas queixas, está falando simplesmente do problema maior de estar sozinha, de ser a agente autônoma de seus pensamentos e atos. Com esta intervenção rompe-se o campo da solidão introvertida. Laura experimenta, então, uma aliança comigo, num estúdio/sessão sem ameaças, onde lhe é possível considerar as dificuldades com o trabalho e com o marido, desfrutando de certa confiança nas próprias capacidades.

»  
ao dar-me conta  
de que a paciente  
sofrera uma reversão  
de sua forma  
de comunicar-se,  
pude também  
perceber  
a falta de um elo  
fundamental:  
o estúdio,  
no caso

Podemos dizer, por essa vinheta clínica, que as alterações do campo transferencial deveram-se a dois momentos interpretativos. O primeiro, antes uma mudança de estratégia de comunicação, aconteceu ao longo de diversas sessões até produzir algum resultado. Consistiu simplesmente em levar ao pé da letra a proposta de *completar sem completar* a paciente. O segundo momento ocorreu, mais convencionalmente, numa sessão determinada. Ao dar-me conta de que a paciente sofrera uma reversão de sua forma de comunicar-se, pude também perceber a falta de um elo fundamental: o estúdio, no caso. Não o introduzi de imediato, nem assinali o sentido erótico que nele estava embutido. Ao contrário, atendo-me voluntariamente às aparências, completei sem completar: “Clima para a briga?” Esse equívoco, também estratégico, provocou certa tensão na analisanda, o movimento de revelação espontânea do desejo erótico tornou-se mais intenso, bastando acrescentar o apontamento de que ela não parecia em verdade



a interpretação  
consistiu, primeiro,  
em dois pequenos toques  
interpretativos que lhe  
tensionaram as emoções,  
um no sentido manifesto,  
outro no que se costuma  
dizer latente. Não que  
o valor erótico do estúdio  
fosse realmente desconhecido:  
estava na ponta da língua  
e no ponto de fala

querer falar de brigas, para que se desatasse sua manifestação. O esclarecimento posterior, a sentença interpretativa que explicava seu temor à solidão, teve tão-somente o papel de articular melhor um efeito que já se dera – a paciente já pensava sozinha, quando lhe foi mostrado quão difícil era aceitar pensar sozinha.

Como se pode ver, essa interpretação consistiu, primeiro, em dois pequenos toques interpretativos que lhe tensionaram as emoções, um no sentido manifesto, outro no que se costuma dizer latente. Não que o valor erótico do estúdio fosse realmente desconhecido: estava na ponta da língua e no ponto de fala, foi só puxar para lá, para que ganhasse tensão, e depois para cá, para libertá-lo das amarras, da briga em lugar de amor. E, depois, no uso de uma sentença interpretativa descritiva das aquisições e temores da paciente. Como escreveu Freud em “Sobre o início do tratamento”, nos *Artigos sobre técnica*, interpretar consiste em “...ter cautela, a fim de não comunicar uma solução de sintoma ou tra-

dução de desejo antes que o paciente esteja bem próximo dela, de modo que baste um pequeno passo para ele mesmo se apoderar da solução”<sup>3</sup>. Só a título de reforço de esclarecimento, afirmo que para a Teoria dos Campos a interpretação é um processo e não se limita ao momento de se comunicar ao paciente uma *sentença interpretativa*.

Insistindo na explicitação do  
campo transferencial desta vinheta

Laura faz relatos, propõe um tema na sessão – como o trabalho obstrui o casamento. Espera que a analista a siga nesse campo do, chamemos assim, *espaço público e privado*. Espera que a siga aí como qualquer outra pessoa com quem conversasse o faria, apegada ao tema. A analista, só por reconhecer ou nomear o campo – escutar o tema das queixas contra o marido noutro tema, o da autonomia para pensar sozinha – já deixa de lado esse trato imaginário. Ao observar-lhe algo como: “*Você sente que eu não estou com você*”, como diria um analista excessivamente apegado à letra das interpretações transferenciais, ou simplesmente: “*Clima para a briga*” e “*Mas não era isso que você queria dizer*”, como o fiz, exibio-lhe já o relato noutro campo, o do *confronto com uma analista indiferente como o marido*, na primeira intervenção, ou o do *erotismo em forma de confronto*, na segunda. Qualquer paciente apartado da auto-representação que lhe oferecia o campo onde se assentava até então sua relação com o analista – o esparramar-se no mundo e na analista – experimenta estranheza, irritação ou repugnância, experimenta a agonia da *expectativa de trânsito*, do trânsito para outra auto-representação.

Entretanto, Laura pôde ouvir a analista e aceitar a expectativa de trânsito, porque entre nós há uma relação emocional suficientemente

3 S. Freud, Sobre o início do tratamento, p. 168.

forte, permitindo o trânsito entre os campos e mantendo a ligação do par. O rompimento do campo da comunicação da paciente, que a interpretação propiciou, leva à alteração da relação do par analítico. A paciente experimenta outros sentimentos pela analista, começa a partilhar uma intimidade de estúdio. Outro efeito, porém dependente desse primeiro, foi ainda mais terapêutico – o campo rompido tornou-se visível, aparece, surge. Enquanto em vigência, escondia-se, todo campo, no avesso da relação sustentada. A paciente constituía-se quase exclusivamente como uma espécie de refluxo do carinho e do prazer erótico, mas não conseguia perceber, evidentemente, como tal refluxo era determinado por seu terror à solidão. Em vez disso, procurava capturar a atenção da analista, atribuindo-lhe a função de contextualizar seus telegramas emocionais. A estratégia interpretativa de completar sem completar, ao produzir seus frutos, deixou-a de certa forma ainda mais desvalida, contudo permitiu que surgissem à tona certos elementos do campo anterior, o de esparramar-se no mundo e na analista, como a transformação defensiva de amor em trabalho, a exigência de pronto atendimento e, sobretudo, a disposição a entregar-se a qualquer sentido emocional – briga ou intimidade erótica – que lhe pudesse prometer cuidados e proteção. Pendurado no vazio, por efeito do processo interpretativo no campo transferencial, o campo de uma comunicação mostra seus constituintes de omissões, preconceitos, supostos gerais, constituintes da própria auto-representação momentânea de cada paciente. No novo campo organizado, a auto-representação já se modificou, a analisanda pôde substituir uma dada fantasia original – a necessidade de agarrar-se à promessa de cuidados e proteção – por outra versão – poder pensar por si –, desfazendo o imobilismo das fantasias dominantes. Vai assim, através de encarnações particulares expressivas, apropriando-se aos poucos da estrutura determinante de sua consciência, de aspectos de seu desejo.

na escuta analítica  
descentrada, constituída  
pelo campo transferencial,  
tudo o que o analisando  
diz na sessão  
é também apreendido  
como uma vasta  
e bela metáfora  
de sua vida anímica  
nessa peculiar situação  
de seu estar agora  
e aqui presente

## Concluindo

Na escuta analítica descentrada, constituída pelo campo transferencial, tudo o que o analisando diz na sessão é também apreendido como uma vasta e bela metáfora de sua vida anímica nessa peculiar situação de seu estar agora e aqui presente. O analista, por sua vez, no manejo do processo interpretativo, apreende tudo transferencialmente. O trabalho no campo transferencial – a escuta enviesada, ou aquela que presta atenção às fantasias – vai propiciar, por rupturas de campo, mobilidade nas formas de auto-representação. Vindos do avesso, passam para o lado direito da consciência idéias e sentimentos que permaneciam ignorados, por aberrantes e inabituais, e que, quase certamente, o paciente virá a negar em seguida. Do caso clínico tomemos como modelo dessas representações negadas e rejeitadas o estúdio fantástico, onde ao mesmo tempo são possíveis o amor sexual, mas também cuidados maternos e trabalho, além de fotos matizadas da alma de



Laura, símbolo momentâneo da sessão analítica. A mobilização e a presentificação dessas auto-representações negadas, no decorrer do processo analítico, re-encaminham o drama neurótico da repetição sintomática para a cura, entendendo por cura o estado de quem cuida

do próprio desejo e o toma em consideração. E a cura, para a Teoria dos Campos, é um fim diferente para uma história, quando construída e tratada em análise, ou seja, o redirecionamento dessa história e não a sua simples explicação para o paciente.

#### Referências bibliográficas

- Freud S. (1996). Sobre o início do tratamento. *Journal de Psicanálise*, vol. 29, nº 54. Trad. Paulo César Lima de Souza.
- Herrmann F. (2001). *Andaimos do real: o método da Psicanálise*. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann F. (2003). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann L. e Herrmann F. (1995). Da interpretação na Teoria dos Campos: condições e conseqüências. In: Oiteiral J. O. e Thomaz T. O. (orgs.). *Psicanálise brasileira – brasileiros pensando a Psicanálise*.

#### Transferential field: on the spurs of a theory upon the analyst's work

**Abstract** This paper deals with Fabio Herrmann's concept of Transference Field. According to the Multiple Fields Theory, transference is considered as a field that also implies the counter transference. In this case, the traditional concept of this process in Psychoanalysis loses its character of internal and repetitive phenomenon.

**Key words** transference, countertransference, Theory of the Fields, Fabio Herrmann.

Texto recebido: 09/2006

Aprovado: 10/2006

# O impensado de Leda Herrmann

sobre a morte do autor  
e o nascimento do leitor

João A. Frayze-Pereira

**Resumo** O artigo analisa as relações entre autor, obra e leitor, com base na leitura realizada por Leda Herrmann da obra de Fabio Herrmann. Impõe-se como relevante a noção fenomenológica de “impensado”, que significa não aquilo que uma obra deixou de pensar, mas o que ela, ao pensar, dá a pensar. Considera-se que o ato de ler cria um campo enigmático que demanda mais interrogação, abrindo a obra lida para o diálogo com outros autores.

**Palavras-chave** autor; leitor; obra; recepção; Teoria dos Campos; Fabio Herrmann.

**João A. Frayze-Pereira** é psicanalista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e professor livre-docente do Instituto de Psicologia da USP.

A figura do autor sempre ocupou o primeiro plano no campo das ciências humanas e da filosofia quando o assunto são os processos de criação das obras de cultura, obras de pensamento e obras de arte. A valorização do lugar do receptor é relativamente recente, apesar de a fenomenologia da percepção, desde os anos 1940, ter criado condições para questionar a hegemonia da estética da criação. É somente nas décadas de 1960 e 1970, com efeito, que o reconhecimento definitivo da figura do leitor, do espectador ou, mais amplamente, do público, surge em várias disciplinas, desde a hermenêutica até a consolidação da estética da recepção. Em todas elas, o receptor é considerado não apenas um aspecto do processo de construção das obras, mas um componente sem o qual o produto cultural não se perfaz. A relação entre leitor e autor, porém, relação de respeito e de admiração do primeiro pelo segundo, não se expressa apenas pela concordância entre ambos ou pelo elogio da obra lida, mas mediante leitura rigorosa, quando a obra é examinada à luz de seus pressupostos e levada ao limite de suas possibilidades. Como bem lembrou Scarlett Marton, por exemplo, a tradição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP era honrar seus professores, ultrapassando-os, porque, acreditava-se, “nisso consistia o seu desejo. Com eles e com sua obra estabelecíamos uma relação de apreço que se expressava pela crítica radical de sua obra”<sup>1</sup>. Ora, não está nesse princípio, justamente, o sentido da filosofia, o amor à sabedoria?

O trabalho de Leda Herrmann *Andaimos do real – construção de um pensamento*, apresentado como tese de doutora-

1 S. Marton, *A irrecusável busca de sentido*, p. 112.

« a obra de Fabio Herrmann  
pode ser considerada  
uma expressão superestrutural  
dessa paulistana cultura psicanalítica.  
Vem daí a singularidade  
de seus escritos

do à PUCSP em março de 2005, é um exemplo de leitura minuciosa e excepcionalmente bem feita dos escritos de Fabio Herrmann. O texto, que prima pela clareza de propósitos e pela boa escrita, consagra a autora, seguramente, como a leitora que mais sabe da obra desse autor em nosso meio, obra que pensa a psicanálise com recursos da ciência e da literatura, da epistemologia e da ficção<sup>2</sup>. Mais do que isso, é bom lembrar, apenas de passagem, que essa obra foi produzida no contexto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que, como sabemos, propõe a formação psicanalítica a partir da convivência entre tendências teórico-clínicas diversas, algumas vezes incompatíveis. Nessa medida, a obra de Fabio Herrmann pode ser considerada uma expressão superestrutural dessa paulistana cultura psicanalítica. E, para além do reconhecido talento do autor, pode-se dizer que vem daí a singularidade de seus escritos. Daí, também, o valor do texto elaborado por Leda Herrmann que, ao ser publicado, com toda certeza se tornará uma referência para todo aquele que se interessar pela Teoria dos Campos.

Tal trabalho, entretanto, não é de fácil leitura. Não permite ao leitor desvios da atenção, pois a escrita da autora não é barroca, não estimula o devaneio associativo e as construções metafóricas. Ao contrário, estritamente conceitual, impõe à leitura o ângulo cortante da tese que defende, isto é, a hipótese-tese de que “a idéia de dupla face método-absurdo” se encontra inteiramente na origem do pensamento de Fabio Herrmann.

Que idéia é essa? A autora escreve: “a idéia que me orienta, e que formulo como hipótese, é a

de que esse pensamento psicanalítico, quando se apresenta no texto inaugural de 1976, já explicita as suas duas idéias formadoras: a do *método interpretativo* como *ruptura de campo* e a de *absurdo* como as regras *que estruturam o sentido humano*, a psique, seja ela considerada do ponto de vista do indivíduo ou do ponto de vista social, esta chamada *psique do real* na teoria dos campos”. E continua: “o título do escrito de 1976, *Andaimos do real – um ensaio de psicanálise crítica*, contém, na expressão *andaimos do real*, a concepção de absurdo como suporte para o real, expressão que se repete no título do primeiro livro de Fabio, publicado em 1979. Mesmo no texto de 1976, penso ficar clara, e esta é minha primeira conclusão, a presença do que chamei de duas idéias formadoras do pensamento de Fabio, que iria, posteriormente, expandir-se em sua obra escrita”. E conclui: “creio que posso desde já afirmar que não são duas idéias independentes, mas o desenvolvimento em dois segmentos de uma idéia de dupla face”<sup>3</sup>. Ou seja, segundo Leda Herrmann, tal idéia é o núcleo que sustenta o pensamento de Fabio Herrmann e, por implicação, toda a psicanálise. E esta é a tese que a autora desenvolve ao longo de seu trabalho.

Posto isso, pode-se dizer que a área em que tal trabalho se inscreve é a da filosofia, apesar de Fabio ter alguma restrição a essa possibilidade, como ele mesmo sugere numa das últimas entrevistas que concedeu: “Sempre vigiei com cuidado meu gosto pela filosofia. A mistura de filosofia com interpretação psicanalítica pode levar aonde se quiser. Freud devia saber disso, a julgar por suas precauções. Não ter formação filosófica traz suas vantagens: nunca tive de escolher entre Hegel e Nietzsche, por exemplo”<sup>4</sup>. Apesar disso, a meu ver, é nesse contexto que esse trabalho deveria se situar, pois a questão exposta por ele é a *questão da leitura*, problemática filosófica por excelência, que envolve duas outras: a *questão da obra* e a *questão da autoria*. Portanto, *leitura-obra-*

2 L. Herrmann, *Andaimos do real – construção de um pensamento*; F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*.

3 L. Herrmann, *op. cit.*, p. 19.

4 L. Herrmann, *op. cit.*, p. 11-12.



*autoria* são os pólos que definem o campo estruturante desse trabalho realizado por uma autora que acompanhou, na intimidade dos bastidores, o desenvolvimento da obra que analisa.

Na superfície do texto, a leitura proposta está claramente delimitada pelo perímetro dos escritos de Fabio, postura adotada desde a introdução até a conclusão. Isso significa que as referências são as do autor, assim como as questões analisadas cuja lógica é a de seu discurso, embora a discriminação e a escolha sejam da própria Leda, como Camila Salles Gonçalves observou numa contra-leitura que fez da tese<sup>5</sup>. É bom entender, entretanto, que o título do trabalho, *Andaimos do real – construção de um pensamento*, significa a arquitetura conceitual da Teoria dos Campos, considerando que, em qualquer obra, os andaimes são os elementos que sustentam a construção desde o princípio e que, terminada a obra, ficam nela inscritos de maneira invisível. Quer dizer, os andaimes constituem a estrutura invisível sobre a qual se edificou a composição visível da obra. E é a armadura sem a qual tal composição não existiria que Leda Herrmann busca apreender. Portanto, a palavra construção não significa o processo de estruturação do pensamento, até porque com a *idéia de dupla face* Leda afirma que, diferente do que ocorre com outras psicanálises, na obra de Fabio, a idéia já nasceu formada<sup>6</sup>.

Ora, o modo de leitura da autora é coerente com essa idéia. É um procedimento que pode ser caracterizado a partir de uma perspectiva *endopoiética* que se define complementarmente à perspectiva *exopoiética*. Ou seja, a análise das criações culturais (e creio não haver dúvida quanto ao fato de a obra de Fabio ser uma criação cultural), diz André Green, “pode emanar a partir de dois pontos de vista. O primeiro é en-

5 C. S. Gonçalves, comunicação oral proferida como membro da Banca Examinadora da tese de doutorado de Leda Herrmann, apresentada à PUCSP em março de 2005.

6 L. Herrmann, *op. cit.*, p. 283.

7 A. Green, *Revelações do inacabado. Sobre o cartão de Londres de Leonardo da Vinci*, p. 97.

8 *Idem.*

o segundo modo de ler é *exopoiético*.

“Deste ângulo, vai tratar-se de considerar todos os fatores determinantes da obra em vários níveis”

dopoiético. Considerado deste ângulo, o estudo se reduz ao exame dos constituintes internos à obra. Ele é limitado a ela, ou às relações com outras obras do mesmo autor, ou ainda com obras de outros autores produzidas no mesmo campo<sup>7</sup>. Leda trabalha nesse registro sincrônico. O segundo modo de ler é *exopoiético*. “Deste ângulo, vai tratar-se de considerar todos os fatores determinantes da obra em vários níveis”<sup>8</sup>. E aí se incluem desde a consideração pela vida do autor até o exame das condições sociais e políticas que formam o contexto de produção da obra, a história das formas culturais e ideológicas, entre as quais a obra se insere, os outros autores com os quais dialoga e as questões que a obra permite pensar para além dela mesma. A perspectiva *exopoiética*, pode-se dizer diacrônica, é reivindicada pela análise *endopoiética*, o que mostra que esta última é um momento necessário à leitura de uma obra. Quando o estudioso adota exclusivamente essa perspectiva, entretanto, a impressão de totalidade e auto-suficiência que ela engendra pode nos fazer esquecer o vínculo da obra com o mundo, seu enraizamento nele e a possibilidade de sua abertura para ele. E o risco da ilusão perspectiva que o esquecimento da origem acaba engendrando, característico daquele modo de leitura, é o de impossibilitar a transcendência da obra. O que significa isso?

Nos anos 1960 e 1970, com o movimento estruturalista francês, muito se escreveu a respeito dos discursos e das possíveis formas de análise do discurso. Roland Barthes, em minha visão um dos mais poéticos e inventivos nesse campo, em 1968, escreveu um ensaio que ficou célebre.

« “um texto não é uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (...a mensagem do Autor – Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas no qual se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é a original”

[Roland Barthes]

34

PERCURSO 38 : junho de 2007

Nele, esclarece que um texto é constituído de múltiplos escritos, hauridos em muitas culturas, que estabelecem relações mútuas de diálogo, de paródia, de contestação. Porém, há um lugar em que essa multiplicidade se encontra, e esse lugar é o leitor, e não, como sempre se pensou, o autor. “A unidade de um texto está não em sua origem, mas em seu destino [...]”<sup>9</sup>.

Nesse ensaio, Barthes sustenta a tendência moderna à dessacralização da imagem do autor. Ele argumenta que o autor, considerado como a origem única e a fonte singular do significado autêntico de um texto, é uma figura moderna criada historicamente, idéia que se mostrou bastante equivocada. “Um texto não é uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (...a mensagem do Autor – Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas no qual se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é a original”<sup>10</sup>. Não cabe ao autor necessariamente ter ciência dessa condição. É o leitor ou os leitores que realizarão a tarefa de revelação dessa multidimensionalidade. E daí a tese do ensaio – “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor”<sup>11</sup>.

Essa posição de Barthes não é uma posição individual. Vários outros pensadores concorrem para defendê-la até hoje, tanto no que diz respeito às obras de arte e literárias, sobretudo com os estudos mais recentes de estética da recepção, como às obras filosóficas propriamente ditas. Os autores são muitos. E gostaria de lembrar apenas alguns.

No ensaio *O que é um autor*, por exemplo, Foucault interroga a função autor<sup>12</sup>. Tanto quanto Barthes, mostra o que modernamente é posto em questão: o conceito de autor como fonte determinada e fixa de uma obra e de seus significados. O autor é, na verdade, uma função que instaura discursividade. Freud, por exemplo, não é apenas o autor da *Traumdeutung*, ou Marx, do *Kapital*. São autores que estabeleceram uma possibilidade indefinida de discursos, tornaram possível o advento de diferenças relativamente a seus textos, a seus conceitos, a suas hipóteses. E por isso se eternizaram. Ora, essa abertura é possível porque o autor não é um sujeito individual, mas *transindividual*, como também definiu Lucien Goldmann ao ler o teatro de Racine<sup>13</sup>. Ou seja, o que subjaz ao autor, como sujeito de uma obra, são as condições de possibilidade culturais (não apenas epistemológicas) dessa obra, o que podemos chamar de origem ou de fundamento concreto dessa obra.

Quando Leda pergunta a Fabio, na entrevista com a qual abre seu trabalho, sobre os fundamentos de sua obra, nosso autor responde – “mesmo se quisesse dizer, não conseguiria, porque simplesmente não entendo bem a questão. A menos que fundamento seja bibliografia. De onde Freud tirou a idéia de atender os pacientes daquele jeito? O pensamento da época deu-lhe linguagem, instrumentos. Mas a análise saiu da investigação com os pacientes, suponho. [...] Quando me perguntam por minha raiz,

9 R. Barthes, *A morte do autor* (1968), p. 70.

10 R. Barthes, *op. cit.*, p. 68.

11 R. Barthes, *op. cit.*, p. 70.

12 M. Foucault, *O que é um autor?* (1969).

13 L. Goldmann, *Le Dieu caché*.

costumo responder que sou freudiano, porque, na esteira de Freud, desconfio muito do patrimônio teórico acumulado e acho necessário submetê-lo a uma ruptura de campo”<sup>14</sup>.

Fabio tem razão ao dizer o que diz, isto é, que ignora seus fundamentos. E tem razão não porque os fundamentos de uma obra estejam fora dela, mas porque estão nela mesma de modo indeterminado, ou, para usar um conceito filosófico, como o seu *impensado*. O que é o impensado de uma obra?

Claude Lefort, discípulo de Merleau-Ponty, no estudo magistral sobre o pensamento de Machiavel, intitulado *Le travail de l'oeuvre*<sup>15</sup>, demonstra que o impensado de uma obra é o trabalho que a própria obra realiza junto ao leitor e que, portanto, é do leitor que a obra depende para se fazer pensar, para se consagrar como obra de pensamento propriamente dita. A posição do leitor em relação à obra que ele deseja ler é, portanto, decisiva.

Entretanto, o que faz uma obra ser obra de pensamento? Segundo Lefort<sup>16</sup>, é a força para romper o círculo do mesmo e suscitar a diferença. A questão da obra de pensamento reside no trabalho que ela própria realiza para suscitar discursos, isto é, em possuir uma data, e, no entanto, transcendê-la, em existir no seu próprio texto e também no de seus leitores. Assim, a obra de pensamento é aquela que funda um campo discursivo que se explicita nela e graças a ela. Esse campo é simbólico e essencialmente indeterminado, sendo a indeterminação o que garante a gênese de sua posteridade. Uma vez que a obra de pensamento é aquela que, ao pensar, dá a pensar, há nela um excesso de pensamento em relação ao que está explicitamente pensado. É esse excesso que faz com que a obra suscite novos discursos. Ou seja, a indeterminação essencial da obra de pensamento (aspecto que a

à questão da obra de pensamento reside no trabalho que ela própria realiza para suscitar discursos, isto é, em possuir uma data, e, no entanto, transcendê-la

distingue de todo outro tipo de obra) e a imanência dos novos discursos a ela revelam que ler não é outra coisa senão interrogar. E o que seria interrogar?

Dentro dessa mesma linha de reflexão, interrogar é descobrir que a obra contém a potência de fazer falar, é acompanhar os caminhos que ela própria abriu, é encontrar de novo sua fundação. Em suma, interrogar é tomar a obra de outrem como matéria-prima para nossa própria reflexão<sup>17</sup>. É, portanto, garantir a transcendência da obra com o trabalho da leitura entendida como interrogação.

Assim, completa Marilena Chauí, “se a obra de pensamento ou de arte é geradora de sua posteridade e se pode haver reativação do sentido sedimentado, é porque a obra se transcende, antecipando as vindouras, e nós a transcendemos reabrindo seu sentido, liberando o que ali estava cativo”<sup>18</sup>. Há, portanto, uma dupla transcendência, que articula leitura e escrita, leitor e autor, que revela sua assimetria e seu parentesco, ensinando-nos que a positividade irrecusável da obra dissimula o que a conserva viva para os outros. “No caso da obra de pensamento”, observa Marilena, “essa dupla transcendência dissimula o *impensado* que sustém o seu e o nosso pensar”<sup>19</sup>.

14 L. Herrmann, *op. cit.*, p. 12.

15 C. Lefort, *Le travail de l'oeuvre. Machiavel*, Paris, Gallimard, 1972.

16 C. Lefort, *op. cit.*

17 C. Lefort, *As formas da história*, p. 15.

18 M. Chauí, *Experiência do pensamento*, p. 37.

19 M. Chauí, *op. cit.*, p. 38.



“no caso da obra  
de pensamento”,  
observa Marilena,  
“essa dupla  
transcendência  
dissimula  
o *impensado*  
que sustém o seu  
e o nosso pensar”

36

PERCURSO 38 : junho de 2007

O impensado não é, portanto, aquilo que não foi pensado pelo autor da obra, mas aquilo que a obra, ao pensar, dá a pensar. Não é, portanto, o menos; ao contrário, “é o *excesso* do que se quer dizer e pensar sobre o que se diz e pensa”<sup>20</sup>. É o que, no pensamento, faz pensar; é o campo que justamente permite diferenciar leitura e escrita.

A esse respeito, finalmente, é preciso retomar o sempre bom e velho Merleau-Ponty, para quem a noção de impensado se inscreve numa trama semântica múltipla e simultânea. Com ela são interrogadas as relações entre fato e idéia, obra e pensamento, criação sócio-histórica e tradição cultural, o mesmo e o outro. E, segundo Marilena Chauí, essa noção permite perceber como se apresenta a questão do instituinte e do instituído para uma filosofia que renunciou à pretensão da autofundação<sup>21</sup>. Diz Merleau-Ponty: “Se há uma idealidade, um pensamento que tem em mim um porvir, que até mesmo perfura meu espaço de consciência e tem um futuro para os outros e que, enfim, transformada em escrita tem um porvir em todo leitor possível, só pode ser porque esse pensamento que não me sacia e que também os deixa famintos, que indica uma deformação de minha paisagem e abre para o universal, é

antes e, sobretudo, um impensado. As idéias muito possuídas já não são idéias, já nada penso quando as falo...”<sup>22</sup>.

Merleau-Ponty foi leitor de muitas obras de pensamento. E no trabalho que dedicou a Husserl, a certa altura, diz: “quando Husserl termina sua vida, há um impensado de Husserl, que é muito seu e que, no entanto, abre para uma outra coisa. Pensar não é possuir objetos de pensamentos; é circunscrever, graças a eles, um domínio para pensar que, portanto, ainda não foi pensado”<sup>23</sup>. E compara o campo do pensamento ao da percepção, pois assim como o mundo percebido mantém-se graças a esses incorporais que são os reflexos, as sombras, os horizontes e os espaços entre as coisas que não são propriamente coisas, mas também não são nada, delimitando os campos de variação possível no mesmo mundo, “assim também a obra e o pensamento de um filósofo são feitos de certas articulações entre as coisas ditas, frente às quais não há dilema entre a interpretação objetiva e a arbitrária, visto que ali não estão *objetos* de pensamento, pois, como a sombra e o reflexo, também eles seriam destruídos se submetidos à observação analítica ou ao pensamento isolante. E se quisermos ser fiéis a eles, só nos resta um caminho; pensar de novo”<sup>24</sup>.

Toda e qualquer obra, conclui Marilena Chauí, todo e qualquer pensamento, em suma, toda e qualquer filosofia se ilude quando crê ser auto-fundada e se perde quando, dentro ou fora da academia, é possuída na dinâmica dos grandes sistemas, no catálogo dos museus e no arquivo das bibliotecas<sup>25</sup>.

Nesse sentido, penso que a hipótese-tese que norteou a leitura de Leda Herrmann – *a idéia de dupla face: método-absurdo* – é muito fecunda não porque é clara e distinta, mas por ser enigmática. Ou seja, uma vez que articula para-

20 M. Chauí, *op. cit.*, p. 39.

21 M. Chauí, *op. cit.*, p. 42.

22 M. Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*, p. 156.

23 M. Merleau-Ponty, *Le philosophe et son ombre*, p. 260.

24 M. Merleau-Ponty, *op. cit.*, p. 260-61.

25 M. Chauí, *op. cit.*, p. 42.

doxalmente a ordem (método) e a contradição (absurdo), tal idéia suscita mais trabalho de leitura, sobretudo para além do perímetro da obra de Fabio Herrmann. Quando a autora escreveu trezentas páginas secundadas por outras tantas não incluídas no volume que apresentou à academia, um longo projeto afetivo e intelectual se perfez. A partir dele, é a exigência de continuidade que se instala, em particular no tocante à passagem da *endopoiesis* para a *exopoiesis*, abertura necessária para garantir a transcendência da obra de Fabio como sólida obra de pensamento. É na exposição à alteridade, à diferença, ao debate público, que uma obra, qualquer obra, revela sua particularidade, condição necessária para vir a se tornar universal, pois é a particularidade de uma obra que a torna irrepetível, capaz de ultrapassar o momento histórico em que se deu sua produção. Com aquela passagem, portanto, será dado um passo no sentido da ruptura do campo instituído e delimitado pela obra, abrindo-se para esta um lugar contemporâneo na cultura contemporânea.

Com efeito, é essa possibilidade que a leitura de Leda Herrmann inaugura. Por ser a primeira leitura que vem a público do conjunto da obra do autor, ela tem o mérito de instaurar a fortuna crítica dessa obra. Ao fazer a análise a partir da idéia de dupla face, reativa um sentido que estava sedimentado na obra, permitindo aos pósteros fazer contato com a Teoria dos Campos segundo uma nova chave, aceitando-a ou não. Com ela, é o campo da pré-formação do pensamento de Fabio Herrmann que se abre à interrogação. Afinal, com a *idéia de dupla face método-absurdo*, idéia que enigmaticamente “já nasceu formada”<sup>26</sup>, a autora deixa surgir um campo indeterminado a ser tomado em consideração por outros leitores cujos trabalhos, cada um a seu modo, farão a obra dialogar com outros autores, emergentes da filosofia, da psicanálise e da cultura num sentido amplo. Assim, é

»  
por ser a primeira leitura  
que vem a público  
do conjunto da obra  
do autor, o trabalho de  
Leda Herrmann  
tem o mérito  
de instaurar  
a fortuna crítica  
dessa obra

possível dizer que esse *trabalho inaugural de leitura* tem o grande mérito de alavancar a posteridade da obra lida, abrindo caminho para que esta se torne universal. Este é o seu impensado. Ser levada a pensar aquilo que a obra de Fabio dá a pensar levou Leda a fazer surgir a necessidade de a obra ser considerada comparativamente, de sorte que, relembando Roland Barthes, pode-se dizer que a eternidade de um autor não se deve apenas a ele mesmo, mas, em grande parte, ao trabalho diferencial de seus possíveis leitores. Instigados pela obra lida, são eles que proporão a ela perguntas diferentes às quais a obra responderá também diferenciadamente. A elaboração desse processo, que caracteriza o campo da recepção cultural de uma obra, surgirá mais ou menos densa de sentidos, dependendo, por um lado, da disposição dos leitores para o trabalho da interrogação e, por outro, da potencialidade da própria obra de fazê-los pensar. É nessa direção que a obra realizará seu mais profundo desígnio: fundar um campo discursivo em contato com o qual alguns leitores poderão se tornar novos autores.

26 L. Herrmann, 2005, p. 283.



## Referências bibliográficas

- Barthes R. (1968/1988). A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.
- Chauí M. (2002). *Experiência do pensamento*. São Paulo: Martins Fontes.
- Green A. (1994). *Revelações do inacabado. Sobre o cartão de Londres de Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Imago.
- Foucault M. (1969/1992). *O que é um autor?* Lisboa: Vega/Passagens.
- Goldmann L. (1956). *Le Dieu caché*. Paris: Gallimard.
- Herrmann F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann L. (2005). *Andaimos do real – construção de um pensamento*. São Paulo, tese de doutoramento, PUCSP (no prelo).
- Lefort C. (1972). *Le travail de l'oeuvre. Machiavel*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_ (1979). *As formas da história*. São Paulo: Brasiliense.
- Marton S. (2005). *A irrecusável busca de sentido*. São Paulo/Ijuí: Ateliê/Ijuí.
- Merleau-Ponty M. (1964). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_ (1960). Le philosophe et son ombre. In: *Signes*. Paris: Gallimard.

## Leda Herrmann's unthought: on the death of the author and the birth of the reader

**Abstract** The text analyses the relations among the author, the work and the reader, considering Leda Herrmann's reading of Fabio Herrmann's psychoanalytical work. It's imposed as relevant the phenomenological notion of "non-thought" which means the thought that the work demands to be thought, not that one that has not been thought. It is considered that the act of reading creates an enigmatic field that demands more interrogation, opening the work to the dialog with other authors.

**Keywords** author; reader; work; reception; Fabio Herrmann; Theory of the Fields.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 1/2007

# Pensando modos de perversão na clínica

Leda Maria Codeço Barone  
Luciana Saddi  
Magda Guimarães Khouri

**Resumo** O trabalho relata uma supervisão com Fabio Herrmann, em que se discutem modos de perversão na clínica. Procura acompanhar o movimento da supervisão, numa tentativa de revelar os caminhos percorridos na teorização da clínica. Reconhece a dificuldade que os pacientes com funcionamento típico da psicopatia trazem ao analista e discute o manejo técnico nesses casos.

**Palavras-chave** supervisão; clínica; perversão; absurdo; teorização da clínica; crença.

**Leda Maria Codeço Barone** é psicanalista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Editora do *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, Profa. do Centro Universitário FIEO.

**Luciana Saddi** é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autora do livro *O amor leva a um liquidificador* (Casa do Psicólogo).

**Magda Guimarães Khouri** é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Diretora de Comunidade e Cultura da SBPSP.

No dia 30 de junho de 2006, tivemos nossa última supervisão com Fabio Herrmann. Dessa supervisão produzimos este artigo clínico. Uma forma de reconhecimento de um trabalho marcado pela capacidade de Fabio estar constantemente na posição de um criador de possibilidades. Uma forma de registro de um saber perseguir a delicadeza e as nuances da relação clínica, não direcionado para o sentido final, mas calcado na provisoriabilidade da palavra, do sujeito e da ação analítica. Num exercício permanente de não escorregar para idéias, formulações, interpretações saturadas, Fabio tentava nos mostrar o rigor psicanalítico levado a suas últimas conseqüências. E tudo, é claro, acompanhado de muito bom humor.

Procurada pelos pais de um menino de 17 anos, obeso com 140 quilos, a analista recebe o casal que se queixava sobre o filho freqüentar médicos, psicólogos ou nutricionistas por alguns meses, sem empreender nenhuma proposta de tratamento. Estavam extremamente preocupados, pois não sabiam como fazer para que o menino se tratasse adequadamente. Enquanto transcorria a conversa, a analista percebeu que os pais lidavam com suas angústias por meio de um controle do comportamento e da alimentação do filho. A situação poderia ser resumida assim: controle *versus* angústia. Ao mencionar essa dinâmica, eles concordaram e disseram que o filho não parecia sentir ou ter qualquer preocupação com sua própria saúde, peso ou mesmo aparência. Afinal, era um garoto que conseguia namorar; era aluno razoável; entre os irmãos havia uma espécie de mito de que Vitor era forte, grande e a gordura estava encoberta pelo ta-



há algo de mimetismo na relação  
que ele estabelece com as pessoas,  
na qual, como um camaleão,  
toma para si as cores  
dominantes no ambiente

manho avantajado dos ossos, por sua enorme simpatia e facilidade em fazer amigos. Além do mais, era um bem-sucedido negociante: aplicava, com sucesso, o dinheiro de alguns amigos de seus pais e de outros conhecidos numa espécie de fundo de investimento. A analista, a partir dessa visão dos pais de que Vitor não sentia nenhuma angústia, orientou-os no sentido de evitarem controlar o filho e, apenas, falar de suas próprias preocupações e angústias, sem propor solução, sem medidas controladoras de qualquer espécie, por enquanto.

Na semana seguinte, apareceram os três no consultório. Os pais falaram de suas preocupações com a saúde, a sexualidade e a aparência de Vitor, reconhecendo-se ainda desorientados com a falta de preocupação que viam no filho. Vitor escutou e negou a “acusação” de que não fosse o maior interessado no assunto, acrescentando que nem sempre sua preocupação transparecia. A analista tentou mediar o encontro da família de modo que nenhum membro, depois que acionasse medidas de controle, permanecesse nessa disposição. Ao final, quando feita a proposta de trabalho ao paciente, ele aceitou prontamente, dizendo-se tão ou mais preocupado que seus pais. Frequência e horários foram combinados. Quanto aos honorários, há uma observação importante: mesmo tendo uma situação financeira bastante privilegiada, fato omitido pela família, houve um pedido de desconto. Somente mais tarde a analista percebe que eles possuíam condição de pagamento dos honorários cobrados e que havia uma situação proposital, de disfarce: diminuição das condições econômicas da família, com o propósito de negociar a tal vantagem.

É curioso que, diante de seus pais, no primeiro encontro, o menino usava o discurso cor-

rente, e de seus próprios pais, contra os gordos, *tenho preguiça, sei tudo que preciso fazer, a alimentação está toda errada* etc. Porém, na sessão com a analista, depois das explicações sobre o tratamento, sobre o fato de acreditar que não se deve culpar alguém que está sofrendo de um transtorno por esse mesmo transtorno, o paciente aderiu ao discurso, até repetia as mesmas palavras usadas pela analista.

Há algo de mimetismo na relação que ele estabelece com as pessoas, na qual, como um camaleão, toma para si as cores dominantes no ambiente. Defende-se, embora ainda não saibamos do que exatamente, e, ao mesmo tempo, conquista, seduz e nos convida a uma fusão, um estranho modo de engolir e ser engolido pelo outro. A distinção entre sujeito e objeto se desfaz.

Parece haver um esvaziamento de qualquer possibilidade de angústia, de transformação, porque ele esvazia a crítica do outro, aderindo a uma forma específica de autocrítica para não ter que mudar nada. *Também sofro, vocês pensam que não sofro?* Então Vitor passa a sofrer mais do que todos e ninguém mais pode lhe dizer nada. Essa adesão ao discurso com um aumento sutil, transformando a crítica em autocrítica ainda maior, faz as vezes de uma quase inversão e esvazia qualquer conversa, pela impossibilidade de atrito ou resistência.

Estar com Vitor é bastante estranho, nunca se sabe com quem se está falando: se com um homem de negócios ou com um garoto que nem prestou vestibular, que precisa emagrecer 40 ou 50 quilos e que, se não o fizer, poderá morrer de repente. Quando a analista acha que fala com o homem de negócios, sente-se louca e lembra que ele só tem 17 anos. Quando vê o garoto em sua sala, vê um menino disperso, alheio ao encontro e à presença da analista, muito regredido. Algumas vezes, ele brinca<sup>1</sup> de refletir a luz do teto com uma caixa transparente, de “Supertrunfo”, jogo que compara tamanho e potência de carros; outras, bate a bola de vôlei ou a joga para cima, sem parar, num movimento constante de descarga.

<sup>1</sup> Como a analista atende crianças e adultos numa mesma sala, o material lúdico está à disposição de qualquer paciente.



Por ser tão plenamente convincente, ora faz acreditar que vai ganhar um milhão de dólares, até o fim do ano, com um negócio novo no Brasil – sua única preocupação nos primeiros meses de tratamento – ora provoca desconfiança na analista, que se sente enganada e tripudiada, quando ele diz: *faz sentido tudo que está sendo trabalhado na análise*. Mas quando questionado, por exemplo, sobre sua dificuldade de mudar algo na prática, responde: *não faz diferença, não é importante*. Quando lhe é apontado que no discurso ele vai muito bem, mas não consegue fazer nada com suas “aparentes” percepções, com ar de vitória ele afirma: *acho muito importante, nos dias de hoje, ser convincente, se não o for não terei clientes, não ampliarei meus negócios*, perguntando-se também, com ar de vitorioso, de que modo a analista vê que ele é bom em falar, em parecer, porque, *afinal, aparência é tudo na vida*.

Sobre o aspecto de sua pura aparência, o pensar e o agir se enquistaram numa forma concentrada a que chamamos ato puro. Uma forma de vida que se rege unicamente pela concatenação de atos, sem razão ou objetivo sustentável. Ao sujeito basta a imagem alcançada por meio de suas ações, tendo de seguir sempre em frente, custe o que custar em termos de economia psíquica.

Preso num jogo de aparências, Vitor espera da analista um olhar – que ele mesmo não pode ter – que lhe diga quem ele aparenta ser, uma vez que o ser já foi expulso, para uma posição de exterioridade, há muito tempo. Ele não está dentro dele, está condicionado à autocontemplação. Parece haver uma perda da substância humana, o que confere sentido para pensarmos num modo de vida do tipo: preenchimento, comida para dentro. Essa observação nos faz lembrar as

2 J. Birman, “A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade”, p. 188-189.

3 A noção de crença aqui utilizada está baseada nas idéias de Fabio Herrmann, no livro *Psicanálise da crença*. O fundamento básico é de que a crença é responsável pela sustentação das representações, participando decisivamente da função geral de asseguramento de nosso dia-a-dia. A representação possui duas faces: a primeira acusa o mundo e a segunda acusa o sujeito. A crença assegura a face externa – a realidade – e a face interna – a identidade do sujeito. Portanto, a crença está por toda parte.

»  
assim, numa tentativa  
de dar alguma substância  
a si, Vitor utiliza para “cura”  
os mesmos meios  
que causaram a “doença”

idéias de Birman com base na análise que faz dos textos de Debord (*A sociedade do espetáculo*) e de Lasch (*A cultura do narcisismo*) em que “ser e parecer se identificam absolutamente no discurso narcísico do espetáculo, sendo aquele o pressuposto ontológico dessa interpretação da sociabilidade. [...] Com isso, o que o sujeito perde em interioridade ganha em exterioridade, de maneira que aquele é marcadamente autocentrado. Neste sentido, o sujeito se transforma numa máscara para a exterioridade, para a exibição fascinante e para a captura do outro”<sup>2</sup>.

Assim, numa tentativa de dar alguma substância a si – gerando uma contradição entre meios e fins, característica típica do trauma – Vitor utiliza para “cura” os mesmos meios que causaram a “doença”. E ainda, porque ser alguma coisa no mundo de hoje é parecer alguma, operação que é superficialmente bem realizada. O ser foi substituído pelo parecer, criando uma rigidez representacional ou crença<sup>3</sup> estreita, obrigando-o a agir apenas conforme o que dele é esperado. Ao mesmo tempo há um aumento em seu tamanho físico, uma corpulência que nos avisa que algo dessa operação está dando errado. Vitor ainda não se transformou completamente em um homem tão bem sucedido assim, ele ainda é um aprendiz, desde que entendamos por sucesso o próprio plano do garoto: aparência é tudo na vida. Há pelo menos 40 quilos que o distanciam de seu ideal.

Surge no grupo a hipótese de identificar no caso um funcionamento típico da psicopatia e também o reconhecimento da dificuldade que temos em lidar, na clínica, com esses pacientes, que apresentam grande labilidade e podem confundir os analistas. Afinal, se não tivermos desenvolvido



o neurótico suspeita,  
o perverso sabe,  
assim restringe seu mundo  
ou o campo  
das representações

maiores recursos de compreensão e manejo técnico com esse tipo de dinâmica, podemos fazer alianças com a parte aparentemente flexível do paciente, que demanda do analista uma proteção, pois estamos ou nos sentimos diante de alguém que parece bem frágil – uma vítima desavisada dos males do mundo, pois o próprio Vitor nos diz: *Sofro sim, sou o maior interessado em me tratar*. Ou, ainda, podemos expulsar o paciente quando a manipulação e a ausência de alteridade se revelam, no momento em que o analista se percebe descredenciado pelo paciente. Essa questão também diz respeito ao fato de acreditarmos muito na possibilidade de crescimento do paciente, afinal, ao iniciarmos uma análise fazemos uma aposta nele. Ao apostarmos, acreditamos na parte do paciente que procura ajuda e sofre, porém, na prática, muitas vezes, esses pacientes fazem um uso manipulador da análise, para obtenção de vantagens tanto dentro do grupo familiar como em outro grupo ou situação qualquer.

Fabio Herrmann foi concordando com a idéia da aposta, com a idéia da psicopatia e disse que Vitor era ainda um aprendiz dessa forma, e que ele, ao concordar com a crítica, transformava uma verdade em uma mentira, seja por meio da adesão completa a um discurso ou por alguma outra forma de autocrítica, que desmantela qualquer possibilidade de crítica real. E afirmou que o problema da verdade é que essa é apenas uma forma particular da mentira.

Esse *modus operandi* do menino nos confunde, pois, como uma ameba, engloba e assimila, com muita facilidade. A analista confirma essa idéia ao dizer que o paciente fala e aceita sem pestanejar, dizendo que é verdade, quando a analista

cobra dele o fato de ficar apenas no mundo do discurso. Porque ele cola no discurso, concorda com tudo e continua intacto. Mas fica especialmente feliz em saber que seu próprio discurso é convincente, afinal, percebe que para o mundo de hoje e para seus negócios é muito importante ser bem sucedido nessa modalidade, e a crítica, por sua vez, se transforma em elogio. Ele inclusive é capaz de se questionar: *por que será que não consigo sair do discurso para fazer algo prático?*

Neurose e perversão dão testemunho de como o mundo é. Não se dão isoladamente, representam instâncias e constituições sociais. O neurótico suspeita, o perverso sabe, assim restringe seu mundo ou o campo das representações. “O voyeur, o fetichista, o exibicionista, mas também os psicopatas têm sua relação com o mundo e consigo próprios tão marcada por sua forma de ser característica que cada relação é uma réplica do modo central, é um fac-símile da perversão fora do assunto perverso, quando não, caem elas no limbo da descrença. Nas adições severas, o mundo inteiro droga-se ou não se droga; é praticamente seu único problema.”<sup>4</sup>

Partindo da concepção de que a representação mais geral do desejo conhece-se pelo nome de identidade que é, figurativamente, a superfície interna da representação, sendo a superfície externa a realidade<sup>5</sup>, pensamos que nesse paciente realidade e identidade concentram-se, encolhem. Ele vive numa espécie de claustro ou especialização do desejo e do real, organizado por preocupações estéticas e alimentares, ou mesmo financeiras. Há um estreitamento do mundo que gira em torno de um tema, onde o mundo dos possíveis, das variadas formas de ser não tem lugar. Por isso Vitor não sente angústia, aparentemente, porque seus problemas de obesidade estão desacreditados, não têm importância, escorregam, embora ele afirme que lá no fundo se preocupa muito com esse assunto. Não que deixe de problematizar suas questões

4 F. Herrmann, *Clínica psicanalítica. A arte da interpretação*, p. 139.

5 F. Herrmann, *op. cit.* p. 128.

no contato com a analista, e queira interpretar, discutir seus problemas, mas continua com o mesmo *modus operandi* de sempre, porque os modos de ser diferentes caem nesse campo descreditado justamente por ameaçar as representações centrais de sua crença; no caso, aqui, ser convincente assegura sua identidade em seu sentido pleno. Em outras palavras, um componente, em si mesmo valioso, expande-se exageradamente e ocupa o lugar do todo.

A situação analítica de supervisão foi, aos poucos, adquirindo maior visibilidade. Partimos da apresentação do caso, quase que em estado bruto, e nossas indagações favoreceram a emergência de um tema, que transitou entre a psicopatia, a obesidade, a verdade e a mentira. A escuta analítica, por sua vez, era redimensionada, num trabalho de mão dupla: o caso faz pensar num conceito, o conceito redimensiona a experiência, que remete à clínica etc. Nesse movimento, a analista lembra dois fatos ocorridos durante a análise. O primeiro diz respeito à família de Vitor, porque depois de o contrato ter sido fechado, a família, que não havia dito seu sobrenome, revelou-o; sobrenome que não justificava o pedido de desconto. A analista se sentiu enganada e percebeu que a família havia arquitetado uma espécie de plano. Uma pequena mentira, algo escondido desde o início do tratamento. A pergunta referente ao fato de o nome não ter sido revelado antes reverberou entre os membros do grupo e duas formulações possíveis surgiram: talvez a família tenha medo de ser explorada, já que o sobrenome indica riqueza e, às vezes, o fato de se possuir muito dinheiro pode provocar uma desconfiança, uma sensação de risco quase permanente de ser explorado e porque, por outro lado, é raro ficar muito rico à-toa, alguma exploração também pode ter havido, há um círculo vicioso, e detecta-se que algo persecutório está em jogo. A questão era complicada, porque o grupo não queria tratar desse problema de forma moralista, mas derrapava, de início, nas questões morais: verdade ou mentira e explorado *versus* explorador.

»  
a situação analítica  
de supervisão foi,  
aos poucos,  
adquirindo maior  
visibilidade

A perda de 40 ou 50 quilos passou a ser exemplar dessa segunda questão (explorados *versus* exploradores). Vitor precisa perder um excesso. Em nossas associações, uma pessoa, fruto de seu próprio excesso, oriundo de sua voracidade. Explorado e explorador são figuras fundidas nesse rapaz e em sua dinâmica familiar. Outros pacientes acompanhados pela analista, que precisam perder quase tantos quilos quanto Vitor, apresentam também dinâmica significativa em relação à questão do roubo.

A obesidade, como uma espécie de superego primitivo, denuncia a falha dessa organização aparentemente vitoriosa – sucesso e mais-valia –, revelando o fracasso em forma de gordura. Essa, a gordura, é a marca da falha, como um signo, é o superego cobrando e punindo, ao mesmo tempo. Por essa única e talvez insuficiente rachadura, podemos dar início ao tratamento.

O outro fato lembrado referia-se à forma como tratou uma situação que o paciente lhe trouxera: o garoto fazia planos sobre como gastar seu primeiro milhão de dólares, depois que um grande negócio, em que estava trabalhando, desse certo. Porque, afinal, é inquestionável a necessidade de ganhar um milhão de dólares antes dos 20 anos. Com esse dinheiro, ele compraria uma Ferrari, um carro que a analista sabia ser caro, mas não sabia quanto custava. Vitor lhe disse o preço de uma Ferrari. Um modelo mediano parecia algo exorbitante para a analista, mas muito razoável e até excitante para ele. Então, uma questão se impôs de tal forma que não havia como evitá-la: *Mas como é que você vai caber numa Ferrari? Não é um carro pequeno, baixinho, você já entrou num desses para saber?* Vitor



o carro *Ferrari* também se torna  
exemplar dessa dinâmica  
complexa, símbolo de riqueza,  
de excesso e também  
ato de “ferrar”

titubeou, perdeu o reboledo, um pouco, mas logo se recompôs, afirmando que ele acreditava que caberia, mas não tinha certeza.

O carro *Ferrari* também se torna exemplar dessa dinâmica complexa, símbolo de riqueza, de excesso e também ato de “ferrar”. Enriquecer se torna “ferrar” no contexto das fantasias do garoto e de sua família, que temia ser “ferrada” pela analista por meio de cobrança abusiva de honorários e que a “ferrava” ao montar uma situação, de certa forma, ilegítima.

Surgiram questões sobre a técnica na clínica: como operar o método diante de um funcionamento considerado próximo à psicopatia? Como trabalhar analiticamente com o tipo de funcionamento desse paciente, semelhante a tantos outros? O grupo pensou no problema de como desenvolver os recursos interpretativos do analista para que não se detivesse em considerações do tipo: necessidade de ganhar um milhão de dólares antes dos 20 anos. Considerações essas que acreditamos não favorecer a aproximação com o paciente nem com seu mundo interno. Estávamos tentando analisar a singularidade desse funcionamento, que mostra uma face que acompanha, assimila, compreende, e a outra que não desgarra de um *modus operandi* que parece fixo, imutável, e que, por fim, também dá golpes no analista. Já a intervenção da analista provocara risos, irrompera uma certa graça no grupo, havia um humor inesperado e o paciente ficara levemente desconcertado. A analista não havia dado regras nem julgado como se deve ganhar ou gastar o dinheiro. Isto é deslocado para a periferia e ela se concentra na realidade um tanto absurda das medidas

físicas que não casam: 140 quilos num carro conversível. A própria intervenção da analista, porém, revela-se um tanto absurda, inesperada, fora do senso comum: um obeso numa Ferrari? Isso não é pergunta que se faça!

Fabio Herrmann, a partir daí, desenvolve suas idéias a respeito dessa situação clínica, dizendo que devíamos considerar o que esse moço fala, como verdade. O que ele está falando não deve ser questionado. Ao analista cabe entrar no delírio do paciente e ir minando, esse, por dentro. Funcionam como pequenas explosões, choques de representações, via absurdo. Tal como o exemplo da *Ferrari*.

Freud já havia dado recomendação técnica semelhante ao analisar *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. A história, bastante conhecida entre os psicanalistas, conta que um jovem arqueólogo, Hanold, fora tomado por um delírio que o afastara do interesse pela vida e o levava a se dedicar exclusivamente à Antigüidade clássica, ao descobrir num museu uma escultura de uma jovem com andar incomum: um dos pés se apoiava no solo, enquanto o outro se apoiava somente na ponta dos dedos. Hanold é absorvido por pensamentos incessantes sobre a figura da escultura, lhe dá um nome, Gradiva, uma nacionalidade, Pompéia, e para lá se dirige a fim de encontrá-la. Ele, como todos sabem, encontra Zoe, antiga vizinha de infância, que se faz passar por Gradiva e, aos poucos, por uma conversa impregnada de ambigüidades, lhe vai revelando a verdade, até que ele mesmo esteja pronto para compreender o que acontecera a ele. Freud elogia a “técnica” usada por Zoe, aludir à realidade sem questionar de frente o delírio e afirma: “...a jovem se mantém fiel ao papel que lhe foi dado no delírio de Hanold e, por outro lado alude às circunstâncias reais a fim de despertar no inconsciente de Hanold a compreensão das mesmas”<sup>6</sup>.

Outro problema psicanalítico surgido no decorrer da supervisão esteve ligado à questão

6 S. Freud, “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”, p. 87.



de como conhecer o desejo<sup>7</sup>, como pôr em evidência o desejo desconhecido, pois, diretamente, ele não se mostra. Já o caráter, a forma geral da relação sujeito-mundo, se mostra e podemos caracterizá-lo: caráter melancólico, festivo, mau caráter, por exemplo. A direção do trabalho analítico seria de exercitar as possibilidades diferentes do desejo e, quem sabe, ampliar ou modificar o caráter de uma pessoa. Na análise o paciente acaba por experimentar ser coisas em que nem sequer acreditava. E o analista pode provocar esse trânsito de diferentes representações, essa vivência dos possíveis modos de ser.

Para tal é necessário manter o desejo insatisfeito, uma certa dose de insatisfação para que se possa descolar das representações rotineiras, únicas do sujeito, tentando abrir caminhos para que o desejo se manifeste em suas potencialidades ocultas. O exemplo da *Ferrari* alude à existência de um objeto ligeiramente desencontrado da pulsão a satisfazer<sup>8</sup>. O analista se utiliza de alguma diferença ou ambigüidade, segundo Freud, para estar dentro e fora do delírio, ao mesmo tempo.

Retomando a idéia da restrição da realidade e identidade observada neste paciente, nesse estreitamento não cabe outro assunto fora aquele de seu núcleo representacional, sempre se repetindo, e tão marcada por sua forma de ser que cada relação é uma réplica desse modo, nada mais pode ter existência fora desse circuito realizador. O sujeito ignora ou desconsidera a existência de outras dimensões da vida, que se tornam insignificantes. O tema da conversa se caracteriza por uma espécie de predileção exclusiva e sua forma se restringe à possibilidade de seduzir, dominar ou se exhibir. Há uma redução do mundo em que o sujeito habita. As sessões com Vitor eram praticamente monotemáticas, versando sobre dinheiro, lucros e grandes negócios. Outros assuntos lhe provocavam sono, desinteresse e distância. A

7 Fabio Herrmann considera o desejo como a matriz simbólica das emoções. Diz o autor: "...o desejo é a fonte interior que determina quais as emoções possíveis ou características, qual o caráter geral de sua relação com o mundo". F. Herrmann, *op. cit.* p. 124.

8 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 127.

»  
a analista ficava reduzida  
a uma função bastante restrita,  
incapaz de gerar algum  
questionamento ou qualquer  
tipo de angústia

analista ficava reduzida a uma função bastante restrita, incapaz de gerar algum questionamento ou qualquer tipo de angústia. A interpretação nesses casos costuma escorregar pelo núcleo perverso central; ainda que o paciente só se refira ao problema, a interpretação desliza para uma zona vagamente desacreditada, por ameaçar as representações sustentadas pela crença. Essa última já sofreu um extremo estreitamento e é contra o alargamento representacional que o preconceituoso, o perverso e o psicopata irão lutar. Tal luta se dá de forma escorregadia e deslizante por meio do descrédito, do desinvestimento, que a interpretação ou a nova representação irá sofrer.

A pergunta que a analista fez sobre se Vitor caberia numa *Ferrari* produz um rápido deslocamento da representação "único assunto negócios" para outras representações, e explode um sistema. O analista precisa ficar sintonizado na crença central do paciente, é necessário que ele entre, praticamente, nesse sistema, para rompê-lo, seja por meio do absurdo, seja por intervenções que se caracterizam pela ambigüidade, segundo Freud no artigo sobre a *Gradiva*. Trabalhar as áreas sadias e oferecer novas representações significa ir contra o cerne do problema, é preciso se instalar dentro desse sistema e de dentro dessa forma de pensar e organizar o mundo, gerar explosões mais ou menos controladas, que favoreçam o alargamento do campo representacional do paciente.

A via do absurdo é uma das formas de implodir o núcleo representacional enquistado. A ambigüidade recomendada por Freud no artigo acima citado é também uma forma particular de assumir em parte o absurdo, para questionar a loucura de dentro dela, para favorecer, em lingua-

gem freudiana de 1907, a emergência da realidade, da razão e principalmente do desejo reprimido.

Seria no mínimo exagero de nossa parte ou ao menos incorreríamos em um erro ao enquadrar Vitor nas categorias perverso, adicto ou psicopata, até porque ele é sua principal vítima, sua obesidade assustadora é emblemática. Poderíamos pensar em partes da personalidade que funcionam da forma anteriormente comentada, restringindo, achatando o real e a si mesmo, convivendo com outras mais estruturadas e desenvolvidas. No artigo *El riesgo psicopatico en el niño*, Diatkine<sup>9</sup> afirma que o maior risco que alguns pacientes correm de ficarem restritos a esse funcionamento psicopático se dá quando o meio confirma seus ideais grandiosos e conseqüentemente aumenta a culpa inconsciente e as tendências para auto-punição. A ameaça ao narcisismo do sujeito também reforça a conduta restritiva da realidade, por isso é importante pensarmos nas explosões das representações,

por via do absurdo, pois essas se caracterizam por uma espécie de disfarce interpretativo da ruptura de campo.

Atrair lentamente os elementos desacreditados das representações e variações cada vez maiores é um desafio considerável para o analista. Suportar constantemente o confronto com temas perversos, preconceituosos ou até com o estreitamento característico da conversa monotemática pode acionar o que há de perverso, manipulador e preconceituoso em nós mesmos. O analista acaba por mudar de assunto caindo numa espécie de interpretação explicativa, como forma de autoproteção, para criar uma barreira contra a sensação de estranheza, de soterramento ou de repulsa que alguns pacientes são capazes de provocar. E como escreve Fabio Herrmann, um dos maiores desafios é pensar o diverso com alguém cuja identidade é quase toda jogada na zona periférica; pensar o diverso num mundo tão restrito.

9 G. Diatkine, "El riesgo psicopatico en el niño", p. 59-85.

#### Referências bibliográficas

- Birman J. (2001). A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade. In: *Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Herrmann F. (1998). *Psicanálise da crença*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Clínica psicanalítica. A arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.
- Freud S. (1985). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- Diatkine G. (1986). El riesgo psicopatico en el niño. In: *Las transformaciones de la psicopatía*. Madri: Tecnipublicaciones.

#### Thinking about modes of perversion in clinical work

**Abstract** This paper recounts a supervisory session with Fabio Herrmann in which modes of perversion in clinical works are discussed. It follows the movements of the supervisory session in an attempt to reveal the paths taken to theorize the clinic. It recognizes the difficulty that patients with psychopathic modes of functioning present to the analyst and discusses the analyst's technical approach in such cases.

**Keywords** supervisory session; clinical work; perversion; absurd; theorize the clinic; belief.

Texto recebido: 12/2006

Aprovado: 2/2006



# A má-fé e o disfarce

Camila Salles Gonçalves

**Resumo** O artigo compara os conceitos de *má-fé*, de Jean-Paul Sartre, e de *disfarce*, de Fabio Herrmann. A autora indica certas semelhanças em seu uso. Entende que a comparação interessa porque, a partir da visão teórica que os dois escritores têm das duas condutas denotadas pelos referidos conceitos, ajuda-nos a distinguir o que é específico do método psicanalítico.

**Palavras-chave** disfarce; má-fé; método psicanalítico; Teoria dos Campos.

**Camila Salles Gonçalves** é psicóloga, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora de filosofia, doutora pela USP, autora de *Desilusão e história na psicanálise de Jean-Paul Sartre*.

É muito raro que uma idéia possa ser simultaneamente viva e popular.<sup>1</sup> [Fabio Herrmann]

No âmbito das investigações a respeito de condutas e atitudes humanas, não é difícil aproximar psicanálise e filosofia. É neste que, de início, encontro possibilidade de estabelecer e situar uma comparação entre o conceito de *má-fé*, apresentado por Jean-Paul Sartre, em 1943, e o de *disfarce*, em livro de Fabio Herrmann, publicado em 1999. Por curiosa que seja, a comparação não traz em si grande interesse nem importância, mas adoto esse modo imperfeito de conhecimento como primeiro passo que visa a pôr em foco a especificidade do método psicanalítico.

As análises da má-fé, desenvolvidas em *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*, respondem à pergunta “o que deve ser o homem em seu ser, se ele deve poder ser de má-fé?”<sup>2</sup>. Referem-se ao ser do homem a partir do uso do método fenomenológico em filosofia, método este que descreve o ser do seu aparecer, que se dá em inúmeros perfis. A investigação fenomenológica da má-fé faz parte, pois, de indagações acerca dos modos de ser do *para-si*, que é o ser da realidade humana, o ser que é *existência*. No mesmo livro, Sartre esboçou seu projeto de fundar uma psicanálise existencial. Se ele tivesse se proposto a iniciar uma prática clínica, teria partido apenas de idéias para fundamentar um trabalho com analisandos, pois jamais teve experiência alguma que porventura viesse a legitimá-las. Mas nada leva a crer que o filósofo pretendesse iniciar

1 F. Herrmann, *A psique e o eu*, p. 179.

2 J-P. Sartre, *L'être et le néant – essai d'ontologie phénoménologique*, p. 94.



lembramos que *fenômeno*  
deriva do verbo grego *pháinestai*,  
que significa *aparecer*.  
Ao revelar o ser do para-si  
como fenômeno,  
a análise revela  
o que é próprio desse ser,  
que é consciência e existência

48

PERCURSO 38 : junho de 2007

um temerário atendimento de pacientes. Nessa primeira hora, seu projeto psicanalítico é inseparável de suas críticas à psicanálise freudiana e, sobretudo, de sua argumentação a respeito da importância e do alcance das descrições dos modos de ser do *para-si*, que são também modos de ser da consciência.

O *para-si* traz ao mundo o nada e a consciência. Sartre chega a usar *para-si* e *consciência* como sinônimos. Na sua concepção, não existe consciência vazia, nem preenchida antes de visar a algo. Toda consciência é consciência de alguma coisa. Em outras palavras, a consciência não pode ser entendida como uma espécie de recipiente que se apropriaria do objeto e passaria a contê-lo. Por isso mesmo, ele adotou a grafia *consciência (de)*, com parênteses, indicando assim que nada há na consciência além do objeto para o qual ela se abre. A *transcendência* é esse abrir-se, esse movimento para fora, um fluxo centrífugo.

A análise fenomenológica, inspirada em Husserl, procede por meio da descrição dos modos de aparecer do fenômeno. Lembremos que *fenômeno* deriva do verbo grego *pháinestai*, que significa *aparecer*. Ao revelar o ser do para-si como fenômeno, a análise revela o que é próprio desse

ser, que é consciência e existência. Assim, o movimento do ensaio de fenomenologia que constitui *O ser e o nada* é também uma narrativa a respeito de como se vão mostrando os múltiplos perfis do para-si. Suas estruturas são desveladas pela investigação ontológico-fenomenológica.

Espero que um modo de deixar claro o sentido de *estrutura* empregado por Sartre seja mencionar agora a oposição entre *em-si* e *para-si*. O *em-si* é o ser das coisas, cheio pleno, completo, incapaz de se relacionar. O *nada*, a *negação* e a *incompletude* vêm ao mundo através do *para-si*. Tudo se passa como se as estruturas do *para-si* fossem *des-estruturas* do *em-si*. O *para-si* é temporal e inseparável de suas relações com outrem. *Vem a ser sob o olhar de um outro*. É lançado ao mundo por mera *contingência* (sua existência não é necessária), imerso na *facticidade* (não pode alterar as condições de seu surgimento, sua incompletude, sua mortalidade) e incapaz de ter sobre si o olhar de um outro, que testemunharia ou fixaria seus modos de aparecer, como se os congelasse.

É só a partir das concepções sartrianas de consciência, transcendência e estruturas do *para-si* que se pode compreender a análise da má-fé. O *para-si* é capaz de se pôr como consciência que se crê capaz de alterar suas características, ou, melhor dizendo, suas estruturas. A má-fé é uma consciência (de) crença, muito particular, que faz jogos de enganar a si, isto é, de enganar a própria consciência, falseando, negando, recusando tomar conhecimento de suas estruturas. Tais jogos iludem quanto ao ser do para-si, ser que é *existência*, realidade humana, que vem a ser na relação com um outro. Os ardis da má-fé podem, sobretudo, utilizar inúmeras formas de negar a dialética da alteridade e a temporalidade. Podemos encontrar, no dia-a-dia, exemplos simples: com minha consciência (de) má-fé, posso crer que minha existência é necessária porque vim ao mundo com uma missão, posso crer que querer é poder, posso crer que sei a pessoa que sou. Também posso crer que tenho como escapar à minha temporalidade, que disponho de condições de me ater à promessa de

ser sempre a mesma, ou de ter sempre o mesmo sentimento, como nas juras de amor. Talvez os exemplos mais impressionantes de má-fé estejam nas situações em que esta consciência (de) crença procura tomar seu próprio ser para-si como um ser em-si, como o ser das coisas.

Movido pelo *desejo* de tornar-se *em-si*, o para-si pode constituir-se como consciência (de) crença (de) má-fé, como *projeto* que nega seu *secretar* o tempo e sua inevitável liberdade, como *projeto* de ser imutável. Um exemplo corriqueiro: talvez todos já tenhamos visto pessoas que se apresentam como estátuas de si mesmas, embora seja difícil admitir que possamos, nós mesmos, em algum momento, posar de modo semelhante. Para além dessas quotidianas possibilidades, lembro agora uma passagem de *O idiota da família* (1971)<sup>3</sup>, obra muito posterior a *O ser e o nada*, realização filosófica e literária de projetos sartrianos de psicanálise, por meio da biografia psicanalítico-existencial de Gustave Flaubert. Sartre mantém aí sua pergunta: *que peut-on savoir d'un homme aujourd'hui?* Em determinado momento de suas análises, atribui ao escritor o desejo de se tornar *em-si*. Em sua juventude, em conflito, entre voltar a Paris e retomar os estudos de Direito, o que ele não queria, ou ser obrigado a permanecer com a família, Gustave teria sofrido uma queda e uma crise semelhante a um ataque epilético. Para Sartre, ele teria caído *como um pedaço de pau*, como uma coisa, como um *em-si* inerte, negando sua possibilidade de se mover e de escolher.

Dei poucos exemplos extraídos da vasta obra de um filósofo, que a iniciou pretendendo demonstrar que não existe consciência fora desse movimento transcendente, que visa a algo, no qual ela e objeto se constituem. Sartre considerava dispensável a concepção de um *eu*, que funcionaria como um habitante ou piloto da

3 J-P. Sartre, *L'idiote de la famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*.

4 J-P. Sartre, *La transcendance de l'ego*, p. 15.

5 F. Herrmann, in *A psique e o eu*, op. cit., p. 145.

6 F. Herrmann, op. cit., p. 146.

»  
a leitura de “A paixão do disfarce” me faz entender que, ao nos tornarmos humanos, ou seja, ao entrarmos em relação com outrem, tornamo-nos capazes de utilizar o disfarce

consciência, e fez severas críticas a seus mestres, que estariam substancializando a idéia de *eu* em filosofia. Além disso, fascinado por Freud, desde seus primeiros escritos filosóficos debateu-se com o conceito de inconsciente, examinando seus fundamentos. Com freqüência, canalizou seu interesse pela psicanálise procurando aguçar críticas ao conceito de inconsciente também contra filósofos adversários, como aqueles que estariam transformando a idéia de *eu*, presente em filosofias, em um “inconsciente pré-empírico”<sup>4</sup>.

Desta mínima exposição de reflexões satrianas, passo agora para a apresentação de idéias de um artigo, retirado da também extensa obra de Fabio Herrmann, que nos apresenta perfis de uma conduta humana, o *disfarce*. A leitura de “A paixão do disfarce”<sup>5</sup> me faz entender que, ao nos tornarmos humanos, ou seja, ao entrarmos em relação com outrem, tornamo-nos capazes de utilizar o disfarce. Como recurso, este faz parte da normalidade quotidiana, permite o convívio num relativo conforto. Mas, no extremo oposto, serve também à aparência de exceção, à procura de originalidade, à busca de alguma marca *personalíssima*. Para o autor, há uma humana paixão pelo disfarce e há até quem “se disfarce de nada, ou, pior, de si mesmo”<sup>6</sup>. Divertido caso de má-fé,



no sonho, forma extrema  
de disfarce, há um eu  
que se disfarça,  
há um que promove  
o disfarce deste,  
há um eu espectador,  
que sempre está presente

ou exemplo patético do desejo de tornar-se *em-si*, pode-se dizer. Mas não é este o tipo de comparação que importa fazer. É preciso, antes de tudo, reconhecer, nos escritos de Fabio Herrmann, perfis do sujeito psíquico que também permitem apreender a que vem a psicanálise.

O disfarce “não é uma doença psíquica, mas um modo do ser do homem, muitas vezes criativo e apaixonante, outras vezes monótono e puramente defensivo, mas não destituído necessariamente de função social”<sup>7</sup>. Se a paixão do disfarce move a psique e está nas tramas do cotidiano, cabe perguntar, a respeito desse *eu* que se disfarça, se é o mesmo que o faz para apresentar-se como *normal*, como *único* ou até como excêntrico. Sabemos que, para Freud, a dinâmica psíquica resulta de relações entre as instâncias ou sistemas. Fabio Herrmann retoma-as, ao abordar também o caso paradigmático das formações inconscientes reprimidas e da forma pela qual estas vêm a ter acesso à consciência. Elas o fazem “mercê de um disfarce defensivo, travestindo-se em seu contrário, por exemplo”<sup>8</sup>. O autor apresenta-nos um sonho em que o sonhador, dirigindo uma velha perua, derruba o muro da mansão em que sua mulher está aprisionada. Uma outra personagem aplaude seu feito ousado. O paciente desperta ainda

com o prazer de tê-lo realizado e de vê-lo reconhecido como ato justo. Essa história quixotesca é sonhada numa fase em que o analisando enfrenta penosas negociações para que sua esposa e ele consigam desligar-se de uma empresa por ela herdada, tendo que se haver com a dura oposição de parentes. Os atos violentos necessários para encaminhar o desejado desligamento “disfarçaram-se no sonho, numa empresa cavaleiresca”<sup>9</sup>. Esse disfarce de altruísmo ocultaria as hostilidades da luta financeira e não seria um disfarce qualquer, pois seu *elo nodal* teria como configuração o veículo de assalto, “meio automóvel, meio carroça de guerra”<sup>10</sup>, capaz de transportar a cena para outro registro.

No sonho, forma extrema de disfarce, há um eu que se disfarça, há um que promove o disfarce deste, há um eu espectador, que sempre está presente. Ao longo de sua obra, o autor reexamina a concepção de *eu*, pondo em destaque a impossibilidade de falarmos de um *eu* único ou de um *eu* uno, se pretendemos pensar sobre a psique a partir da psicanálise. Pode-se dizer que realiza uma fenomenologia psicanalítica do *eu*, ou dos vários *eus*, na medida em que descreve os modos pelos quais este se nos apresenta. Por exemplo, no artigo “O eu no fígado da pedra”<sup>11</sup>, a partir da idéia segundo a qual cada ato praticado visa também à construção do sujeito deste ato, permite-nos compreender por que meios são criadas formas para o *eu*. A exemplo da prática do ator teatral, cuja fala, gesticulação, movimentação e demais recursos permitem identificar uma personagem, “todo ato é também construção de seu eu: parte considerável do esforço psíquico despense-se nisso e as qualidades desejáveis do eu que se cria como sujeito do ato dão-lhe características especiais”<sup>12</sup>.

7 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 205

8 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 147.

9 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 148.

10 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 148.

11 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 43.

12 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 149.

Não estamos longe do modelo freudiano, pelo contrário. Não são deixados de lado nem o inconsciente, nem o aparelho psíquico. Mas entendo que, ao rever a teoria, Fabio Herrmann lhe dá precisão. Do *eu* que serve a três senhores, metáfora famosa da segunda tópica, caminhamos em direção ao *eu* definido como “aquilo que se sacrifica para a conservação do eu”<sup>13</sup>. Em suas captações do *eu*, esta escrita nos elucida, ao mesmo tempo que nos lança em um campo vertiginoso: “quando imaginamos o eu, a forma do sujeito psíquico, é como se houvesse uma infinidade de figuras, todas aproximadamente idênticas, como acontece quando nos pomos entre espelhos trifásicos”<sup>14</sup>. Não pretende ser anti-econômica, construindo um modelo desnecessário de multiplicações, mas, isto sim, mostrar o alcance da psicanálise em relação àquilo que é um homem e ao mundo em que vivemos. Oferece-nos pontos de vista esclarecedores a respeito do sujeito psíquico e do temário da *identidade*, que, como veremos e já se prevê, repercutem na arte da interpretação: “minha silhueta psíquica – certas marcas identitárias, um estilo de ser, meu nome, a história que convenicionei ser a minha – é a herdeira do sacrifício de sucessivas formas mais ou menos iguais, que vão morrendo no tempo para que eu seja quem sou, ou quem creio ser”<sup>15</sup>.

O prazer com que lemos o texto, de que extraio esta última e outras citações, não nos pode desviar da seriedade com que nele são abordadas questões centrais da teoria e da clínica psicanalíticas. Por meio desse *modo de ser do homem*, por meio do disfarce, podemos rever a questão da censura, relacionada com o mecanismo de repressão, a forma pela qual é burlada e também a maneira pela qual esclarecimentos a este respeito fundamentam a *teknê* interpretativa. No campo da metapsicologia, encontramos

»  
por meio desse *modo de ser do homem*, por meio do disfarce, podemos rever a questão da censura, relacionada com o mecanismo de repressão, a forma pela qual é burlada e também a maneira pela qual esclarecimentos a este respeito fundamentam a *teknê* interpretativa

um modelo de duplicação do sujeito psíquico, relacionado com o jogo do disfarce. Para o autor, “a mais conhecida das formas teóricas que correspondem a esse modelo geral do disfarce, derivado da duplicação sub-reptícia do sujeito psíquico, é sem sombra de dúvida a concepção freudiana de censura dos conteúdos ligados aos impulsos instintivos”<sup>16</sup>.

Penso que este artigo, “A paixão do disfarce”, é um excelente exemplo de como a obra de Fabio Herrmann nos leva a refletir sobre o trabalho analítico, reconhecer o quanto este implica em desvelamento passo a passo, que resulta das intervenções do analista e do *material lacunar* do analisando. Neste movimento, é crucial admitirmos o risco de sugestão. Encontramos uma valiosa elucidação a respeito de como tal risco tem origem na ilusão, por parte de ambos os envolvidos, de que, ao cair o disfarce, revelar-se-á algo como um *eu verdadeiro*. É preciso levar em conta que “o par disfarce e revelação pode também desembocar apenas noutra disfarce, uma máscara escondendo outra máscara”<sup>17</sup>. Como saber, então, qual é o *eu* do paciente, ainda que relativo, ainda que apenas predominante? Entendo que, se não *coisificamos* a concepção de instâncias psíquicas, talvez tenhamos que deixar de lado esta pergunta, que só nos faz ficar

13 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 104.

14 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 105-106.

15 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 106.

16 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 210.

17 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 178.





uma forma  
grave  
de disfarce  
é acompanhada  
pela crença,  
proporcional,  
em sua eficácia

de mãos vazias, num falso garimpo. E o autor nos diz ainda, ajudando-nos a limpar o campo, a afastar reificações: “talvez tenhamos que admitir que o eu, o tesouro que se oculta e se protege sob os disfarces, nada mais é que um efeito ilusório de revelação”<sup>18</sup>.

Nada está perdido, contudo. Muito pelo contrário: abre-se um importante caminho para a investigação, que traz, como consequência, hipóteses ou descrições afiadas, fundamentais para a apreensão de perfis das neuroses e das psicoses. Uma forma grave de disfarce é acompanhada pela crença, proporcional, em sua eficácia. Sem dúvida, corresponde à necessidade de defesa e à criação de personagens que tornariam inexpugnável a cidadela do *eu*: “a personalidade do disfarce patológico sente, não sem certa razão, que perderá sua identidade se a expuser minimamente ao contato. O disfarce, nesses casos, cumpre um papel semelhante ao encistamento de uma bactéria: não deixa viver completamente, mas preserva da morte”<sup>19</sup>. Fabio Herrmann nos dá o exemplo da fala de um analisando que é presa de orgulho desesperado: “Eles não me conhecem, ninguém me consegue conhecer. Eu finjo que cumpro as regras. Mas é só por fora. Por dentro, só os

desprezo. Esta é minha vitória: ninguém sabe o que penso”<sup>20</sup>.

Se os diversos *eus* são inseparáveis da humana produção de disfarces, não constituem porém mero estorvo. Não estão na frente de um inconsciente único, por eles oculto. Veiculam o desejo. O autor nos lembra de que as representações (*Vorstellungen*) ocorrem desde o início da vida psíquica e seu conjunto “vai formando um quadro razoavelmente aceitável da realidade externa”, mas, dentre elas, as que são representantes do desejo não chegam a “formar um quadro de confiabilidade equivalente”<sup>21</sup>. As mais confiáveis servem ao convívio social, à superfície aparential da realidade.

Entendo que há um grande esforço na criação de um eu, na assunção de um modelo identificatório, uma dedicação à construção de uma identidade estável, com a qual o sujeito possa se apresentar e se tranquilizar, que integra o processo de normatização do cotidiano, que, por sua vez, implica o afastamento paulatino do desejo. Mas, nesta sujeição a uma realidade aceitável, o que é evitado inscreve-se como um resto que entra na configuração da identidade. Para Fabio Herrmann, “a identidade representa o desejo negativamente”<sup>22</sup>. Assim, “é perfeitamente compreensível que o disfarce figure melhor o desejo, superando nesta tarefa o próprio eu que ele procura disfarçar”<sup>23</sup>. Ao mesmo tempo que vê no disfarce uma certa função de adaptação, de conformar-se ao cotidiano, à medida que aprofunda sua investigação, o autor faz com que nos deparemos com o que ele chama de o estado de disfarce, estado que surge como dissonante em relação ao eu que um sujeito talvez acreditasse ter e exhibir. Ao produzir de forma ostensiva um disfarce, num ato de auto-criação, este “revive a experiência inaugural de criação da identidade”<sup>24</sup>.

18 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 178.

19 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 207.

20 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 207.

21 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 181.

22 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 185.

23 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 181.

24 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 161.



É nesta situação que o disfarce pode ser compreendido como “herdeiro da mentira original”<sup>25</sup>, a partir da qual nasce a identidade.

A identidade é, desde o princípio, disfarce. Para retomar agora a idéia de *mentira original*, recorro algo das exposições claras de Leda Herrmann, apresentadas em sua tese de doutoramento, *Andaimos do real: a construção de um pensamento*<sup>26</sup>. Entre a mãe e o bebê, dar-se-ia uma espécie de diálogo, no qual, atenta às oscilações de satisfação, ela atribuiria intenções à criança e atuaria como se nela houvesse um homenzinho ou uma mulherzinha *embutidos*. Assim, “essas modulações do aconchego derivadas do diálogo interno do adulto com o bebê, traduzindo os ritmos do bebê, acabam por estabelecer uma relação com a proto-intenção materna”<sup>27</sup>. O choro sem fome, tomado pelo que não é, torna-se a porta de entrada para a fome fingida. A autora esclarece a intenção deste modelo mãe-bebê, que nada tem a ver com supostas induções a partir de observações do rebento humano: “Fabio destaca o que considero o fundamental no desenvolvimento que para ele toma a idéia de psique como o *sentido humano*. Ele afirma que a possibilidade é a dimensão do real humano na relação entre necessidade e a satisfação”<sup>28</sup>.

Ao ver a história do disfarçar-se como a *própria história humana*, Fabio Herrmann também a põe a serviço da explicitação das proposições fundadoras de Freud, em *A negação*. Assinala que, nessa história, “podemos reconhecer o ‘símbolo da negação’ a que Freud se referia”<sup>29</sup>. No contexto de seus comentários sobre os disfarces de Ulisses, somos reconduzidos à idéia freudiana de que tal símbolo assinala o surgimento do pensar com um primeiro grau de independência, diante da repressão. Neste passo inicial, haveria, para Freud, um relativo descolamento

25 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 156.

26 L. Herrmann, *Andaimos do real: a construção de um pensamento*, PUC/SP, p. 178.

27 F. Herrmann, *A psique e o eu*, *op. cit.*, p. 178.

28 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 178.

29 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 155.

30 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 217.

»  
para Fabio Herrmann,  
existe a possibilidade de  
“o analista fazer  
trabalhar o disfarce,  
participando  
da cena por ele p  
roposta, como se  
fizesse parte  
de um sonho,  
contracenando”

das conseqüências da repressão, um mínimo de liberação que acompanharia a compulsão do princípio do prazer.

Com relação ao trabalho analítico, o disfarce não é um ponto cego da teoria a impossibilitar a credibilidade das interpretações, como Sartre chega a sugerir. Faz-me pensar no trabalho que desde a prática de Freud atravessa a resistência – o *Durcharbeiten* –, que, sem a confrontar, torna-a quase colaboradora. Para Fabio Herrmann, existe a possibilidade de “o analista fazer trabalhar o disfarce, participando da cena por ele proposta, como se fizesse parte de um sonho, contracenando”<sup>30</sup>. Ao desfazer uma *crença* ou um disfarce, o método psicanalítico efetua uma ruptura de campo, de um posicionamento da psique gerado por um *inconsciente relativo*. Ao *vórtice*, isto é, à avalanche de representações desencadeadas pela ruptura, representações desconectadas, incompatíveis com qualquer apresentação mais ou menos acabada de um *eu*, pode, com efeito, suceder-se novo disfarce. A análise prossegue.

Volto agora à crítica de Sartre, a sua proposição segundo a qual *dissimular alguma coisa implica a unidade da consciência*. Para o filósofo, há uma consciência espontânea, que visa aos objetos ou às situações sem examinar a si mesma, e uma



para Sartre,  
o método da psicanálise  
necessitaria pressupor  
*uma consciência autônoma  
de má-fé,  
entre o inconsciente  
e a consciência*

segunda consciência, reflexiva, que se volta para a primeira. Ele considera insuficiente a teoria psicanalítica, sobretudo em relação à *repressão* ou *recalque*, fenômeno que ela procuraria explicar. Sua insuficiência residiria em não ter esclarecido “como a tendência recalçada pode ‘se disfarçar’, se ela não envolve: (1) a consciência de ser recalçada, (2) a consciência de ser repelida porque ela é o que é, (3) um projeto de disfarce”<sup>31</sup>.

A teoria freudiana não teria sido capaz de explicar de que modo pode existir uma disposição para buscar um disfarce que ignora o feitio que a este quer dar. Sartre afirma que o intra e o inter-relacionamento das instâncias psíquicas não esclarecem o que dá verossimilhança à concepção de uma censura que não tem, ou melhor, não é, consciência daquilo sobre o que se exerce. As páginas, tão antigas, em que o filósofo acusa a inconsistência teórica de Freud, ainda têm o efeito de nos fazer pensar que, se o inconsciente não é pressuposto desde o início, não há como fazê-lo surgir dos jogos entre repressão e disfarce.

É claro que, em geral, não há por que extrair conceitos de obras de dois pensadores e compará-los, muito menos, se eles mesmos não o fizeram, só pelo fato de terem o mesmo nome.

Mas, neste caso específico, penso que muito mais do que o nome aproxima o *disfarce* em Fabio Herrmann e em Sartre. Não cabem aqui extensas leituras críticas ou chusma de argumentos, mas pode-se notar, primeiro, que a dinâmica da censura, para ambos os autores, está relacionada com o *disfarce* e, segundo, como pretendo pelo menos sugerir, que o exame de teorias a respeito daquela dinâmica, efetuado por cada um deles, faz ressaltar o que é próprio do método da psicanálise.

Indiquei o modo pelo qual Fabio Herrmann apresenta o disfarce no sonho. O desenvolvimento do texto evidencia que o método da psicanálise não visa a desmascarar, arrancar disfarces. A rigor, só podemos falar destes situando-os em um campo onde *há* um inconsciente relativo (a este campo) que organiza segundo regras, que só se deixam entrever quando o próprio campo se rompe. Para Sartre, o método da psicanálise necessitaria pressupor *uma consciência autônoma de má-fé, entre o inconsciente e a consciência*. Mas esta acusação baseia-se na idéia de uma consciência (de) crença acoplada de modo inexplicável com um mítico inconsciente substancial. Neste, nós, psicanalistas, não precisamos crer. Sequer necessitamos supô-lo.

O imenso trabalho crítico de Fabio Herrmann, seu exame das condições de possibilidade do método da psicanálise, não resulta em confronto com diatribes sartrianas ou quaisquer outras mais ou menos bem articuladas. Mas pode funcionar como vacina contra as *mitologias coisistas* que Sartre acusa na psicanálise. A Teoria dos Campos nos lembra de que, *se há o inconsciente*, este não tem mais perenidade do que o efeito do interpretante psicanalítico, que tem a função de “organizar os produtos das rupturas de campo interpretativas”<sup>32</sup>.

31 J-P. Sartre, *L'Être et le néant*, op. cit., p. 92. Comento mais detidamente essa crítica de Sartre em outro trabalho: Camila Salles Gonçalves, *Desilusão e história na Psicanálise de Jean-Paul Sartre*, p. 172.

32 F. Herrmann, *Andaimes do real – livro primeiro – O método da psicanálise*, p. 225.

Em nosso caminhar na clínica, um dos melhores mundos possíveis para a existência da psicanálise, “cada inconsciente relativo descoberto vale só por sua potencial ruptura de campo, passos teóricos que a areia engoliu”<sup>33</sup>.

Segundo a crítica sartriana, ocorre uma distorção no uso psicanalítico de duas noções, a saber, a de *libido* e a de *censura*. O filósofo crê indiscutível sua asserção acusando pertencer cada uma destas a um modelo teórico distinto, sendo os dois incompatíveis. A primeira noção, como *força cega*, só teria sentido para uma visão físico-mecânica da psique e, a segunda, para uma concepção finalista. O finalismo estaria em pressupor que a *tendência* encontraria um *disfarce* com a *finalidade* de passar pela *censura*, à semelhança de um contrabando que passa pela alfândega.

Fabio Herrmann também se permite utilizar uma analogia inspirada na Física: “(a forma do campo) promove uma torção do espaço psíquico em torno de suas representações axiais – o *eu relativo*, ou *disfarce*”<sup>34</sup>. A forma de um campo é determinada pela pulsão ou *impulso instintivo* atuante. Nem piloto da consciência, nem tesouro cuja caça resulte na posse, o *eu* é relativo e multiplica-se nos inúmeros campos que o perfazem. Penso que, não obstante, o *eu*, que o sujeito pretende conhecer, *representa representações* identificatórias. Esta frase não vem aqui por descuido, pois com ela pretendo lembrar que o eu-identidade, por assim dizer, age e fala, em nome das representações (*Vorstellungen*), como seu representante (*Repräsentanz*). Isto é, idéias ou representações imagéticas internas levam o eu-identidade a comportar-se e a apresentar-se como seu embaixador, com frequência, à própria revelia.

Considero a idéia de *disfarce* sub-utilizada por Sartre, na medida em que só é convocada para pôr à prova teorias de Freud e não é relacionada de modo suficiente com as magistrais descrições da má-fé, com as quais, como psicanalistas, temos muito a aprender. Apesar do

considero a idéia de *disfarce* sub-utilizada por Sartre, na medida em que só é convocada para pôr à prova teorias de Freud e não é relacionada de modo suficiente com as magistrais descrições da má-fé, com as quais, como psicanalistas, temos muito a aprender

apego do filósofo a suas próprias interpretações de passagens das reflexões teóricas de Freud, suas críticas ainda valem como procedimento de redução ao absurdo da concepção de um inconsciente único, consubstancial em si, entidade subterrânea a enviar contrabandos para a consciência. Além disso, talvez tenhamos que dar razão a Sartre toda vez que se insinua entre nós uma crença num inconsciente reificado e em intervenções interpretativas originadas em uma teoria que se pretende aplicar. Convenhamos que o efeito desta só pode ser o de revelar (ou confirmar) o que já se pressupunha.

De certa forma, Fabio Herrmann fez o que Sartre não pôde fazer, ao também descrever o *disfarce* como *resistência*, porém mostrando que, ao fazer parte do processo psicanalítico, ele o possibilita. A teoria que se faz na clínica não é aplicação de modelos teóricos pré-existentes, tenham estes ou não incongruências em suas fontes conceituais. Apesar disso, o método da psicanálise, revisto pela Teoria dos Campos, não substitui o sentido dos conceitos freudianos. O *campo* é um “sistema de regras” e sua “propriedade essencial é proibir a existência de qualquer representação que o denuncie”<sup>35</sup>. Os impulsos instintivos (ou *tendências*) não admitem repre-

33 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 357.

34 F. Herrmann, *A psique e o eu*, *op. cit.*, p. 211.

35 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 210.

sentação alguma, mas geram uma tensão e o simultâneo enovelar-se do campo sobre si mesmo, que constitui um *inconsciente relativo*.

Para Fabio Herrmann, “vê-se, portanto, sem grande dificuldade, que a relação entre diversos inconscientes relativos não pode criar um espaço psíquico homogêneo, um inconsciente único onde todos os impulsos interagissem: nem muito menos uma zona mais ou menos livre, a consciência, que apenas eventualmente sofresse o desvio de complexos inconscientes”<sup>36</sup>.

Segundo a Teoria dos Campos, O *disfarce* é um *eu relativo*. Também podemos considerá-lo uma consciência (de) má-fé, na medida em que equivale a uma crença do analisando em sua própria essencialidade ou em sua eficácia para ocultar uma personalidade *em-si*. Mas o método da psicanálise não implica confrontá-lo. Na clínica, “em cada momento do contato analítico”<sup>37</sup>, a interpretação, quando é bem sucedida, apenas tensiona os campos dominantes e provoca a ruptura, que pode gerar futuro, novo leque de sentidos.

36 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 211.

37 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 215.

## 56 Referências bibliográficas

A má-fé e o disfarce : Camila Salles Gonçalves

- Cumming R. D. (1992). Role-playing: Sartre's transformation of Husserls. In: Howells C. (ed.). *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gonçalves C. S. (1996). *Desilusão e história na Psicanálise de Jean-Paul Sartre*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Herrmann F. (1991). *Andaimos do real – livro primeiro – O método da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1999). *A psique e o eu*. São Paulo: Hepsyché.
- Herrmann L. (2005). *Andaimos do real: a construção de um pensamento*. São Paulo, tese de doutoramento, PUC/SP.
- Sartre J-P. (1960). *L'Être et le néant – essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (1971). *L'Idiot de la famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (1981). *La transcendance de l'ego*. Paris: Vrin.

## Bad faith and disguise

**Abstract** This article makes a comparison between Jean-Paul Sartre's concept of *mauvaise foi* (*bad faith* or *self-deception*\*) and Fabio Herrmann's concept of *disguise*. The author points out certain similarities in their use. She argues that this parallel is important because the two writer's different theoretic points of view about the behavior indicated by the referred concepts help us to distinguish what is specific in the psychoanalytical method.

**Key words** disguise; self-deception; psychoanalytical method; Theory of the Fields.

Texto recebido: 1/2007.

Aprovado: 2/2007.

\* Tradução proposta por Robert D. Cumming, “Role-playing: Sartre's transformation of Husserls”, in Christina Howells (ed.), *The Cambridge Companion to Sartre*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 49.

# A nau desarvorada

Cecilia Maria de Brito Orsini

**Resumo** Este trabalho aborda a obra de Herrmann a partir das conseqüências – aliás, inquietantes – extraídas do fato de o autor ter isolado a operação fundamental, denominada *ruptura de campo*, que coloca em funcionamento o trabalho analítico.

A partir dessa constatação, a autora comprova, por meio do relato de um caso, que mesmo um texto literário, desde que seja suficientemente denso e desde que seja trabalhado criticamente, pode servir de suporte teórico ao trabalho clínico.

**Palavras-chave** adolescência; vórtice; homem psicanalítico; expectativa de trânsito; literatura e psicanálise.

**Cecilia Maria de Brito Orsini** é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Este artigo é uma versão modificada do trabalho intitulado “A operação de ruptura de campo em suas relações com a psicanálise, a clínica e a literatura”, na Coletânea do II Encontro da Teoria dos Campos, org. Leda Barone, *O psicanalista ontem hoje e amanhã*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

## Introdução

Fabio Herrmann, em busca da operação básica do método de investigação psicanalítico, pôs a descoberto uma propriedade básica da interpretação freudiana, que se encontrava embutida em sua obra. Esta operação, que será descrita mais adiante, foi batizada de *ruptura de campo*.

Ainda que o resultado dessa demonstração contenha a vantagem de revelar com clareza a unidade donde deriva a eficácia do tratamento analítico, seu desvelamento não deixa de ser oneroso para o autor, assim como para seus leitores.

Acontece que, ao trabalhar a partir desse ponto de vista, o praticante, ávido de certezas, se vê abruptamente lançado em dúvidas quando percebe que essa posição *não obriga nem privilegia o uso de qualquer teoria consagrada*, pois, da Teoria dos Campos, não brotam os critérios necessários para se decidir com que teorias metapsicológicas operar.

Assumir, então, a postura interpretativa pautada na idéia de ruptura de campo implica acolher, no seio das análises, a probabilidade de empregar quaisquer teorias, desde que se preserve a escuta da singularidade do paciente. O curioso, entretanto, é que a abertura contida na atitude clínica de deixar que surja e tomar em consideração – procedimento básico da operação de ruptura de campo, que exclui qualquer emprego teórico *a priori* – permite a aproximação de abordagens tais como a que aconteceu em minha clínica de adolescentes: com base na análise literária da obra de Marcel Proust, particularmente no livro em que o autor descreve a própria juventude, emergiu uma teoria psicológica da





segundo Fabio, durante o processo de análise as crenças do paciente acerca de si mesmo são profundamente arreliadas

adolescência que auxiliou a condução de um caso, durante certo tempo daquela análise.

Desse modo, na primeira parte do artigo, examino as conseqüências para a prática clínica do fato apontado acima. Relato, então, na segunda parte, os frutos que pude obter a partir dessa postura, exemplificando com o caso de Tiane, uma adolescente típica, que representa aqui as vicissitudes de uma garota com seu grupo de referência e o conceito de *mancha* advindo da conjugação entre literatura e clínica.

Na terceira parte, descrevo como se deu esse encontro, a partir do emprego que fiz dos seminários de crítica literária do professor Modesto Carone, em torno da obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*. Justamente seu segundo volume, *À sombra das raparigas em flor*, aborda o desenvolvimento do herói em sua adolescência. Desse modo, achei importante sublinhar que não foi qualquer autor, nem foi lido solitariamente, já que relato os elementos da análise literária fundamentais para a eficácia desta leitura na clínica.

Ao terminar, formulo uma questão em torno do risco contido na atitude decorrente do emprego dessa postura. Uma vez mais, a literatura, agora na figura de Kafka, estendeu a questão para além dos limites usuais, através da análise da obra-prima *A metamorfose*.

#### 1. A descoberta do fundamento da relação analítica e suas relações com a clínica contemporânea

Se a Teoria dos Campos não chega exatamente a constituir-se numa teoria da subjetividade,

não deixa de supor a propriedade fundamental do funcionamento da psique, que é a própria *ruptura de campo*. E o que é essa operação? Significa a imersão de terapeuta e cliente em sentidos desconhecidos durante o processo analítico, o que reconduz o paciente a novas auto-representações que andavam lá pelas margens de seu sistema representativo. Pelo movimento do *vórtice*, essas representações voltam da periferia do *eu-principal* do momento, em circulação vertiginosa, assim como a água da pia quando destampamos o ralo (esta é a origem do nome da noção). O *vórtice* pode acontecer em qualquer linha de trabalho, pois age como uma espécie de estrutura básica, à qual se acrescentam as singularidades.

Segundo Fabio, durante o processo de análise as crenças do paciente acerca de si mesmo são profundamente arreliadas. O paciente entra num estado expectante de angústia, no trânsito de uma auto-representação outrora acreditada para outras, que do *vórtice* surgirão. A estruturação dessas representações fortemente investidas chama-se *campo*, o que define a relação inconsciente que a dupla vem mantendo. Quando rompido, é o movimento que entra em jogo, é o *homem psicanalítico* que se faz presente, o homem visto a partir da clínica, revelando a coabitação de vários eus contraditórios ou colaboradores do eu-oficial. Na sucessiva exploração desses movimentos, procuramos nos conhecer melhor e, quem sabe, com um pouco de sorte, nos tornemos melhores.

O movimento de mergulhar com o paciente dentro das franjas desconhecidas de seu universo auto-representacional supõe uma certa visão de homem, que não é do homem, de maneira geral, nem a do homem das teorias psicanalíticas, e sim a do *homem psicanalítico*, aquele homem posto a descoberto pela arte da interpretação. Funciona como uma espécie de matriz crítica em direção a todos os conceitos da psicanálise.

Para tanto, é preciso realizar uma articulação teórica, qual seja: esse homem move-se num universo representacional rotineiro, fruto de um consenso inconsciente, cujo substrato é um real desconhecido, produtor do primeiro – a



rotina. Para que as coisas não se desorganizem demais, há que se supor uma função mental que dê coesão a essa aparência rotineira. É a *função da crença*<sup>1</sup> que faz com que acreditemos serem as coisas aquilo que aparentam ser. As aparentes contradições são enfeixadas no mesmo sistema, pois o espírito não gosta daquilo que o incomoda: as incongruências, as contradições. Por isso, nosso espírito esmera-se por contar histórias razoáveis. Lembrando Freud: mesmo no sonho nosso de cada dia, por mais absurdo que pareça, há uma função mental postulada, muito assemelhada à *função da crença*, que ainda tentaria dar ao sonho um mínimo de arranjo e conexão, estabelecendo falsas ligações, fazendo-o contar uma espécie de história com um certo começo-meio-e-fim, ainda que absurda. É aquela enigmática função que Freud, no sexto capítulo da *Interpretação de sonhos* (1900)<sup>2</sup>, chamou de *elaboração secundária* – um dos processos do *trabalho do sonho* – que, por sinal, provocativamente, vai colocar operando na base das doutrinas filosóficas e do pensamento científico.

Há um tecido anterior, do qual brota a idéia do *homem psicanalítico*: método analítico e metapsicologia freudiana nascem juntos, como podemos comprovar numa leitura cuidadosa de *Os estudos sobre histeria*<sup>3</sup>, verdadeiro manancial de descobertas teórico-clínicas, que Freud desenvolverá ao longo de toda a sua obra. Contudo, em que pese esta respeitável fonte geradora – a metapsicologia freudiana –, o uso da *ruptura de campo* é como se fora uma *sintaxe*, sem a correspondente e asseguradora semântica. Não é fácil. Não fora isso, como teria Melanie Klein criado um outro sistema teórico, altamente singular, baseada sobretudo no emprego da psicanálise ao tratamento de crianças muito pequenas? Como conjugar as proposições das posições esquizo-paranoide e depressiva, o domínio no psiquismo da relação primitiva com o seio, a figura de pais combinados

1 F. Herrmann, *Psicanálise da crença*.

2 S. Freud (1900), *A interpretação de sonhos*, v. 4 e 5.

3 S. Freud (1895), *Estudos sobre a histeria*, v. 2.

4 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 16-7.

em que pese esta respeitável fonte geradora – a metapsicologia freudiana –, o uso da *ruptura de campo* é como se fora uma *sintaxe*, sem a correspondente e asseguradora semântica

com a abordagem predominantemente falocêntrica e edípica de Freud?

Que ingrata vocação é esta, a da *ruptura de campo*? Há alguma maldição no nosso método, pergunta-se Herrmann?

Para Fabio, a radicalidade dessa episteme negativa assinala a posição contraditória do conhecimento humano, repelindo quase todos nós, assim como os pólos de sinais iguais de dois ímãs. Reconhecendo que muitos colegas operam perfeitamente esse instrumento, Fabio constata, no entanto, que muitas vezes o praticante se sente perdido e acaba por apelar a modos familiares de reflexão quando se depara com a falência insuperável do conhecimento positivo. Dessa misteriosa condição decorreria que “conhecimento algum é objeto de posse na Psicanálise, não se universaliza para lá de seu campo, nem se pode fixar”<sup>4</sup> (1999).

Vemos assim que o autor explicita suas inquietações, certamente fonte de consideráveis dissabores. Senão, por que revelaria nas *Intenções* de seu livro *Introdução à Teoria dos Campos* que talvez um escritor seja o sobrevivente da idéia que decidiu habitá-lo? Fabio esclarece que procurou sobreviver à idéia de *ruptura de campo* mediante a construção de um sistema de pensamento que, segundo ele, não chegaria a ser uma escola, não apenas pela falta de discípulos, mas também pela poeira que esta idéia levanta. Em conseqüência, é necessário refletir um pouco sobre a questão: qual sua inserção na teoria psicanalítica?

Acredito que esse desvelamento desarranja um tanto o panorama das teorias conhecidas. Se a *ruptura de campo* funciona como uma matriz crítica que *aspira e liquefaz* nossas re-





o analista em sua relação com as teorias tem de suportar, em seu mundo interior, o despedaçamento de suas representações teóricas, como diz algures Fédida

presentações teóricas usuais, não é mais possível utilizar-se das teorias de modo ingênuo. Ainda que não se admita, por não ser de bomtom, que nos aferremos a teorias, na prática, até mesmo por angústia de suportarmos o *vórtice* das representações teóricas, muitas vezes é o que acontece.

A idéia de que sofremos constantes deslocamentos representacionais de parte de analista e analisando implica uma condição assaz claudicante. O analista em sua relação com as teorias tem de suportar, em seu mundo interior, o despedaçamento de suas representações teóricas, como diz algures Fédida.

Aliás, se desde seu princípio o homem está destinado a ser livre, como Sartre pensava, ser livre é uma sorte de condenação. O mesmo ocorre com nosso método: usá-lo também é uma espécie de “sentença de liberdade”. Provavelmente a *maldição* de que fala nosso autor. Não será custoso ser responsável por essa liberdade? No dia-a-dia, será nossa clínica, tanto intra como extra muros, capaz de suportar o peso de tal autonomia?

A nau desarvorada?

Para melhor ilustrar essa situação de risco, Fabio invoca o poema empregado por Mallarmé em sua crítica ao verso clássico, *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*<sup>5</sup>.

Em sua leitura psicanalítica do poema, Herrmann realça a paradoxal situação do Mestre navegador. Pois, apesar de o capitão ser aquele que deve conduzir o navio na travessia da

incerteza, no momento derradeiro ele só dispõe do acaso, tempo justo de lançar os dados – sem poder se valer de modo seguro do patrimônio de conhecimentos acumulados, ao menos no que concerne à garantia do acerto de sua decisão. Daí a importância do *hasard*, o acaso.

No poema, o Mestre lança-se ao oceano com sua *intolerável lucidez*, mas reconhece que toda escolha coloca-se como uma abertura ao acaso. Mal comparando, Fabio observa que, ao criar a psicanálise, Freud jogava seus dados, apostando em suas criações: os vários modelos de aparelho psíquico e seu motor: a teoria das pulsões, sua história do indivíduo humano concebida como desenvolvimento *psicossexual*. Em decorrência: as melhores formas da cura analítica.

Nessa acepção, portanto, as teorias valem antes como aposta, ou seja, na expressão de Herrmann, como *rupturas de campo*, do que como conhecimentos seguros de que se pode lançar mão.

E Fabio prossegue, descrevendo aquilo que julga novas *rupturas de campo*: como a que se deu quando Melanie Klein reinventou a clínica psicanalítica ao estender suas fronteiras às brumas da infância primitiva e ao generalizar o emprego técnico da transferência. Ou quando Lacan inventa o discurso psicanalítico metafórico, que domina hoje, no seu entender, a Psicanálise. Ou ainda quando Bion, completando a lista dos Mestres mais conhecidos entre nós, aposta na recusa de todos os interpretantes canônicos ao mesmo tempo e acaba por converter seu trabalho num cânon. Assim, conclui Herrmann, “em cada ruptura, uma doutrina – eis o lema dos naufragos alegres”<sup>6</sup>.

No final do artigo, para que não haja nenhuma dúvida quanto ao risco comportado em nossa prática, afirma Herrmann: “num momento dado, o Mestre de Mallarmé é Ninguém. *Toute pensée emet um coup de dés*”<sup>7</sup>.

5 Mallarmé é empregado por F. Herrmann no artigo “Da clínica extensa à alta teoria: a história da psicanálise como resistência à psicanálise”, p. 15-20.

6 F. Herrmann, *op. cit.*

7 F. Herrmann, *op. cit.*

Esta é a idéia seminal: o Mestre é *Ninguém*. Em cada relato de caso encontra-se implicado este risco. Assim, cada caso terá a “sua cara”, e não o aspecto da teoria em uso pelo analista. Por isso as decisões clínicas são sempre muito difíceis, momentos de *lançar os dados*, de vez que não contamos com o apelo prévio ao conhecimento teórico e sim com a singela estratégia de preservar sempre e sempre a escuta singular e até mesmo o auxílio direto ao paciente, quando muito necessário.

É a partir desses pontos que procederei ao relato do caso de Tiane no que concerne ao surpreendente apoio vindo da literatura e o modo como esse aporte articulou meu pensamento teórico-clínico. Na segunda parte deste artigo é o que pretendo descrever e interrogar.

## II. Tiane, Proust e Psicanálise

Tiane representa um tanto ficticiamente uma adolescente típica. Seus pais me procuraram, muito assustados – como de hábito na clínica de adolescentes – buscando reconhecer a própria filha. Tiane havia *desbundado*, como sói acontecer nesse período da vida. Como sempre, o contato com ela não mobilizava a magnitude da angústia trazida pelos pais. Sua inquietação parecia antes fruto de um excesso de vitalidade do que de uma potência para a destrutividade. Foi ficando claro o quanto Tiane precisava articular na malha simbólica sua inquietude, em seu caso fonte de vitalidade e curiosidade, mas também de um excesso antes disruptivo do que propriamente destrutivo. Contavam, acima de tudo, o desejo e a curiosidade de viver algo radicalmente diferente do que aprendera com a família. Ela sentia que não cabia mais no mundo familiar. Nesse sentido, seu grupo de amigas, e depois de amigos, passou a ser a referência fundamental.

Nos tempos iniciais de sua análise, Tiane invadia meu consultório e meus ouvidos com uma massa viva de “ii”: em seu grupo de referência todos tinham apelidos com “ii”. Quando

quando Tiane saía do consultório, este permanecia cheio de adolescentes: eu os sentia, via-os pulando e saltando à minha frente, como se tivessem ficado ali comigo

Tiane saía do consultório, este permanecia cheio de adolescentes: eu os sentia, via-os pulando e saltando à minha frente, como se tivessem ficado ali comigo. Por vezes eu ficava particularmente atordoada. Parecia uma verdadeira perseguição, que conferia a seu relato, sempre muito vivaz, uma estranha melodia pastosa, na qual destacavam-se tons agudos, dissonantes. Eu não conseguia localizá-la dentro da massa de “ii”. O que Tiane queria com isso? Foi então que notei que eu vivia na carne o que ela me solicitava – ela, que sempre se esmerava em agradar, pedia-me que a destacasse, pois tinha pavor de ser diferente do grupo, de se descolar da massa informe. É que Tiane já dava vários indícios da fragilidade do projeto de viver grudada ao grupo.

É evidente que tudo isso faz pensar no narcisismo, no pavor de deixar de ser amada, na revivescência da relação pré-edípica com a mãe, bem como na fragilidade da entrada da figura paterna. Mas, tudo isso fazia parte de um cabedal de idéias já conhecido, a respeito do período adolescente. O que não sabíamos, e que continuava pulsando, era a interrogação: por que veio Proust nos auxiliar nessa travessia? Esse fenômeno, o que mais me intrigava, foi o fulcro da *entrada* de Proust no caso. Por que a teoria psicanalítica necessitou desse *reforço*?

Voltemos, pois, ao segundo volume – *À sombra das raparigas em flor* –, que me ocupou enquanto Tiane se envolvia em mil e uma peripécias. No romance, assim como em minha vida, deu-se, abruptamente, a entrada triunfal do grupo de moças no balneário de Balbec que vai ocupar a mente de Marcel daí em diante, in-





a intensidade, a beleza  
e, principalmente, a precisão  
da descrição de Proust  
desviaram-me da direção  
de um *furor interpretandi*

vadindo sua recém-terminada meninice. Assim como entraram, em meu consultório e em minha vida, Tiane e seu grupo de garotas.

A intensidade, a beleza e, principalmente, a precisão da descrição de Proust desviaram-me da direção de um *furor interpretandi*. Essa dilatação temporal que ele provocou em mim ajudou a compreender, sem prejudicar com intervenções precoces, os delicados movimentos de Tiane, que desembrulhava suas histórias no grupo e também quando começou a destacar-se dele.

Será necessário que eu reproduza alguns trechos do próprio Proust, cuidadosamente selecionados como os mais sugestivos, para que o fenômeno de suporte clínico possa ser retratado. Peço portanto um pouco de paciência, pois desejo demonstrar como foi que isso aconteceu. Vejamos como Proust descreve a irrupção do grupo de garotas em sua vida:

Quando, quase ainda na extremidade do dique, onde faziam mover-se uma estranha mancha, vi que se aproximavam cinco ou seis mocinhas, tão diferentes, no aspecto e maneiras, de todas as pessoas com quem estávamos acostumados em Balbec, como o seria, chegado não se sabe de onde, um bando de gaivotas que executa na praia a passos medidos – as retardatárias alcançando as outras num vôo – um passeio cuja finalidade se antolha tão obscura aos banhistas, a quem elas não parecem ver, quão claramente determinado por seu espírito de pássaros.<sup>8</sup>

Era assim que Tiane irrompia no consultório, com seu bando de gaivotas e sua incompreensível algaravia. Pois um dos maiores encantos da juven-

tude não está justamente em quebrar o costume? E eu, qual uma *banhista* tola, observava o passeio de sua turma pelo mundo, cuja finalidade *se me antolhava tão obscura!* Era a *estranha mancha*.

A falar a verdade, fazia tão poucos instantes que eu as via e sem ousar olhá-las fixamente, que ainda não tinha individualizado a nenhuma delas [...] quando (segundo a ordem em que se desenrolava aquele conjunto maravilhoso... mas que era confuso como uma música de que eu não pudesse isolar e reconhecer as frases no momento da sua passagem, distinguidas mas esquecidas imediatamente depois), eu via emergir um oval branco, olhos negros, olhos verdes, não sabia se eram os mesmos que já me haviam trazido encanto ainda há pouco, e não podia reportá-los a determinada menina que eu tivesse separado das outras e reconhecido.<sup>9</sup>

A leitura de inúmeros trechos como esses, pois o autor é pródigo em descrições finas e precisas, me mostrou que aquilo de que falava Tiane e que impregnava a atmosfera da minha sala era apenas um reflexo da vitalidade, da confusão e falta de nitidez dela própria dentro do grupo. Por isso eu não conseguia vê-la. Desse modo, descobri que Tiane singelamente me falava das evoluções de seu bando no ar, através dos diques de sua imaginação. Quem vinha às sessões era a *mancha*.

Então me dei conta: Proust, pelo acúmulo da repetição das descrições do bando, havia subrepticiamente formulado a noção de *mancha* – a perda de identidade que experimentamos ao entrar na adolescência, que dissolve as individualidades que permanecem indiscriminadas quando o jovem se encontra em grupo. De meu lado bastava observar, “esperar a banda passar” e, suavemente, ajudá-la a destacar-se dessa massa informe. Nada teria utilidade além da espera: era este o trabalho analítico demandado que a discriminaria do grupo. Aos poucos, não sem receio e sem dor, Tiane foi se afastando, para mim e para si mesma, de seu cortejo. Muitas vezes reiterou seu temor desse movimento, inevitável considerando-se seu nível de articulação

<sup>8</sup> M. Proust, *op. cit.*, p. 289.

<sup>9</sup> M. Proust, *op. cit.*, p. 290.



mental, sem dúvida mais aguçado que o da turma. “O que fazer com o pensamento e com a possibilidade de enxergar?”, ela me indagava, nesta dialética entre o *amor* e o *temor* da multidão. O mesmo acontece com Albertine, a heroína de Marcel.

Na bela defesa que faz Antonio Candido<sup>10</sup> do direito fundamental de todo ser humano à fruição literária, encontramos esta bela passagem: “O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos; determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido”. Foi desta maneira que a massa de “ii” tomou forma na idéia de *mancha*.

Assim, amarrando estes vários pontos, me pareceu ser a adolescência: um paradigma tanto da *ruptura de campo* quanto das múltiplas vozes identitárias que nesse período se delineiam, objeto do livro de Herrmann, muito esclarecedor a este respeito, *A psique e o eu*.

Mais uma vez Proust vem em nosso socorro. Como diz Antonio Candido, percebendo ou não, as formas pertinentes advindas da literatura ajudam-nos a organizar nossa experiência psíquica e nossa visão de mundo. Várias passagens de *A sombra das raparigas em flor* dão testemunho de uma verdadeira teoria dos múltiplos eus, e menciono uma das que mais me agradaram:

Havia, pelo menos, duas Gilbertes. As duas naturezas, a do pai e da mãe, não se limitavam a misturar-se nela; disputavam-na, e ainda seria falar inexatamente e faria supor que uma terceira Gilberte sofria durante esse tempo por ser presa das duas outras [...] E às vezes tamanha era a distância entre as duas Gilbertes que a gente se perguntava, aliás em vão, o que lhe poderia ter feito para encontrá-la assim tão diferente.<sup>11</sup>

10 A. Candido, “O direito à literatura”, p. 240.

11 M. Proust, *op. cit.*, p. 110.

12 F. Herrmann, *op. cit.*

13 Comunicação oral de Osmar Luvison Pinto, como comentador deste trabalho quando de sua apresentação ao // *Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos*.

»  
Como diz Antonio Candido, percebendo ou não, as formas pertinentes advindas da literatura ajudam-nos a organizar nossa experiência psíquica e nossa visão de mundo

Se pudermos respeitar e acolher esses movimentos sutis sem intervenções superegóicas, nos resguardamos do risco de tentar induzir no adolescente a idéia de uma solução identitária, que só poderia se constituir como prótese. Todavia, nem tudo é movimento. Existe, ainda que ilusório e cobrando sua importância, o *eu regente* de determinado ciclo vital, ou *eu principal*, aquilo que tanto parece procurar o adolescente.

O jovem busca o conhecimento. Creio que é isso que devemos ajudá-lo a agenciar: que *eus* são esses, quais suas potencialidades realizáveis, que *disfarces*<sup>12</sup> servem, quais atrapalham, qual o *eu principal*, em vez de reduzirmos sua análise a alguns poucos vieses interpretativos.

### III. Alguns elementos de análise literária

Considero que a entrada de Proust em meu trabalho teórico clínico foi de molde a se consumir em mim, como analista, a operação de *ruptura de campo*. Embora eu estivesse convencida de que Tiane não poderia ser pensada apenas com base nas teorias usuais sobre a adolescência e, nesse sentido, já me utilizando de algumas referências teóricas pouco habituais em nosso meio – Ferrari, Garcia-Roza, Herrmann – uma espécie de virada aconteceu através da leitura de Proust. Através da força expressiva de sua escrita, criticamente analisada, fui *teoricamente* lançada em outro plano. Ou, segundo o comentário de Luvison Pinto<sup>13</sup>, foi como se eu encontrasse em Proust a *prova literária* da reversão dessas expectativas usuais. Seja como for, é importante res-



Sófocles, Goethe, Schiller, Shakespeare e tantos outros sempre aparecem em momentos críticos em que a linguagem suposta *científica* falha em descrever o fenômeno a ser abordado

saltar que meu conhecimento da metapsicologia freudiana conduziu, em parte, a minha leitura de Proust. A *estranha mancha* de garotas, a solda que havia entre elas ganhou novo sentido quando pensada a partir da importância da *liga* que provê a inelutável corrente homossexual feminina resultante do indispensável relacionamento libidinal entre mãe e filha no período pré-edi-piano, um dos avatares apontado por Freud no desenvolvimento da feminilidade.

No que diz respeito às relações entre psicanálise e literatura, observa-se claramente que a tensão entre criação científica e criação literária sempre esteve presente na obra de Freud, do começo ao fim. Em 1895, ele já lamentava que seus casos se pareciam mais com contos ou novelas do que com relatos científicos. E, segundo o próprio Freud, sua última grande obra *Moisés e o monoteísmo* é um romance histórico. Além do mais, Freud criou um gênero literário único<sup>14</sup> – o caso clínico, uma vez que seus casos não são nem um documento, nem um protocolo, nem uma história de vida completa.

Sófocles, Goethe, Schiller, Shakespeare e tantos outros sempre aparecem em momentos críticos em que a linguagem suposta *científica* falha em descrever o fenômeno a ser abordado<sup>15</sup>. Os escritores vêm em seu auxílio de modo a conferir verossimilhança àquilo que está sendo expresso, promovendo uma riqueza de ressonâncias, o que de outro modo, aparentemente, não se realizaria, fornecendo provas daquilo que se quer demonstrar.

Vale a pena lembrar: a verossimilhança em literatura é a faculdade de conferir poder de verdade ao relato ficcional. É provável que se dê o mesmo com o paciente e, conseqüentemente, com

nossa disciplina. A verdade em psicanálise diz mais respeito ao que é verossímil para o paciente do que à verdade consensual, positiva ou factual.

As relações entre Freud, a psicanálise e a literatura são múltiplas e intrincadas. De modo definitivo, L. R. Monzani, num excelente texto chamado “A fantasia freudiana”, por meio de uma criteriosa análise do manuscrito recém-descoberto, “Neuroses de transferência: uma síntese”<sup>16</sup>, comprova minuciosamente que Freud, de fato, *fantasiava cientificamente*. Na verdade, era este seu modo de trabalhar. Um texto, aparentemente aberrante, onde as neuroses e as psicoses são assimiladas a repetições filogenéticas de eras geológicas pelas quais passou a Humanidade, como assevera Freud no *Manuscrito...*<sup>17</sup>, encaixa-se perfeitamente dentro da *fantasia científica* freudiana, ou seja, sua metapsicologia.

Como já disse mais atrás em relação à análise de Tiane, aconteceu de estar lendo o volume já referido que descreve o período da adolescência do herói, entre os sete que compõem o grande romance de Proust. Não foi qualquer outro autor, nem foi lido solitariamente. Na análise literária chega-se mesmo a comentar que Freud e Proust podem ser tomados como autores complementares. Aonde um chega pela via sensual, o outro vai pelo caminho do conceito. Nesse sentido, os elementos de análise literária abriam caminho à narrativa de Proust para o interior da articulação de meu pensamento clínico. Devido à importância desses elementos, gostaria de sintetizá-los aqui, para que se tenha uma idéia do proveito decorrente de seu emprego.

*Em busca do tempo perdido* é um romance inusitado, onde o herói descreve meteticulosamente seu aprendizado do mundo por meio de uma consciência narrativa. O leitor, se quiser se situar a partir desta perspectiva, chega a aprender para a própria vida observando a experiência de Marcel,

14 Comunicação oral nos seminários de literatura, 1990- (em curso).

15 L. Flem, *O homem Freud – o romance do inconsciente*.

16 S. Freud (1914), “O manuscrito recém-descoberto – neuroses de transferência: uma síntese”.

17 S. Freud, *op. cit.*



este estranho narrador, pois vive com ele a descoberta do código de funcionamento da sociedade francesa, no período compreendido entre 1880 e 1920. É o retrato de uma história de época, contada sob forma literária. Ademais, Proust satisfaz o leitor interessado nas mais diversas experiências humanas com seu relato agudo, repleto de nuances, da complexidade das emoções e dos relacionamentos, no decorrer das diferentes estações da vida.

Este estranho narrador sensibiliza o leitor para um registro de leitura muito próximo à atmosfera analítica. Isso, por si só, já realiza uma perturbadora aproximação com a atividade clínica.

Proust explora uma conclusão extraordinária: a realidade se escondeu na subjetividade, como se fora realismo. Sua questão é: como tornar o real inteligível, mesmo nas suas obscuridades, mesmo na obscuridade da vida real? A psicanálise e a literatura conhecem um mesmo objeto – o espírito humano. Aquilo de que a psicanálise tenta se aproximar pela via conceitual, a literatura se aproxima pela via da experiência sensual, com toda a riqueza que lhe é inerente. Sabemos, contudo, que o conceito, em psicanálise, é eivado de emocionalidade, mas nem por isso deixa de lado sua aspiração ao universal, ainda que se preserve uma certa tensão pertinente à singularidade de cada caso. Sabemos que a literatura e a clínica, ao contrário, lidam com a particularidade e a potência da multiplicidade de sentidos.

Para terminar: Kafka

Perto de terminar este artigo, surgiu uma curiosa pergunta que arrastou seu desfecho numa direção inusitada, que passo a relatar agora.

O tempo do absurdo, que o mundo contemporâneo escancara, provoca no indivíduo uma espécie de síndrome de desrealização. Esta é fruto das tensões criadas pelo crescimento abusivo da tecnologia que trazem como resultado a fragmentação do eu, que perde sua relação com

18 F. Herrmann, *Psicanálise do cotidiano*.

19 H. Pellegrino, "A honra de ser inseto".

Kafka, o mestre do absurdo, é também mestre confesso de Herrmann, que paga seu tributo à obra kafkiana por considerá-lo, possivelmente, o melhor e mais realista intérprete do século XX

a história. Este novo homem torna-se descrente da substancialidade da realidade cotidiana. E como realidade e identidade são, numa acepção de forte teor fenomenológico, dois lados de uma mesma moeda, a uma crise na realidade corresponde uma crise de identidade. Portanto, o que Fabio Herrmann denomina *homem psicanalítico*, o Homem visto pelo olhar do método interpretativo, é justamente esse homem em crise<sup>18</sup>.

Se o paciente a nossa frente, sentado, deitado ou em pé, no consultório ou fora dele, é o *homem psicanalítico*, ele é o homem do movimento, o ser da revelação, do indeterminado, do vazio de significações pré-determinadas, numa palavra – o homem do absurdo. Desafiador para a criação, como a obra de arte para um artista, no momento em que vai realizá-la. Mas, na clínica, será este desprendimento sempre possível?

Kafka, o mestre do absurdo, é também mestre confesso de Herrmann, que paga seu tributo à obra kafkiana por considerá-lo, possivelmente, o melhor e mais realista intérprete do século XX, provavelmente aquele que será conhecido como o século de Kafka.

A estratégia narrativa de Kafka constitui em bulir com o absurdo: desrealiza o real para realizar o irreal, que considera o verdadeiro. O narrador, mergulhado na sensação de absurdo, penetra objeto e mapeia a alienação a partir de seu interior. O que causa incômodo, pois o narrador kafkiano ignora o que se passa a sua volta tanto quanto a personagem, fazendo o leitor experimentar a alienação dentro de si.

Hélio Pellegrino<sup>19</sup>, na interpretação rara por sua originalidade da obra-prima de Kafka, o romance *A metamorfose*, considera a transfor-



mação desumana de Gregor num inseto como uma redenção, ou seja, a única forma possível de se salvar da condição alienante em que vivia; a de ser o objeto de sacrifício da família. Se o processo de alienação na sociedade humana chegou a tal ponto que é impossível pensar num ser humano completamente desalienado, será que nós, analistas, que trabalhamos com uma prática desalienante, não corremos o risco, como Gregor, de nos desumanizar, por uma espécie de efeito colateral indesejável do abuso da “arte de interpretar”?

Será que, por seu efeito desvelador, podemos pensar em nosso método de trabalho como

uma das figurações, das mais privilegiadas, do absurdo reinante? E porventura o analista seja uma sorte de personagem kafkiano? Ou melhor, freudiano? Uma vez que Fabio acredita ser o analista uma personagem do grande enredo elaborado por Freud, através da criação e das peripécias do movimento psicanalítico<sup>20</sup>.

Ao prosseguir na pesquisa de uma clínica calcada no método psicanalítico, vê-se logo que as implicações da misteriosa condição de Gregor Samsa darão ensejo para muito o que pensar. Será que não estamos expostos a amanhecer, um belo dia, estranhamente transformados, como Gregor Samsa?

20 F. Herrmann, *A infância de Adão e outras ficções freudianas*.

## 66 Referências bibliográficas

- Barone L. (org.) (2002). *O psicanalista ontem, hoje e amanhã*, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Candido A. (1995). O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- Herrmann F. (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (1999). *A psique e o eu*. São Paulo: HePsiché.
- \_\_\_\_ (2002). Da clínica extensa à alta teoria: a história da psicanálise como resistência à psicanálise. *Percurso*, ano xv, nº 29.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (1998). *Psicanálise da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_ (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Flem L. (1994). *O homem Freud – o romance do inconsciente*. São Paulo: Campus.
- Freud S. (1900). *A interpretação de sonhos*. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vols. iv e v. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_ (1895). *Estudos sobre a histeria*. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_ (1914/1987). O manuscrito recém-descoberto – neuroses de transferência: uma síntese. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Monzani L. R. (1991). A fantasia freudiana. In: Prado Jr. B. *Psicanálise e filosofia*. São Paulo: Brasiliense.
- Orsini C. M. B. (2002). A operação de ruptura de campo em suas relações com a psicanálise, a clínica e a literatura. In: Barone L. (org.). *O psicanalista ontem hoje e amanhã*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pellegrino H. (1968). A honra de ser inseto. *Correio da Manhã*, 2 jun.
- Proust M. (1996). *Em busca do tempo perdido: À sombra das raparigas em flor*. São Paulo: Globo

## The wandering vessel

**Abstract** This paper depicts the work of Herrmann, considering the disturbing consequences of his isolation of the basic operation called *field rupture*, which triggers the analytical work. Within this context, the author proves through a case story that a dense and critically used literary text can support, on theoretical grounds, the clinical work.

**Key words** adolescence; vortex; psychoanalytical man; expectation of transit; literature and psychoanalysis .

Texto recebido: 11/2006.

Aprovado: 12/2006.

# Metáforas do tempo

um ensaio, *en hommage*

Osmar Luvison Pinto

**Resumo** As metáforas do tempo emergem naturalmente do pensamento de Fabio Herrmann, sustentando o que lhe é essencial – a vitalidade do método. Por meio de imagens, como a do tempo do calendário e o tempo da chuva, o artigo ilumina a dimensão temporal e metafórica presente em sua obra e na clínica psicanalítica.

**Palavras-chave** metáforas; tempo; método; técnica; clínica psicanalítica.

**Osmar Luvison Pinto** é psicanalista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor do curso de Atendimento em Orientação Familiar do Instituto Sedes Sapientiae.

– *Tá vendo* aquele quadro? – Fabio aponta para a tela do artista francês, um fauvista do século passado, no qual repousa seus olhos por alguns segundos e prossegue.  
– Ele desenha um pássaro e a essência do pássaro está *ali...*  
*Essa é uma característica dos grandes pintores: atrair nosso olhar para a essência das coisas.*

Se a palavra essência nos transporta à natureza íntima das coisas, ela se torna indispensável neste ensaio em torno da obra de Fabio Herrmann. Dos vários recortes possíveis, a escolha recairá sobre um aspecto que, em visada particular, transmite-lhe o espírito. É assim que surge a temática do tempo, freqüente habitante de sua escrita, um tempo metaforizado, interlocutor e interpretante.

A homenagem prestada por este número especial da revista *Percurso* nos envolve num campo que abarca tanto a obra de Fabio quanto sua ausência recente e é do tempo do luto que nos tomam de assalto passagens vividas, origem desse fragmento que nos serve como epígrafe. A lembrança aponta para um traço essencial de sua produção, que toma psicanálise e arte como reinos indissociáveis. Apreciando a pintura, sugeria que o analista deveria inspirar-se no gesto artístico: por situar-se no centro das forças de atração que se movem no campo transferencial, a ele caberia imantar o *olhar* de cada paciente para o que lhe é essência, na trajetória de exposições e recuos às marcas de seu desejo.

Costumeiramente, as noções de tempo que percorrem a Teoria dos Campos são apresentadas por meio de metáfo-



as metáforas do tempo  
criam o ambiente  
que concebe  
um analista  
entregue ao método  
e que por ele  
se deixa envolver,  
sem voluntarismos

ras. Ainda que ao tempo não se tenha concedido um estatuto preciso e não ocupe um lugar destacado na obra – como nos habituamos a reconhecer quando tratamos de *interpretação*, *de ruptura de campo*, *de inconscientes relativos* etc. –, a dimensão temporal ali está, evanescente, como veremos, cumprindo alguma sorte de função indicativa: ora sinaliza uma temporalidade para o sintoma, ora orienta o analista na apreensão do campo transferencial ou, o que é mais relevante, recupera-lhe o vigor metodológico, sugerindo recato diante do analisando para que se possa *deixar surgir* o campo que será objeto da interpretação. O pensamento de Fabio parece forjar-se num diálogo permanente com o tempo – tempo da interpretação, da patologia, da cura, do sonho. É um diálogo que põe em alto relevo a atitude parcimoniosa do analista se ele pretende se aproximar do que é essencial.

Sempre tendo em mente a preservação da capacidade heurística da psicanálise, nosso autor construiu um *sistema crítico*, uma *matriz de inclusão*, um *veículo de comunicação conceitual*. É que a Teoria dos Campos percorre a tensão existente entre dois aspectos do campo psicanalítico

que, com frequência se confundem: o método, sua essência; o dogma, seu desvio, a resistência à própria psicanálise.

Mas voltemos ao tempo e a seu lugar na teoria. Embora sua presença na obra seja constante, ela se dá por metáforas e parece atender ao propósito maior de auxiliar na comunicação daquilo que poderia ser nomeado por *confiança no método*. Esta sim, essência em nosso ofício e oportuna *recomendação aos analistas que exercem a psicanálise*, significa entregar-se à aventura da clínica, mas de modo sensível e informado, como Freud o fez em 1912 por meio de dois indicadores essenciais: a associação livre e a atenção flutuante.

As metáforas do tempo criam o ambiente que concebe um analista entregue ao método e que por ele se deixa envolver, sem voluntarismos. Este é um dos pontos mais inquietantes da produção campista, isto é, o perfil técnico do analista que emerge de uma teoria sobre a clínica psicanalítica – tomada freudianamente como cenário sem limites pré-estabelecidos, onde grassa a receptividade ao sentido humano e se consubstancia a arte do psicanalista.

Desde a criação da psicanálise, por caminhos bem distintos, muitos analistas se ocuparam do tema que queremos destacar na Teoria dos Campos. Fédida, por exemplo, em seu “Amor e morte na transferência”, nos surpreende com a observação de que “A temporalidade no tratamento é certamente o que Freud não examinou”, referindo-se às relações entre “o tempo para escutar, o tempo para entender, o tempo para compreender e o tempo para interpretar”, no seio de uma temporalidade ambígua na qual, “no atual, o analista ouve o inatual.”<sup>1</sup> Dentro de um outro recorte, o literário, Saramago nos apresenta o tempo como algo irredutível, que escapa às definições:

Se alguém me perguntar o que é o tempo, declaro logo minha ignorância: não sei. Agora mesmo ouço bater o relógio de pêndula, e a resposta parece estar ali. Mas

1 P. Fédida, “Amor e morte na transferência”, p. 49.

não é verdade. Quando a corda se lhe acabar o maquinismo fica no tempo e não o mede: sofre-o. E se o espelho me mostra que não sou já quem era há um ano, nem isso me dirá o que o tempo é. Só o que o tempo faz.<sup>2</sup>

Não se pode dizer *o que o tempo é*, só sendo tangível *o que o tempo faz*. Na obra de Fabio, por orientação metodológica estabeleceu-se um pacto que une método e tempo, e para isso estão as imagens. Se não há um lugar em que se examine especificamente a questão do tempo, ele é a bússola que aponta para o norte do método e semeia a clínica. Metáforas, em mãos cuidadosas, fazem com que resultem originais as incursões metapsicológicas, precisas as descrições nosográficas, inspiradas as reflexões em torno da técnica.

O que segue é a recordação comentada de duas metáforas do tempo, colhidas em *Tempo e entrelaçamento dos campos*<sup>3</sup>. Pelo viés temporal, o leitor recebe uma indicação que o remete ao texto originário, insubstituível. Paralelamente, destaca-se o pendor metafórico do psicanalista e escritor, artesão das palavras, que soube atrair nosso olhar para a essência das coisas. Da psicanálise, o seu método.

## O calendário e o tempo da neurose

De Freud aos nossos dias, a neurose tem ampliado seu espectro sintomático, processo que está em sintonia com as transformações culturais vividas desde então. O homem freudiano – em relação inelutável com a cultura, como criador e criatura – sempre trará em seu universo psíquico as marcas de seu tempo.

A história da psicanálise, inicialmente apoiada no tratamento da histeria e estendida a outros quadros neuróticos, atesta uma relação estreita entre o recalçamento que tem lugar na psique individual e os parâmetros disciplinadores que o sustentam no plano cultural: no final

2 J. Saramago, “O tempo e a paciência”, p. 187.

3 F. Herrmann, “Tempo e entrelaçamento dos campos”.

atualmente, como tudo que toca o universo sexual se tornou mais complexo, referências disciplinares se movimentaram, viraram do avesso, mas não deixaram de exercer seu papel complementar no recalçamento do viver neurótico

do século XIX, resquício da mentalidade predominante nos séculos anteriores, o desejo estava atrelado a um profundo senso de perturbação da ordem. Não que não o seja de fato, mas as coisas estão longe de se reduzirem tiranicamente a isso. O que importa é que conhecemos, por centenas de anos, a hegemonia de uma moral repressora da sexualidade que serviu de ambiente ao recalçamento.

Atualmente, como tudo que toca o universo sexual se tornou mais complexo, referências disciplinares se movimentaram, viraram do avesso, mas não deixaram de exercer seu papel complementar no recalçamento do viver neurótico. Ao contrário, tornaram-se mais insidiosas, confundindo-se com a normalidade. É à sombra da normalidade que se abriga a neurose em nosso tempo.

Um curioso calendário foi imaginado por Fabio para ilustrar o tempo bipartido do neurótico: nele, os dias em vermelho marcariam os momentos de celebração, sobretudo histórica, nos quais, em suposta fruição, erotiza-se algum objeto do mundo; já os dias em preto, em franca maioria como estamos habituados culturalmente a reconhecer, representariam os dias comuns, dedicados à falta e à insatisfação, desprovidos de sentido histórico, esvaziados de afeto.







o calendário  
é metáfora do tempo  
que assim caracteriza  
um sintoma, oferecendo-lhe  
contornos, mas também  
se presta como forma  
para que se esboce  
uma recomendação  
que realça a essencialidade  
do método

70

PERCURSO 38 : junho de 2007

O analista leitor é convidado por Fabio a acompanhar a metáfora da qual emerge o tempo binário da neurose como recurso a ser utilizado na prática clínica. Uma representação gráfica do tempo, o calendário e seus dias, alerta o clínico para a constituição de um campo transferencial típico das análises e que pode capturá-lo. Por uma espécie de divisão particular da experiência no sistema representacional do paciente, sob o manto do esvaziamento de sentido dos dias, o analista esperançoso se depara, de quando em quando, com um dia em vermelho, data em que se conta com a presença de algum sentido a dois (*comemoração*), momentos de certa porosidade na formação sintomática que permite o encontro, na presença de sentido e afetos diversos. Ocorre, porém, que brevemente o tempo neurótico trará a posterior recaída aos pontos negros do cotidiano, em forma de repetição.

A *celebração*, ato solitário que produz sinais de vida muito pontualmente, transforma-se em episódios de *comemoração*, em regime intermitente. Seria preciso reconhecer a temporalidade do ciclo neurótico para nele atuar. É aqui que entraria a possibilidade de atração que cabe ao analista, propondo comemorações, isto é, ilu-

minando os dias comuns, realçando-lhes os sentidos habitualmente desqualificados psiquicamente. Note-se que este modo de funcionamento temporal da neurose se encontra muito próximo de uma representação cultural da rotina, signo da normalidade proposta pelo calendário, aquele que fica acomodado em nossas agendas e paredes; com dias especiais e dias sem cor, realiza-se o tempo binário: de dias triviais só se pode esperar o viver um tanto desalmado, até que dias coloridos tragam alguma esperança de conforto e satisfação.

O calendário é metáfora do tempo que assim caracteriza um sintoma, oferecendo-lhe contornos, mas também se presta como forma para que se esboce uma recomendação que realça a essencialidade do método:

Para fugir a isso, é preciso recusar a celebração como momento especial. Consiste o trabalho analítico no campo da neurose em realçar os pequeninos momentos afetivos que mal se deixam ver e cuja quase supressão acumula a tensão necessária para uma explosão de afetos sintomática, essa que amputa a sequência histórica e repete a fantasia...

[...] não é dó nem carinho vulgar, é ruptura do campo desse tempo binário, que, uma vez cumprida, conduz à continuidade histórica indesejável para o sujeito da neurose porque expõe o corpo do desejo, escondido sob as vestes dos sintomas. O carinho que se pode ter com a neurose, em essência, consiste em acariciar-lhe a cabeça do tempo.<sup>4</sup>

Percorrendo o mesmo *Tempo e entrelaçamento dos campos* encontraremos um tempo analítico para a psicose, um tempo *quebrado*, *mas ininterrupto*, *como o martelar de uma linha de montagem*, *dissonante*, *porém rítmico*.

[...] No fundo de todo trabalho analítico, o tempo psicótico pode ser reconhecido como o martelar da recusa às possibilidades abertas pela interpretação. É uma forma de resistência inespecífica, não se opõe a

4 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 106-107.



um certo conteúdo, não o julga e o repele como perigoso, ataca por igual toda possibilidade de diferença.<sup>5</sup>

No centro de seu texto, deste cenário metafórico do tempo – de que são feitas as análises –, Fabio trata de um conceito tão discreto quanto central na Teoria dos Campos: o *sentido de imanência*. Em poucas palavras, é um senso inerente ao Eu, e por ele cultivado, que sustenta a crença nas representações que o definem como identidade – mantém viva a segurança de que o que faço, sinto ou penso me confere uma certeza identitária. Um sentido de imanência mais forte ou mais fraco determina a receptividade do sujeito aos movimentos da vida e das análises e, por conseguinte, estaria a determinar também o espaço psíquico que o Eu pode conceder às experiências que divergem da rotina interior pela qual se reconhece. O processo analítico desafia o sentido de imanência do analisando, tocando na ameaça de desestruturá-lo ao desestabilizar sua *identidade realizada*, o que é, paradoxalmente, a condição para a cura – e aí já estaríamos no campo da interpretação. Vale dizer que o analista tem igualmente seu *sentido de imanência* sob tensão em seu trabalho, assim estando exposto a várias formas de resistência.

*Sentido de imanência* é um conceito que aparece articulado com vários outros – resistência, cura, identidade etc. – e, por sua delicada mediação, observamos que o pensar de nosso autor não abandona sua referência temporal:

O manejo eficaz desse tempo reiterativo da “identidade realizada”, tal como o tempo da neurose, envolve a transformação de celebração em comemoração. Aqui, contudo, não é propriamente a história que deve ser re-introduzida, mas a capacidade ficcional, a criação de histórias fantásticas, justa e paradoxalmente o que resulta impossível para um delirante.<sup>6</sup>

É provável que a representação de uma realidade material e passível de verificação –

5 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 109.

6 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 110.

»  
definida pelo negativo,  
tomada como universo  
oposto àquele  
da realidade, a ficção  
encontra seu refúgio  
na literatura,  
o reino *análogo*  
ao da psicanálise  
segundo nosso autor

há séculos proposta pela física newtoniana e pelo conjunto de leis oriundas das ciências naturais – tenha levado nossa cultura a uma relação controversa com a ficção. Definida pelo negativo, tomada como universo oposto àquele da realidade, encontra seu refúgio na literatura, o reino *análogo* ao da psicanálise segundo nosso autor, espaços nos quais o enredo ficcional pode grassar com desenvoltura e naturalidade. Surpreendentemente, no meio psicanalítico, a convivência com a ficção ainda se mostra instável, talvez em função do enrijecimento com que os modelos de investigação e de transmissão psicanalíticas tenham tratado a noção supostamente antípoda, a de realidade. Fabio Herrmann se ocupa desta tensão, num pensamento que ultrapassa o modo biunívoco de conceber os conflitos humanos para, em perspectiva, em ambiente tridimensional, teorizar a lógica que opera na concepção do realismo.

Aqui o conceito de *sentido de imanência* é de grande utilidade. É que na Teoria dos Campos *identidade e realidade* surgem como noções profundamente ligadas. Sendo ambas representações criadas e cultivadas pelo Eu e que se definem em contigüidade, encontram-se em instável equilíbrio: inerentes ao viver humano, são repre-



o sonho foi objeto  
de um dos últimos  
trabalhos de Fabio,  
pertencentes a uma fase  
mais recente –

*Da clínica extensa  
à alta teoria –  
meditações clínicas –,*  
ainda não publicado

72

PERCURSO 38 : junho de 2007

sentações asseguradoras de uma proteção necessária ao indivíduo e à cultura contra as moções caóticas do universo pulsional; por outro lado, o culto à segurança e à proteção pode representar o engessamento da dinâmica psíquica com custos nada desprezíveis para o sujeito. É que a realidade, quando se instala como princípio regente ao qual o sujeito deve permanecer sintônico, acaba por embalá-lo num berço totalitário e resulta em recrudescimento de seu mundo psíquico. O esforço adaptativo do sujeito, se o é em demasia, resulta nos quadros patológicos que conhecemos.

A resistência à psicanálise, na pessoa do analista ou em sua dimensão institucional, também pode, em nome da própria psicanálise, rejeitar o universo ficcional de que somos feitos e, por estrita fidelidade à realidade, colar-se aos parâmetros de *realidade histórica* ou de *dados de realidade*, alinhando-se ao teor adaptativo da própria doença por ele engendrada.

A que coisas, em aparente ingenuidade, uma metáfora do tempo pode nos levar pela pena do escritor! Sem nos desviarmos mais, sem adentrarmos este campo temático apaixonante que examina *identidade e realidade*, caberia apenas indicar ao leitor uma das pérolas da obra onde esta reflexão se desenvolve, por es-

sencial que é: “O escudo de Aquiles”, trabalho no qual a representação nos é apresentada em sua *função defensiva*, como proteção inerente ao humano diante do *real*, o universo formado por toda sorte de paixão humana, “magma borbulhando sob a organização do cotidiano”<sup>7</sup>.

### A chuva e o tempo do sonho

O sonho foi objeto de um dos últimos trabalhos de Fabio, pertencentes a uma fase mais recente – *Da clínica extensa à alta teoria – meditações clínicas –*, ainda não publicado. Com o mundo onírico manteve uma íntima interlocução, e a ele conferiu absoluta relevância ao pensar no processo de formação do analista.

Genericamente, a metáfora na escrita literária de Fabio parece atender a dois propósitos que, simultânea e mutuamente, se alimentam no percurso analítico. Um deles sustenta a idéia essencial, filha do método, na qual a interpretação psicanalítica é instrumento de abertura a sentidos possíveis, área de movimentos divergentes, do ponto de vista do analisando. Portanto, abordagem que está na contra mão de uma visão naturalizada das coisas, a do desvio metodológico, que associa interpretação ao encontro do “sentido verdadeiro” que deve ser comunicado ao paciente. O outro propósito a que se destina a metáfora é o de provocar a sensibilização radical do analista, operando na abertura de seus próprios sentidos, sintonizando-o ao método.

Seguindo a tradição freudiana, Fabio escrevia como quem conversa com o leitor. Dialogou com o analista desafiado pelos poderes paralisantes da transferência – que podem se manifestar pelo tédio, sono ou, simplesmente, pelo passivo assistir da repetição de forma e conteúdo por sessões a fio – para oferecer-lhe possibilidades de retorno à água corrente da escuta. Como resistência é algo que também está na órbita representacional do analis-

7 F. Herrmann, “O escudo de Aquiles”, in *O divã a passeio*, São Paulo, Brasiliense, 1992, p. 169.

ta, alguma sorte de inspiração seria necessária para que se rompesse o circuito. Pelo poder sensível da palavra do escritor, o analista pode encontrar seu quinhão de abertura sensorial. Na qualidade de fertilização que tonifica a atenção flutuante, a imagem reconduz o clínico à fluência do método. A metáfora estimula os sentidos do analista.

O sonho, na perspectiva metafórica do tempo, mostra-se tão cíclico como são as estações do ano:

O tempo do sonho pode ser comparado ao da chuva. Vem por estações durante uma análise, fertiliza-a, e segue um movimento ternário mas contínuo de concentração, precipitação, disseminação. O momento do sonho e seu relato na sessão não são o sonho inteiro para o analista. Como a concentração de água que se evapora e forma nuvens, temas psíquicos, dotados de tensão emocional, vão-se acumulando e começam a ser sonhados silenciosamente, na vigília...<sup>8</sup>

O sonho, tratado metaforicamente e cotejado ao tempo, impõe uma noção de cuidado. Assim nos é dado conhecer uma condensada amostra da concepção de cura que atravessa a teoria: lastreia-se o analista na observação do tempo que rege a natureza de cada processo. Dessa espécie de intimidade engendra-se o manejo da clínica, em forma de interpretação.

Com o sonhador, o analista sonha simpaticamente, deixando-se levar pela iluminação que o sonho propicia, sem pressa, esperando que a precipitação insemine-lhe as idéias, para poder operar no mesmo ritmo do campo onírico.<sup>9</sup>

O tempo do sonho, na forma como é apresentado, propicia o surgimento de um tempo no qual, pelo influxo onírico, o analista se deixa sensibilizar. Estabelecida a sintonia temporal, estabelece-se também, conjuntamente, uma orientação para a técnica:

8 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 114-115.

9 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 116.

10 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 116.

»  
o sonho, tratado metaforicamente e cotejado ao tempo, impõe uma noção de cuidado. Assim nos é dado conhecer uma condensada amostra da concepção de cura que atravessa a teoria: lastreia-se o analista na observação do tempo que rege a natureza de cada processo

[...] a função do analista é aqui também comemorativa ou de recordação; ele pugna por manter o sonho à tona por um tempo mais largo do que espontaneamente se daria e por acompanhar seu movimento de disseminação e nova concentração; pôr-se em fase com o campo do sonho é nossa tarefa principal e nada fácil, pois em nós também operam resistências.<sup>10</sup>

Sonho e tempo estão a sugerir uma idéia importante, a existência de uma *intimidade da clínica*. Postula-se assim um objeto um tanto inusitado que figura como alvo da resistência do analista: a intimidade como conjunto dos fenômenos que se expressam no interior das análises. O trabalho com o tempo do sonho – e, de maneira mais ampla, com a metáfora – presta-se à representação viçosa do método, sempre destacado em contraste com a atmosfera passional que o descaminha.

As metáforas do tempo criadas por Fabio nos transportam à essência de sua obra e podem ser comparadas ao traço do artista: na condição de imagens criadas pela palavra, abrigam a natureza íntima do método psicanalítico, aquela que guarda os espaços para o devir.

## Referências bibliográficas

- Fédida P. (1988). Amor e morte na transferência. In: *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.
- Herrmann F. (1991). Tempo e entrelaçamento dos campos. In: *Clínica psicanalítica – a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1992). O escudo de Aquiles. In: *O divã a passeio*. São Paulo: Brasiliense.
- Saramago J. (1996). O tempo e a paciência. In: *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras.

## Metaphors of time: an essay, *en hommage*

**Abstract** Metaphors of time emerge spontaneously from Fabio Herrmann's thought, sustaining what is in itself essential – the vitality of the method. Through images such as “the time of the calendar” and “the time of the rain”, this paper highlights the metaphoric and temporal dimensions present in his writings and in psychoanalytical practice.

**Key words** metaphors; time; method; technique; psychoanalytical clinic.

Texto recebido: 1/2007

Aprovado: 2/2007

# Crença e preconceito

Gislainne Magalhães de Sá

**Resumo** No texto, o tema da adoção é considerado uma zona de preconceito. Foi possível concluir que, quando a riqueza de singularidades que envolve as relações é ignorada, corremos o risco de encontrar dificuldades, sejam elas com crianças adotivas ou com crianças geradas pelos próprios pais. Finalmente, nota-se que os problemas em casos de adoção, quando existem, só serão passíveis de serem elucidados fora da zona de preconceito.

**Palavras-chave** adoção; preconceito; crença; representação.

**Gislainne Magalhães de Sá** é psicóloga, mestre em psicologia clínica pela PUCSP, membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos).

O sentido de um conceito teórico está dado, em grande parte, por sua produção: a teoria significa o processo que a cria e a utilização que se lhe dá. [Fabio Herrmann]

Tomando a psicanálise como método de investigação e a Teoria dos Campos como instrumento, analiso a experiência de adoção pondo em relevo que situações diferentes dos padrões sociais e culturais estabelecidos exigem grande esforço para poderem ser aceitas tal qual se apresentam, precisando, muitas vezes, sofrer uma espécie de enquadramento às regras tradicionais. Essa parece ser a condição dada às diversidades individuais quando o campo do preconceito se instala.

O tema da adoção evoca o desamparo e nos remete ao abandono, sentimentos difíceis de tolerar. Quem sabe, este seja um dos motivos pelos quais haja grande disposição em *ajeitar* as situações ditas *conflitivas em adoção*. Fala-se, à exaustão, em situações nas quais a adoção aparece como um acontecimento especialmente carregado de dificuldades. Entretanto, toda sorte de conflitos pode afetar o ser humano, levar a desajustes que não são maiores nem diferentes daqueles encontrados em crianças geradas pelos próprios pais. Conforme pude observar, as adoções tidas como *problemáticas* são cercadas por episódios nos quais a criança é vista como alguém que vem de fora, *alienígena* em relação à família, como alguém sem dono, de quem se pode, no máximo, tomar posse e *domesticar*, no sentido de tornar doméstico, com o *jeito do dono*. É verdade, também, que a falta de permissividade, a inexistência de espaço



em minha prática clínica,  
comumente encontro na relação  
familiar com a criança adotiva  
dificuldades ligadas a preconceitos  
e aspectos estigmatizantes

para acolher as singularidades da criança não ocorrem somente com o(a) filho(a) adotivo. Há crianças às quais só resta ocupar o lugar de *molde*, conforme o que a família criou para elas.

Porém, em minha prática clínica, comumente encontro na relação familiar com a criança adotiva dificuldades ligadas a preconceitos e aspectos estigmatizantes. A família, com bastante frequência, imputa uma identidade à criança, dando-lhe a função de assemelhar-se a ela, transformando-a num emblema.

Tentativas para evitar tais problemas dão lugar a soluções próximas ao pensamento mágico a respeito de *como fazer*; verdadeiras *receitas* para que tudo dê certo, num evidente convite ao *prêt-à-porter*. Penso que talvez seja uma busca para mitigar a angústia e o sofrimento provocados pelo contato com o desamparo. Para nos defender da dor, acreditamos nos apropriar daquilo que pensamos buscando colocar o pensamento onde temos vontade (em geral, onde necessitamos). Isto nos dá a ilusão de domínio e controle.

As fórmulas, as receitas generalizadas de que lançamos mão para dissimular nossas incertezas são as formas que a *crença* utiliza para estabilizar um pouco certas representações da adoção, desconhecendo que cada situação demanda um único e particular olhar. O termo *crença*, aqui, tem o sentido, dado por Fabio Herrmann na Teoria dos Campos, de função que sustenta as representações de um indivíduo. Para o autor, “o homem está presente no mundo de duas maneiras diversas: há uma integração que cria mundo e homem – real ou desejo – conforme pareça operar a partir do exterior ou do interior da subjetividade. [...] A representa-

ção é a outra maneira de minha presença, em que já atua a *crença*”<sup>1</sup>.

A Teoria dos Campos concebe a função defensiva da representação, por analogia a um escudo, como uma superfície representacional com duas faces virtuais: uma interna, a superfície da identidade, e a outra externa, a realidade (o mundo que conhecemos) – como representações do real<sup>2</sup>. A *crença* age para manter um compromisso entre realidade e identidade, adequando uma a outra. Reassegurada a face externa, crê-se na realidade; reassegurada a face interna, crê-se na identidade. Quando há uma *crença*, por assim dizer, saudável, que na Teoria dos Campos chamamos de *crença modal*, ela exerce sua função sem muito esforço, de modo imperceptível. Nesse caso, as representações não implicam dúvida ou suspeita, simplesmente acreditamos no que pensamos e no que vemos. Quando fazemos algo sem qualquer tipo de *fé* ou alarde, podemos falar em *crença modal*. Penso na adoção como um exemplo específico da *crença modal*, quando o ato de adotar um filho equivale à certeza na existência da filiação simbólica. Esta seria a condição de investir afetivamente numa criança como filho ainda que esse não tenha nascido de si. A *crença* sustenta a possibilidade de a mulher sentir-se mãe de uma criança que, embora não tenha gerado, é *seu* filho ou filha sem nenhuma dúvida. Penso que, dessa forma, o ato de adotar toma, metaforicamente, a expressão da *crença modal* em seu *modus operandi*, a qual reassegura as representações de maternidade/paternidade.

A *fé* difere da *crença modal*. É tomada como uma doença da *crença*, porque sua função de sustentar as representações torna-se muito fraca, necessitando ser reforçada, de modo a ficar mais aparente: *grita* aos olhos e ouvidos. Ainda utilizando o exemplo anterior, seria como se esse mesmo casal, ao adotar uma criança, a todo o momento exigisse e esperasse, da parte

1 F. Herrmann, *Psicanálise da crença*, p. 36.

2 É assim que Herrmann trata o problema da representação no texto “O escudo de Aquiles: sobre a função defensiva da representação”, *op. cit.*, prólogo.



dela, comportamentos, atitudes e emoções que lhes garantissem e confirmassem o *lugar de pais* daquele filho. Nesse caso, é a *crença* que não se mostra suficiente, e as demonstrações são solicitadas pela necessidade de reassuramento. Quanto mais frágil for a função da crença, maior a dificuldade para examinar as situações por ângulos diferentes, particularizados, de forma singular. Segundo Fabio Herrmann, a crença aí se estabelece na forma de preconceito. A crença modal sustenta *indiferentemente* qualquer representação; na forma de preconceito, só a representação que lhe *convenha*. Apenas a lógica do preconceito serve de testemunho à realidade. O preconceituoso *sabe* das coisas, tem tanta certeza de sua *verdade*, que nos faz lembrar daquele epigrama de Oscar Wilde<sup>3</sup>: “A base do otimismo é o verdadeiro terror”. Tamanha é a *fé* do preconceituoso, que se autoriza a *lançar fogo* em tudo que for diferente de si.

Se usarmos a adoção como modelo, é possível notar como a crença toma a forma de fé. A situação de adoção denuncia o preconceito à medida que o olhar da sociedade dirigido aos adotados mostra-se generalizado: fica entre a compaixão e a curiosidade. Na maior parte das vezes, com um sentido depreciativo, estigmatizando-os por este adjetivo: *adotado*. Nota-se que, independentemente das inúmeras características que o indivíduo possua, sendo ele homem ou mulher, adulto ou criança, branco ou negro, pobre ou rico, sensível ou insensível, bonito ou feio, pacífico ou agressivo, casado ou solteiro, a pessoa será discriminada e designada pelo termo preconceituoso: *adotado*.

Entendo, assim, a adoção como zona de preconceito: um investimento grande da crença, para manter as zonas onde a superfície identitária é frágil. O preconceituoso tem uma visão de mundo que se divide entre representações convencionais e representações de ex-

o preconceituoso tem  
uma visão de mundo  
que se divide entre representações  
convencionais e representações  
de exceção às convencionais

ceção às convencionais. Só a sua concepção é acreditada como identidade, como um núcleo rígido de representações. As representações diferentes desse núcleo são desacreditadas como identidade, ficando de fora. Fabio Herrmann esclarece que na superfície representacional “de um lado, fica o sujeito desconfiado, suspeito, zelando por sua identidade extremada; de outro o acúmulo dos elementos negados, mas que se conservam a título de exceções”<sup>4</sup>. Na identidade extrema, cuja crença é muito exigida, o modo dominante de reassuramento é o preconceito tornando-a *território* vizinho, muito próxima mesmo, da identidade psicótica, para a qual só existem certezas; e as dúvidas e suspeitas são completamente abolidas.

O autor observa ainda que o “preconceito propõe a representação de uma idéia geral”<sup>5</sup>. Quando a representação é genérica, existe a tendência a fixar regras, “[...] é ao regime que cria essa zona de reconhecimento obrigatório, construída por meio de uma redução drástica de diferenças, que cabe o nome de moralidade”<sup>6</sup>. É nesse sentido que, ao considerar a adoção como zona de preconceito, afirmo que a criança adotada corre o risco de ter sua identidade *restringida*, pois, antes mesmo de poder expressar suas peculiaridades, está submetida à tendência a torná-la classificada e estereotipada. Dela é exigido incomensurável esforço, diante de tal ameaça de opressão, para que sua singularidade seja preservada. As representações da adoção, via de regra, constituem um repertório reduzido, categorizando e promovendo modelos e critérios definidos. Trata-se de representações preconceituosas, cuja base são experiências incompletas.

3 O. Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, p. 95.

4 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 138.

5 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 91.

6 F. Herrmann, *Psicanálise do cotidiano*, p. 114.



“falar sobre adoção com a criança  
lhe confere um sentido  
de reconhecimento das marcas  
inscritas em seu inconsciente”

[Silvia Bleichmar]

Geralmente a adoção suscita nas pessoas um sentimento de *inclusão irrestrita* do adotado (por *dó* tudo é explicado e relevado), ou a outra face da mesma moeda, de *exclusão* (por intolerância às diferenças). Parece ser um terreno fértil para a lei do tudo ou nada. E aí encontramos dificuldades, pois com o desconhecimento da possibilidade de variedades subjetivas, de inumeráveis constituições possíveis, não há espaço para novas representações. J. Leon Crochick sugere que desconfiemos da segurança que pode prescindir da dúvida, porque “a ausência de hesitação colabora para a fixação do preconceito”<sup>7</sup>. O autor vê o preconceito como resposta aos conflitos existentes na luta pela sobrevivência, presente na adaptação do indivíduo ao processo cultural.

Investigando o tema da adoção na literatura psicanalítica, selecionei alguns autores, e respectivos recortes, para exemplificar modos pelos quais o assunto é tratado:

Françoise Dolto: “[...] Os pais adotivos só são pais sadios se sempre se apresentarem claramente como substitutos delegados direta ou indiretamente pela genitora”<sup>8</sup>.

Miriam Szejer: “[...] Ao não dizer nada à criança adotiva, mesmo com a intenção de evitar que sofra, a família pede à criança que se conforme a um modelo de criança que ela não é”<sup>9</sup>.

Silvia Bleichmar: “[...] falar sobre adoção com a criança lhe confere um sentido de reconhecimento das marcas inscritas em seu inconsciente”<sup>10</sup>.

Angel Garma: “[...] En el tratamiento de los niños adoptivos debemos tener en cuenta [...] la madre adoptante carece de las características de lo familiar”<sup>11</sup>.

Donald W. Winnicott: “[...] A adolescência das crianças adotadas não é igual à das outras crianças. [...] É absolutamente necessário que as crianças adotadas sejam informadas sobre os fatos da vida... as crianças adotadas precisam receber respostas completas e ser ajudadas a fazer perguntas certas”<sup>12</sup>.

As considerações acima, embora fundamentadas por inegável experiência, esbarram no infrutífero quando tomadas com a função de determinar a conduta ideal a ser seguida. Nesse caso, algumas se assemelhariam a receituários de prescrições médicas, com diferença de nuances apenas no tom imperativo. É fato que várias das sentenças citadas incluem o termo *deve* e sucedâneos como *é necessário*, *é imprescindível*, *é indispensável*, *é obrigatório*.

Em trabalhos acadêmicos consultados sobre o mesmo tema, é possível observar colocações um tanto quanto categóricas, em discursos que se voltam para o *como deve ser*, quase sempre deixando de lado a investigação do objeto considerado para passar diretamente a lições acerca de como proceder. Algumas dessas colocações dizem respeito a profecias quanto ao futuro da escolaridade da criança adotiva caso as *receitas* não sejam seguidas. São comuns comentários sobre dificuldades de a criança adotada adquirir conhecimentos, acompanhados pela convicção de que isso se deve ao *fato* de que o *ato de saber* remete a criança a angústias relativas à sua origem. Deparei com recomendações que sugerem data adequada para a *revelação*, sob pena de efeito traumático e deteriorante sobre o ego infantil, caso não seja observado o *período conveniente*: a latência. Esse é considerado o momento oportuno para a revelação porque então não se criam dificuldades para a elaboração do complexo de Édipo. Encontrei também, nos referidos tra-

7 J. L. Crochick, *Preconceito – indivíduo e cultura*, p. 11.

8 F. Dolto, *Os caminhos da educação*, p. 234.

9 M. Szejer, *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*.

10 S. Bleichmar, *A fundação do inconsciente: destinos de uma pulsão, destinos do sujeito*, p. 83.

11 A. Garma, *Más allá de la adopción*, p. 139.

12 D. W. Winnicott, *Pensando sobre crianças*, p. 133.

balhos, associação entre a criança ser adotada e apresentar hiperestesia. O sintoma decorreria de *marcas de rejeição* adquiridas na vida intra-uterina, capazes de produzir intensas angústias que só poderiam ser expressas por meio da ação motora. Assim, alguns trabalhos pressupõem que toda criança dada à adoção o fosse por *falta de amor*, ou que ao filho natural estivesse garantida a ausência de sentimentos de rejeição. Há, também, textos que abordam a probabilidade de que a criança adotiva tenha *perturbações nas relações de objeto*, devido à separação brusca e precoce da mãe natural. Esses, entre outros, parecem ser enunciados estereotipados, por vezes intolerantes e restritos, contendo *certo ar profético*. Ou seja, de acordo com o antes mencionado, não levam em conta as inúmeras questões e as singularidades contidas no processo.

Talvez pudéssemos dizer que a adoção, como zona de preconceito, diz respeito à sociedade moderna e contemporânea, uma vez que a história nos remete a horizontes bem diversos daquele que se tem hoje, ao se tratar de adoção. Na Antigüidade Clássica, especificamente no Império Romano, a adoção era muito comum e freqüente. Para se ter uma idéia, nenhum dos Césares teve por sucessor um filho legítimo. Foram todos sucedidos por seus filhos adotivos, embora alguns imperadores até tivessem filhos *varões*. Mas, não havia afinidades entre eles nem de caráter, nem de ideais de poder, nem de coragem bélica. É o caso de Júlio César, assassinado por Brutus – no caso não era filho legítimo – e que foi sucedido por Augustus, seu filho adotivo.

Ainda assim, outros imperadores após a era dos Césares tiveram sucessores legítimos e não legítimos. Utilizo exemplos de um período da história, em que a situação de adoção era usual, como recurso de distanciamento para refletir sobre a experiência de adoção na atualidade. Mas nada garante que o conhecimento do passado, a aquisição da cultura, no caso a respeito de outros sentidos da adoção, dê *flexibilidade aos espíritos* e um olhar complexo para essa situação, ainda assim tida como *incomum e desconhecida*.

»  
na maior parte das vezes,  
a simplificação e a generalização  
de experiências complexas  
estão relacionadas com dificuldades  
para apropriar-se da cultura

Na maior parte das vezes, a simplificação e a generalização de experiências complexas estão relacionadas com dificuldades para apropriar-se da cultura. Um meio de fazê-lo seria transformar o acesso à cultura em aliado *na reflexão do universal pelo particular*, conforme sugere Leon Crochick, compreensão que pode dar nova luz ao já estabelecido. Talvez até esclarecer idéias e situações que trazem tantas incertezas.

A identidade de uma pessoa se enriquece se, além das experiências individuais, ela for capaz de integrar em sua vida a cultura, a memória e o passado. O binômio experiência/conceito pode levar a diferentes perspectivas, ao considerar o que é único e próprio, sem eliminar o não sabido. Mas é provável que, diante da insegurança que o desconhecido traz, haja uma tentativa de manter o já vivido pronto, reconhecido. Esta forma de lidar com o inusitado contribui freqüentemente com movimentos reacionários e preconceituosos.

Já referi acima autores cujas colocações ficam na zona de preconceito que o tema da adoção evoca, passando por cima das situações particulares de cada caso. Aprisionam, assim, todos os envolvidos no *campo*, em que ninguém tem lugar para ser o que pode ser, e restringem as variedades de representações possíveis às determinações das análises feitas. Para dar mais um exemplo, alguns falam, de forma generalizada, das carências *afetivas*, de um modo tal que, como comenta Fabio Herrmann, “não deixa lugar à questão das carências *efetivas*, ou seja, de todo o complexo sistema de condições concretas do sujeito, do

meio familiar e da sociedade em geral que gera rendimentos emocionais distintos em crianças distintas”<sup>13</sup>.

É óbvio que, conforme suas condições psíquicas, os pais serão piores ou melhores, independentemente de serem adotivos ou não. Cabe lembrar também as palavras de Radmila Zygouris: “Nem todo acontecimento dramático é necessariamente traumático”<sup>14</sup>.

Além disso, ainda que haja patologia de relações familiares envolvendo adoções, essa só será passível de análise efetiva se nos colocarmos sem nenhuma conclusão *a priori*, de fora da

zona de preconceito. Distanciar-se desta me parece ser a possibilidade de considerar cada questão que surja a respeito de uma dada história de adoção, com todo o novo, o único e o desconhecido que a situação possa trazer. Quando o que sentimos se modifica, modificam-se também as nossas experiências.

Às pessoas envolvidas resta percorrer o caminho escolhido, sem qualquer certeza ou garantia obrigatória, com todos os riscos e injunções que o acaso semeia. O lugar de filho(a) vai se construindo na dinâmica e na riqueza das relações da vida familiar.

13 F. Herrmann, *op. cit.*, 1997, p. 108.

14 R. Zygouris, p. 229.

## 80 Referências bibliográficas

- Bleichmar S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de uma pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Crochick J. L. (1995). *Preconceito – indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe.
- Dolto F. (1998). *Os caminhos da educação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Garma A. (1985). *Más allá de la adopción*. Buenos Aires: Epsilon.
- Herrmann F. (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Psicanálise da crença*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Szejer M. (1999). *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*. Trad. Cláudia Berliner e M. Lúcia A. Gutierrez. São Paulo: ABREP – Casa do Psicólogo.
- Wilde O. (1972). *O retrato de Dorian Gray*. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Aguilar.
- Winnicott D. W. (1977). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zygouris R. (1995). *Ah! As belas lições!*. Trad. Caterina Koltai. São Paulo: Escuta.

## Belief and prejudice

**Abstract** In this text, the theme of adoption is considered as a zone of preconceptions. It was possible to conclude that when the richness of the singularities involving the relations is ignored, the risk is run of, in effect, finding difficulties; be they with adopted children or with children born of their own parents. Finally, it is noted that the problems in cases of adoption, when they exist, will only be passive of elucidation outside of the zone of preconceptions.

**Key words** adoption; prejudice; belief.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 2/2007

# O grande sedutor

Suzete Capobianco

**Resumo** Este artigo procura mostrar alguns dos conceitos formulados por Fabio Herrmann no âmbito da Teoria dos Campos, sua maior contribuição à Psicanálise, reportando um entrelaçamento entre sua fala e minha apreensão desta num debate em que éramos co-participantes, cujo tema era a Arte da Interpretação. Tento mostrar ao vivo como era nosso modo de trabalhar juntos e seus resultados.

**Palavras-chave** arte da interpretação; autoria; eclipse do autor; ato falho a dois; ruptura de campo.

**Suzete Capobianco** é psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP, membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos).

Houve uma vez, no distante século xv, um magnífico monastério na cidade de Kioto, conhecido como Pavilhão Dourado. Conta-se uma história, aparentemente verdadeira, quase tão harmoniosa e tremenda quanto o próprio edifício, que um homem, visitando o templo, apaixona-se de tal maneira por sua beleza que já não consegue pensar noutra coisa. Torna-se monge. Ainda assim, sua obsessão pelo Pavilhão Dourado não é mitigada. Segundo antiga crença oriental, porém, esse gênero de encanto por um objeto só pode ser quebrado com o próprio desaparecimento do objeto em causa. E é assim que em 1950 nosso homem incendeia o Pavilhão Dourado, que arde até o chão. Cinco anos depois é reconstruído, com a aparência original e, em 1987, coberto de folhas de ouro, o Grande Sedutor.

Assim me foi contada essa história que, cumprindo o destino das boas histórias, fez-se escutar em sua diferença, conduzindo-me para além dela, a outros lugares.

De imediato um arrepio percorreu-me. O que haveria nela de tão perturbador? Um arrepio nos engana à primeira vista, despista a definição que carrega: percorre o corpo fugidamente e não pára para segundas apresentações. Nesse caso, recomenda-se usar seu método e correr atrás dele como ele corre dentro de nós. Viajar num relâmpago, em busca de uma aparição cujos rastros se espera encontrar, apesar da velocidade. A velocidade protege a idéia.

Antes do arrepio havia histórias, eu me lembro.

Deixei-me guiar pelas associações, que me conduziram a um outro sinólogo, também habitante do mundo das histórias bem contadas: Kien, protagonista do livro *Auto de Fé*, de





Um auto é uma encenação de conteúdo religioso ou moralizante, característico do teatro medieval

Elias Canetti. Esse estudioso do Oriente tinha sua vida de tal modo ligada à sua paixão que o destino lhe reservou um final igual ao do monge de Kioto: amante dos livros e de sua biblioteca, acabou por incendiá-la.

Um pouco cedo para saber, mas não para perguntar: o que poderiam ter em comum o ar-repio, o monge de Kioto e o livro de Canetti?

Tomei a pista da palavra *Auto* que me veio pela lembrança do Auto de Fé.

Um auto é uma encenação, um poema dramático, de conteúdo religioso ou moralizante, característico do teatro medieval. “[...] a palavra nessa acepção provém do latim *actus, us* = movimento, impulso, ação, representação de peça teatral. Prende-se ao verbo *agere* = pôr em movimento”<sup>1</sup>.

Auto de fé, por sua vez, significa a cerimônia em que eram proclamadas e executadas as sentenças do Tribunal de Inquisição. Por extensão metonímica, ficou sendo também o suplício dos penitentes pelo fogo ou simplesmente a destruição pelo fogo, queima.

A cena, entretanto, não era apenas o atear fogo ao templo ou à biblioteca para onde fui levada. Exemplar da obra de arte psicopatológica, no melhor estilo herrmanniano, revestiu-se de aguda pontaria literária e revelou aquilo que não sabemos de nós e que em nós se realiza. Desse modo contada, reforçava o caráter de encenação e suprimia com aguda delicadeza os autores do ato.

Nessa cena desaparecia, ou melhor, agonizava subliminarmente, a relação entre o agente da ação e seu autor. Fazia surgir uma pergunta pela autoria: Quem fez? Quem faz? O templo fez? A biblioteca fez? Ou fui eu que inventei como um ato de arbítrio que não guarda nenhuma *adequatio* da representação à coisa e, portanto, não estando em conformidade, não é verdade e estou eu a praticar minhas encenações privadas? Minha loucura privada?

Ora, como em toda obra de arte, não é o aspecto da confecção ou da utilidade ou adequação da representação à coisa que nos revela sua essência.

Tendo sublinhado o primeiro termo da expressão *arte da interpretação*, busquei em Heidegger algo como uma boa palavra. Em seu ensaio “A origem da obra de arte”, afirma:

A obra de arte abre, no seu modo próprio, o Ser dos seres. Essa abertura, esse descobrimento, isto é, a verdade dos seres, acontece na obra. Na arte, a verdade do que é começa a se manifestar. Arte é a verdade funcionando<sup>2</sup>.

Aqui se trata da arte da interpretação. Nesse sentido o artista é o intérprete. A ele é dado o fazer, a obra, que, assim feita, se abre. Ao fazê-lo, traz à luz o que não era possível ser visto enquanto nosso olhar se tranqüilizava com a familiaridade do que estava ao redor – um templo, um livro, alguém contando uma história.

O ser esconde-se nessa familiaridade e é um trabalho de arte que pode remover, desse bloco de pedra, figuras ou cenas. A arte permite à verdade originar: ser origem, fundar, ser o chão, fundamento. Recolhe o escondido que há nos seres e, ao formulá-lo, o descobre como verdade (sentido grego de verdade como des-velamento)

A verdade acontece apenas ao estabelecer-se no conflito e esfera abertas pela verdade ela mesma. Pois sendo a verdade a oposição entre clarear e esconder, a ela pertence o que se chamará estabelecer-se. A verdade não existe em si de antemão, em algum lugar entre as estrelas, mas apenas depois de descer num lugar qualquer entre os seres<sup>3</sup>.

Aqui, a arte é o próprio ato de interpretar. O autor<sup>4</sup>, como aquele que faz nascer, não é o ator da ação – o monge que atea fogo –, mas o intérpre-

1 Pesquisa realizada nas seguintes fontes: *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha e *Pequeno dicionário de arte poética* de Geir Campos.

2 M. Heidegger, “The origin of the work of art”, p. 39 (tradução livre da autora).

3 M. Heidegger, *op. cit.*, p. 61 (tradução livre da autora).

4 *Autor* vem do latim *auctor, oris* = o que produz, o que gera, o que faz nascer. E ainda *augere* = fazer crescer, aumentar, amplificar.

te. Ao nomear o relato, concisamente, “O grande sedutor” nos aproxima dessa verdade potente, que revela o desfazimento de conexões autorais ou seu lugar pré-determinado. A idéia-chão da psicanálise, a existência de um inconsciente que age em nós, autor sem substância, agente retro-constituído pelas histórias que dele se pode contar, entremeia-se, deixa-se entrever. O arripio traduz o medo que acompanha esses estados: é no universo do sonho que se adentrou.

Na experiência de longos anos de diálogo com esse *mestre da conversação*, conforme definição de um amigo em comum, abria-se o terreno do diálogo psicanalítico como acreditávamos que devia se dar. Em nossos embates, as questões tomavam um caminho muito particular rumo a uma teorização que, comprometida com a seriedade, permitia-nos um bocado de diversão. Tanto mais o pensamento voava, mais os pés se enraizavam no chão.

Interpretar é revestir-se daquilo que ouvimos e recontar, quiçá com os mesmos versos, *com-versando*. Quando reconto o que ouço, instaura-se o espaço do erro, abre-se a fenda perigosa do nunca atingido sentido absoluto, a fenda perigosa do falho de nossos atos, de nossa humanidade que se consoma ao escutar e testemunhar uma história: ato falho a dois, nossa psicanálise diária, nosso território fundador de erros e errâncias que abrem caminhos e desfixam paixões incendiárias.

Temendo a dor das instabilidades, acabamos por perder também sua irmã gêmea, a mobilidade. De fato, aquilo que se fixa apresenta-se menos instável. A palavra escrita tem lá seu quinhão de fixidez, mas a do psicanalista é falada. Submetida ao momento, ao não assentamento emocional, é sobre ela que construímos nosso fazer diário: fazer feito de erros.

Se doer demais e fixarmos, vira doutrina. Se a idéia de errar, ao contrário, não oferecer qualquer tensão, cai-se no indiscriminado, no sem fronteira. Fabio possibilitava que pudessemos levar ao extremo a não resistência ao erro.

Temendo a dor das instabilidades,  
acabamos por perder também sua irmã  
gêmea, a mobilidade

Propôs um experimento que batizou de *Corrente Alternada*, o qual foi exposto publicamente mais tarde. Tratava-se da experiência de fazer circular entre um grupo de psicanalistas um texto, um caso clínico escrito num estilo ficcional, para fazer jus à crença nesse modelo, cuja identidade do autor foi devidamente removida. Aquele que o recebia registrava seus comentários e associações também anonimamente. Assim, após um período tínhamos mais de um texto clínico em circulação cujo único apoio era a própria superfície textual.

Fabio brincava com a fronteira do autor. Brincava com aquilo em que nos apoiamos para exercer nosso trabalho, a saber, nossa identidade, nossas fixações. Sem esse revestimento usual, o que em nós responde?

Diz ele, ao descrever e comentar essa experiência:

Nele (o experimento), o material de um analista servia de cânon interpretante para o do analista seguinte, formando uma teia de arte da interpretação. Em geral, acabamos mesmo por interpretar o material alheio a partir do nosso, do que razoavelmente nos penitenciamos. Nesse caso, porém, consistia o experimento em renunciar à luta contra tal tendência, aceitando-a de bom grado. [...] O resultado foi trazer aos participantes um enriquecimento da vida clínica, que de longe compensou a perda de objetividade [...]”<sup>5</sup>.

E um pouco adiante:

O primeiro fragmento chamava-se *O ladrão de si mesmo*, o que até certo ponto cumpre uma justiça poética: na arte da interpretação é forçoso não raro um eclipse do autor, para que a autêntica autoria da obra aceite mostrar-se<sup>6</sup>.

5 F. Herrmann refere-se ao encerramento do IV Encontro da Teoria dos Campos – A arte da interpretação, São Paulo, set. 2005.

6 F. Herrmann, *op. cit.*

Estaria aí o ensinamento em que ele insistentemente se aplicou em nos transmitir? Filiar-se ao método e não à doutrina, acolher o aparentemente fora de lugar e recebê-lo, para que o que não sabemos de nós e dos pacientes tenha um lugar?

O modelo dos sonhos serve aqui como lembrança.

[...] um mundo de ambiência estranha, pois como na poesia palavras e coisas desencontram-se, desentendem-se, até se encontrarem de novo num lugar imprevisível e bizarro. No sonho mudam-se as palavras para dar conta de coisas e experiências, as quais, também à força, se foram modificando: coisas e palavras reencontram-se literalmente fora de lugar. Prova de que não se trata de mero efeito super-estrutural ou de desvio da fala, em geral tais desencontros revelam à arte da interpretação sentidos originais do pensamento, não raro olvidados ou perdidos<sup>7</sup>.

Nesse caso, aceitar até o limite nossa condição de erro, ampliar a brecha da diferença em todo dito, entre o ator e o autor, até que a ruptura entre o que se diz e o que pretendeu dizer não mais resista e algo surja?

Diz ele ainda sobre o destino das representações:

Em suma, só por não ser perfeita, a representação pode funcionar a contento, já que se poderia muito bem definir o delírio como a coincidência da repre-

sentação com a representação da própria origem da representação. Logo, o ato clínico que pretende curar a representação de seu destino delirante deve ampliar sua imperfeição, suas sombras e sobretudo aquilo que se entremostra nas sombras e nas crises da representação: seu potencial gerador de diferenças consigo própria. À ampliação desta brecha, por onde pode a representação progredir criativamente, chamamos ruptura de campo<sup>8</sup>.

Esse foi o conceito mais arduamente repetido, ensinado, transmitido. Quantos anos terão se passado até que essas palavras, ecoando em nós, em nossas brechas, em nossos erros bem acolhidos, possam construir psicanalistas que se movam ao ar livre? Talvez algum dia possamos ter uma noção mais precisa de como viver nossa paixão pela psicanálise sem que ela nos hipnotize com certezas sedutoras, que nos façam erguer templos mesmerizantes. Fabio Herrmann embrenhou-se em nós com a grandeza e o brilho dos grandes palácios, semeando em cada um de seus alunos, pacientes, supervisionandos, amigos, a lembrança de como pode ser vivo esse nosso ofício, se ele não se fixar. Fabio nos legou uma psicanálise que, do Pavilhão, guarda o encantamento e, de sua réplica, a eterna denúncia: um exemplar psicopatológico. Entre um e outro, ele seria o espaço entre o templo destruído e sua reconstituição. De lá nos falará sempre, das brechas, dos espaços vazios que permitem construções, esse Grande Sedutor.

7 F. Herrmann, *op. cit.*

8 F. Herrmann, *op. cit.*

#### Referências bibliográficas

- Campos G. (1978). *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix.
- Cannetti E. (2004). *Auto-de-fé*. São Paulo: Cosac Naify.
- Cunha A.G. (1982). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Heidegger M. (1975). The origin of the work of art. In: *Poetry, language, thought*. New York: Harper Colophon.
- Herrmann F. (2005). Fala de encerramento do IV Encontro da Teoria dos Campos – A arte da interpretação [mimeo].

#### The great seducer

**Abstract** This article tries to exemplify some of Fabio Herman's concepts in the realm of the Multiple Fields Theory, his most valuable contribution to Psychoanalysis, relating an intertwined text of his speech and my own apprehension of it, in a debate on the Art of Interpretation where we were co-participants. This article also tries to show a lively example of our way of working together and its results.

**Key words** art of interpretation; authorship and eclipse of the author; shared slip of the tongue; field rupture.

Texto recebido: 10/2006

Aprovado: 11/2006

# Recuperação e identificação do método psicanalítico pela Teoria dos Campos

Marilsa Taffarel

**Resumo** Este texto evidencia o obscurecimento da posição crucial do método psicanalítico, que se deu em grande medida porque passamos a confundir técnica com método.

O projeto de recuperação metodológica da psicanálise desenvolvido pela Teoria dos Campos deu corpo a uma vertente da psicanálise brasileira, caracterizada pela investigação dos fundamentos da psicanálise freudiana ou, em outras palavras, pela reflexão epistemológica. O método resgatado por Herrmann faz com que, no seu uso, a teoria se altere, em vez de reconduzi-la a termos teóricos já consagrados.

O método interpretativo psicanalítico compõe-se de dois aspectos: um heurístico e outro terapêutico. O fator terapêutico comum a todas as formas de interpretação é a ruptura de campo.

**Palavras-chave** método psicanalítico; método interpretativo psicanalítico; técnica psicanalítica; teoria dos múltiplos campos.

**Marilsa Taffarel** é membro associado da SBPSP, membro fundador do Centro de Estudos da Teoria dos Campos, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, co-autora do livro *Isaías Melsohn – A psicanálise e a vida*.

1 S. Freud (1922), “Dos artículos de enciclopédia: ‘Psicoanálisis’ y ‘Teoría de la libido’”, p. 232.

2 S. Freud (1923), “Breve informe sobre el psicoanálisis”, p. 214.

Freud tinha uma noção clara da importância do método e de sua especificidade na psicanálise. Em 1922<sup>1</sup> ele a define como sendo um procedimento que serve para a investigação dos processos psíquicos e um método de tratamento das neuroses que se funda na investigação desses processos. Essa noção de interdependência entre um plano e outro, ou seja, efeito curativo e conhecimento do psíquico, Freud credits a Breuer. Já o método catártico de Breuer que buscava o alívio dos sintomas investigando o psiquismo sob hipnose tinha esta “inabitual conjunção”. Em *Breve informação sobre a psicanálise* (1923), referindo-se ao método catártico de Breuer, diz Freud: “O mesmo procedimento servia simultaneamente para a exploração da vida psíquica e para eliminação do padecimento. Essa conjunção foi conservada pela psicanálise que viria a surgir”<sup>2</sup>. Freud usava indistintamente o termo *Methode* ou a palavra *Verfahren*, que significa *procedimento*.

No período de transição da fase pré-psicanalítica para a psicanálise, pode-se ver claramente uma alternância, quase uma simultaneidade entre invenção teórica procedente da investigação curativa e lenta criação do método interpretativo. É o tempo das primeiras descobertas sobre o psiquismo possibilitadas ainda pela hipnose. O que Freud descobre então? Os pacientes eram hipnotizados a fim de rememorar o trauma, mas eles queriam falar sobre a infância. Freud descobre o papel fundamental da infância. A descoberta da importância da vida sexual, para Breuer, era um elemento não priorizado, se dá de forma contemporânea. À medida que Freud progride em seu trabalho, a



o método  
interpretativo  
psicanalítico  
compõe-se, então,  
de dois aspectos:  
um heurístico  
e outro terapêutico.  
Investigação  
e cura

86

PERCURSO 38 : junho de 2007

resistência do paciente à lembrança se mostra. Esse obstáculo é enfrentado primeiramente com a sugestão, que logo é abandonada. O fundamental, no entanto, é que Freud, com o dado clínico da resistência, conceberá a repressão. A concepção da repressão é o passo decisivo para que a arte da hermenêutica adentre a psicanálise. O reprimido se mostra por indícios e precisa ser interpretado para que o sentido se faça. A suspensão da repressão requer a interpretação – o método está criado. Por outro lado, a descoberta da transferência, feita depois, mostra que esse conhecimento curativo não é meramente intelectual, mas conhecimento que emana da atualização das pulsões e das defesas em relação ao analista.

O método interpretativo psicanalítico compõe-se, então, de dois aspectos: um heurístico e outro terapêutico. Investigação e cura. Mas, como sempre acontece, o que é óbvio passa despercebido: a posição crucial do método para a psicanálise se obscureceu. Isto se dá em grande medida porque passamos a confundir técnica com método. Freud chamava muito a atenção para a técnica da associação livre, eleita como a regra fundamental da terapia psicanalítica. Se perguntarmos a algum psicanalista qual é nosso método, ele prontamente dirá que é o da

livre associação. A técnica – um feixe de prescrições ou recomendações – é propiciadora da boa aplicação do método, mas não é o método, esclarece Fabio Herrmann, criador da Teoria dos Campos. Outro fator que encobre a importância do método é nosso apego às teorias. São essas que costumam identificar a psicanálise e os grupos psicanalíticos. Para Fabio Herrmann, não se comete um erro ao definir a psicanálise pelas suas teorias ou por suas técnicas, pois estas são concreções do método psicanalítico. São produto da operação fundamental da psicanálise, que é a interpretação, da qual nosso autor se propôs a desvelar o momento crucial.

Para a Teoria dos Campos, a psicanálise não tem uma idéia clara de como atinge seus resultados, mas o fato é que ela tem efeito transformador em qualquer uma das Escolas ou linhas psicanalíticas. Diz Fabio: a psicanálise funciona, tem êxito como terapia, embora haja notável diversidade e divergência no plano da teoria e da técnica. O que funciona então? A aplicação do método interpretativo.

Todo psicanalista, ao longo da história do movimento psicanalítico, continuou interpretando, embora interpretação signifique diferentes coisas. Pode significar construção de um sentido a partir de alguns indícios, ou construção de um acontecimento da infância também a partir de alguns indícios. Pode significar o estabelecimento de nexos entre elementos associativos, pode consistir em mostrar para o paciente a fantasia transferencial em jogo, em determinado momento; mostrar as defesas e as pulsões correspondentes etc. A interpretação psicanalítica transferencial – seja uma interpretação da transferência ou na transferência, seja feita várias vezes numa sessão ou mais raramente, seja sua formulação cuidadosamente reticente ou acolhedora – manteve-se. A regra fundamental, sua grande facilitadora, continua intocada, assim como sua contra-parte, a atenção flutuante. Nenhum psicanalista voltou a usar técnicas pré-psicanalíticas, embora se fale muito sobre o caráter hipnótico de algumas relações analíticas.



Para Fabio Herrmann, o fator terapêutico comum a todas formas de interpretação é a ruptura de campo. Em geral, os pacientes que nos procuram estão aprisionados a uma litania, uma ladainha de representações de si e da realidade. Eles sofrem de e com a imobilidade identificatória. Estão presos a determinadas representações. Para que novos sentidos emergjam, é preciso afrouxar e romper os sentidos que foram congelados. Essa ruptura é a interpretação. Ela pode ser feita como uma pontuação, uma pergunta, ou mesmo pode estar contida em uma fala mais longa. Uma interpretação é necessariamente subsequente a um tempo de escuta, de atenção flutuante. Uma atenção que se deixa captar pelas repetições, pelo inopinado, isto é, uma palavra que ecoa, que se reitera, uma expressão fora de lugar, um certo tom. Deixar surgir um indicador de sentido, para a seguir tomá-lo como um eixo da escuta. O importante é que o direcionamento não é o da reconstituição do sentido e sim a ampliação do *nonsense* que leva à ruptura da circunscrição em que o paciente estava retido. A interpretação visa a abrir espaço para que outras representações emergjam, para que o paciente transite e estabeleça nova relação com seu desejo. É isto que significa ruptura: ruptura do campo de sustentação da relação vigente em dado momento.

A renovação empreendida pela Teoria dos Campos tem justamente o propósito de reabilitar, de re-trabalhar o método, de evidenciá-lo, de estabelecer sua relação intrínseca com o objeto do qual trata a psicanálise. Herrmann escreve: “Devemos conceder ao método da Psicanálise um estatuto singular, híbrido, operação do analista, mas estrutura psíquica do paciente, dotado de certa espessura ontológica: é a operação que recupera a constituição psicológica que a originou”<sup>3</sup>.

O projeto de recuperação metodológica da psicanálise desenvolvido pela Teoria dos Campos tem uma inserção na nossa história. Ele dá

3 F. Herrmann. “Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas”, p. 27.

4 Cf. F. Herrmann, “Horkos, ou ‘Pelos charutos de Freud’”.

»  
o projeto de  
recuperação metodológica  
da psicanálise desenvolvido  
pela Teoria dos Campos  
tem uma inserção  
na nossa história.  
Ele dá corpo a uma vertente  
da psicanálise brasileira

corpo a uma vertente da psicanálise brasileira. Aquela que se constrói com base na forma de transmissão e recepção inicial da psicanálise no Brasil. Nossa história é caracterizada pela inexistência da importação de grandes nomes do cenário psicanalítico internacional, seja nos seus primeiros tempos, o dos seguidores imediatos de Freud, seja no segundo tempo, o da formação das Escolas<sup>4</sup>. Isto faz com que nenhuma das leituras ou dos desenvolvimentos feitos a partir de Freud, em qualquer desses dois momentos, imprima sua marca na psicanálise brasileira. A recepção da idéia psicanalítica, em São Paulo, fermenta em diferentes meios. Intramuros, geram-se basicamente dois movimentos: um caracterizado pela inquietação com a busca de aprendizado nos grandes centros psicanalíticos, busca de bem assimilar uma Escola psicanalítica. Outro, caracterizado pela investigação dos fundamentos da psicanálise freudiana ou, em outras palavras, pela reflexão epistemológica. Em Isaías Melsohn, fundador dessa vertente, o procedimento adotado para apreender o que é essencial à psicanálise é o de pôr entre parênteses as teorias psicanalíticas. A partir daí ele irá se dedicar à busca das formas de expressão características da vida emocional e à reflexão so-



tomemos como ilustração  
o início da análise  
de Mariana. Ela chegou  
toda confiante  
na resolução  
de seus sintomas,  
sem reclamar  
explicitamente do custo  
e do número de sessões  
semanais

88

PERCURSO 38 : junho de 2007

bre a concepção de psiquismo congruente com estas. Melsohn tem se empenhado em abrir a escuta para os indicadores do sentido na fala associativa, por oposição a uma escuta informada por uma teoria psicanalítica. Propõe que se ponha em ação um ouvido informado esteticamente. Aberto para a melodia, o ritmo da fala, as repetições, as cacofonias, as assonâncias etc. Segundo uma expressão cara a Melsohn, uma escuta do *dizer da fala*.

A Teoria dos Campos compartilha este procedimento de suspensão das teorias psicanalíticas vigentes, o que significa deixá-las de lado, num primeiro momento, para, a partir do que se destaca na fala do paciente, construir um interpretante específico. Esse momento já é teórico, uma vez que na construção do interpretante entram concepções mais gerais sobre o homem, que se prestam ao caso, sejam elas psicanalíticas ou não.

Mantemos com muito zelo a relação entre a clínica e as teorias psicanalíticas. A determinação das teorias pela clínica, pelo empírico. Sentimo-nos confortáveis com a noção de que nosso conhecimento não é especulativo porque procede da clínica. Teremos razão para esta tranqüilidade? Para a Teoria dos Campos, não,

uma vez que a psicanálise tende a perder a *inabitual conjugação* de que falava Freud, embora ela apresente uma tendência a recuperá-la ao longo de sua história. Para a Teoria dos Campos, o que valida a teoria é sim sua origem clínica, isso quer dizer que uma teoria começa a se formar no jogo interpretativo. Uma vez elaborada, ela irá informar a escuta clínica e participar da produção de novas interpretações que, por sua vez, deverão ao longo do processo modificar a teoria usada. A teoria pode e deve ser usada como um *interpretans*, sob a condição de modificar-se em seu uso. Não se trata apenas, para Herrmann, de escolher a teoria que pode dar sentido à fala do paciente, ou seja, de usar a teoria dentro de contexto. É preciso que no seu uso a teoria se altere, adquira o selo daquele *interpretandum*. Para que isso se dê, o analista precisa conservar o frescor das palavras que brotam no trabalho interpretativo em vez de reconduzi-las a termos teóricos já consagrados e precisa pacientemente construir o que Herrmann chamou de uma proto-teoria sobre o paciente, que poderá ou não ganhar o estatuto de uma teoria mais geral.

Tomemos como ilustração o início da análise de Mariana. Ela chegou toda confiante na resolução de seus sintomas, sem reclamar explicitamente do custo e do número de sessões semanais. A análise tinha sido muito bem indicada. Deitou no divã, alegre como quem compra cadernos novos para o novo ano escolar. No mesmo momento, aparecem as lembranças da escola religiosa, *escola de madres*, como ela diz, onde fez seus primeiros estudos, *uma escola horrível*. Começam então as queixas de constrangimento, de aplicação cega das regras, de grandes exigências. Num dado momento, a atenção do analista é capturada por uma delicada correntinha de ouro que ela usava junto com o relógio de pulso mais pesado e escuro. O analista apenas lhe observa isso. Mariana, então, se espreguiça no divã. Lembra que está chegando o verão, tempo de chopinho, petiscos, banho de sol.... Logo se corrige dizendo que só quer o de direito. Diante de uma pergunta do analis-

ta – “Você não pode querer muito?” – Mariana detém-se, fica em silêncio. Na sessão seguinte reinstala-se fortemente o campo da queixa, que se mantém intocado enquanto vai se delineando a figura daquela que a ajuda para se livrar logo dela. A mãe que sempre a acolhe com frases feitas, às quais a paciente se agarra como um náufrago, mas continua afogando-se. O analista resolve dizer, ele também, uma “frase de ajuda”: dá razão a ela concordando que a vida é muito difícil assim como a análise. A paciente reage: “Li tantos livros de ajuda psicológica que estou cansada de blá, blá, blá, de frases como ‘só você pode se ajudar’. Queria ver como os que me dizem isso reagiriam se estivessem no meu lugar”. Ela não está mais se queixando, está reclamando vivamente da falsa ajuda, a ajuda ligeira, que rapidamente a abandona, como se ela ainda fosse a *chatinha* (era assim que se sentia na escola das mães). Após essa explosão desaparecem, por um tempo, os sintomas intestinais, uma de suas queixas importantes, e Mariana quer novamente aproveitar a vida, embora haja agora um fundo de cautela. Na história mais recente dessa paciente, se destaca sua dedicação aos cuidados do pai durante sua doença – um tumor benigno que, no entanto, acaba por matá-lo, um tumor inoperável que com seu crescimento comprimiu um órgão vital. Mariana aceitou as injunções da análise porque esta deveria libertá-la das mães exigentes e levá-la para a benignidade do chopinho, do verão, dos passeios pelas lojas. Essa organização do campo transferencial já foi tocada na análise e começa a desmoronar.

O diálogo mantido na sessão analítica deve caminhar para a ruptura do campo de sustentação das relações vigentes num certo momento. Um momento de impossibilidade de representar-se, que pode aparecer como silêncio, como vertigem, é um indício de ruptura. As representações que emergem a partir daí irão reestruturar outro campo, corporificado em outra forma de relação. E assim segue a análise, cuja característica é dar-se num campo onde todos os campos que se mostram valem, ensina Fabio

»  
há muitos anos,  
chega certo paciente  
para sua primeira sessão.  
Ele está um pouco atrasado.  
Sua primeira frase  
é uma excelente  
frase inaugural.  
“Finalmente consegui  
chegar, eu e mais  
meu caminhão  
de eus”, diz ele

Herrmann, pela possibilidade de ser rompidos. Não há um solo último a ser atingido. A análise não é, porém, uma atividade sem fim. A sucessiva aplicação do método, cuja marca característica é ruptura de campo, aos poucos dá lugar à multiplicidade possível de representações identificatórias e representações da realidade, mostrando a conformação do desejo.

Há muitos anos, chega certo paciente para sua primeira sessão. Ele está um pouco atrasado. Sua primeira frase é uma excelente frase inaugural. “Finalmente consegui chegar, eu e mais meu caminhão de eus”, diz ele. Logo me ocorre que ele deve ter deixado o caminhão de eus estacionado na frente do consultório, porque quem se vê ali é um condutor cansado. A análise deve possibilitar que esses eus amontoados no caminhão entrem na sessão e que este exauridor estilhamento do eu condutor ceda lugar a certa assunção da multiplicidade e a uma fluência identificatória. A estrutura pode ser concebida como composta de diferentes eus – eus-id, eus-superegóicos, eus-complacentes – e de diferentes relações entre eles, como, por exemplo, na melancolia onde o eu melancólico tem sobre si o superego opressor. Essa estrutura marcada por um descentramento tem no método, entendido

como ruptura, seu anverso. O método visa a pôr à mostra esse descentramento essencial. Com isto, se frustra a busca de alcançar uma unidade inquebrantável, mas abre-se a possibilidade do acesso à pluralidade possível de desejo.

#### Referências bibliográficas

- Freud S. (1922/1979). Dos artículos de enciclopédia: "Psicoanálisis" y "Teoría de la libido". In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. (1923/1979). Breve informe sobre el psicoanálisis. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. XIX.
- Herrmann F. (1983). Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In: Figueira S.A. (org.), *Interpretação sobre o método na psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1989). Horkos, ou 'Pelos charutos de Freud'. Folhetim, *Folha de S. Paulo*, 12 jun.

Este texto resulta da retomada de uma exposição oral feita por mim na sessão plenária de encerramento do primeiro colóquio da Teoria dos Campos, no dia 24 de outubro de 1999.

#### Reclamation and identification of the psychoanalytic method by the Theory of the Fields

**Abstract** This text highlights the fading of the critical position of the psychoanalytical method, in a large measure caused by confusion between. It technique and method. The project of methodological reclamation of Psychoanalysis developed by the Theory of Fields gave form to a ramification in Brazilian psychoanalysis, characterized by the investigation of the foundations of Freud's contributions and by an effort directed at epistemological clarification. The method of Psychoanalysis involves two aspects: heuristic and therapeutic. The rupture of field in which the latter consists is a common factor in all forms of interpretation.

**Keywords** psychoanalytic method, rupture of field, epistemology of Psychoanalysis, psychoanalytic theory, interpretation.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 02/2007

# A intimidade da clínica

“um troninho para Ricardo”<sup>1</sup>

Sandra Regina Moreira de Souza Freitas

**Resumo** A intimidade da clínica é relatada pelas entrevistas com os pais e as primeiras sessões de um menino de quase três anos, que se recusava a tirar as fraldas e a aprender o controle dos esfínteres. No começo, quer o menino que a analista desenhe castelos – que o vento em seguida destrói. Numa rápida evolução, pede que a analista então desenhe um banheiro com privada e chuveiro. A autora privilegia no relato das sessões os conceitos de rupturas de campo e a construção de uma interpretação como um ato falho a dois. Discute, também, na clínica de criança, o que chama de gesto justo.

**Palavras-chave** ruptura de campo; vórtice; ato falho a dois; gesto justo; intimidade da clínica

**Sandra Regina Moreira de Souza Freitas** é psicanalista de criança, membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos) e do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

*O relato clínico que dá corpo a este artigo de Sandra Regina de Souza Freitas é comentado nos dois textos que o seguem, de Alice Paes de Barros Arruda e Maria Cecília Pereira, oferecendo assim aos leitores de Percurso a oportunidade de ver publicada a participação das três autoras no IV Encontro da Teoria dos Campos, realizado em setembro de 2005. A viva interlocução que se estabelece entre elas dá a perceber a fecundidade da extensão da Teoria dos Campos ao atendimento de crianças.*

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas  
No degrau da porta de casa,  
Graves como convém a um deus e a um poeta,  
E como se cada pedra  
Fosse todo um universo [...]

[Fernando Pessoa]

Um menino de quase três anos. Assim Ricardo me foi apresentado, num telefonema. Era *prá ontem* a consulta. A mãe não havia ligado antes porque seu pai (avô do menino), internado num hospital, havia sido operado.

Ela não sabia o que iria acontecer – melhor, então, conversar logo comigo. Estava muito preocupada com o filho, que não fazia cocô na privada, só na cueca. Também a psicóloga da escola queria conversar com os pais sobre ele, mas não arranjavam uma hora. (*Imagine, a psicóloga da escola conseguia ser*

<sup>1</sup> Este título – eficiente, que diagnostica a lógica emocional do caso e anuncia uma prototeoria no sentido da Teoria dos Campos – foi-me inspirado pelos comentários de Dra. Maria Cecília Pereira ao trabalho, por ocasião do IV Encontro da Teoria dos Campos (setembro de 2005).





vou me perguntando que luto  
é esse, que aborto tão sofrido  
faz essa mulher não ver seu filho vivo  
e ficar presa à imagem do morto,  
da criança perdida

*mais ocupada do que ela.) A mãe não queria que o pai fosse sozinho, pois queria ver o que essa psicóloga iria falar de seu filho.*

Desse modo, essa mãe se apresentou. Ansiosa, tentava tirar o pai da forca, não sabendo quem era pai, quem era filho. Confundia morte com cocô. Muito assustada, com medo de ser, de todos os lados, acusada de qualquer coisa. Marquei uma entrevista para os pais, na qual – quase imediatamente – veio só a mãe.

Conta que começara a tirar as fraldas de Ricardo no início do ano. Parecia que tudo ia bem, até que ele, parecendo não se importar com a situação, continuou a fazer na cueca. Sem ligar, nem avisar. *Às vezes até avisa, mas não quer ir ao banheiro de forma alguma. Faz na escola, na rua, em casa. Ricardo demorou pra falar, pra andar, ele é muito diferente da Alice.*

*Quem é Alice?*

– *Minha filha mais velha. Muito esperta, linda, nem parece que tem seis anos.*

*E o Ricardo?*

– *Ah, ele é um bebezão. Ele é fofo, é lindo. Super-forte, é o maior da classe. Nasceu com mais de quatro quilos. A senhora vai conhecê-lo. Acho que depois que eu perdi minha filhinha ele continuou sendo o meu bebezão.*

*Sua filhinha?*

Confusamente, sem nenhuma organização temporal, ela conta que engravidou, pela terceira vez, por acaso e – quando já estava curtindo muito – aos seis meses de gravidez, abortou. *Foi muita tristeza, só agora é que eu estou melhor. Fiquei muito deprimida, até voltei para conversar com a minha analista. A minha filha, Alice, chora e me pede sua irmãzinha.*

Fala da filha mais velha como uma amiga e companheira, e do feto-criança como um filho crescido e perdido. Não consigo compreender os fatos e sua organização temporal.

*E o Ricardo? – pergunto.*

– *Ele sempre foi uma criança boazinha. Eu acho que eu queria tanto um bebê, que ele continuou a ser um para mim. Às vezes eu agradecia a Deus de ter o Ricardo bebezão pra me consolar. Hoje eu vejo o mal que posso ter feito e quero ajudar meu filho a crescer.*

Além de sua confusão e da falta de sintonia afetiva, percebo que ela também é desinformada sobre o filho. Não se lembra, não precisa datas, fala de acontecimentos que lhe contaram (a empregada, a sua própria mãe ou o marido).

Pesquisadora, acabou de fazer seu doutorado. Trabalha todas as manhãs; conta de muitas viagens e congressos. Viagens que demoraram 20, 40 dias. Acabo, enfim, sabendo que quando Ricardo tinha um ano e meio a mãe engravidou, e, quando ele completou dois anos, ela abortou e entrou em depressão. Atualmente, Ricardo tem dois anos e dez meses e sua irmã mais velha, Alice, seis.

A mãe quer de mim um laudo. Quer saber se Ricardo tem um problema neurológico, psiquiátrico, se reversível ou não.

Vou me perguntando que luto é esse, que aborto tão sofrido faz essa mulher não ver seu filho vivo e ficar presa à imagem do morto, da criança perdida.

No final da entrevista, conta que, aos 20 anos, descobriu que tinha lupus eritomatoso sistêmico – o que acarreta riscos para uma gravidez.

Quer trazer logo Ricardo, quer aproveitar enquanto seu pai (o avô) ...*sabe, ele está na UTI, a gente está aguardando. Não sabemos o que vai acontecer.*

A entrevista com o pai de Ricardo acontece alguns dias depois. É uma pessoa mais atenta e sensível do que a mãe. Conta que se preocupa com o menino há algum tempo. Acha que Ricardo tem medo de deixar de ser nenê, não quer correr riscos. Tem medo de sentar na privada, tem medo

de escorregador, de balanço, nunca ficou de pé no berço nem tentou pular as grades. Atualmente, já sem grade, fica sentado e não sai do berço. Mas, observa, ele é uma criança muito concentrada nos seus brinquedos, nos filmes.

Quando os pais viajaram pela última vez, Ricardo ficou bonzinho, não chorou, não sentiu falta, e isso fez o pai se perguntar se o filho havia notado a ausência deles. Ricardo não requisita, não pede, não disputa os pais com a irmã, ou as coisas em geral. É, estranhamente, muito bom. Tanto que, na escola ou em casa, quando, em relação ao barulho das crianças ou à música do carro, berra *silêncio!*, os adultos ficam impressionados com sua reação.

E assim também em outras situações, como o cocô: quando tudo parece que vai bem, ele emperra, só faz se quiser, não veste a roupa, grita e não sai do lugar. Foi dessa forma que encontrei Ricardo pela primeira vez. Aos berros, no saguão do elevador, sem querer entrar de forma alguma, ameaçando fugir pelas escadas.

A mãe, meio apatetada, ora corria atrás dele, ora me contava que Ricardo vinha muito bem – até que ela resolvera dizer, já no elevador, que a Dra. Sandra era amiga do Dr. Otávio, seu pediatra. O menino continuou a gritar, desesperado. Não deixava que eu falasse com ele. A mãe, sem saber o que fazer, acabou por deixá-lo para trás e foi entrando.

Mudei meu sistema de portas. Abri uma outra porta da sala de consulta de criança, que dava diretamente para o saguão do elevador, fiquei esperando que ele se acalmasse. Parecia uma aproximação de antropólogos com os índios, com muita calma e cautela, vendo o que ia acontecer: deixando que surgisse.

[...] o método é o que nos acontece, ele nos escolhe quando praticamos psicanálise, não o escolhemos. Técnica nós escolhemos<sup>2</sup>.

2 F. Herrmann, *Quarta meditação. A intimidade da clínica. Da clínica extensa à alta teoria. Meditações clínicas.*

3 Ruptura de campo é uma descrição essencial do efeito das interpretações psicanalíticas na sessão e, por causa disso, é também a forma mesma de todo conhecimento psicanalítico legítimo (F.Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 59).

antes, eu não conseguia saber com quem ele falava.

Não era comigo, não era com a mãe

Quando ele dava uma trégua no choro, eu dizia claramente: *Vem, Ricardo, entra.* Qualquer gesto injusto poria tudo a perder.

*Vamos nos conhecer.* A mãe, já dentro da sala, mostrava para ele uns brinquedinhos e, assim, Ricardo foi se chegando e entrou. Não me olhava muito (acho que não me olhava nada). Não parecia assustado nem curioso com a Sandra do Dr. Otávio. Era uma criança se acalmando. Aos poucos, foi pedindo algumas coisas, com uma fala chorosa de *bebezão*, difícil de compreender.

Desse jeito, fomos conseguindo brincar. Essa é hora mágica de uma análise e, especialmente, da análise com criança. Um gesto justo, mais do que uma palavra justa (*le mot juste*), garante o movimento seguinte e define a intimidade da clínica com crianças.

Brincamos de dar banhos em cavalinhos sujos. Uma comovente brincadeira inaugural. Houve já uma *ruptura de campo*, agora ele me deu esse lugar esperançoso: alguém que pode banhar junto com ele e banhá-lo. Uma fantasia de sua doença e de sua cura? Penso que sim. Uma síntese de seu próprio diagnóstico (sujeira, abandono, não amado, analidade) e de sua possibilidade de ser curado (alguém que o receba sujinho e fedidinho, e, ao banhá-lo, o erotize, deixando a marca de sua humanidade).

Ricardo quis cortar com a tesoura uma folha de papel – para isso, precisei ajudá-lo. Com muita dificuldade, ele conseguia dar uns picos. Já pelo final da hora, passou a se dirigir a mim, pedindo coisas diretamente.

Antes, eu não conseguia saber com quem ele falava. Não era comigo, não era com a mãe.





quem começou o quê?  
Foi o paciente quem disse  
ou foi o analista  
que entendeu como quis?

Ricardo trouxera de casa uma máquina fotográfica de brinquedo, que fez questão de deixar junto com os outros brinquedos, quando soube que voltaria.

Na sessão seguinte, veio animado para continuar as brincadeiras. Pediu água para dar banho nos cavalos, lavava e os enxugava.

Ainda nessa sessão, manteve a porta diretamente aberta para o elevador. Achei importante manter o sistema, não mudar nada.

Ele queria ver os brinquedos, experimentando um e outro, logo parando e se desinteressando. Até que pediu folhas de papel e começou a me pedir desenhos.

- *Desenha o castelo do Aladim.*
- *O Ricardo faz o vento.*

Fazendo um barulho, meio zunido, ele desenhava o vento. Rabiscos que cobriam todo o desenho. Devo contar que só no segundo ou terceiro castelo entendi que era vento o que ele estava desenhando. Ricardo parecia fascinado com os desenhos, se agitava contente, ria e dizia repetidamente: *o castelo do Aladim?*

Pedia – pelo menos o que pude entender – a lâmpada, o gênio, Aladim no tapete voador, e a caverna dos tesouros. Ficou mais feliz quando parei de desenhar um castelo medieval (Ricardo Coração de Leão?) e passei para palácios orientais. Não queria bandeiras: isso ele deixava bem claro e eu conseguia entender (repetia inúmeras vezes: *bandeira, não*).

Eu ia conversando com ele, perguntava sobre o desenho, arriscava alguns comentários. Uns eram respondidos, parecia que colavam. Outros, ele parecia não ter ouvido e, por fim, alguns ele rejeitava veementemente.

Por exemplo, quando está desenhando o vento, diz que vai desenhar o pum. Pergunto: *cocô?* Ele diz *cocô não, não!* Ou, então, tento explorar as histórias da lâmpada. E os desejos? *O que será que o Ricardo quer?* Não fala nada. Eu também vou ensaiando com os desenhos, por exemplo, a geladeira. Consigo entender que Ricardo me pede que eu desenhe uma geladeira. Ponho o que *dentro dela?* *Uns sorvetes?* *Sim.* Ri alegre. *E umas mamadeiras.* *Sim.* Concorde, animado. *Faz uma porta – ele me pede.* Faço uma porta, que abre e fecha. *Pra não perder nada e para o Ricardo pegar quando ele quiser... estiver com fome.*

Ele fica muito atento, quer uma forma de fechar. Colocamos massinha, para que a porta possa assim abrir e fechar. Faz questão de levar para casa a geladeira cheia de alimentos.

Aqui, novamente um momento muito importante interpretativo, de ruptura de campo? Uma brecha em que sentidos são produzidos. Quem começou o quê? Foi o paciente quem disse ou foi o analista que entendeu como quis? Fica difícil responder com exatidão: um *ato falso a dois*, diria Fabio Herrmann.

E a questão da formulação de conteúdos da interpretação? Eu, então, deveria falar da sua oralidade, ou de suas carências orais, e da garantia que a geladeira cheia lhe traria, e de um peito bom, sempre presente? Ou, talvez, tenha faltado à analista falar, como se costuma dizer, de um ambiente que o garantisse em suas satisfações e não o expusesse a ausências e privações demais para sua pessoa. Ou já estamos favorecendo, ao brincar, que todas essas possibilidades se presentifiquem? No silêncio do analista, também se dão interpretações nunca faladas, diz também Fabio Herrmann.

Outro momento importante da sessão, quando um nó é desmanchado: nos desenhos dos castelos. Ricardo me pede uma chave para a porta e, inspirada pela geladeira, além de desenhar a chave, recorto a porta do castelo – que agora pode abrir e fechar.

Ricardo olha a porta e parece decepcionado com o buraco. Olha atrás da folha: *Ih, cadê o Aladim?*

*E todo mundo sumiu... Será que eles foram viajar?... – dou um pequeno toque.*

*Desenha todo mundo – pede Ricardo. Esse é um momento que levo em consideração.*

*Vou desenhando, perguntando e arriscando: Papai? Mamãe? Ricardo? Alice, o nenê da barriga?*

*Sim – ele vai respondendo. O cocô? – dou uma de gaiata. Não – ele grita –, o cocô, não.*

*Mais ou menos assim terminamos o semestre e tiramos férias. Quando nos vimos pela última vez, já tínhamos estabelecido um repertório comum, um pequeno estoque de provisões até a volta das férias e promessas de muita coisa a se fazer.*

*Volta depois de 15 dias de férias.*

*Ricardo está de novo gritando no hall do elevador: Aqui é o Ricardo, Sandra, do Dr. Otávio! É uma entrada triunfante. Vem de mala e cuia. Traz uma mochila, que me mostra, ainda na porta. Entra como um velho frequentador – habituê.*

*Vai abrindo a mochila, falando do seu jeito – desafinado e difícil de compreender – e vai me mostrando o que trouxe. Trouxe a foto! (refere-se à máquina fotográfica que já trouxera outras vezes).*

*Corre para o armário, eu vou junto e ajudo a tirar a caixa. Agitado, Ricardo pega alguns brinquedos. Carrinhos, cavalinhos (me mostra o cavalinho azul que num outro dia fora o cavalo da mãe). Vou acompanhando, falando coisas do tipo: *é mesmo, esse era o cavalinho da mamãe*, ou então, *a máquina você trouxe aquele outro dia*. Bem, vou dando provas de que eu o reconheço, lembro-me dele, e atendo ao seu pedido de não ser esquecido. Conto-lhe de alguma forma que, apesar da separação, podemos nos lembrar de muitas coisas. Muitas coisas nos unem.*

*Logo em seguida, senta-se na cadeira – e vamos aos desenhos.*

*Desenha o Castelo do Aladim, desenha o castelo do Aladim. Bandeira, não. Bandeira, não.*

*Desenho.*

contolhe de alguma forma  
que, apesar da separação,  
podemos nos lembrar  
de muitas coisas.

Muitas coisas nos unem

*Agora, o Ricardo faz o vento.*

*Faz o vento, suspirando, agitado. Pede outro castelo. Enquanto vou desenhando, vou me dando conta e falo, quase pensando alto:*

*Sabe, Ricardo, eu me lembrei que o vento foi que levou o castelo do Aladim para muito longe, para outro país. Quando o Aladim voltou não encontrou nada. Nem a princesa nem ninguém. Todo mundo sumiu. Ainda bem que hoje o Ricardo encontrou a Sandra do Dr. Otávio. O vento não levou ninguém embora aqui.*

*Alívio geral. Ricardo me olha e diz:*

*Sim. Esse castelo não tem vento. E nunca mais teve vento.*

*Vai pedindo: Desenha o sol. Corta a porta.*

*Eu também (não me lembro se ele está falando eu, mas tenho certeza de que ele pede para fazer também, nesse momento e em outros).*

*Enquanto vou ajudando a cortar a porta e a abrir, vou conversando com ele desse horror que ele sentia de não encontrar, de sumir. Falo da mamãe, do vovô que morreu, do nenê na barriga.*

*Pede que eu desene o Aladim, a lâmpada e o tapete.*

*Pede também, tomado por uma agitação, uma lâmpada mágica. Enquanto desenho, me diz alguma coisa com gestos, que só depois entendo. Ele não quer que eu coloque a mão sobre a superfície da lâmpada.*

*Segura a folha com o maior cuidado, bem na pontinha. Olha enternecido e silencioso, vira a folha e olha atrás como se quisesse ver a dimensionalidade.*

*Se esfregar...? – pergunto. Não, não pode.*

*Fico quieta, é um momento muito importante para ele. De permanência? Nada deve ser*



tocado para não sair do lugar. Separa a folha com o maior cuidado (levou esse desenho para casa).

*Desenha um castelo do Aladim. Bandeira, não. Bandeira, não.*

Começa a dizer, pela primeira vez, alguma coisa como: *o Ricardo também quer fazer*. Ou então: *deixa eu fazer*.

*Não faz o vento – me pede.*

Pede, em seguida, para abrir a porta do castelo com a tesoura.

*Cadê todo mundo? Comanda: Desenha, Sandra, o sol. As nuvens.*

*A chuva (me ajuda a fazer). As árvores. O carro. A neve (ajuda a fazer). A chave (manda).* Agora, ele diz quem quer que eu desenhe dentro (a outra folha) do castelo.

Ricardo. *Mamãe. Papai. Outro Ricardo. A Sandra do Dr. Otávio. Outra mamãe. Uma alegre e outra triste?* – arrisco a pergunta.

*É, sim. Põe lágrimas nela. Eu desenho. (Ou: O Ricardo desenha).*

*Agora, põe o cocô.*

Pergunto: *Onde?*

Ele responde algo que eu não entendo, mas ponho perto do corpo. Ele ri, animado, e diz que vai colocar o xixi. Pede um banheiro, um chuveiro e uma privada. *Põe o Ricardo na privada – me pede. Faz uma mochila. Por último, me pede que feche a porta.*

Nesse pouco tempo, Ricardo reviveu sua *história traumática em companhia*. Vivemos juntos, como dois bons companheiros – “mas vivemos juntos e dois/ com um acordo íntimo/ como a mão direita e a esquerda”, dizem os versos de Fernando Pessoa.

Esse brincar junto (e dois) – em que não dá saber de quem foi a idéia inicial – é a própria relação objetal ou, quem sabe, o ato falho a dois.

Um dia, ao contar uma sessão com uma criança, Fabio Herrmann brincou: *mas é análise ou é poesia?* Se a arte, conforme afirma Isaías Melsohn, “é a expressão da forma do sentir humano” – então – por que não? – é poesia.

#### Referências bibliográficas

- Herrmann F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2004). Quarta meditação. A intimidade da clínica. Da clínica extensa à alta teoria. *Meditações clínicas*. (Mimeo.)

#### The intimacy of clinical practice. “A small throne for Ricardo”

**Abstract** The intimacy of clinical practice is portrayed through the first psychoanalytical sessions (and through interviews with the parents) of the analysis of a little boy nearly three years old who refused to stop wearing nappies and to accept toilet training. To begin with, the boy wants the analyst to draw castles – which the wind then destroys. In a quickly evolving process, he then asks the analyst to draw a bathroom with a toilet. In her account of the analysis, the author lays emphasis on the concept of *field rupture* and on the construction of an interpretation as a shared “act manqué” (by patient and analyst). She also discusses, in the context of child analysis, what she means as the “precise gesture”.

**Key words** field rupture; vortex; shared act manqué; precise gesture; intimacy of clinical practice.

Texto recebido: 12/2006

Aprovado: 1/2007



# A intimidade da clínica

## permanência e simbolização: o que o vento não levou

Alice Paes de Barros Arruda

**Resumo** A autora comenta o material clínico de uma criança pequena utilizando conceitos da Teoria dos Campos. Destaca a ampliação de representações de si mesmo no processo desta análise e o uso cuidadoso do método na investigação clínica.

**Palavras-chave** análise de criança; Teoria dos Campos; ruptura de campo; método; duplicação sub-reptícia do eu.

**Alice Paes de Barros Arruda** é psicanalista do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos).

O material clínico apresentado por Sandra requer um tratamento condizente com sua riqueza, constituindo-se num estímulo ao pensamento clínico. Vejamos:

A analista é procurada por uma mãe atrapalhada, assustada e que não sabe o que fazer diante do que a vida lhe coloca de mais grave pela frente: a morte. Morte que chega, como sabemos, sem ligar nem avisar. Como o cocô do filho. Ricardo faz cocô na cueca, em qualquer lugar, na escola, na rua, em casa, descrevendo a mãe uma confusão de espaços, que vem acompanhada de uma confusão temporal dela própria ao relatar os fatos. A analista, como nós, acaba por se confundir com os dados, com a cronologia dos fatos.

Sabemos que a morte, que constitui um corte, um limite, instaura tempo e espaço na vida, o que, como Freud apontou em “Sobre o narcisismo, uma introdução”, de 1914, provoca imensa ferida.

O pai de Ricardo, por sua vez, observa que o garoto é estranhamente quieto, muito bom. Cordato. Parece nem sentir falta dos pais quando estes viajam! É, então, surpreendente quando Ricardo chega aos berros, no maior pampeiro, para o encontro com a analista. Seria um protesto desesperado? Em todo caso, é assim que Ricardo se apresenta.

Acontece, então, algo muito interessante que quero examinar melhor: Diz Sandra no material apresentado: “Mudei meu sistema de portas”. Pensemos: uma analista que de saída é assaltada por um estardalhaço na entrada de sua sala, no hall de um conjunto de um prédio eminentemente de



não se trata, aqui,  
do homem concreto,  
evidentemente, mas do homem  
enquanto ficção verdadeira, como  
nas grandes obras literárias

analistas – diga-se de passagem, aquilo devia dar um eco para os outros andares... – essa analista, embora se desorganize com a dificuldade da situação – criança berrando, mãe falando junto, perdida – assim permanece apenas por instantes. Rapidamente se reorganiza e muda *seu sistema de portas*. Abre a porta que dá direto para a sala de ludo e ali fica, quietinha, aguardando sensatamente a criança se acalmar. Nada mais que isso. *Tudo isso!* Sim, porque quem trabalha com crianças conhece o impacto de uma situação delicada como essa. Aqui a analista vive na relação transferencial esta confusão toda. Difícil não se impressionar com o barulho e não querer se livrar do incômodo gerado por *meu cliente* junto aos colegas que estão trabalhando também. Difícil não sair pondo panos quentes, e nada mais oposto ao trabalho analítico! Não fazer nada disso é muito. É o analítico que a situação demanda. Agüentar tudo mantendo-se firme é permanecer no lugar de analista, que não se mistura. Numa agilidade impecável, Sandra, ao abrir a porta que não costuma abrir, e fechando a porta que costuma abrir, favorece uma aproximação e compreende o pequeno Ricardo: ele é diferente dos outros, ele é singular. Ali já começa a história da dupla, única. A atitude da analista de escolher mudar seu sistema de portas facilita o encontro. Trata-se de outro jeito, outra técnica para receber Ricardo, que favoreça o estabelecimento de um campo transferencial e que permita colocar em movimento um método: o deixar que surja para tomar em consideração. A técnica muda, a atitude de recepção da analista muda, mas o método, não. A analista é levada por ele, instaurando o surgimento do Homem

Psicanalítico, objeto de nosso fazer analítico, com o qual temos encontro marcado. Este é o nosso compromisso. O Homem Psicanalítico para Herrmann é o *ser da estranheza*, “é o ser do método da Psicanálise, transferencial e descentrado internamente, dividido e múltiplo no íntimo de suas operações, este que aparece na sessão por efeito de ruptura de campo”, tomando por ruptura de campo o que possibilita o movimento emocional de abertura para o novo.

Não se trata, aqui, do homem concreto, evidentemente, mas do homem enquanto ficção verdadeira, como nas grandes obras literárias, já que para este autor a Psicanálise ocupa uma posição especial entre a Literatura e a Ciência. Além disso, para a Teoria dos Campos não existe uma teoria geral do inconsciente; o que existe são campos cuja lógica emocional o processo de ruptura pode compreender. A técnica adequada favorece o trânsito, mas não garante a ruptura, o que a induz é o método. Assistimos, então, ao desenrolar da história da dupla: Ricardo vai desfilando seus possíveis, ou seria, como diz Sandra, um *desfiar de uma série de nós*, os nós do desejo que é então retomado ao se liquefazer o sintoma, obra do psíquico.

Ricardo é o Ricardo-vento: vazio, quietinho, sem marcas humanas de falhas e incompletudes.

É também Ricardo-vento zunindo: num estardalhaço de vendaval danado, de barulho ensurdecador.

Mas é também o Ricardo-pum: vento fedido, fedido...

Mas é ainda Ricardo-vento inflável: vento que faz voar, como tapete voador do Aladim, e que faz ganhar os céus...

Entre o Ricardo que chega desesperado, fazendo cocô nas cuecas, a qualquer momento e em qualquer lugar – seu sintoma – e o Ricardo na privada (quando na sessão ele pede para a analista desenhar o Ricardo na privada), há todo um caminho que foi percorrido pela dupla, onde Ricardo vive seus possíveis e amplia as representações de si, nas infinitas duplicações sub-reptícias de seu pequeno eu, seus *euzinhos*,

como num espelho onde há inúmeros desdobramentos de si mesmo.

Cada conjunto de fantasias, cada núcleo de complexos psíquicos (Freud), ou campos (Teoria dos Campos), tem seu eu e age sobre outras dimensões do psiquismo. O método ou *ato falho a dois* deixa que a associação livre aconteça e vença a resistência ali onde se denuncia a negatividade do desejo, permite a ruptura de um determinado campo e surgimento de seu inconsciente relativo. Esses eus, até então periféricos por serem negados àquele campo, passam então ao centro da consciência, e um novo campo se forma.

Os efeitos curativos (terapêuticos) de tal indução de novas representações e de novos campos acabam por se fazer sentir, Ricardo-vento acaba por ir-se embora (depois da tempestade, vem a bonança?) e surge o Ricardo-sol (sol que ele pede para Sandra desenhar no final), *le roi-soleil*.

A estratégia, então, adotada pela psicanalista é, uma vez mapeados os diversos eus, colocá-los para dialogar entre si, eventualmente fazendo-os colidir e provocando novas representações de si mesmo. Favorece um processo de construção egóica onde há uma circulação do sujeito psíquico semeando diversos eus que vão se sucedendo nesta posição.

É essencial na escuta, nos recomenda Herrmann, que se atente para os eus deslocados e seus inconscientes relativos que se exprimem em linguagem estrangeira e reconhecer a intenção articulada por meios precários, por estes *eus periféricos*.

Em seu livro *A psique e o eu*, de 1999, Herrmann nos propõe sua crítica conceitual de eu: o eu é construído de tal forma que é agente e alvo ao mesmo tempo de ações psíquicas, de tal modo que é continuamente sintetizado numa representação (ilusória) totalizante de si mesmo que envolve de fato o sacrifício de outros eus. Para conservar a forma do eu total é a atividade do eu que se sacrifica, posto que cada ato visa a construir o sujeito do ato. Para este autor, o sujeito psíquico é concebido como um lugar funcional, cuja posição é de agente em relação ao psiquismo. Se neste lugar se instala uma representação

»  
No processo de construção  
do eu dominante,  
outros eus-representação serão  
armazenados em outros depósitos  
culturais pré-estabelecidos

do eu que se declara única e definitiva, aí se eternizando, assistiremos ao “narcisismo do eu totalitário, onde o eu sucumbe à megalomania e fica prisioneiro do fígado da pedra”. Em contraste com este eu patológico, tirânico e ameaçado por outras representações que subjazem, há o eu da criação: uma circulação de sujeito psíquico semeia diversos eus que se sucedem nesta posição e dominam as funções egóicas como memória, atenção, motricidade. No processo de construção do eu dominante, outros eus-representação serão armazenados em outros depósitos culturais pré-estabelecidos, sendo talvez a vida onírica o melhor deles, onde vivem outros eus que não vingaram.

Devo acrescentar que o encontro analítico pode se constituir num espaço privilegiado para o desvelar de outros eus, como sugere o material de Sandra.

Outra questão presente no material apresentado por ela diz respeito à linguagem utilizada no trabalho com crianças, pensando em relação à especificidade deste trabalho. A certa altura, ela diz: “Um gesto justo, mais que uma palavra justa, garante o movimento seguinte e define a intimidade da clínica com crianças”.

Ricardo chegou dando um banho em todo mundo, como vimos, mas foi banhado pela analista, que com sua capacidade de contenção, sensibilidade e agilidade técnica foi respondendo às suas inquietações. Com crianças, tudo acontece muito rápido, o analista que não é ágil dança mesmo. Também concorre para a rapidez da comunicação o imediatismo da linguagem utilizada. A linguagem gestual, como a visual, é direta, sem a mediação da palavra. Não há compasso

de espera. A eficácia da linguagem gestual que constatamos estaria também ligada ao brincar, que, como ela enfatiza, é mágico, é associação livre; ao brincar, a criança já está vivendo (atualizando) seus conflitos. Talvez pudéssemos dizer que o gesto de um analista de crianças equivale a uma interpretação nos moldes clássicos. A precisão de um gesto é a precisão de uma intervenção interpretativa, nesse caso.

Ainda com relação à eficácia da linguagem gestual, eu me pergunto se, sendo a linguagem gestual imagética – que é a linguagem utilizada pelo inconsciente – estaria implicada na comunicação entre os inconscientes da dupla.

Para finalizar, quero destacar a contribuição da Teoria dos Campos para o crescimento

da Psicanálise como investigação cuidadosa do método interpretativo. Em minha experiência pessoal no contato com seu autor, em que pude aprender de forma encarnada o funcionamento do método, conquistou-me o casamento da enorme sensibilidade clínica em relação à dor do paciente, com o extremo rigor metodológico. O ofício de analista, se por um lado fica mais difícil pela exigência de rigor e precisão impostos pelo método, por outro fica mais leve uma vez que somos ancorados por ele. Contraditório? Não, apenas complexidades inerentes ao próprio método e também a nosso ofício, que sem dúvida alguma sai muito enriquecido com Herrmann, a quem procuro homenagear neste pequeno artigo.

100

A intimidade da clínica : Alice Paes de Barros Arruda

**The intimacy of clinical practice. That which is not gone with the wind**

**Abstract** The author discusses the clinical material of the analysis of a small child making use of concepts of Fabio Herrmann's Field's Theory. She emphasizes the expansion of the use of self-representations during the analytic process, and the attentive use of the psychoanalytic method in the clinical investigation.

**Key words** child analysis; Theory of the Fields; field disruption; method; infinitive hidden multiplication of the ego.

Texto recebido: 12/2006

Aprovado: 01/2007

# Um rei em busca do seu trono

Maria Cecília Pereira da Silva

**Resumo** Neste artigo apresenta-se um comentário ao material clínico de um menino de três anos que buscava um lugar psíquico: um rei em busca de seu trono.

**Palavras-chave:** análise de criança; historicidade; subjetividade; fenômenos intergeracionais e transgeracionais.

**Maria Cecília Pereira da Silva** é membro efetivo, analista de criança e adolescente e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica e mestre em Psicologia da Educação pela PUCSP. Autora dos livros *A paixão de formar* (Artes Médicas) e *A herança psíquica na clínica psicanalítica* (Casa do Psicólogo).

Este comentário foi apresentado em setembro de 2005 no IV Encontro psicanalítico da Teoria dos Campos: *Ruptura de campo: crítica e clínica*.

1 Refiro-me ao que é transmitido de uma outra geração, fenômenos inter e transgeracionais presentes na constituição do psiquismo. In M. C. P. Silva, *A herança psíquica na clínica psicanalítica*.

Início este comentário retomando a história de Ricardo, pois, em minha escuta analítica e em meu raciocínio clínico, não posso deixar de tomar em consideração a historicidade do sujeito, atribuindo um estatuto à influência dos objetos parentais e do meio ambiente na constituição do psiquismo<sup>1</sup>.

O relato de Sandra faz o leitor viver os mesmos sentimentos de desorientação que a analista experimentou ao ouvir a queixa trazida pela mãe. Pai? Avô? Morrendo? Cocô? Alice? Ricardo? Filhinha? Mãe viaja? Quem? Quando? Essa confusão já anunciava um pouco do ambiente emocional em que Ricardo vivia.

O atendimento de criança tem disso, implica um campo que envolve o inconsciente da mãe, do pai e da criança. Já na primeira entrevista a analista ofereceu o acolhimento necessário para os aspectos infantis da mãe de Ricardo, que chegou desamparada, com o próprio pai doente, com o luto mal elaborado da perda de um bebê e todos os seus aspectos infantis espalhados pela sala de análise.

A mãe apresentou a queixa. Contou que Ricardo não queria crescer. Ele tinha medo de se sentar na privada. Podemos pensar que assim ele expressava seu medo de cair e ser abortado, e de aniquilamento (fantasia auto-representativa) diante de toda a angústia da mãe pela perda do bebê não elaborada e projetada maciçamente sobre Ricardo. Ao mesmo tempo, ela disse que, às vezes, ele emperrava e queria que as coisas fossem do seu jeito, ele queria existir à sua maneira. E, ainda, o pai contou que Ricardo é muito bonzinho e não gosta de barulho,





com Ricardo,  
Sandra foi se debruçando  
sobre suas brincadeiras  
com uma linguagem  
ainda incipiente,  
deixando que surgissem  
os sentidos, determinantes  
de diferentes profundidades,

pede silêncio, o que nos sugere uma turbulência interna, uma angústia infinita.

Quando sua mãe o traz para conhecer a analista, acredito que ela toca no ponto central da angústia desse menino:

Será que, ao designar que ele iria conhecer a *Sandra do Dr. Otávio*, a mãe não levou Ricardo a se deparar com sua inexistência e ele gritou, chorou, emperrou... e chegou para análise já em *vórtice*?

Isso porque, do meu ponto de vista, Sandra estava diante de um menino que não tinha um lugar próprio na família, um menino-rei que perdeu seu castelo e chegou buscando um trono seguro: até então, ora ocupava um lugar de substituição, *remplacement*, de um bebê que não chegara ao término da gravidez, uma filhinha desejada, ora de cocô fora de lugar. Enquanto Sandra era a do Dr. Otávio, Ricardo era de quem?

Assim, acredito que ele expressou a questão central de sua análise ao encontrar-se com a *Sandra do Dr. Otávio*. Eu sou quem? De quem?

Ricardo chegou em busca de suas origens, de um lugar psíquico no coração dessa família.

Nesse momento de um encontro tão desesperado e, ao mesmo tempo, inesperado, foi Ricardo quem provocou uma espécie de ruptura no *setting* da analista, levando Sandra a mudar seu sistema de portas e a transitar do corredor do elevador para a sala de análise e vice-versa, num manejo que possibilitasse a existência de Ricardo a sua maneira<sup>3</sup>.

Mas Sandra, ao contrário de Ricardo, não se desorganizou, não perdeu sua identidade de analista. Mostrou-se uma analista que trabalha com liberdade, não se abalou com a gritaria e foi construindo um campo transferencial<sup>4</sup>.

Como viveu, a analista, essa ruptura vinda do paciente? Coisa tão presente na análise de crianças.

Com Ricardo, Sandra foi se debruçando sobre suas brincadeiras com uma linguagem ainda incipiente, deixando que surgissem os sentidos, determinantes de diferentes profundidades, buscando o que era mais premente, utilizando a *palavra justa*, fazendo pequenos toques – “cutucações na alma”<sup>5</sup>. Foi colocando em palavras os aspectos amputados de sua consciência: o banho, a máquina fotográfica registrando a histó-

2 “Fabio Herrmann considera o vórtice como um *análogo ao desmoronamento de um sistema de identidade por preconceito*: as representações que nele ocorrem freqüentemente são híbridas de identidade e realidade e marcadas por um sentido de *não-eu*, embora inegavelmente do sujeito. O vórtice é insustentável pela crença, mas é ele que permite reconhecer a amplitude potencial de representações de um setor da personalidade. É passageiro, isto é, de duração limitada, e se desfaz quando a crença passa a sustentar a nova auto-representação. No vórtice não há lugar para a crença.” In: Leda A. F. Herrmann, *Andaimes do real: a construção de um pensamento*, tese de doutoramento apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Fabio Herrmann, 300 p., p. 257 (grifos da autora).

3 F. Herrmann, *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*.

4 “Campo transferencial numa aproximação é o que revela um homem diverso daquele cotidiano que entrou no consultório, um homem desconhecido de si mesmo, todavia profundamente verdadeiro. Nossa clínica é algo semelhante aos brinquedos infantis onde se cria uma situação de ‘mentira’ para que a criança possa experimentar verdades de outra forma inatingíveis ainda: ser mãe, ser bandido, ser morto, nascer de novo etc.” In: F. Herrmann, *op. cit.*, p. 23.

5 F. Herrmann, *op. cit.*

ria de um novo vínculo, o alimento emocional, o cocô, o bebê...

Numa primeira leitura, pensei que o maior *vórtice* vivido por esse menino, na segunda sessão relatada, tivesse sido ao construir a geladeira, com porta e tudo. Foi, sem dúvida, mas ao rever o caso acredito que, para um Ricardo que era só vento, feito de ar, a construção do castelo em si foi inaugural desse processo de subjetivação ao qual me referi. Outro momento de ruptura de campo se dá quando a analista corta a porta do castelo<sup>6</sup> e Ricardo a abre e se depara com o buraco, o vazio, o desamparo, a mãe que não estava lá, o bebê que se foi, o trono que se desfez. Nesse contexto já havia um clima de inquietação, que deu lugar a uma nova percepção e surpresa, com a porta que abre e fecha, para depois vir um castelo com chave, gente e tudo o mais, indicando a eficácia terapêutica.

É, Ricardo reclamava por seu reinado... Ricardo queria ser o rei, sua majestade o bebê, com seu castelo. Delimitou-se um campo, “uma zona de produção psíquica bem definida, res-

6 Essa intervenção provocou uma primeira ruptura de campo. Como aponta Herrmann: “É o choque de duas ou mais representações que produz o desastre controlado...”. In: F. Herrmann, *Psicanálise da crença*, p. 108. Dentro dessa perspectiva, as rupturas de campo somente são apreensíveis pelo que é conceituado como *vórtice*. *Vórtice* significa o efeito geral vertiginoso, acompanhado de “sentimentos vagos de perder o pé e afundar-se em si mesmo, de despersonalização e auto-desconhecimento, de estranheza.” In: F. Herrmann, *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*, p. 72. “Esse efeito da seqüência de rupturas corresponde ao reconhecido teoricamente como regressão”. “Diremos então que *vórtice* é a matriz operacional da regressão analítica, dá conta da tendência regressiva do processo.” In: F. Herrmann, *Andaimos do real. Livro primeiro. O método da psicanálise*, p. 30.

7 F. Herrmann, *Introdução a Teoria dos Campos*, p. 38.

8 F. Herrmann, (1991) *op. cit.*, p. 103.

9 Como assinalou Fabio Herrmann: “Trabalhar a relação em direção ao campo (à ruptura de campo) significa começar com a proximidade e caminhar para a estruturação, onde não há proximidade ou distância, mas constituição de sentido. Nesse exato ponto entra a teoria, em seu uso próprio de eixo para a interpretação, ou ‘interpretante’. Consiste o conjunto interpretante, num momento dado de trânsito entre relação e campo, no fundo de teorias que o analista detém, mas principalmente nas proto-teorias que se vão formando no trato com o paciente, e inclui até os elementos circunstantes sociais, da cultura como tal aos eventos ou idéias dominantes na ocasião. Tudo isso funciona como teoria.” In: F. Herrmann, *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*, p. 169.

nessas sessões,  
Sandra brincou,  
entendeu, reconheceu  
e nomeou suas necessidades,  
reconstruiu o castelo  
para sua majestade  
o bebê.

ponsável pela imposição das regras que organizam todas as relações que aí se dão”, que, ao se dissolver, por ruptura, “mostrou as forças emocionais que estavam em jogo e qual era sua lógica”<sup>8</sup>. E foi nascendo uma proto-teoria como parte da observação do campo estabelecido nessa dupla analítica singular<sup>9</sup>.

Então, nessas sessões, Sandra brincou, entendeu, reconheceu e nomeou suas necessidades, reconstruiu o castelo para sua majestade o bebê. Ricardo recuperou seu trono roubado pela irmãzinha que não chegou a nascer e, ao mesmo tempo, retraumatizado pela morte do avô... E descobriu que ele podia exercer seu reinado e constituir sua subjetividade.

No retorno das férias, Ricardo se manteve vivo na mente da analista, reencontrou sua história com Sandra, com foto e repertório, ganhou uma identidade na relação com a analista. Agora ele já podia ser o Ricardo da Sandra e não mais o bebê de substituição da mãe. E, então, ele pôde construir uma lâmpada mágica e constituir-se num sujeito que podia desejar.



Assim, de meu ponto de vista, instalou-se uma terceira ruptura de campo, e ele pôde fazer outro castelo com chuva, carro, árvore, neve, porta e chave. Ele desejou e mandou, criou o objeto e, ao se ver no olhar de Sandra, passou a existir.

Dessa forma, encontrou um objeto continente, um ambiente acolhedor e sentiu que o mundo não iria mais desabar. Houve uma ruptura de campo com eficácia terapêutica, da qual nasceu um sujeito: o Ricardo da Sandra.

#### Referências bibliográficas

- Herrmann F. (1991). *Andaimos do real. Livro primeiro. O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (1991). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (1998). *Psicanálise da crença*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann L. (2005). *Andaimos do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: PUCSP. (Tese de doutoramento.)
- Silva M.C.P. (2003). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP.

#### A king in search of his throne

**Abstract** This paper discusses a clinical material on a three years old boy who searched a psychic place: a king looking for his throne.

**Key words** child analysis; historicity; subjectivity; intertransgenerational and transgenerational phenomenons.

Texto recebido: 12/2006

Aprovado: 1/2007

# O destino – da psicopatologia à cura

um breve passeio  
pela Teoria dos Campos

Rúbia Mara do Nascimento Zecchin

**Resumo** Este texto trata do conceito de destino na Teoria dos Campos, de autoria de Fabio Herrmann. Também são levados em consideração os efeitos do destino no processo analítico, as noções de inconsciente e de inconsciente recíproco. O ponto principal do destino, como conceito da Teoria dos Campos, é a noção de “ruptura do campo” e seus efeitos na história do paciente.

**Palavras-chave:** destino; Teoria dos Campos; análise como apropriação do destino; história do paciente na análise.

**Rúbia Mara do Nascimento Zecchin** é psicanalista do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP. Membro fundador do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos). Professora e coordenadora do Curso de Extensão Universitária da Faculdade São Marcos – “A clínica psicanalítica freudiana e a Teoria dos Campos”.

O meu destino só será conhecido quando eu morrer.  
Até lá, sou eu que faço, lutando com as coisas que surgem.<sup>1</sup>

[Fabio Herrmann]

Muitas vezes fui visitada pelo destino. Na clínica, na vida pessoal, na relação com o mundo. Com a proposta da Revista *Percurso* de fazer uma homenagem póstuma a Fabio Herrmann surgiu o desejo e a possibilidade de escrever algo sobre o assunto, já que, com a perda de Fabio, o destino bateu de novo a minha porta. Mas será mesmo destino nesse caso?

Nesse mesmo registro que enlaça tantos afetos me deparei com a difícil tarefa de recortar o que teoricamente seria necessário para transitar por este conceito – o destino – simples para seus correspondentes, inconsciente recíproco ou excesso do real, no entanto, complexo na clínica e encontrá-lo na obra de Fabio. Está bem espalhado. Explico: a Teoria dos Campos tem a marca herrmanniana, a qual frequentemente vem com um tom e clima de um trânsito teórico com alinhavo da clínica, da literatura, de forma que, a cada passo, descobre-se, redescobre-se, retoma-se, buscando compreender o homem psicanalítico e seu mundo, mas a trama dos conceitos é complexa e um recorte já é um trabalho.

A morte de Fabio nos tomou, a cada um de forma diferente, a todos que o cercavam, intensamente, como uma experiência emocional do destino. Não é possível ainda sabermos quais caminhos se constituirão a partir desta falta, para cada um, em particular. Por outro lado, seu legado teórico, de algu-

<sup>1</sup> Anotação de aula expositiva na PUCSP, em 2003.



ao lançar mão do recurso  
da ficção metafísica  
sobre a origem do homem,  
Fabio nos leva, seguindo viagem,  
ao conceito de real

ma forma, nos faz sentir acompanhados, porém, sem certezas, como sempre nos alertou Fabio, numa de suas tantas formas de expressão.

Escolhi o destino, como conceito da Teoria dos Campos, para uma pequena reflexão psicanalítica.

Para melhor localizar o leitor, o conceito de destino na Teoria dos Campos entranha-se com o de real, de inconsciente, desejo, representação, realidade, transferência, mas principalmente com a psicopatologia psicanalítica e a cura. Estes dois últimos nortearão mais pontualmente este trabalho.

Partiremos para um curto passeio a largos passos. Tomemos, para iniciá-lo, a questão fundamental para Fabio que sempre foi resgatar o método da Psicanálise. Por meio da observação do método psicanalítico em ação, esbarrou no problema do originário. Foi necessário lançar mão de um recurso, e o fez pelo ficcional, “uma pequena ficção metafísica”<sup>2</sup>, ou poderíamos chamar de um “mito de origem”.

O método não permite substancializar o inconsciente nem o homem. Esta pequena nota, carregada de significado, dentre outros fatores *mais importantes*, sugere a escolha pela ficção.

Os sistemas teóricos trazem, de modo geral, uma história do bebê, deduzindo uma origem infantil, sendo esta feita a partir das experiências de análise de adultos, mesmo adolescentes e crianças maiores. No entanto, Fabio faz uma crítica quanto a se tratar essas interpretações,

isto é, como é pensada a infância, em cada sistema, como sendo o *inconsciente* do adulto. Sua crítica aponta para um circuito tautológico no qual, ao ouvirmos o adulto, buscaremos a forma apropriada para desencavar aquele inconsciente que demonstra a origem infantil daquele sistema teórico, a qual prova o inconsciente do sistema e assim sucessivamente.

Ao lançar mão do recurso da ficção metafísica sobre a origem do homem, leva-nos, seguindo viagem, ao conceito de real: por real entendemos o lugar onde há uma fabricação incessante do ser e do sentido. Desta fabricação surge um produto equívoco, ainda que nobre, uma vez que o homem vai compreendendo sua espécie e a cultura. Como isto acontece?

O real dobra-se sobre si mesmo como a dobradura da ponta de uma folha de papel, e essa parte dobrada do real redireciona-se para o resto dele, tomando-o como objeto. Assim surge o real humano, o real interiorizado no sujeito, como uma duplicidade. A folha de papel é o real simplesmente, sua ponta dobrada, o real subjetivado. O real interiorizado no sujeito está delimitado, mas ansiando por uma reintegração – esta parte regrada do real, o sujeito, deseja o real uma vez que o ser do sujeito se produz por um movimento dirigido ao real, ou, como diz Fabio, de apetência constante para o real<sup>3</sup>.

Tomemos agora o inconsciente. Um inconsciente não é feito de idéias, mas da lógica

2 L. Herrmann, em sua tese de doutorado, *Andaimos do real: a construção de um pensamento*, observa que: “Essa pequena ficção metafísica, definida como a projeção ontológica do ato psicanalítico de descoberta que ajuda compreender a clínica, é também uma amostra do estilo irônico praticado por Fabio. Na primeira página do capítulo, ele tranquiliza o leitor de que não vai inventar uma fantástica teoria metapsicológica, apenas modestamente, uma metafísica, e logo cita Nietzsche, um antimetafísico por excelência, dando a entender não só que metapsicologia é uma forma de metafísica, como também que esta última, no seu texto, nada mais é que uma paradoxal projeção ontológica do método, o caminho do pensamento. É um lance que limpa a mesa de discussão para que nela caibam, sem reificação, as idéias de real e desejo, válidas para o Homem Psicanalítico e seu mundo – mas não para o mundo concreto, já que, como finaliza o capítulo, “não se pode garantir [...] que o demiurgo que criou este mundo tivesse sido analisado”. Tese defendida em 2005, na Pontifícia Universidade Católica, ainda não publicada, p. 81.

3 L. Herrmann, *op. cit.*, p. 81.



que as concebe. Assim pensamos na Teoria dos Campos. *Qualquer representação tem um substrato de significações potenciais que se ocultam nas regras que a conceberam. Estas são as regras.* Há um par, a representação e a coisa representada. Isso significa, para a Teoria dos Campos, que representação inconsciente é a representação que, *a posteriori*, conseguimos obter quando as regras inconscientes, que a constituíram, se mostram, numa ruptura de campo, valendo-se do método psicanalítico. O inconsciente, para a Teoria dos Campos, não existe – mas há o inconsciente, ou melhor dizendo, ele passa a ter havido quando se põe à mostra, através da ruptura de campo. O inconsciente é o avesso da consciência, lugar limite da consciência em condição de análise<sup>4</sup>; ainda podemos figurar o inconsciente como o objeto do saber psicanalítico. O inconsciente, em primeiro lugar, é a possibilidade de rupturas de campo; em segundo lugar, o conjunto mais ou menos estável dos significados coerentes que tais rupturas deixam à vista. O inconsciente possui um modo de ser a cada momento do processo analítico.

Um exemplo clínico, simples: certo paciente, erudito e genial em sua área, excessivamente recomendado por uma colega, por sua agressividade e descrença na psicanálise, me foi encaminhado. Já havia passado por psicanalistas experientes, mas sempre rompia a análise esbravejando sob todas as formas que podia manifestar sua contrariedade sobre os psicanalistas. Desde suas primeiras entrevistas, deixava claro que não acreditava na psicanálise e que ninguém conseguiria nada com ele; suas queixas eram sobre as mulheres que o sacaneavam. Ele havia dado de tudo a todas às quais se referia, e, por fim, fora traído de formas diversas. Guardava em sua voz, em sua postura corporal, uma mágoa muito grande, ressentimentos não dizíveis ainda. Seguimos, e, já para combinarmos os horários e o valor das sessões, clara ficou a disputa. Numa determinada sessão, em que eu já

4 Remeto o leitor interessado à leitura da quarta parte do *Método da Psicanálise*, livro primeiro de *Andaimes do real*.

»  
o inconsciente,  
em primeiro lugar,  
é a possibilidade  
de rupturas de campo

estava mais relaxada, ele me conta que destruiu um aluno arrogante com a resposta em público dirigida ao aluno: “quem você pensa que é para supor coisas sobre minha vida?”

Nesta mesma sessão me dirigiu um ataque fulminante dizendo que eu não o escutava e que não era capaz de compreender sua dor, e que certamente deveria estar fazendo algum experimento com ele jogando interpretações no escuro sem saber o que estava dizendo. Respondi: “quem você pensa que é para supor de minha condição de analista?”. Encerrei a sessão, certa de que seria nosso último encontro. Ao contrário, ele levantou-se e me dirigiu um sorriso aliviado e um forte aperto de mão, seguido do “até segunda”. Nem tudo são flores. Algumas semanas se passaram e voltam os ataques fulminantes. Desta vez foi mais longe. Ficou sexualmente impotente, e, ao me dizer isto, perguntava, quase gritando: “você sabe o que é ser um homem impotente em minha idade?”

Não respondi. Deixei que falasse. Sem ser interrompido, me garantiu que iria se suicidar naquele dia porque a psicanálise nada podia fazer por ele e que estava de saco cheio. Fiquei em pânico. “Sem querer”!, – disse – atreva-se! Ele esbravejou, saíam perdigotos de sua boca e dizia aos berros comigo: “você está me desafiando? Diga, é isso?”. Até agora não sei dizer onde fui parar.

Mas o que importa aqui é nosso assunto, retomemos. Ao dizer: você está me desafiando,



a psicanálise nasceu  
para cuidar da doença  
psíquica, das neuroses.  
Recordamos que  
o Homem Psicanalítico  
não pode ser confundido  
com a pessoa

algo nos dirigiu ao campo que seria rompido. Ele me desafiava em busca, certamente, de minha intervenção, como a fiz da vez que citei acima. Mostrar que seu desafio em relação à sua mãe sempre o deixou impotente, deprimido, desvalorizado. Celebrava esta impotência havia muito e de diversas formas, algumas muito graves para sua vida. O inconsciente passou a ser *havido*, nos termos *campistas*, à medida que revelou regras que sustentavam o Bravo desafiador impotente. Desafio masoquista que o levou a conhecer o inferno em vida.

Sigamos nosso passeio posicionando a condição do desejo. Desejo é o inconsciente em ação. Ações com marcas inteligentes do real *no* psiquismo. Suas ações no embate com o mundo vão criando precipitados de representações mais ou menos estáveis que acabam por definir o sujeito. O desejo é um estado aberto do inconsciente que pode se reconhecer e se representar. Resumindo: para a Teoria dos Campos, *Desejo* é a matriz interna das emoções, portanto, desejamos o que é agradável e também desejamos o desagradável, o repugnante. “Aquilo que se quer – que se quer que suceda, que se quer amorosamente, que se quer possuir – deriva do desejo, porém não é sua expressão direta. O que não se quer, o que se teme ou se abomina também faz parte do desejo; desejamos tanto o querido quanto o detestado”. Nesse ponto a

concepção de desejo na Teoria dos Campos se identifica com tantas outras. O importante é não confundir desejo com vontades inconscientes. “O desejo é regrado; em essência é um conjunto de regras emocionais, uma lógica produtiva, de concepção, que nunca alcançamos representar explicitamente”<sup>5</sup>.

Mesmo que matem a vontade, como se diz, sobra uma margem de desencontro produtivo, pois o conjunto nunca cessa sua produção. O desejo, lógica produtiva das representações psíquicas, matriz interna, portanto interioridade humana, advém do real e se dirige ao mundo. Desejo é o real em sua função geradora. São regras estruturantes do sujeito; para este, o sujeito, a estrutura está oculta. É uma lógica indecifrada, cifrada no jogo dos símbolos. O desejo é um aprisionado ao real, através da interioridade do homem e, pelo caminho das emoções, tenta incessantemente dirigir-se à totalidade da qual foi seqüestrado. É na consciência que apreendemos as emoções do mundo, o modo de o real se representar a si mesmo. *Por desejo, entenderemos toda eficácia anímica, que direciona o homem ao mundo, especialmente ao mundo humano.*

A psicanálise nasceu para cuidar da doença psíquica, das neuroses. Recordamos que o Homem Psicanalítico não pode ser confundido com a pessoa. Uma pessoa poderá estar na condição de Homem Psicanalítico por um tempo da vida, num consultório de psicanálise, o qual, lembremos, é um regime especial dentre possibilidades científicas de ver o mundo, uma vez que lá vemos o patológico e o cotidiano, territórios interdependentes e que não se distinguem como opostos ou por exclusão.

Desde o século XIX, a psiquiatria já havia classificado os distúrbios psíquicos através da nosografia psiquiátrica, classificatória. Embora útil até hoje, ainda não é psicopatologia. Portanto, a psicanálise foi criada como um instrumento apto a penetrar a lógica interna das doenças psíquicas. Fabio afirma:

5 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 139.

A psicopatologia, o pensamento que penetrou o mistério da lógica de concepção das neuroses, rompeu o campo que cuidadosamente distinguia e separava a vida psíquica normal da patológica, pôs em evidência o inconsciente freudiano, o qual ocupa, por conseguinte, a posição de vórtice – como as associações que se seguem a uma ruptura de campo na análise. Por isso, ainda hoje, a psicopatologia é nosso instrumento de aproximação ao cotidiano... reservando a nosografia psiquiátrica para seus fins próprios e lícitos, enquanto, na cura analítica, pensamos psicopatologicamente. Em nossa prática clínica, o diagnóstico não consiste, como na psiquiatria e na medicina em geral, em encontrar a rubrica correta onde se situa o cliente. O diagnóstico, para nós, é uma das dimensões do processo terapêutico, sua dimensão longitudinal<sup>6</sup>.

O que seria a dimensão longitudinal? O início de uma análise é marcado por uma espécie de imersão na vida anímica do paciente. Vamos, por meio de pequenos toques, provocando ruptura de campo. Mas não é possível fazer uma idéia do conjunto. Volta e meia saímos da imersão, olhamos, ponderamos para ter uma referência de onde estamos. Nesses tempos podemos teorizar, é certo, mas pouco ainda. Conseguimos apreender algo da lógica emocional que está se desenrolando. Na Teoria dos Campos, o rumo é chegar numa construção de uma teoria para cada paciente, sob medida. Precisamos teorizar nesta modalidade. Assim entendemos a psicopatologia psicanalítica, como uma forma de pensar em Psicanálise. Esta forma singular nos levará, a partir das rupturas de campo, à possibilidade de construir *prototeoria*, pontualmente, uma teorização para cada paciente. A psicopatologia faz parte do processo de interpretação, tanto no sentido transferencial quanto na direção à cura.

Para tanto, Herrmann construiu um referencial, para tratar do que denominamos acima como dimensão longitudinal; isto nos ajudará na apreensão do que é uma construção do diagnóstico sob medida e, tomando isto em consi-

6 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 172.

»  
“o tempo curto  
é o da atenção  
à palavra do analisando  
e é o tempo da técnica  
psicanalítica,  
senso estrito”

[Fabio Herrmann]

deração, avançamos para o campo da cura onde, finalmente, encontraremos nosso conceito, o destino.

### Dimensão longitudinal

Uma análise contempla três tempos: o tempo curto, o médio e o longo, no sentido do tempo musical. Os três tempos se dão simultaneamente, como um fenômeno ondulatório. É no tempo longo que o diagnóstico pode ser constituído.

Cito Fabio:

O tempo curto é o da atenção à palavra do analisando e é o tempo da técnica psicanalítica, senso estrito. Nele, as palavras perdem seu significado fixo, consensual, dicionarizado, e abrem-se em valores conotativos, em jogos de paronímia, compõem-se para formar sentidos que o paciente não tinha intenção de proferir. Livre associação, atenção flutuante, ou nossos próprios conceitos técnico-metodológicos de deixar que surja para tomar em consideração, de densidade da atenção analítica e ângulo da interpretação, vigem nesse tempo curto. O tempo médio é aquele do vínculo emocional entre analista e analisando, da relação analítica. Nós apreendemos nele sentimentos transferenciais; nele, uma turbulenta experiência, feita de amores e de ódios, além de dúzias de outros sentimentos, reedita as relações da vida do paciente, reposicionando-as com



“o trânsito entre novas versões do passado altera seu próprio futuro, situando o sujeito num tempo condicional (futuro do pretérito), que é característico do Homem psicanalítico”

[Fabio Herrmann]

respeito ao analista. Essencialmente, o tempo médio é ocupado por um drama passionnal – não simplesmente amoroso – e seu tratamento transferencial. O tempo longo é o da história do Homem Psicanalítico; é lá que a história de uma vida se projeta sobre a história da análise, numa espécie de concentração, de condensação. Neste, a análise ganha a forma do destino do analisando, do qual ele não consegue dar-se conta, e tampouco o analista, a menos que o consiga diagnosticar. No tempo longo, dimensão longitudinal do processo analítico, faz-se o diagnóstico transferencial, e organizam-se as estratégias terapêuticas... os três tempos, cronologicamente, dão-se ao mesmo tempo, ao modo de um fenômeno ondulatório... Os sinais que levam ao diagnóstico ocorrem também nos três tempos, mas é no tempo longo que o diagnóstico se pode realizar e em que se pode planejar o tratamento<sup>7</sup>.

O diagnóstico psicopatológico psicanalítico é, portanto, histórico e transferencial.

Para chegarmos a nosso destino, visitaremos a cura para melhor prepararmos nosso ponto de chegada.

Para a Teoria dos Campos, curado, o homem se cura do desejo. Entre os muitos destinos possíveis da doença psíquica está o de curar-se, também. A singularidade da cura psicanalítica está em que “o Homem Psicanalítico encontra uma nova posição em face do desejo, que pode ser resumida numa só frase: curar

é cuidar dele, que sempre inspira cuidados”. Diferentemente de concepções psicanalíticas que atribuem o destino de maturidade a uma essência anímica e, portanto, haveria uma sequência desenvolvimentista natural do sujeito, o que implica que a doença seria concebida como um desvio do desenvolvimento, impõe também uma modalidade de cura. Fabio faz uma crítica importante:

Isto é, caso postulamos, como analistas, uma sequência necessária para o desenvolvimento psíquico e um estado de maturação definido, por termos aderido a certo gosto teórico, não estaremos longe de assumir, por nossa conta e risco do paciente, a posição do deus gourmet, que exige para seu paladar conceitual um homem bem cevado nos requisitos da genitalidade, da posição depressiva, na ordem simbólica... Uma análise do estado puro de curar do desejo estaria mais ao feitio do filósofo que adequada à modesta pretensão do psicanalista... O movimento em direção à cura, por conseguinte, deve restaurar a unidade histórica do paciente, não tanto por modificar sua opinião a respeito do passado, mas por trazer de volta ao curso histórico presente a força de construção perdida... É o trânsito pelos possíveis que provoca mudanças. O trânsito entre novas versões do passado altera seu próprio futuro, situando o sujeito num tempo condicional (futuro do pretérito), que é característico do Homem psicanalítico<sup>8</sup>.

Agora nos aproximamos do destino.

Resgato um conto que muitas vezes Fabio usou para cuidar desta questão: o encontro em Samarra.

O encontro em Samarra aconteceu na cidade do Cairo. Um servo chegou para seu senhor e disse: “Estive no mercado e aconteceu uma coisa espantosa, por isso preciso que me empreste um cavalo, vou fugir”. Pergunta o senhor a seu servo: “O que aconteceu?”. “Eu me encontrei com a morte e ela me ameaçou com um gesto. Empréstame um cavalo, que fugi-

<sup>7</sup> F. Herrmann, *op.cit.*, p. 173.

<sup>8</sup> F. Herrmann, *op.cit.*, p. 179.

rei para Samarra”. O senhor bondoso, porém ousado, foi ao mercado, encontrou-se com a morte e perguntou: “Como ousaste ameaçar meu servo?” A morte respondeu: “Não é verdade, senhor! Eu não ameacei seu servo. Fiz um gesto ao vê-lo, mas foi um gesto de espanto, pois esta noite temos um encontro marcado em Samarra<sup>9</sup>. Isto é destino. O preceito desta fábula nos diz sobre o destino – algo que encontraremos, estará marcado em alguma temporalidade da dimensão longitudinal de que falamos acima. Não há como escapar. Todavia a função do analista não é aceitar o destino, mas lutar contra ele. Numa análise, o analista busca roubar a história do destino, como bom e honesto ladrão, é claro. O que não se consegue roubar se perde, se mantém como destinado. Em termos clínicos há uma infinidade de determinações. As determinações do real vêm para nós – nascemos do real, somos constantemente recriados pelo real. Este nos penetra totalmente. A análise busca que haja sentido onde só havia o real que parecia destino. A função do analista não é consertar o destino, mas lutar contra ele. Tudo pode se tornar destino a menos que roubemos sua história. O que não conseguimos roubar, perdemos.

Inspirado em Freud, mas com a singularidade crítica do pensamento de Fabio Herrmann, *destino* é um conceito da Teoria dos Campos chamado também de inconsciente recíproco e de excesso do real sobre o desejo. Destino é um nome simples para seus correspondentes. Esse excedente do real sobre o desejo, sobre o campo da personalidade, escapa das representações de realidade e identidade, formas de o desejo se representar. Embora real excedente sobre o desejo, ainda é matriz simbólica de emoção, é uma regra que organiza o sentido emocional, neste caso, não subjetivo. É emoção sem sujeito. A identidade não o atrai, dissociada que está, tampouco esse excedente tem a propriedade de se projetar

9 Este conto foi trabalhado por diversos autores, inclusive por Borges.

»  
*destino* é um conceito  
da Teoria dos Campos  
chamado também  
de inconsciente recíproco  
e de excesso do real  
sobre o desejo

no mundo. Esse conceito, chamado contágio, não dispõe de lugar nas representações. O real onde se encontra a ferocidade, o calor da paixão incontrolável, caracteriza-se pela força de um contágio. Trata-se de emoção de procedência abstrata, de fortíssimo efeito, porém, vago e impessoal. O destino é como se fosse um modo de funcionamento de leis científicas que causam fenômenos, como magia sem mago. Este algo a mais opera sem sujeito, determinando a inter-relação fatal e inexorável dos rumos de entidades distintas.

A princípio Herrmann propõe esse conceito para permitir, permanentemente, uma operação clínica numa análise, através do *diagnóstico*, como vimos, todavia reconhecendo que no processo analítico, em geral, alguma coisa, regularmente, aparece ultrapassando os limites da ação da análise, sob a forma de repetição. Isto não é nenhuma novidade, uma vez que a análise não busca reformatar uma pessoa criando uma outra, nova, como um disco de computador que você reformata ao zero. Este mesmo, reformatado, guarda informações. Mas alguma coisa na análise resiste, insiste, adere, ultrapassa o limite da análise. Trabalhando e operando no sentido de insistir, de lutar contra o destino, até perder.

Podemos figurar o destino, dentro da Teoria dos Campos, de duas maneiras diferentes. A





a importância de termos clareza sobre a existência do destino, para os analistas, é evitar criá-lo de forma bárbara, isto é, pensar que este ou aquele paciente não é possível de tratar, considerando destinos funestos *a priori*.

112

PERCURSO 38 : junho de 2007

idéia fundamental, primeira, é que no processo de formação do psiquismo, das representações do mundo, algo fica muito marcado. Quando o cerco das coisas se transforma em realidade do real, isto é, quando surge o real humano – seja na criança pequena, seja numa área do psiquismo humano que está se transformando, do ponto de vista clínico é como se na dobradura do real sobre o sujeito se constituísse um campo contaminado.

Isso funcionará na análise como um limite para o processo analítico. Embora pareça mais uma explicação metafísica, na prática isso vai aparecer como uma espécie de efeito entre paciente e analista, como uma força inconsciente, efetivamente ativada pela reciprocidade entre a dupla paciente e analista. Há um efeito de inconscientes, que não se trata do inconsciente do analista ou do inconsciente do analisando; quando estamos em relação, ainda que imaginária, isso pode ser ativado. Considerar o conceito de destino cumpre a função maior de dimensionar tudo aquilo que não é destino e que se pode tentar vencer, mesmo que nem sempre seja possível o paciente encontrar um espaço representacional. A noção de destino é uma forma de tentar

destituir a força do destino. Não precisamos pensar nele, basta saber que ele existe e está presente na análise. Assim, tenta-se minimizá-lo ao máximo.

O inconsciente recíproco, correspondente do destino, como acima descrito, é ativado no par analítico, tanto no analista quanto no paciente, o inconsciente recíproco. A importância de termos clareza sobre a existência do destino, para os analistas, é evitar criá-lo de forma bárbara, isto é, pensar que este ou aquele paciente não é possível de tratar, considerando destinos funestos *a priori*. É saber que somos insuficientes, mas devemos seguir tentando. Há o limite, há o destino e a ele sempre chegaremos pontualmente, mas só o descobriremos depois que aconteceu, na morte, por exemplo, ou em algo que termina. O destino não é necessariamente pensado como destino mal, é algo que pode manter-se como destinado. Isto só se pode saber *a posteriori*. Por isso há que se tentar. Um exemplo de Fabio nos ajudará a fazer a passagem para o conceito de inconsciente recíproco.

Diz Herrmann:

Dois homens avançam pela vida fora, sejam Pedro e Paulo, ou Esaú e Jacó, e seus destinos parecem interligados por um destino do real – no ventre da mãe, no útero do real – que os faz inimigos, amigos, êmulos, colaboradores, mas nunca indiferentes. Talvez não se conheçam, mas partilharão o prêmio Nobel ou numa cela na penitenciária. Ou não são dois homens, são duas idéias, três mulheres, um grupo de colegas que a vida separou, nações, movimentos históricos ou artísticos, filosofias. Há um estrato do real que só se ativa pela reciprocidade, uma determinação não determinística, um estrato de geração recíproca. Chamemo-lo de inconsciente recíproco. Ou, para os adeptos da boa nomenclatura tradicional e popular, chamemo-lo de destino<sup>10</sup>.

Onde mais freqüentemente encontraremos sinais do destino é na ação humana. Ele se ma-

10 F. Herrmann, *Psicanálise da crença*, p. 97.

nifesta sob a forma de convicção. Na convicção, a identidade é posta à prova demasiadamente. Início uma ação sendo um, me transformo, transformo meus pares e terminamos diferentes. É na ação que opera excelentemente o inconsciente recíproco. O sujeito, sentindo-se convicto de sua autoridade sobre os destinos da ação, ao dar-se conta dos desvios que necessariamente se produzem da diferença entre seu querer e seu desejar, experimenta o dilema de admitir que seu caráter difere da identidade e escolhe caminhos imprevisíveis, como se a ação criasse vida própria, escolhendo seu destino; dito de outro modo, o destino, o inconsciente recíproco, opera apoiando a convicção em circunstâncias alheias à minha vontade, durante a ação, especialmente durante uma ação partilhada. É uma área de contágio, mas com força concreta e irrepresentável.

A sobrecarga do destino, com todas as discrepâncias de que é inocente, e seu cancelamento posterior, deixam como restos a convicção no determinismo absoluto. Nunca um bode expiatório terá sido mais bem carregado e para mais longe enviado do que o inconsciente recíproco, o destino, para o deserto da negação<sup>11</sup>.

O destino é, portanto, o depositário de todos os excedentes. Tal como vimos, é na ação que ele se manifesta. É inconsciente recíproco por não ser nem de um nem de outro, mas inconsciente da própria reciprocidade. São movimentos em ação que podem parecer, à primeira vista, independentes um do outro, mas um mistério os conjuga.

Deixo por aqui esta reflexão, esperando segui-la num outro momento.

Faz-se necessário deixar Fabio falar:

Nossa vida transcorre simultaneamente em dois planos. Num deles, tomamos infinitas pequenas decisões, sujeitas à incerteza e ao sofrimento, porém o

11 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 99.

12 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 112.

o destino é, portanto,  
o depositário de todos  
os excedentes.

Tal como vimos, é na ação  
que ele se manifesta.

É inconsciente recíproco  
por não ser nem de  
um nem de outro, mas  
inconsciente da própria  
reciprocidade

rumo geral que o conjunto mesmo dessas decisões toma acaba por cumprir um desígnio que escapa a cada uma delas. O rumo geral de nossa existência, particular e inelutável, é determinado por um rio subterrâneo de sentidos que corre num plano completamente diverso daquele onde nossas escolhas operam. Na verdade, a dimensão trágica da vida não consiste propriamente em que, qualquer que seja o caminho percorrido, a morte nos espere ao fim dele, ou que as paixões comuns vençam todas as precauções tomadas contra elas. Não é a vitória bruta do universal sobre o particular, mas sua articulação, a fonte da tragédia: ou seja, a forma particular de viver em face das paixões e da morte constitui um desenho muito especial para cada um de nós, desenho que vamos preenchendo sem a menor consciência de conjunto, até que ele se põe diante de nossos olhos, acabado. Então percebemos que tudo só podia levar a isto, que isto tem exatamente nossa fisionomia, que este é e sempre foi o sentido de nossa vida<sup>12</sup>.

A experiência de trabalhar este texto foi marcada por uma luta contra o destino.

Agradeço aos amigos que me ajudaram nesta travessia.



**Referências bibliográficas**

- Herrmann F. (1991). *Andaimos do real. Livro primeiro. O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (1998). *Psicanálise da crença*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann L. (2005). *Andaimos do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: PUCSP. (Tese de doutoramento.)

**Fate – from psychopathology to healing.  
A brief stroll in Theory of Fields**

**Abstract** This paper explores the concept of destiny in the Fabio Herrmann's "Theory of multiple Fields". The effects of de destiny in the analytic process into consideration are also taken, the notion of the unconscious and the reciprocal unconscious. The main point of the destiny is the notion of "field disruption" and its effects, whenever "destiny" can be transformed into "history" for the patient, object of the cure.

**Key words** destiny; Herrmann's theory of multiple fields; history of the patient.

Texto recebido: 12/2006

Aprovado: 2/2007

# As sombras que assombram

## o método psicanalítico da Teoria dos Campos na clínica do *envelhecete*

Sylvia Salles Godoy de Souza Soares

**Resumo** Tomando alguns aspectos de uma análise, a autora demonstra que as rupturas provocadas pelas mudanças de ciclo de vida, que põem em evidência o envelhecimento, podem provocar um abalo no edifício identitário, pela perda de suas auto-representações e pela dissonância com as novas leis mediadas pela sociedade contemporânea. A especificidade da análise, que se dá à luz da Teoria dos Campos de Fabio Herrmann – que usa o método da psicanálise para o estudo de todas as manifestações do psiquismo – propiciou a essa paciente pôr em palavras um passado que precisava ser lembrado e reeditado para promover seus lutos. Em especial, ela pode transformar a experiência de análise num meio de re-significar e resgatar a essência de seu universo afetivo, tomar maior consciência de si mesma, no sentido de valorizar o momento e conferir um novo sentido à sua vida.

**Palavras-chave** Psicanálise; Teoria dos Campos; processo de envelhecimento; transições; identidade; representações.

**Sylvia Salles Godoy de Souza Soares** é psicanalista, mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 122.

O instrumental psicanalítico que se tem voltado para a criança, para o adulto, e para a criança no adulto, deixa lacunas em relação a uma categoria de pacientes, cada vez mais extensa – talvez produto da nossa época –, que apresenta uma modalidade de sofrimento peculiar. Trata-se de pessoas que nos procuram com fortes angústias de separação e inibições frente às mudanças, que surgem quando se encerram ciclos de vida em diferentes faixas etárias. Suas queixas são de desinteresse pela vida e desalento em decorrência de sucessivas perdas e falta de perspectivas para o futuro. E foi na Teoria dos Campos, “que considera que cada conjunto de relações é determinado por regras que lhes dão sentido, inconscientes [...] que formam o campo das relações [...] e constituem seu inconsciente relativo porque pertinente às relações que determina e pelas quais se descobriu”<sup>1</sup>, que encontrei esteio para meu trabalho.

O encontro com Fabio, artífice de uma teoria que oferece subsídios abrangentes e possuidor de extrema sensibilidade clínica, foi o ponto de chegada para inúmeras questões a respeito de crises de idade com abalos no edifício identitário. A começar com a forma pela qual incidem as transformações sobre a vivência do processo de envelhecimento – desde as mudanças corporais na interface de uma dada cultura num tempo e espaço – até sua intensidade, devido à complexidade de fatores que concorrem para provocar mudanças no cenário das representações mentais.

Meu propósito neste artigo é assinalar a relevância do método da *ruptura de campo*, como instrumento de investiga-



a travessia de distintas passagens  
na vida pode ocasionar agudos  
conflitos entre o desejo  
de permanência e o confronto com  
uma realidade outra à sua volta

ção, para alargar as possibilidades de desenvolvimento da função mental, promover mudanças psíquicas e pensar novos caminhos em etapas tardias da vida.

Na literatura encontrei um consenso de que a identidade vai sendo continuamente construída e desconstruída ao longo da existência – calcada nas estacas da trama sociocultural – e que tem suas bases fundadas num psiquismo que é próprio de cada pessoa. Herrmann (1992) vai além da concepção de um amálgama, decorrente da apreensão peculiar que cada um tem de mundo e de como o representa. De seu ponto de vista, a psique não é individual, nem social nem cultural exclusivamente. Para ele, o sentido humano instaura-se a partir do momento em que, ao *romper-se o cerco das coisas* – da materialidade, onde não há intervalo entre a necessidade e a satisfação desta – abre-se espaço no jogo entre o bebê e sua mãe para a *mentira original*. Neste salto cria-se o real humano, o desejo: o reino do sentido, do sonho, do ato falho. Cria-se o mundo e o eu. Inaugura-se, assim, o universo de representações.

Herrmann sustenta que “a superfície representacional representa sempre um papel defensivo. Reveste em primeiro lugar a subjetividade com a película demarcadora de limites que representa a identidade; em segundo lugar, é o representante da desmedida inter-relação entre os homens [...]. Está investida por uma forte carga pulsional, furtada à desejada fusão no real”<sup>2</sup>. Ora, se os componentes do sujeito têm a mesma origem no real e no mundo objetivo, há uma representação de mundo que se cola à superfície identitária e sobrepõem-se estados de

conflito entre desejo e real porque “o mergulho nos grandes temas da vida e da morte, sobretudo a convivência íntima e desprotegida com a lógica de concepção do real humano – as regras produtoras de sentido, imersas e ocultas no estofo da cultura, ativas na sociedade e no indivíduo, como campos organizadores – desfazem a diferenciação cuidadosa entre o eu e o mundo, ao mesmo tempo que impossibilitam nossa razão comum e cotidiana de funcionar satisfatoriamente”<sup>3</sup>.

Por esse prisma, a travessia de distintas passagens na vida pode ocasionar agudos conflitos entre o desejo de permanência – onde florescia certa estabilidade emocional – e o confronto com uma realidade outra à sua volta. Entre a representação de um *eu* e sua imagem refletida em outrem, há que se distanciar para safar-se do contágio e buscar novas referências para tecer configurações frente às quais possa reconhecer-se.

Observa-se na prática analítica, segundo Herrmann, que “os pacientes relutam em deixar-se perder de suas auto-representações [...] e, se isso ocorre por efeito da luta de um instinto de vida contra um instinto de morte que os ameaça com aniquilamento psíquico em situações de irrepresentabilidade, nada nos garante”<sup>4</sup>. Ao passar pelo crivo da análise, o paciente vai experimentar abalos identitários pelo efeito interpretativo da *ruptura de campo*, e descobrir coisas às quais não tinha acesso, provindas do entrechoque de auto-representações.

Para expor o *methodo*, entendido em seu sentido investigativo como um caminho que conduz ao conhecimento, proponho um traçado, que delinheie fronteiras imaginárias, convencionalizado como um meridiano, entre a história do paciente, que até então foi vivida em sua singularidade, num solilóquio talvez, e a história que vai se construir a partir da análise. O indivíduo presume-se *um*, mas, na investigação analítica,

2 F. Herrmann, *O divã a passeio*, p. 169.

3 F. Herrmann, 1992, *op. cit.*, p. 175.

4 F. Herrmann, *Andaimes do real*, p. 222.



muitos *eus* se apresentam; alguns já existiam e passam a se revelar.

A história que passo a narrar é um fragmento do processo analítico de uma paciente<sup>5</sup> no qual destaco as mudanças de ciclos, com suas crises mais ou menos agudas na identidade pessoal e social, e as mudanças possíveis que ocorreram. Herrmann nos propõe uma imersão no material do paciente para *deixar que surja*. Tomando seu próprio modelo de nado de peito, cuja prática impõe um movimento combinado de mergulho e tomada de ar, fui acompanhando Sofia, em análise comigo há aproximadamente quatro anos. Trata-se de uma mulher vivendo a *década* dos quarenta e, aparentemente, abrindo-se para uma nova etapa de vida. Esse processo parecia-lhe natural – do momento em que uma página de sua história fora virada. Casara-se jovem e a construção de uma família, de um patrimônio, o educar filhos já faziam parte do passado, ainda que recente. Esvaziada sua função, perdido seu sentido, ela volta-se para o mundo intelectual, no propósito de profissionalizar-se. Contudo, depara-se com uma dupla tarefa pela frente: fazer o luto do projeto *princeps* de vida e arrojá-lo em um novo intento. Para isso, tem procurado desenvolver um trabalho intenso consigo mesma, que, aliás, é inerente à sua profissão.

A análise de Sofia chamou-me a atenção para o aglomerado de sensações, que *a priori* aludiriam à velhice, emergindo na narrativa de uma jovem senhora. A história sobre sua vida falava de tempos idos, como se patinasse na superfície de um lago gelado; à parte, vislumbrava-se uma profundidade onírica, por seu apreço à arte, à prosa e, em especial, à poesia, que no decorrer do processo foi revelando a riqueza de seu mundo mental.

Alguns fragmentos de sessões, entremeados de associações minhas, são ilustrativos. Era o dia de seu aniversário e sua comemoração provocava uma oscilação de emoções.

5 Caso clínico objeto de estudo de minha tese de doutorado: *Psicanálise na maturidade: um resgate possível*, São Paulo, PUCSP, 2006.

»  
a análise de Sofia chamou-me a atenção para o aglomerado de sensações, que *a priori* aludiriam à velhice, emergindo na narrativa de uma jovem senhora

P – *Ontem fui festejar meu aniversário e, vendo meu sogro, velhinho, lembrei-me de um filme de V.H.K., em que um personagem se internou num asilo para lá morrer. Estou meio fúnebre!*

A – A presença da morte passou pela sua mesa...

P – *Não sei quantas mortes passaram por lá. Eu estou viva. Mas tem um outro lado da coisa, a ala jovem, a conversa fluindo. A vizinha vai ser avó!*

A – São três gerações: os jovens, os velhos assustados com a morte, e você que está no meio.

P – *O meio traz dúvidas, se me identifico com o avô, sogro, ou com os jovens; acho que estou mesmo numa transição.*

A – Em um extremo a morte; em outro, a vida. Mas não é nesse impasse que estamos o tempo todo?

P – *Ficar velhinha dá impressão de despedida e, se o caminho é esse, o jeito é ir, porque para voltar para trás não dá. A equivalência da idade é a depressão... Ontem falei para meu marido: como é estar casado com uma mulher por 25 anos? Ele respondeu: você parece ter vinte e cinco anos. Eu estou velho.*

Sofia oscila entre a euforia da juventude e o esmorecimento da velhice. Espelha-se no marido, companheiro de tantos anos, e vai-se dando conta do drama que vive nesse descompasso. Uma das mortes parece ter sido esta: a de um marido jovem. Ou a morte de algo que existia entre eles.

P – *Acho que nunca pensei no casamento de verdade. Estava ali com os filhos, não precisava pensar. Não tem mais jeito; eles indo embora, tenho que me haver comigo. A relação foi bem vivida,*



o tempo de lembrar, típico da velhice, aparece representado por movimentos pendulares que marcam as idas e voltas ao passado.

*não faltou nada. Se tivesse que passar tudo de novo não gostaria. Fica uma saudade... Filhos são um grande projeto de vida! Só que era a sustentação do casamento. Quero agora recuperar um pouco de mim mesma. Casei jovem; não dá, nem poderia voltar, nada tenho dos 20 anos. A relação da mãe é tão intensa, que fica um vazio sem preenchimento. Morre o filho criança, morre a mãe jovem.*

Sua narrativa lembrou-me Guimarães Rosa: “De primeiro eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp’ro não fantasêia. Mas agora, feita a folga que me vem e sem pequenos desassossegos estou de range rede. E me inventei nesse gosto de especular idéia”<sup>6</sup>.

O vai-e-vem da rede, mote propulsor da memória, embala suas recordações. O tempo de lembrar, típico da velhice, aparece representado por movimentos pendulares que marcam as idas e voltas ao passado. A história contada por trechos impregna a estatura de vida e morte. *Menopausa*. Angústia de separação, de perda, e a implacável passagem do tempo!

Assim era a pessoa dela: projetando-se no futuro, mas compassiva à nostalgia de um tempo encantado na sombra. Ocorreu-me, a um só tempo, duas lembranças: uma composição de Chiquinha Gonzaga, mulher adiante de seu tempo: “Oh, abre alas que eu quero passar”. E uma passagem de Eça de Queiroz que menciono:

A – “o amor é como a sombra: quando fugimos, ela nos persegue, quando mudamos de direção e corremos atrás dela, ela foge de nós”<sup>7</sup>.

P – *Você já leu O homem que perdeu a sombra do Ignácio Loyola?*<sup>8</sup> *Se você quiser posso*

*te emprestar... Eu me vejo descaradamente na minha mãe: é assustador demais, sempre às voltas com a idéia de doença, de morte... Agora ocorre infinitamente menos como me vejo nessa mulher. Coisa de bruxaria; é uma teia. Outra história é que havia uma sintonia com meu marido e foi isso que morreu...; vem vindo num ocaso, crepúsculo, escurecendo, indo para as trevas. Sinto ser mais um estado de alma, do que da idade.*

A passagem do tempo, em sua pressa, deixa à mostra a sensação de vacuidade e gera uma nova fonte de inquietação. Herrmann, ao teorizar clinicando, nos instiga com questões:

Como trabalhar com um paciente fértil em operações metafóricas? [...] Como facilitar o trânsito de um cliente cuja dificuldade maior seja a de admitir a travessia de campos analíticos, com a conseqüente turbulência identitária? [...] Como privilegiar o trabalho de um campo sobre os demais, como penetrar numa trama cerrada de campos, como servir-se de um campo para elucidar outro [...]?<sup>9</sup>

Seguindo os passos de Sofia, aceito a oferta do livro, fonte inspiradora que originou um idioma entre nós duas. O desembulhar da história revelou uma certa abstenção de afetos em seu dia-a-dia. Sua vida mental habitava um espaço reduzido abafado pela ação da rotina; ou, vice-versa, seu pragmatismo se encarregava de ocultar a fonte de suas emoções.

Um exemplo: uma fuga de marginais da penitenciária, ocorrido nas vizinhanças em que mora, é contada por ela como um *conto*. A notícia divulgada pela imprensa, de que as pessoas na cidade estavam assustadas pela periculosidade dos bandidos, não abalara Sofia. Conservar-se inalterada, embora observasse que achava estranha sua reação. Outro: um prédio que estava sendo construído em frente à sua casa, ela só chega a notar quando retiram o *tapume*. Essa re-

6 J. G. Rosa, *Grande sertão: veredas*, p. 9.

7 Lembrança de infância. Transmissão oral feita por meu pai.

8 I. Loyola Brandão, “O homem que perdeu a sombra”.

9 F. Herrmann, “Tempo e entrelaçamento dos campos”, p. 118.

apresentação, por muito retornar, transformou-se em um protótipo para outras defesas: havia sempre uma explicação de *bom senso* para o brotar de sentimentos menos suportáveis. À semelhança de uma *venda*, ou bandagem – que servia como uma faixa de isolamento entre nós duas – me induzia a formular uma compreensão metafórica quando eu percebia no tom de sua voz uma vibração mais acentuada. Emergiam então lembranças em meio a fantasias infantis: *Não sei por que não posso ficar alegre; mas sei que toda vez que algo me acontece de bom, de extraordinário, lembro-me de minha mãe dizer: menos, menos euforia. Quem caminha é a sombra que me acompanha, que me leva, que é mais forte que eu...*

Mas, afinal, qual a efígie da sombra? Na acepção grega nos relata Herrmann: “Os deuses são; o homem é uma sombra! – *Skiá* – uma réplica. O homem é o sonho de uma sombra. O homem é nada e ao mesmo tempo a medida de todas as coisas. Isso quer dizer que ele é mortal. A mulher é pensada como um ser diferente do ser humano. Essa idéia nos remete à questão do narcisismo: confunde o homem com a sombra”<sup>10</sup>.

Por momentos Sofia mira-se em seu próprio espelho: vê a si mesma, seu trabalho, suas idéias; na outra face, apenas o reflexo de uma figura poderosa – da mãe ou do marido, o homem que representa a voz do pensamento – que faz sombra e reduz a figura feminina a um nada. Em certos momentos, em sua constelação representacional, ela assemelha-se à lua: não tem luz própria... Mas sua identidade, que emergia apenas refletida pela luz das identificações, começa a se delinear na análise: *Minha mãe nunca se interessou por mim e me senti lisonjeada, que falei coisas interessantes, com seu pedido para usar o material das minhas sessões... Tenho clientes, mas meu marido diz que eu preciso aprender a ganhar dinheiro; sei que posso investir no meu trabalho*

10 F. Herrmann, comunicação verbal feita no curso de pós-graduação no Programa de Psicologia na PUCSP, em 26/08/04.

11 F. Herrmann, comunicação verbal no curso de pós-graduação no Programa de Psicologia na PUCSP, em 13/05/04.

»  
para perceber-se como pessoa,  
Sofia teria de se ir despregando  
das imagens que lhe faziam *sombra*,  
dos espectros que obscureciam  
sua própria figura

*porque sou mantida por ele, o que, de um jeito ou outro, me mantém sujeita a ele que é uma pessoa tão concreta, prepotente...*

Vale lembrar que, por ser ele quem proporcionava sua análise, de certa forma, ambas – ela e eu – estávamos sujeitas à sua anuência.

Para perceber-se como pessoa, Sofia teria de se ir despregando das imagens que lhe faziam *sombra*, dos espectros que obscureciam sua própria figura. Na análise, ao começar a se distinguir, fala de uma *espécie de orfandade*, produto da descompressão da imago materna que aos poucos se distancia: *Vejo que a depressão é uma coisa da minha mãe*. Percebe a ambivalência em relação ao marido, misturada que estava com a figura paterna que a um só tempo a protegia e amarrava. O trabalho de luto pelas perdas naturais e de suas representações internas, em especial das imagos infantis, começa a processar-se. Vislumbra um ressurgir das cinzas, em meio à presença de sombras que ainda turvam seus horizontes. Pois, como nenhum arbusto viceja a sombra de uma árvore frondosa, as sombras que nos acolhem são as mesmas que nos encolhem, ou ainda, nos assombram com seus vultos avantajados. Mas de que sombra se fala? Herrmann faz uma indagação importante: “para aonde vai a sombra durante a noite? A sombra é o avesso da consciência, lugar onde se opera a lógica geradora do pensar, dos sentidos psíquicos, (fantasias) que Freud denominou inconsciente”<sup>11</sup>.

P – *Fico triste no Natal, porque a gente festeja o nascimento de Cristo já sabendo que ele vai morrer...*

Fantasias de morte – da mãe depressiva, que devem tê-la assombrado desde muito



com medo de não ser ouvida – ou de eu ter desaparecido –, ela me cutuca com uma provocação, para exorcizar a sombra da mãe morta, debruçada sobre a situação analítica

cedo – recrudescem no medo de vir a ser nada. Diz Green, “a característica essencial dessa depressão é que ela tem lugar na presença do objeto, ela própria absorvida por uma privação ou abandono”<sup>12</sup>.

Aos poucos as imagens infantis dissipam-se: *Sonhei com F, uma professora, estabonada, numa alegoria de escola de samba. Achei estranho que fui a vencedora no concurso de samba-enredo<sup>13</sup>, com uma idéia brilhante: um Cristo desfilar com a cruz na passarela e as diversas alas desenvolvendo temas litúrgicos. Minha única dúvida era se colocaria um único Cristo atravessando toda a avenida ou um em cada ala da escola?*

Meu silêncio imediato provocou uma reação inopinada: *Você está como a F!*

Com medo de não ser ouvida – ou de eu ter desaparecido –, ela me cutuca com uma provocação, para exorcizar a sombra da mãe morta, debruçada sobre a situação analítica. O sonho, sob a forma de alegoria, traz à luz a ânsia de decifrar mistérios e a antinomia do desejo: de se destacar, mas desfilar sua dor. E também de ter um público, ou, ao menos, sua analista para escutá-la.

P – *O olhar do crepúsculo chama mais minha atenção do que o sol nascer; isso me confisca. (Chora.) Não sei definir: se eu disser que é espelho da minha própria velhice, não é verdade, não é um sentimento legítimo – melancolia –, não é meu. O tempo é mais uma história da minha mãe... Existe a alegria, mas logo passa, se evanesce... Tenho uma nostalgia de algo que não entendo, de algum tempo... De tempo nenhum; é uma nostalgia que dá medo. Não tenho medo da morte, mas de viver eternamente. Fantasia de morte não me assombra, nem a antecâmara (velhice) porque pa-*

*rece que tem uma coisa de acolhimento, a pessoa vai retraindo-se. Mas, pensar sobre essas coisas é estar vivo. Como disse Clarice Lispector: “Quando tenho fome sinto que estou viva”<sup>14</sup>.*

Antes de deitar-se, com frequência Sofia olha-me de alto a baixo, examina meu semblante, arrisca uma espiada no nome de algum livro que eu esteja lendo. Quando aponto as minhas percepções, ela replica: *é como quando vou falar com minha mãe. Preciso saber como está seu humor para poder falar certas coisas... Li no jornal sobre uma mãe que presenciara a filha despencar do parapeito da janela sem conseguir segurá-la. Imagine que uma psicóloga queria saber se podia processar a mãe. Numa hora dessa! Ela se identificou com a criança e eu com a mãe, com aquela dor. Que condições teria essa psicóloga se tivesse que atender aquela mãe? Lembro-lhe cenas por ela referidas: do colega de seu filho que morreu, do pai de outro que foi executado e resalto a frequência com que ela se coloca no lugar da heroína, usando sua mente como palco da tragédia<sup>15</sup>.*

Sofia começa a pôr em dúvida o porquê de viver a tragédia, já que tinha uma vida corriqueira, com um marido que dorme, que fica de pijama... Um sonho ilumina:

P – *Meu marido estava desarmado, quando eis que veio vindo a top model Gisele Bündchen, maravilhosa, andando languidamente, com uma porção de negros fortes, os seguranças, e os ladrões foram embora.*

A incógnita da charada se traduziria pela disfunção erétil do marido? Mas, esse destoar o soberano de suas funções, além de sugerir uma competição com ele, deixa entrever a onda de sexualidade, anseios de ser modelo, de brilhar, de ser invadida, penetrada, mas, sobretudo, de anular o marido, para sobressair-se e sair de sua sombra. Sofia caminha no sentido de envelhecer:

12 A. Green (1983), “A mãe morta”, p. 148-177.

13 Todo ano, as Escolas de Samba promovem um concurso para escolher a composição musical que servirá como samba-enredo para o desfile.

14 Citação da paciente cuja fonte me é desconhecida.

15 Tragédia, no sentido figurado pela paciente: sinistro.



P – *Minha identidade foi toda calcada em ser mãe. Agora é como se eu tivesse que resgatar essa identidade que foi posta de lado por tanto tempo. Não é só a questão da sexualidade, mas é tudo. É como os fios com que sonho, que alguém está roubando. Não sei onde vai dar isso, mas é desesperador perder o controle. Parece que separei a afetividade e agora tudo é pensamento.*

Por pressentir que algo estava por se romper, reporto-me à imagem de um filme:

A – Ao menor sinal da natureza, um pássaro escuta e avisa os outros para se evadirem antes da precipitação de blocos de gelo ao solo. A transição prenuncia a chegada de uma nova estação: a primavera que ressurgiu.

P – *Que lindo! Você deveria escrever isso...*

Perceber-se separada do marido abre um hiato na representação de si: por não se saber jovem, nem velha, ela sabe de onde veio, mas não sabe para onde vai. Em uma palavra, teme ser capturada pelo ar rarefeito do vazio representacional. Experiência indizível, conceituada por Herrmann (1991) como *vórtice*, o qual pode ser apreendido por seu efeito vertiginoso, “acompanhado de sentimentos vagos de perder o pé e afundar-se em si mesmo, de despersonalização, de auto-desconhecimento, de estranheza”<sup>16</sup>. Em meio à angústia, aflora o campo transferencial. Os entreatos de fala – a respeito do sonho – e silêncio na sessão mostram a tensão, que num dado momento se rompe, insinuando sua sexualidade e pondo à mostra uma agressividade em vigência: a competição com o marido e, veladamente, comigo. *Bonito seu vestido* – fala com ar de admiração –, *tem um ar feminino; e eu sempre de calças, acho que é o costume!* Emerge a expressão do desejo: recuperar um tempo perdido, de uma mulher à qual não foi permitido, entre outras coisas, transparecer sua feminilidade. Ao me dizer o que pensa e o que sente, ela transpõe o tapume. A aparência do ramerrão começa a se desfazer, regras que não podiam ser tocadas se esgarçam por seu uso excessivo; e, como que

perceber-se separada do marido  
abre um hiato na representação de si:  
por não se saber jovem, nem velha,  
ela sabe de onde veio,  
mas não sabe para onde vai

por um efeito cumulativo numa aguda percepção, vislumbra a possibilidade de que campos sucessivos venham a se romper em sua vida, o que lhe parece um *absurdo* pela estranheza de acordar em campos de representações fugazes e nebulosas. Tudo o que sabe é que aqueles são os derradeiros momentos de uma etapa em que as representações que deram a ela a medida de ser ela mesma não dão mais conta e cujo passo seguinte é o desconhecido. Mas ela deixa em aberto algumas frestas com anseios de uma mulher madura.

O fim de ano se aproximava e de volta antigos temores. Os lutos bem ou mal elaborados enviavam seus fantasmas para *sombrear* seus íntimos.

P – *A alegria do nascimento não vem só: tem um Cristo nascendo que vai morrer; fica implícito. Tem uma inscrição pelo menos no mundo ocidental. Não sou religiosa, não sei se precisa, está meio na humanidade. (I.N.R.I.) Não sei se você é católica... Na igreja católica, não é permitida a alegria, sem um sentimento melancólico; é a melancolia por excelência. A comunidade de jovens é uma tragédia; dá um toque do falso, do hipócrita.*

Sofia parece-me designar como seu confessor para que eu ouça suas mágoas que desnudam a ambivalência: o alegre e o triste, o paradoxo da vida e da morte. Nesse Natal ela me presenteia com uma caixinha de jóias, de prata. *Sabia o que realmente queria te dar, mas custou muito para achar.* Ela queria me presentear com algo onde eu guardasse as minhas ou as suas coisas de valor.

Como afirma Smirguel: “um mistério obscuro e de difícil resolução reveste o sexo feminino, o qual não é passível de se revelar através de

16 F. Herrmann, 1991, *op. cit.*, p. 72.



uma sondagem científica, mas sim na experiência afetiva e instintual profunda, por toda luxuriante e complexa mitologia que o envolve<sup>17</sup>.

No começo de ano que se seguiu, ela pergunta se vou aumentar o valor da sessão e me comunica que dali em diante gostaria, na medida do possível, de arcar com suas despesas. Passados poucos meses, Sofia relata uma conversa com o marido: *a questão é que eu estou absurdamente desinteressada dele, mas não sei o que fazer com isso...*

Por fim, ela se dá conta de que, se, por um lado, seu casamento chegou a um termo irreversí-

vel, por outro, ela não quer despertar de um sono letárgico que a dispensa de ter que tomar uma decisão. Seu sofrimento é agudo: quer deixar de viver sob suas asas, quer liberdade; mas pondera, porque há uma história dos dois que não pode ser jogada fora. Afinal, todo esse cabedal constituiu-se no investimento de uma existência. Na prática de sua vida, Sofia ainda vai ter que fazer uma escolha. Mas em seu mundo mental, ao desembaraçar-se dos fantasmas de uma existência simbiótica, Sofia, por fim, sai da *sombra*, ou melhor, encontra sua *sombra perdida*. No dizer de Loyola, seu duplo, isto é, reflexo de si mesma.

17 J. Chasseguet-Smirguel, *La sexualité féminine*, Paris, Payot, 1991.

#### Referências bibliográficas

- Brandão I. L. (1999). O homem que perdeu a sombra. In: *O homem que odiava a segunda-feira*. São Paulo: Global.
- Chasseguet-Smirguel J. (1991). *La sexualité féminine*. Paris: Payot.
- Green A. (1983/1988). A mãe morta. In: *Sobre a loucura pessoal*. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago.
- Guimarães Rosa J. (1984). *Grande sertão: veredas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Herrmann F. (1991). Tempo e entrelaçamento dos campos. In: *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (1992). *O divã a passeio*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução a Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2001). *Andaimes do real*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Soares S.S.G.S. (2006). *Psicanálise na maturidade: um resgate possível*. São Paulo: PUCSP. (Tese de doutoramento.)

#### Haunting shadows: Clinical method of the Theory of Fields as applied to ageing

**Abstract** By means of some aspects of an analysis, the author demonstrated that the ruptures originated by changes in the lifecycle, which highlight the aging process, weakened their long-established identities, as they lost their auto-representations, and were shaken by what was perceived as the dissonant social laws imposed by contemporary society. The specificity of this analysis is given by the fact that it is based on Fabio Herrmann's Multiple Field Theory, which uses the Psychoanalytic Method in all studies of mental processes. It prompted that something be put in words – a past that needed to be remembered and re-edited – as well as permitting the patient mourning. In special, she could transform the experience of psychoanalysis into a means of re-signification and of rescuing the essence of the affective universe, become more aware of herself in order to value this moment and give new meaning to her life.

**Keywords** Psychoanalysis; Multiple Fields Theory; aging-process; identity; transitions; representations.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 2/2007

# Fabio Herrmann – dos *Andaimos* às *Meditações*

uma investigação metodológica

José Carlos Mohallem  
Fernanda Sofio

**Resumo** A obra de Fabio Herrmann convida o leitor a um reexame constante de suas teorias, colocando em xeque verdades estabelecidas, arremessando-nos num vórtice. Tomando *O método da Psicanálise* e as *meditações clínicas* de Herrmann, é inevitável a comparação com Descartes e seus *Discurso sobre o método* e *Meditações metafísicas*. A comparação dos papéis desempenhados por Descartes na Filosofia e Herrmann na Psicanálise possibilita elucidar a contribuição epistemológica trazida por Herrmann.

**Palavras-chave** método psicanalítico; vórtice; Fabio Herrmann; Renée Descartes.

**José Carlos Mohallem** é psicólogo, mestrando em Psicologia Clínica pela PUCSP, membro do CETEC (Centro de Estudos da Teoria dos Campos).

**Fernanda Sofio** é psicoterapeuta, mestranda em Psicologia Clínica pela PUCSP, membro do CETEC.

- 1 F. Herrmann, *A infância de Adão e outras ficções freudianas*.
- 2 F. Herrmann, *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*.
- 3 O termo é dos autores deste artigo. A idéia consiste em nomear o vórtice causado pela obra de Herrmann na história da Psicanálise – um vórtice invertido, pois a cada texto do autor, a cada idéia, seu pensamento torna-se mais convincente. Trata-se do efeito de vórtice que tem a obra de Fabio no leitor.
- 4 R. Descartes (1637), *Discours et la méthode*.
- 5 R. Descartes (1641), “Meditações concernentes à primeira filosofia”.

A leitura da obra de Fabio Herrmann convida o leitor a um reexame constante de suas teorias, colocando em xeque – amante do xadrez que sempre foi – nossas verdades estabelecidas sobre a psicanálise, a clínica, arremessando-nos num vórtice, nesse turbilhão que arrasta nossas representações dominantes, tornando impossível permanecer imune. Na obra de Herrmann, nada é gratuito ou supérfluo. Seu estilo elegante, de uma erudição sem barroquismos, foi se tornando ao longo dos anos mais poético. A densidade dos primeiros escritos foi cedendo lugar ao ficcional, como em *A infância de Adão*<sup>1</sup>, culminando no diálogo franco com um interlocutor imaginário – bem ao estilo freudiano – do qual as *meditações clínicas*<sup>2</sup> constituem um exemplo bem acabado. Do primeiro livro, *Andaimos do real – o método da Psicanálise*, publicado em 1979, e elaborado ao longo dos dez anos anteriores, ao último grande trabalho *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*, escrito entre 2002 e 2004, foi se articulando um pensamento coeso, que já nasce maduro, mas que vai como num vórtice invertido<sup>3</sup> crescendo e, em cada volta desta espiral, encorpando-se e ficando mais poderoso.

O fio condutor do presente trabalho parte desta não gratuidade do autor. Tomando os títulos dos trabalhos mencionados, é inevitável a comparação com Descartes e seus *Discurso sobre o método*<sup>4</sup> e *Meditações concernentes à primeira filosofia*<sup>5</sup>. O que pode haver em comum entre Herrmann e Descartes? A aparentemente esdrúxula comparação talvez encoberte algumas similitudes. A hipótese que lançamos é a da existência de



é consenso na história da filosofia considerar Descartes como o autor que inaugura a modernidade

uma afinidade eletiva entre os dois projetos, da qual Herrmann estava ciente. A comparação do papel desempenhado por Descartes na Filosofia e Herrmann na Psicanálise, feita de forma muito sumária, nos conduzirá ao objetivo deste artigo: elucidar a contribuição epistemológica trazida por Herrmann.

### Descartes e a inauguração da filosofia moderna

É consenso na história da filosofia considerar Descartes como o autor que inaugura a modernidade. O combate à filosofia anterior de cunho aristotélico-tomista<sup>6</sup> é um de seus pontos de partida. Diferentemente desta filosofia, Descartes não considera as representações como sendo primeiramente de cunho sensível, sendo posteriormente captadas pelo intelecto; ao contrário, Descartes promove uma inversão epistemológica: o que possuímos primeiramente são as representações das quais devemos testar a realidade. A suspensão do sensível faz com que o autor busque nas próprias representações os critérios que atestem sua validade. A primazia do sujeito, que solitariamente investiga as bases do conhecimento possível, é construída paulatinamente nas *Meditações metafísicas*<sup>7</sup>, em que o autor questiona, através da *dúvida sistemática*, todas as opiniões preconcebidas, todo o conhecimento erigido pelos filósofos e transmitido pela tradição, desfazendo-se “de todas as opiniões a que até então dera crédito, e come-

çar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências”<sup>8</sup>, almejando assim construir um conhecimento claro e distinto sobre as coisas. O empreendimento cartesiano consubstanciado nas *Meditações* é o corolário de seu *método* que buscava assentar o que era verdadeiro nas ciências. O *método cartesiano* deriva-se diretamente da geometria, passando dos axiomas simples e evidentes aos mais complexos, dividindo as dificuldades encontradas em tantas partes quando for possível e necessário para resolvê-las.

A simplicidade do procedimento metódico encobre uma verdadeira revolução que inaugura a filosofia moderna: ao criticar o conhecimento herdado pela tradição e validado pelo discurso de autoridade, Descartes coloca o próprio *sujeito* como autônomo em relação ao conhecimento: é ele, o sujeito – entendido exclusivamente como *pensamento* – que garante a certeza, é a partir do que se encontra no sujeito que se constitui o conhecimento. O conhecimento fundante não é mais o homem, mas a consciência, “enquanto consciência-de-si-reflexiva, isto é, a consciência que tem consciência de si porque reflete sobre si mesma. [...] E tal consciência-de-si-reflexiva, sendo a sede do conhecimento, recebe um nome determinado: *Sujeito*”<sup>9</sup>. O *sujeito* se serve do *método* como condição básica, como instrumento para o conhecimento verdadeiro. O conhecimento verdadeiro, para Descartes, subjaz a um método que lhe antecede.

A busca pelo conhecimento psicanalítico possível é a bússola que orientou toda a produção

6 Este artigo não almeja, nem de longe, uma exposição da filosofia cartesiana ou de suas críticas ao pensamento tomista, utilizando apenas o autor para nos aproximarmos da inversão epistemológica no âmbito da psicanálise efetuada por Fabio Herrmann. No entanto, cabe dizer das críticas ao tomismo efetuadas por Descartes, que vão muito além, incidindo na própria antropologia cartesiana e o estatuto tripartite do corpo e sua relação com a alma, distintos do aristotelismo escolástico preconizado por Tomás de Aquino. Ver: M. Gueroult (1953) *Descartes selon l'ordre des raisons*.

7 R. Descartes (1641), *op. cit.*

8 R. Descartes (1641), *op. cit.*, p. 93.

9 J. Frayze-Pereira, “Psicanálise, Teoria dos Campos e Filosofia: a questão do Método”, p. 103 (grifos do autor).

de Fabio Herrmann, iniciada no final dos anos 1960. Antes de analisarmos a obra de Herrmann propriamente, vejamos, sumariamente, contra que realidade o autor construiu sua teoria, traçando um panorama da Psicanálise pensada no Brasil.

### Uma reflexão original na psicanálise brasileira

O Brasil foi um dos primeiros países a divulgar a obra de Freud. Já em 1899, Juliano Moreira proferia palestra em que comentava as idéias do criador da psicanálise<sup>10</sup>. Genérico de Souza Pinto, médico cearense, escreverá em 1914 a tese de doutorado *Psicanálise: a sexualidade nas neuroses*, constituindo-se o primeiro trabalho psicanalítico em língua portuguesa<sup>11</sup>.

Os primórdios da psicanálise brasileira já foram analisados por diversas vezes em ensaios e teses altamente relevantes, como os trabalhos desenvolvidos por Roberto Sagawa, Marialzira Perestrello, Luis de Almeida Prado Galvão, Renato Mezan, Manoel Berlinck, Carmem Lúcia de Oliveira, Sérvulo Figueira, entre outros<sup>12</sup>. No entanto, como salienta Mezan, apesar de sua longevidade escrita e institucional, só no início dos anos 1980, ela começa a sair da fase de latência – sobretudo com a obra de Herrmann – e a falar em nome próprio com uma reflexão original<sup>13</sup>.

O “falar em nome próprio”, salientado por Mezan, enquadra-se precisamente pelo cunho diverso das pesquisas realizadas: lendo os his-

<sup>10</sup> Carmen Lúcia de Oliveira, em livro publicado em 2005, contesta a tese desta palestra. Não há registro algum em ata ou memória de alguém que a tenha escutado, nem em arquivos do próprio Juliano Moreira. Apesar disso, é do próprio Juliano a primeira referência brasileira documentada da obra de Freud, mas apenas em 1914. Ver: M. Perestrello, *Encontros: Psicanálise &...;* J. Chemouni, *História do movimento psicanalítico*.

<sup>11</sup> M. Perestrello, *op. cit.*

<sup>12</sup> R. Sagawa, *Redescobrir as psicanálises*; M. Perestrello, *op. cit.*; C. Oliveira, *História da Psicanálise no Brasil*; S. Figueira, *Cultura da Psicanálise*.

<sup>13</sup> R. Mezan, *A vingança da esfinge*.

<sup>14</sup> F. Herrmann (2002-2004) *op. cit.*, p. 16.

» a busca pelo conhecimento psicanalítico possível é a bússola que orientou toda a produção de Fabio Herrmann, iniciada no final dos anos 1960

toriadores da psicanálise brasileira, percebe-se que toda ela girou sob o signo do pioneirismo desbravador de autores como Juliano Moreira, Durval Marcondes, Porto Carreiro. Em condições inóspitas de uma psicanálise não institucionalizada – décadas de 20 e 30 do século passado – traduziam os trabalhos do alemão, correspondiam-se com Freud, e tentavam inserir a psicanálise nos ambientes psiquiátricos locais ou pós-institucionalização, passando a mimetizar autores estrangeiros – sobretudo advindos da Sociedade Britânica – sem se autorizarem a pensar por si mesmos.

Foi este o quadro da psicanálise encontrado por Herrmann quando iniciou sua teorização, estado este que

não oferecia um panorama muito distinto do atual. Era formada por um conjunto de teorias, distribuídas em níveis bastante heterogêneos – mais rigorosamente escolásticas então que hoje –, porém versando no geral sobre o mesmo tema, uma prática clínica *standard*, ou padrão, e um movimento organizado que formava analistas. O ensino determinava tanto a prática, quanto o tipo de teoria que se podiam considerar psicanalíticos. Parecia-me uma oportunidade desperdiçada de criar algo maior<sup>14</sup>.

A partir da crítica à reprodução mimetizante protagonizada pelos analistas enclausurados nas teorias de seus autores prediletos, a quem apenas copiavam, Fabio construiu, ao estilo kantiano, uma espécie de tribunal da razão psicanalítica, perguntando-se quais os limites do conhecimento psicanalítico possível. A idéia



A psicanálise reduzida a uma prática clínica consiste numa redução drástica de seu campo de ação, principalmente quando se torna sinônimo de rituais clínicos, como número de sessões, uso do divã

de método como *ruptura de campo* deriva desse posicionamento.

Esta conceituação do método como *ruptura de campo* é o corolário de um questionamento que se inicia com uma investigação *sui generis* pela aparente simplicidade. A questão essencial para Fabio Herrmann era: o que faz um analista no consultório? O que faz com que autores com teorias tão distintas quanto Lacan, Bion ou Kohut ainda assim pertençam ao panteão dos psicanalistas? Ao analisar as fontes clínicas do que faz um analista em essência, Herrmann chegou à concepção de que todos os psicanalistas, independentemente de suas filiações teóricas, participam de uma “assimetria irremediável”<sup>15</sup> com seu paciente. “Há um desencontro de campos, o analisando tratando de algum assunto, mas seu analista desrespeitando completamente os limites de tal assunto como nunca se faria na vida comum”<sup>16</sup>. Este desrespeito ao assunto proposto pelo paciente propicia que as auto-representações que o paciente possui entrem em crise, possibilitando a emergência de sentidos novos, advindos da *ruptura do campo* das representações dominantes. O efeito da ruptura de campo é o abalo das sustentações identitárias do paciente, produzindo um *vazio representacional* a que Fabio Herrmann chamou de *expectativa de trânsito*, até que uma nova estruturação num novo campo origine novas auto-representações. A ruptura de campo é o próprio método da Psicanálise. O método não se confunde com a teoria ou com a técnica, mas as antecede. Sempre que se fizer psicanálise, dar-se-á o

método, independentemente da teoria ou da técnica, isto é, fazer psicanálise é estar constantemente possibilitando *rupturas de campo*. As teorias psicanalíticas acabam tendo seu valor como *interpretantes*, isto é, dentro de um campo muito específico de validade. As teorias psicanalíticas, ao almejarem transformar-se numa ontologia, excedem seu campo específico de ação, transformando-se facilmente em mitologias. Ao se transformarem em mitologia, não deixam de ser psicanálise, pois participam ainda em parte do método psicanalítico. No entanto, seu âmbito de ação se reduz drasticamente. Este, para Fabio, acaba sendo o grande paradoxo das teorias psicanalíticas que advogamos com fervor: possuem certa eficácia clínica; no entanto perderam sua capacidade heurística, repetindo os cânones cultuados por seus autores.

Além disso, historicamente a Psicanálise foi se restringindo ao consultório, numa prática terapêutica, ficando muito aquém do projeto freudiano. Depois de *Mal-estar na civilização*, *Totem e tabu*, *Futuro de ilusão*, *Moisés e o monoteísmo*, qual o grande trabalho de investigação do homem e da cultura produzido pela psicanálise? A psicanálise reduzida a uma prática clínica consiste numa redução drástica de seu campo de ação, principalmente quando se torna sinônimo de rituais clínicos, como número de sessões, uso do divã. Esse campo da psicanálise está ameaçado; já a ciência iniciada por Freud, esta “grande ciência da psique, ainda se acha em criação e nada a ameaça, a não ser a nossa falta de valor, dos analistas que não a temos feito avançar no ritmo proposto por Freud, nem temos ampliado o conjunto de temas que nos legou. Parece que não nos agrada que Freud haja criado uma ciência que progride em direções que ele não poderia prever. Curioso paradoxo, pois essa era justamente a previsão de Freud: a de iniciar uma ciência”<sup>17</sup>.

15 F. Herrmann, *O divã a passeio*, p. 16.

16 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 52-3.

17 F. Herrmann, “Como conclusão: daqui p’ra frente”, in L. Barone, *op. cit.*, p. 282.



Ao longo de sua teorização, Fabio foi buscando ampliar o campo de ação da Psicanálise, seja investigando o *quotidiano*<sup>18</sup> do ser humano, do qual emerge uma importante teoria do *real*, ou fazendo experimentos híbridos de ciência e literatura como consubstanciados em *O divã a passeio*<sup>19</sup> ou em *A psique e o eu*<sup>20</sup>.

As *Meditações clínicas* constituem um dos últimos trabalhos do autor, que nelas faz um recenseamento dos temas que o acompanharam por toda sua trajetória. Isto desde *A história da psicanálise como resistência a Psicanálise*<sup>21</sup> – em que aponta para o estreitamento do horizonte de vocação da Psicanálise de tornar-se a ciência geral da Psique –, até exercícios brilhantes em *O análogo* – que desvelam a ficção<sup>22</sup> como análogo da psicanálise –, bem como na lição técnica de Gusmaniov e na refinada leitura que apresenta do *Ulisses* de Joyce.

Um pensamento construído como um vórtice invertido

Nada pode estar mais nas antípodas do pensamento cartesiano que a perspectiva psicanalítica. É fato notório que o descentramento do sujeito efetuado pela psicanálise ocorre em combate a três séculos de cartesianismo. Descartes funda o pensamento filosófico moderno ao combater o conhecimento que fosse unicamente advogado em nome da tradição, produzindo uma ruptura de campo com a filosofia medieval contra os “procedimentos filosóficos da Escolástica”<sup>23</sup>, barroca, inaugurando uma filosofia hegemônica, pelo menos até o advento de Kant. Fabio Herrmann, como

18 Aqui há uma citação a um livro de Fabio, cuja referência é F. Herrmann, *Psicanálise do cotidiano*.

19 F. Herrmann (1992) *op. cit.*

20 F. Herrmann, *A psique e o eu*.

21 F. Herrmann (2002-2004) *op. cit.*, p. 2-8.

22 F. Herrmann (2002-2004) *op. cit.*, p. 20-40.

23 F. Leopoldo e Silva, *Descartes: a metafísica da modernidade*, p. 25.

24 F. Herrmann, *Andaimos do real: um ensaio de Psicanálise Crítica*, p. 2.

25 A expressão é de Renato Mezan, *op. cit.*

»  
Fabio Herrmann,  
como Descartes,  
instaura sua reflexão  
contra o que chamou de  
“período barroco  
na psicanálise”

Descartes, instaura sua reflexão contra o que chamou de “período barroco na psicanálise”<sup>24</sup>. Isto é, o momento psicanalítico em que a exacerbação do detalhe, o rococó, exemplificados na pormenorização excessiva dos mecanismos de defesa, das subdivisões da projeção, entre outros, esvaziam progressivamente a capacidade heurística da psicanálise. Uma aparente riqueza recobrando uma pobreza de fato. É contra esta *alienação interna da Psicanálise*, em que esta vai *se reificando em doutrina*, que Fabio erigiu seu pensamento produzindo uma ruptura de campo com o saber psicanalítico vigente. Dos *Andaimos* às *Meditações*, observamos um pensamento que se constrói sempre em torno de si mesmo, neste *vórtice invertido*, em que em cada nova volta da espiral torna-se mais abrangente, insaturado, como o estilo que surge da abstração dos *Andaimos* e que se desenvolve para a *poiesis* das *Meditações*, constituindo-se como um verdadeiro convite ao pensamento, uma “reinvenção da psicanálise”<sup>25</sup>, uma boa alternativa às querelas entre as diversas escolas psicanalíticas. O rigor metodológico que o acompanha, desde os *Andaimos do real*, permanece inalterado. No entanto, as *Meditações* se apresentam com um caráter mais aberto, em que rigor, ironia e ficção se combinam abrindo várias possibilidades interpretativas. O caráter não-saturado da obra é próprio do espírito que presidiu toda investigação psicanalítica de Fabio Herrmann. Um verdadeiro *work in progress*, tal como ele admirava em Joyce.

## Referências bibliográficas

- Chemouni J. (1991). *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Descartes R. (1637/1997). *Discours et la méthode*, Paris, Gallimard.
- \_\_\_\_ (1641/1973). *Meditações concernentes à primeira filosofia*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Figueira S. (1985) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Frayze-Pereira J. (2002). *Psicanálise, Teoria dos Campos e Filosofia: a questão do Método*. In: Barone L. (org.). *O psicanalista: hoje e amanhã – O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guerot M. (1953/1991). *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Aubier.
- Herrmann F. (1976). *Andaimos do real: um ensaio de Psicanálise Crítica*. (Mimeo.)
- \_\_\_\_ (1992). *O divã a passeio*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_ (1999). *A psique e o eu*. São Paulo: HePsyché.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2001). *Psicanálise do cotidiano*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2002). *Como conclusão: daqui p'ra frente*. In Barone L. (org.). *O psicanalista: hoje e amanhã – O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2002–2004). *Da clínica extensa à alta teoria: meditações clínicas*. (Mimeo.)
- Leopoldo e Silva F. (1993). *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna.
- Mezan R. (1986). *A vingança da esfinge*. São Paulo: Brasiliense.
- Oliveira C. (2005). *História da Psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Perestrello M. (1986). *Encontros: Psicanálise &...*. Rio de Janeiro: Escuta/FAPESP
- Sagawa R. (1992). *Redescobrir as psicanálises*. São Paulo: Lemos

**Fabio Herrmann – from the Scaffolds to the Meditations.**

## A methodological investigation

**Abstract** Fabio Herrmann's work invites the reader to constantly reexamine theories, putting in check pre-established truths, tossing the reader in a vortex. Taking Herrmann's book *Scaffolds of the real – the method of Psychoanalysis* and his *clinical meditations*, a comparison is inevitable with Descartes' *Discourse on method* and *Metaphysical meditations*. By comparing the roles of Descartes in Philosophy and Herrmann in Psychoanalysis, it becomes possible to elucidate Fabio Herrmann's epistemological contribution.

**Key words** psychoanalytic method; vortex; Fabio Herrmann; Renée Descartes.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 12/2006

# Clínica extensa

## enfermeiros dos ambulatórios do HC<sup>1</sup> em busca de identidade e comunicação

Ana Cristina Cintra Camargo  
Sonia Soicher Terepins

**Resumo** Este artigo discute o conceito de Clínica Extensa, postulado na Teoria dos Campos, a partir de uma experiência de intervenção psicanalítica num hospital geral. Clínica extensa não é só a aplicação do método psicanalítico a situações exteriores ao consultório, mas principalmente a recuperação dele num contexto particular.

**Palavras-chave** Teoria dos Campos; método psicanalítico; clínica extensa.

**Ana Cristina Cintra Camargo** é psicanalista formada pelo Instituto Sedes Sapientiae e mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP.

**Sonia Soicher Terepins** é psicanalista do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Fabio Herrmann nos dizia ter sido capturado ao longo de sua vida por uma única idéia – a recuperação do método psicanalítico. Como analista, professor e escritor, foi generoso nas modalidades e variantes da técnica, fazendo jus à amplitude da vocação do método. Na despedida a Fabio falou a família, falaram os amigos, os colegas, os pares. Faltou o depoimento do aluno, do aprendiz. Fabio nos olhou e deu voz a todos – do Mato Grosso, de Minas, dispôs-se a ouvir o interior de tantos: sem dúvida em parte para divulgar suas idéias, mas principalmente porque acreditava que o conhecimento, ao ser repartido, não se perde: genuíno professor, genuíno mestre. E é assim que gostaríamos de dialogar neste artigo, como mestre. Como Fabio definiu na Conferência de Abertura ao III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, “aquele que conduz a travessia da incerteza”<sup>2</sup>.

O trabalho que apresentaremos ilustra o que Herrmann chamou de *clínica extensa*.

A primeira idéia que desperta a expressão *clínica extensa* é a da aplicação do método psicanalítico a situações exteriores ao consultório, tais como o hospital, a clínica universitária, a consulta médica, a escola e, de modo geral, a prática junto à população desprovida de recursos. Em si, nada há de errado nesse entendimento usual. Merece, porém, uma precisão. Por clínica extensa, não pretendo referir-me tão-só à extensão a outros domínios, como também à recuperação daquilo que constitui nosso patrimônio original, em parte abandonado, com o tempo. Como a atenção analítica é sempre clínica, a psica-

<sup>1</sup> Quando houver a menção HC no texto, estamos nos referindo ao ICHCFMUSP – Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo.

<sup>2</sup> L. Barone *et al.*, *A psicanálise e a clínica extensa*, p. 23.



este artigo tem o intuito de  
compartilhar uma experiência  
de intervenção psicanalítica  
dentro de um hospital geral

nálise da cultura e da sociedade, a correlação de mão dupla com a literatura e as artes, a própria integração com o reino das ciências, tudo isto é clínica extensa<sup>3</sup>.

A clínica extensa consiste em um movimento no qual se estende o método psicanalítico para o mundo, para qualquer produção humana, seja social, literária ou individual. A psicanálise proposta pela Teoria dos Campos é concebida nas diversas formas em que for possível a aplicação do método e se dá sempre que haja a possibilidade de um encontro humanizador.

Este artigo tem o intuito de compartilhar uma experiência de intervenção psicanalítica dentro de um hospital geral. Tivemos o privilégio de acompanhar Fabio Herrmann trabalhar, pudemos vê-lo criar um dispositivo técnico a partir do pedido de socorro da equipe de enfermeiras da hematologia do HC. A solicitação veio por meio do pedido de um curso para capacitar o grupo a lidar com situações extremas que vivenciavam no dia-a-dia: uma equipe submetida a um alto nível de estresse. Após alguns encontros, optou-se por oferecer um curso terapêutico, cuja proposta era funcionar semanalmente como grupo de investigação, tratamento e treinamento para a produção de multiplicadores da função terapêutica. Surgia então o conceito de GIFT: Grupo de Investigação em Função Terapêutica, e que postulava: o caminho da pesquisa é em si mesmo terapêutico. Os grupos funcionaram uma vez por semana com duração de uma hora e meia. Participamos desta experiência durante um ano como ouvintes/aprendizes.

O sofrimento psíquico, tanto individual quanto grupal, cristalizara-se sob a forma de sintomas. O método psicanalítico seria uma das alternativas para intervenção, criando condições para o exercício da função terapêutica. Função terapêutica é o conceito que, na Teoria dos Campos, sustenta a extensão da clínica. É a atividade de cuidar, na qual o sujeito é tomado inteiramente em consideração. É um mecanismo de comunicação entre percepção, emoção viva e sentidos que se formam nas relações humanas. Uma das vias indispensáveis de transmissão da função terapêutica consiste no contágio por meio do campo transferencial, ou seja, a imersão na experiência. A função terapêutica examina para cuidar e, em psicanálise, cuida-se interpretando. É a interpretação que vai permitir que se revelem verdades intrínsecas, um desencontro produtivo. É aquilo que se escuta tomado por outro ângulo, estranhando o que é dito, sem no entanto tomar partido.

Para o autor, isso acontece na síntese de dois movimentos: *deixar que surja*, que exige do analista uma atitude de disponibilidade receptiva, para que o possível sentido se faça presente e *tomar em consideração*, uma receptividade ativa, ocasião em que o analista se utiliza do que surge como ponto de partida para um movimento. Implica dizer ou fazer algo que chame atenção do paciente/grupo para o que está se passando. Uma fala, um gesto, um silêncio pode cumprir a função. Adotando esta postura, nos colocamos a serviço do método psicanalítico, tal como postulado na Teoria dos Campos. A *ruptura de campo*, conceito assim definido por Herrmann, “é uma descrição essencial do efeito das interpretações psicanalíticas na sessão e, por causa disso, é também a forma mesma de todo conhecimento psicanalítico legítimo”<sup>4</sup>. Isso significa deixar que o método psicanalítico se faça por nosso intermédio ao assumirmos a escuta transferencial. Para Herrmann, a interpretação é o processo que leva à ruptura de campo e considera o pro-

3 L. Barone et al., *op. cit.*, p. 24.

4 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 59.

cesso de descobertas dos campos, por ruptura, como “o selo autêntico do saber psicanalítico”<sup>5</sup>.

O trabalho realizado com a equipe de hematologia, coordenado por Fabio Herrmann, teve repercussão dentro do hospital e duas outras clínicas solicitaram que grupos fossem formados com suas equipes: os ambulatórios e o centro cirúrgico. Cada grupo teve um desenrolar específico e singular, reproduzindo os sintomas dos quais tratavam.

Assim, enquanto o sintoma da hematologia se manifestava como baixas na equipe, o grupo dos centros cirúrgicos deixava transparecer nas relações de seus integrantes uma assepsia de contato humano, semelhante à necessária no cuidado dos pacientes. Já o *modus operandi* dos ambulatórios refletia a maneira como os pacientes se sentiam: pouco acolhidos, dispersos espacialmente e sem identidade. Veremos como isso se dava apresentando a intervenção.

O pedido dos enfermeiros dos ambulatórios ocorreu de forma distinta do grupo da hematologia: em vez de ser um pedido dos enfermeiros, foi feito pela chefe. Ao saber da existência do grupo da hematologia, a chefe dos ambulatórios pensou que seria interessante que os enfermeiros do PAMB (Prédio dos Ambulatórios) se beneficiassem também de uma experiência semelhante.

Esse grupo era constituído por profissionais de vários lugares do hospital: ambulatório, internação, experimental etc. Embora fossem pessoas coordenadas por uma mesma chefia, não trabalhavam juntas, muitas vezes em ambulatórios distintos, em locais físicos distantes. Tratava-se de uma configuração bem específica, diferente das enfermarias, nas quais os profissionais têm um convívio diário e uma mesma tarefa compartilhada.

O desejo da chefe era o de melhorar as relações no ambiente de trabalho mas, contraditoriamente, isso acabou gerando muita desconfiança nos grupos. O grupo se questionava

Os enfermeiros dos ambulatórios são considerados a linha de frente do hospital. Atendem a uma quantidade enorme de pacientes e não podem parar

a respeito do uso a ser feito dos relatos, bem como da intenção dos encontros. Embora não fosse expressa textualmente nos encontros iniciais, essa desconfiança aparecia nas entrelinhas, como medo de se exporem nos grupos. Para os enfermeiros, não ficou claro o motivo da criação dos grupos. Esse foi um de nossos primeiros desafios: diminuir a desconfiança dos enfermeiros. Aos poucos, os vários códigos de funcionamento foram sendo revelados; uma espécie de regimento interno invisível, que atribuía diferentes valores conforme o ambulatório do qual se fazia parte. “Ah, você é da experimental?”, “Hum, você é da oftalmo!” Por sermos de fora do hospital, não sabíamos o valor, a gradação subentendida nesta tabela. Mas as interjeições nos sinalizavam se era bom ou ruim. De fato, existem diferenças hierárquicas nos lugares ocupados. Nossa segunda tarefa foi transformar o conjunto em um grupo de fato.

Os enfermeiros dos ambulatórios são considerados a linha de frente do hospital. Atendem a uma quantidade enorme de pacientes e não podem parar. Isso impede o olho no olho. O início desses grupos teve uma tônica: o assunto da falta de tempo. Falta de tempo para fazer bem feito, falta de tempo para fazer xixi, falta de tempo para si. Queixavam-se de que eram muito cobrados e de que muitas vezes a cobrança não levava em conta se era possível ou não atender o pedido: “ninguém pergunta, ninguém quer saber!”

Em um dos encontros, uma enfermeira nos disse que para ela era muito difícil se fazer importante, poder tirar os quinze minutos a que tinha direito. Era isso que gostaria de partilhar com

5 *Idem, op.cit.*, p. 60.





Era certo que precisava vir à luz  
um estado de espírito  
que propiciasse um maior  
contato humano e afetivo

o grupo, suas dificuldades em colocar limites. Conta, por exemplo, que certa vez, bem na hora em que estava indo ao banheiro, apareceu o médico pedindo o foco de luz. Logo em seguida surgiram outros exemplos de pedidos de atenção. A sessão agitada, todos querendo que o seu exemplo pudesse ser ouvido e sua queixa levada em consideração. Respondemos que todos precisavam ser ouvidos, desejavam um pouco de atenção.

Uma enfermeira que estava quieta começou a falar que no dia anterior tivera uma mesma situação com o foco. Ela o havia utilizado e estava bem. Surpreendentemente este mesmo foco, que estava funcionando perfeitamente, estava com os fios rompidos e a lâmpada não acendia. E o reator, que também deveria funcionar, apresentava problemas. Parecia que ele ia conectar e depois apagava. No final das contas, quase como por providência divina, o reator a salvou. E todos do grupo concordaram, rindo: *é preciso dar a luz!*

Era certo que precisava vir à luz um estado de espírito que propiciasse um maior contato humano e afetivo. Tal trabalho permitiria que se abrissem clareiras de humanização, que a escuta descentrada permitisse que a fala desvelasse novos sentidos, e que viesse à luz o que estava na sombra.

Aos poucos, fomos sendo apresentadas aos vários setores do hospital. Apresentaram-nos também duas figuras importantes: o balcão de informação e a ouvidoria. Tais lugares haviam se transformado em figuras concretas e onipresentes, personagens e tanto. A ouvidoria é um lugar dentro do hospital que poucos conhecem. Para nós, coordenadoras, foi uma surpresa. A ouvidoria nos foi apresentada como o local para

onde devem ser encaminhadas as queixas que o profissional não tem condições de dar conta ou que não lhe competem. As reclamações, portanto, devem ser encaminhadas para lá.

No grupo, os enfermeiros davam dicas sobre como receber os pacientes que chegam ao balcão:

Dica 1: dizer “bom dia” em alto e bom som, preferivelmente acompanhado de um sorriso.

Dica 2: quando o paciente não tem condições de entender as instruções, pedir-lhe que traga um acompanhante. Muitas vezes, espere ouvir que seu acompanhante é Deus...

Davam-nos dicas também sobre abusos de pedidos de ajuda, tanto por parte dos profissionais, como dos pacientes. Há profissionais que faltam e/ou se atrasam por causas justas; outros, certamente não. Assim também acontece com os pacientes. Como diferenciar o paciente que está mal e aquele que encena?

Dica 3: mande-o para o PS (Pronto-Socorro). Assim você saberá: se o paciente estiver realmente mal, ele gostará de ser encaminhado; caso contrário, “melhorará rapidinho”: a não ser que não conheça o PS...

De qualquer modo, o denominador comum consiste no fato de que as pessoas gostam de se sentir olhadas, cuidadas, e que há diferentes maneiras de se abordar e conversar com alguém. Assim, também, aquele grupo de enfermeiros dos ambulatórios também precisava ser olhado e escutado. Precisava ser escutado, pois muitas vezes se sentiam desqualificados em sua identidade por não trabalharem em uma enfermaria específica. Com frequência realizavam serviços burocráticos ou serviços bem diferentes das tarefas para as quais tinham sido contratados, tais como trocar lâmpadas, verificar focos de luz, localizar outros profissionais etc. O enfermeiro, no entanto, é aquele que sempre está presente, diferentemente dos outros profissionais que trabalham em um hospital.

Nós, coordenadoras, funcionávamos como as ouvidoras de plantão, oferecendo um lugar para que pudessem falar e se sentir escutados.

Em um dos encontros, resolveram ajudar em nossa localização dentro do prédio dos ambulatórios: cada um contribuía à sua maneira, e até propuseram um passeio pelo hospital. Explicavam que o térreo, a entrada do hospital, na verdade era o quarto andar. Outra enfermeira explicava detalhadamente onde cada setor se localizava. No primeiro andar, o hemocentro, doação de sangue, oncologia... Tentavam desenhar espacialmente as localizações. A sensação que tínhamos era do hospital como um grande labirinto. Perguntamos em tom de brincadeira se eles recebiam mapas para aprenderem a se localizar.

Outra enfermeira insistia em mais explicações, tentando nos convencer de que era fácil, bastava seguir sua descrição. E assim ficamos sabendo que no quarto andar se concentra o maior número de setores. O ACMG – Ambulatório da Clínica Médica Geral, o AGD – Ambulatório Geral Didático, parte do PS; a sala 7, do Eletro; a sala 8, do Registro. E depois, ainda, outro enfermeiro complementa com mais informações, siglas e gestos. Até que, em determinado momento, chegamos à sala que estávamos utilizando para nossos encontros. Perguntamos a qual bloco nossa sala pertencia. A resposta que obtivemos foi que nossa sala não ficava em bloco nenhum e sim entre dois blocos. E observamos, surpreendidas para o grupo, que a nossa era uma *sala de interligação*.

Propor uma escuta psicanalítica num hospital geral é um trabalho novo. Requer treino e cuidado. Muitas vezes é preciso ouvir e ouvir. É preciso dar tempo para que se aprenda a escutar o que é dito. O grupo tem um *timing* que deve ser respeitado. Alguns comentários, ricos em simbologia, levam tempo para ganhar trânsito.

Ao longo do ano, construímos quatro apostilas que tentavam ilustrar ao grupo seu funcionamento, ou seja, o movimento das falas, as reações emocionais, os conteúdos latentes do discurso. Nas apostilas retomávamos os encontros anteriores destacando as falas mais significativas, evidenciando-lhes seus movimentos emocionais.

o pedido do grupo veio sob a forma de um curso que lhes permitisse um funcionamento mais harmônico, facilitando a integração da equipe

É importante ressaltar que o pedido do grupo veio sob a forma de um curso que lhes permitisse um funcionamento mais harmônico, facilitando a integração da equipe. A utilização das apostilas foi a forma encontrada de levar em consideração o pedido formulado e oferecer uma resposta ao pedido manifesto de um curso. De forma alguma era uma concessão ao método e sim uma variação da técnica específica para este grupo.

A seguir, parte de uma das apostilas entregue a eles. Cabe ressaltar que a linguagem direta e coloquial é proposital, para que fosse inteligível para o público para o qual foi elaborada.

Já tivemos alguns encontros e os grupos estão falando de diversas coisas muito interessantes. Conseguimos abrir um espaço de conversa e estamos fazendo um treino de escuta. Já é um começo.

É interessante notar que todos vivem problemas parecidos, e isso é dito de várias maneiras: “Há problemas sempre! Não é fácil o dia-a-dia! Tem que saber priorizar dentre tantos afazeres, e como fica difícil a vida de vocês ao terem que administrar tudo que diz respeito à enfermagem e mais tantas outras coisas... O enfermeiro precisa fazer o meio do campo entre médico, a família e o paciente. Também é aquele que sempre está ali. Os outros profissionais podem agendar os compromissos, podem às vezes deixar para depois. Vocês, não! E o que acabamos por perceber é que, mesmo estando em enfermarias diferentes, enfrentam os mesmos problemas. Isto pode ser compartilhado por todos.”

Assim escutamos comentários do gênero: “Puxa, eu estava quietinha e me dei conta que ontem mesmo vivi uma situação extremamente parecida... como a que um colega estava relatando. Quando a gente per-



cebe que o outro vive algo parecido, a sensação de se sentir diferente diminui”.

No nosso último encontro todos estavam de calça branca e de casaco azul. Uniforme bonito e que impõe respeito, e que tem a ver com a identidade profissional. É o uniforme de enfermeiro. Mas, justamente embaixo daquela uniformidade tem um “eu” diferente em cada um de vocês. A isso damos o nome de singularidade. Cada um pode falar da sua experiência particular e única. E o grupo pode oferecer um lugar para que isso possa acontecer.<sup>6</sup>

A disposição física dos ambulatórios dificultava a comunicação e as trocas entre eles. Os coordenadores do grupo eram os estranhos a quem os enfermeiros se mostravam através de seus relatos, desde as pesquisas realizadas nas pequenas equipes ambulatoriais até os desafios que enfrentavam no dia-a-dia. Os enfermeiros no grupo tinham a dupla função de serem a um tempo atores e platéia. Sentiam-se escutados e olhados, tanto em suas dificuldades como em seus desempenhos. Foi por meio desse contato em que cada um pode ser ouvido pelo outro que se deu a possibilidade de se reconhecerem como enfermeiros. O fortalecimento da identidade

deu-lhes confiança para não se sentirem somente os trocadores de lâmpadas.

Assim, os dois movimentos instaurados durante esse trabalho foram, de um lado, a constatação de que, embora trabalhando em locais distintos, todos faziam parte de um grupo que buscava lugares identitários e de acolhimento, e, de outro, que tinham condições de exprimirem seus anseios e dificuldades. As angústias apareciam como mensagens à procura de legendas e esta era a parte mais importante de nosso trabalho.

Conversando com Fabio sobre a intervenção no hospital, ele nos disse:

Foi uma experiência fascinante, eu aprendi muito lá. Estavam em jogo naquele momento os sentimentos mais pungentes e mais profundos da vida humana. A técnica tinha que acompanhar isso. Mas a técnica não é uma coisa fria! Pergunte ao Paulo Autran. Técnica de teatro não é nada fria. É a forma possível de expressão de uma intensidade emocional. Vocês devem ter reparado nos vários movimentos técnicos que eu fazia, uma espécie de sinalização de trânsito, dirigindo a palavra para cá ou para lá, redistribuindo as tensões emocionais. E, sem dúvida, a visão da clínica extensa é muito importante para o futuro.<sup>7</sup>

6 Parte extraída da Dissertação de mestrado: *Clínica extensa*, de Ana Cristina Cintra Camargo.

7 A. C. Camargo, *op. cit.*, “Entrevista com Fabio Herrmann”.

#### Referências bibliográficas

- Barone L. et al. (2005). *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Camargo A.C. (2004). *Clínica extensa*. São Paulo: PUCSP. (Dissertação de mestrado.)
- Herrmann F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

#### Extended practice. Nurses of the São Paulo Hospital das Clínicas searching for identity and communication

**Abstract** This article covers the concept of Extensive Clinic presented in the Multiple Fields Theory based on psychoanalytic intervention experience at a general hospital. Extensive clinic is not only applying the psychoanalytic method to situations that are external to the office, but particularly reconsidering such a method.

**Keywords** extensive clinic; psychoanalytic method; Theory of the Fields.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 1/2007

# Crimes contemporâneos: uma interpretação

ou, o inumano.

Marion Minerbo

**Resumo** Sugere-se uma interpretação para crimes contemporâneos (“filhos” que matam “pais” e vice-versa), relacionando-os com a desnaturação de certos sistemas simbólicos no tecido social. A ausência da matriz simbólica que poderia fazer, de um “corpo que me pôs no mundo”, a “minha mãe”, parece ser decisiva. Relacionam-se essas idéias com a produção artística de um setor da *body art*. São artistas que parecem fazer a crítica da desnaturação dos sistemas simbólicos apresentando uma arte que é, ao mesmo tempo, representação e a própria coisa representada.

**Palavras-chave** crimes contemporâneos; inumano; matriz simbólica; *body art*; formas de subjetividade; *borderline*.

**Marion Minerbo** é psicanalista, analista didata da SBPSP e doutora em medicina pela UNIFESP.

1 Agradeço a Luís Claudio Figueiredo pelo companheirismo e pela discussão, estimulante e generosa, das idéias e do texto. Agradeço também a Anna Verônica Mautner pelo incentivo e pelas várias sugestões que ajudaram a tornar o texto mais leve.

## Homenagem a Fabio Herrmann

Meu texto em homenagem a Fabio Herrmann respeita o espírito da Teoria dos Campos, embora não a tematize<sup>1</sup>. Conheci Fabio o suficiente para saber que ele não se interessava em ter sua obra transformada em doutrina. Ao contrário, desejava que fosse usada como instrumento para produções as mais diversas (nesse sentido, falava em clínica extensa e em psicanálises possíveis), e para promover o diálogo e o trânsito entre autores e teorias relativizadas. Neste trabalho faço, à minha maneira, uma Psicanálise do Quotidiano, título de um de seus livros. O espírito da Teoria dos Campos comparece, por exemplo, no pressuposto de que a psique não é individual nem social: é lógica produtiva, tanto de fenômenos sociais quanto individuais. Comparece, ainda, no método de desvelar, por ruptura de campo, essa lógica de um campo tal como a literatura (Sade e Diderot), reencontrando-o em outro setor da realidade (os “crimes contemporâneos” e a *body art*) e da psique individual (o funcionamento *borderline*). Ou seja, a Teoria dos Campos enseja uma produção que pode ser psicanalítica e trans-disciplinar porque não vacila acerca de seu método e de seu objeto. E, acima de tudo, o espírito da Teoria dos Campos comparece em minha autonomia com relação a seu léxico, que não precisa estar explicitado, podendo permanecer silenciosamente como pano de fundo de meu pensamento.



os “crimes contemporâneos”  
parecem determinados  
por uma lógica utilitária:  
“pessoas” passaram a ser vistas  
como “coisas” que podem  
ser usadas das mais variadas  
maneiras, ou então  
descartadas quando  
estorvam

136

## Introdução

Temos assistido à incidência crescente de crimes que vou denominar, por falta de outro nome, de “contemporâneos”. Refiro-me, por exemplo, a “pais” que matam “filhos” e vice-versa. (As aspas serão compreendidas ao final do texto). São crimes diferentes dos assassinatos em família descritos nas tragédias, em que o desfecho fatal se devia a uma lógica simbólica que não deixava alternativa às personagens em conflito. Parricídio e matricídio são crimes que visam a eliminar uma pessoa visada precisamente pela carga afetiva passional que marca aquela relação. Compreendemos e até nos identificamos com as motivações do assassino: lealdades e traições, vergonha e culpa, ressentimento e vingança, paixões incontroláveis. Aqui, ficamos estarecidos diante do que nos parece inconcebível. Os “crimes contemporâneos” parecem determinados por uma lógica utilitária: “pessoas” passaram a ser vistas como “coisas” que podem ser usadas das mais variadas maneiras, ou então descartadas quando estorvam. Em minha interpretação desse fenômeno social, essa lógica se relaciona com a desnaturação de certos sistemas simbólicos. Pretendo analisar essa desnaturação por

dois caminhos diferentes: a *body art* e a literatura, relacionando-a com os “buracos simbólicos” do psiquismo *borderline*.

### Uma arte sem mediação simbólica?

No ano de 1997 houve em Londres uma exposição de arte bastante polêmica, chamada *Sensations*<sup>2</sup>. Nela, Damien Hirst apresentava, entre outras obras, um carneiro de verdade, morto, de pé num tanque de formol, como se estivesse pastando. Esta obra se chama *Away from the flock* (1994), o que significa “apartado do rebanho”. Marc Quinn<sup>3</sup> apresentou um busto de si mesmo em tamanho natural, feito com seu próprio sangue coagulado. Chama-se *Self* (1991), e leva 4 ou 5 litros de sangue, volume que representa a totalidade do sangue que corre no sistema circulatório de uma pessoa. A obra deve ser mantida dentro de uma caixa de vidro refrigerada para não se liquefazer, o que lhe dá um aspecto algo macabro. *Self*, afinal, está vivo ou está morto? Este mesmo artista fez uma série de quadros usando suas fezes no lugar de tinta (*Shit painting*, 1997), bem como outro busto de si mesmo em tamanho natural com o mesmo material, obra que denominou *Shit head* (1997).

Apresentar um objeto do mundo real como obra de arte não é novidade. Duchamp foi o primeiro a fazer esse gesto disruptivo, modificando o panorama da arte contemporânea ao apresentar um urinol numa exposição, batizando-o de *A fonte*. Há, no *ready made*, um tanto de ironia, seu gesto tem um quê de divertido. *Sensations* apresenta um *ready made orgânico*. Diante dele sentimos o horror de ver o vivo, ou o que foi vivo, tratado como coisa e não com o respeito que devemos ao morto, ou a partes mortas do corpo: um pudor de exibi-lo, o dever de enterrá-lo.

*Self* é uma obra paradoxal. A escultura feita com o sangue do artista representa o artista,

2 B. Adams et alii, *Sensation: young British artists from the Saatchi Collection*.

3 M. Quinn, *Incarnate*.



pois é uma escultura. Mas ao mesmo tempo é o próprio artista, pois é um pedaço dele, é seu sangue, é a totalidade de seu sangue. A que distância estamos das esculturas clássicas, em que o mármore era usado para representar a “carne” do modelo a ser reproduzido, de preferência o mais próximo possível da realidade? Depois, a subjetividade do artista ganhou direito de cidadania e passou a estar totalmente presente na obra. O “self” de Cézanne pintava sua versão transformada da realidade. Na arte conceitual, bastava que o artista concebesse a obra. Sua execução podia ser feita por outra pessoa.

Agora o artista não entra apenas com habilidade e talento, ou com sua subjetividade, mas com o próprio corpo. Há artistas que fazem da própria pele uma obra de arte. Outros, ainda, fazem performances em que seus corpos são parte de uma “instalação” viva e dinâmica. Cindy Sherman problematiza a noção de *self* recriando-se múltipla (roupas, maquiagem, perucas, expressão do rosto, contexto etc.) e fotografando-se. Sua obra aponta para a dimensão de fragmentação do *self*, para os múltiplos *selves* que somos, que podemos ser, que desejamos ser. Orlan vai mais longe, porque se submete a intervenções cirúrgicas para modificar o próprio rosto: faz implantes de chifres, muda a implantação de seu couro cabeludo para o meio da cabeça, altera o formato dos olhos e do nariz, enfim, vai recriando-se como *selves* diferentes ao longo da vida. Denomina sua arte de *carnal art*<sup>4</sup>. Diz que o recurso à cirurgia plástica torna possível a fantasia de podermos ser vários. A artista é a própria obra, denominada por ela *Self-hibridação* (1999 e 2002).

Podemos criar uma escala no que diz respeito à distância que há nesses trabalhos entre a coisa e sua representação, não esquecendo que a “coisa”, aqui, é o corpo do artista. Cindy Sherman respeita essa distância, pois, embora a foto seja sempre dela, transformada em *personas*, fotografia é representação. Mesmo Quinn

4 Orlan, *Carnal art*.

»  
a violência que essa arte  
expressa se relaciona,  
a meu ver, com o tratamento  
utilitário dispensado ao corpo  
que já foi vivo, mesmo  
o do carneiro apartado  
do rebanho, quanto mais  
o corpo humano  
ou partes dele

respeita a distância, embora reduzida ao mínimo, entre representação e coisa, uma vez que seu *Self* ainda é uma escultura exposta numa geladeira. Mas no caso de Orlan essa distinção já não existe. Ela está mais próxima da ovelha de *Away from the flock*, que é mesmo uma ovelha, do que do busto de Quinn, que pelo menos não é o próprio busto de Quinn. O último resquício de representação em *Self-hibridação* consiste em sua presença ambulante na Bienal. O espaço da Bienal é a única mediação simbólica admitida por Orlan.

A violência que essa arte expressa se relaciona, a meu ver, com o tratamento utilitário dispensado ao corpo que já foi vivo, mesmo o do carneiro apartado do rebanho, quanto mais o corpo humano ou partes dele. O vivo, o ex-vivo, ou, de todo modo, o orgânico, está sendo tratado como coisa, sem a mediação simbólica habitual que nos leva a recorrer a materiais tais como a tinta ou o mármore, que o representem. A obra denuncia a falta de confiança do artista na capacidade de materiais “não-eu” representarem o eu.

Mudando de plano, e voltando-nos para a clínica, sabemos que o *borderline* não tolera a separação eu-outro porque não conta com o



no limite da ausência  
de mediação simbólica,  
podemos imaginar o famoso  
ursinho de pelúcia, representação  
da mãe boa e calorosa,  
sendo substituído por um  
pedaço dela, por exemplo,  
o seu braço. Usar o braço  
da mãe no lugar  
de seu abraço

138

PERCURSO 38 : junho de 2007

símbolo, com a inscrição simbólica do outro-protetor em seu psiquismo. Como veremos mais adiante, ele não tem a matriz simbólica mediante a qual poderia conceber um objeto externo, dito transicional, portador de qualidades tais como calor, aconchego e proteção. Em outras palavras, se não há, na origem, uma mãe confiável. Nada poderá representá-la, exceto, talvez, um pedaço dela mesma – pelo menos, é o que parece sugerir a *body art*. No limite da ausência de mediação simbólica, podemos imaginar o famoso ursinho de pelúcia, representação da mãe boa e calorosa, sendo substituído por um pedaço dela, por exemplo, o seu braço. Usar o braço da mãe no lugar de seu abraço aponta para a mesma lógica da *body art*, em que o artista representa seu eu com partes reais de seu corpo.

Enfim, em minha interpretação, esses artistas fazem a crítica da desnaturação dos sistemas simbólicos apresentando uma arte que é, ao mesmo tempo, representação e a própria coisa representada. Essa arte expressa, de alguma forma, a mesma violência e crueza que encontramos nos crimes contemporâneos, porém submetendo-a a uma torção, na medida em que é *obra*, e não atuação.

## A desnaturação dos sistemas simbólicos

Em um texto anterior<sup>5</sup> procurei fazer uma análise da corrupção, não como fenômeno individual, mas social, trazendo à luz a lógica produtora desse modo de ser. Meu objetivo era compreender o que, exatamente, a corrupção corrompe, de que maneira, com que conseqüências. As conclusões que pude tirar naquela ocasião me ajudam a interpretar o fenômeno que estou denominando “crimes contemporâneos”. Estes vêm se tornando cada vez mais freqüentes no noticiário, a ponto de, recentemente, o assassinato de um casal de idosos na Rua Caiowaa ter tido, como primeiro suspeito, seu filho. Só depois se descobriu que era um vizinho.

Retomarei o argumento para situar o leitor. Uma das diferenças entre dois usos comuns do termo – corromper a juventude e corromper um juiz – me pareceu digna de atenção: um juiz, diferentemente da juventude, *representa uma instituição*. A análise desse fato mostrou que não se tratava do mesmo fenômeno aplicado a pessoas diferentes, mas de processos diferentes, determinados por lógicas diversas.

A *filosofia da alcova* (Sade) parecia ilustrar exemplarmente a corrupção da juventude. Eugênia é retirada do convento por dois libertinos, e passa a ser educada na alcova. Seus ideais passam, da pureza sexual e castidade, para o exato oposto: a depravação sexual, chegando ao extremo de assassinar a própria mãe. “A virtude é um mal a ser combatido, ser prostituta é uma honra”. Contudo, para o psicanalista, a inversão de valores não faz parte da lógica da corrupção, mas da perversão. Nesta, nega-se a castração e se exalta o fetiche, criando-se uma neo-realidade que será defendida até o fim. Trata-se, portanto, de perversão da juventude, e não de corrupção. Eugênia, aliás, parece ser uma moça incorruptível quando afirma: “Oh, como acolho o mal em meu coração! Agora vejo como isto é verdade, sei que não há retorno possível para mim!” Ou seja, ela se con-

5 M. Minerbo, “Que vantagem Maria leva? – um olhar psicanalítico sobre a corrupção”.

verteu à libertinagem de maneira tão íntegra que não se deixaria corromper. Mas há corrupção em *A filosofia da alcova*. O pai de Eugênia se deixou subornar pela libertina. Diz ela: “Seduzi seu pai, entreguei-me a ele para que fechasse os olhos, ignora meus propósitos e nem ousaria penetrá-los”. Já sua mãe, com medo da violência do marido, acabou por ser conivente, deixando-a partir.

Já Susanne, de *A religiosa* (Diderot), é uma personagem que não se perverte nem se corrompe. A madre superiora do convento pede a Susanne que seja sua amante, mas esta se recusa. “Mas eu não sou sua madre querida?” “Sim, mas o que a senhora me pede é proibido.” “Querida amiga, sou eu que o proíbo às outras, e que o permito e o peço a ti”. A representante máxima da instituição renega a lei que supostamente deveria encarnar. É também o caso da corrupção do juiz. As conseqüências disso são de máxima importância para nós.

É evidente que a prática cotidiana da justiça é importante na medida em que nossos direitos e deveres são preservados. Mas essa prática tem outra conseqüência que reputo ainda mais importante, e esta se dá no nível simbólico: quanto mais praticamos a justiça, mais o conceito de justiça se reproduz, se fortalece, e continua a constituir aspectos essenciais de nossa subjetividade. E isto garante a sobrevivência da Justiça como instituição.

Ora, isto só é possível quando o juiz aceita encarnar a lei e julgar de acordo com ela; e quando sua sentença é acatada e cumprida. Mas ele pode se recusar a fazê-lo. Pode destituir a si mesmo do lugar que lhe foi atribuído pela instituição colocando seus interesses acima dos dela, isto é, aceitando suborno. A conseqüência é que o vínculo, até então naturalizado, entre o significante “juiz” e o significado “justiça”, vai se enfraquecendo, até que, no limite, se dissolve e se desnatura. O juiz deixa de simbolizar Justiça.

Mas não é só. Os afetos ligados a essa representação simbólica também desaparecem.

6 Essa expressão é de Castoriadis.

»  
quando o sistema simbólico  
que garantia o lastro afetivo  
dessa palavra se desnatura,  
as subjetividades aí  
constituídas – o modo de ser,  
de pensar, de agir e  
de sentir das pessoas –  
já não serão determinadas  
pelas significações ligadas  
a esse sistema simbólico

Já não sentimos diante do juiz um certo temor respeitoso. A toga e a beca tornam-se engraçadas, sem sentido. As palavras “réu”, “culpa”, “transgressão”, “punição”, “lei”, “justiça”, ainda existem, mas já não significam. Em outras palavras, não são mais *significações operantes*<sup>6</sup>. Uma significação é operante quando tem o poder de produzir subjetividade. A significação “castidade”, diferentemente da época em que as personagens Eugênia e Susanne foram criadas por Sade e Diderot, já não é operante para boa parte das mulheres e dos homens de certos meios sociais. Já não é um valor praticado nem esperado. Voltando à questão da justiça, quando o sistema simbólico que garantia o lastro afetivo dessa palavra se desnatura, as subjetividades aí constituídas – o modo de ser, de pensar, de agir e de sentir das pessoas – já não serão determinadas pelas significações ligadas a esse sistema simbólico. Repetindo, ele perdeu a força, esvaziou-se, desnaturou-se: em suma, foi corrompido. Percebe-se que o processo se inicia com a corrupção do juiz, mas acaba por corromper todo o sistema que ele sustentava e encarnava. Agora, o juiz não tem mais, por trás dele, o poder conferido pela Justiça. Seu lugar de juiz não existe mais. Sua sentença não será mais acatada.



valores e afetos  
lastreados  
por esse sistema,  
tais como respeito,  
gratidão, preocupação,  
amor, proteção,  
ódio, rivalidade,  
castração,  
são reduzidos a pó

140

PERCURSO 38 : junho de 2007

Ao aceitar suborno ele comete, sem o saber, um suicídio simbólico.

O mesmo acontece quando os pais de Eugênia se deixam corromper. É importante ressaltar que os genitores podem exercer sua paternidade e maternidade dos mais variados modos, dos mais adequados aos mais cruéis, passando pelos mais loucos, mas em todos esses casos se reconhecem ocupando o lugar de pais. Aqui, contudo, eles lavaram as mãos, destituindo-se do lugar simbólico que ocupavam, e, no mesmo ato, destruindo o sistema que os instituiu como tais. Isso significa que os lugares de pai, mãe e filho já não existem e, portanto, não podem ser ocupados com eficácia. A palavra do pai já não surtirá efeito sobre o filho. Mas não é só: valores e afetos lastreados por esse sistema tais como respeito, gratidão, preocupação, amor, proteção, ódio, rivalidade, castração, são reduzidos a pó. E ainda: a relação entre pais e filhos não será mais mediada pelo simbólico, pelo menos, não por meio deste sistema simbólico que levava o nome de Família. Em outras palavras, não há mais esta mediação simbólica entre pais e filhos.

E Eugênia, personagem de Sade, sabe disso muito bem. Antes de matar sua mãe, quan-

do esta, já idosa, se torna um estorvo, diz: “Que laços me prendem à mulher que me pôs no mundo?”. Ela tem toda razão. Quando seu pai e sua mãe se omitiram com relação a seu destino, romperam os laços simbólicos que os uniam. Já não há nada que a impeça de matar aquela mulher. A pessoa que a pôs no mundo não é mais sua mãe. É um corpo que pariu outro corpo.

Concluindo meu argumento, a corrupção corrompe os sistemas simbólicos e as subjetividades aí constituídas não mais se relacionam com o real através dessa mediação. Os corpos se tornam simples objetos, isto é, puro real, a serem usados, descartados ou destruídos, conforme a necessidade.

### Os “buracos” de simbolização no *borderline*

As metáforas e os modelos que usamos para falar da constituição da subjetividade guardam alguma relação com o espírito da época. Nesse sentido, o processo de constituição e instituição de matrizes simbólicas de apreensão do mundo poderia ser comparado ao processo de instalar *softwares* num computador. Enquanto não houver aquele *software*, certo tipo de informação simplesmente não fará sentido algum. A informação sequer chega a ser reconhecida como informação – é puro barulho, um estímulo que irrita, perturba, incomoda. O computador não tem uma matriz simbólica para processar tais estímulos, transformando-os em significado. Se, ainda assim, exigirmos que o computador processe aquilo, teremos, como resposta, a tela cheia de caracteres estranhos. Podemos pensar que são caracteres ininteligíveis, mas que poderiam se tornar inteligíveis; caracteres que não significam rigorosamente nada; ou, que não significam mas ainda assim são expressivos da perplexidade do computador – algo como a evacuação gráfica de informações indigestas. A análise é o processo mediante o qual novos *softwares* são instalados, tornando o paciente capaz de processar

novos setores da realidade e de sua experiência emocional.

Na neurose os laços entre significante e significado são suficientemente frouxos para permitir a mobilidade e o deslizamento entre eles. O trabalho analítico faz com que uma mesma palavra, cena, objeto, venha a significar várias coisas, desfazendo uma certa rigidez inicial. Na psicose esse laço é tenaz: cada coisa tem um e apenas um sentido. Desaparece a distância entre coisa e representação. Esta apresenta a concretude da própria coisa. Mas quando o laço simbólico não chega a se constituir, ou se desfaz, estamos em outro domínio psicopatológico: o *borderline*.

De fato, verifica-se uma ausência de certas mediações simbólicas em determinadas áreas do psiquismo *borderline*. Formulando a mesma idéia com mais rigor: a forma de subjetividade a que denominamos *borderline* é aquela em que não foi inscrita a significação “alteridade”. Sua maneira de apreender o mundo não passa por essa significação, pois ela não foi instituída. Todas as experiências emocionais que dependem dela não serão possíveis para este psiquismo. Por exemplo, o objeto não é vivido como um outro com desejos próprios, sofrimentos, angústias, necessidades etc. Já a forma de subjetividade denominada *perversão* resulta da ausência de inscrição da matriz simbólica produtora de estruturas afetivo-representacionais ligadas à castração.

Mas pode acontecer de outras estruturas significativo-emocionais não serem possíveis, além das mais conhecidas, acima citadas. Por exemplo, as que são produzidas pela matriz que faz, de um grupo de pessoas, uma família. Nesse caso, os lugares psíquicos, as funções, as repre-

7 M. Gueydan (citando S. Marinopoulos) neste mesmo texto: “O pensamento (da mãe) é um suporte de vida, uma outra placenta não de carne e sangue, mas como um ninho invisível feito de imagens que nossas técnicas médicas modernas, tais como as ecografias, não podem captar. Esta placenta imaginária formada pelo pensamento da mãe pode, por vezes, ser atacada, privando a criança de uma alimentação psíquica, com efeitos dramáticos sobre a relação mãe-criança”.

o psiquismo materno deveria funcionar como uma placenta simbolizante e imaginária<sup>7</sup> que vai gestando outro psiquismo. É ele que, inicialmente, poderia unir os significantes a certos significados, recobrando o mundo de sentido, tornando-o humano

sentações e afetos que lhes correspondem não farão sentido algum. Em seu lugar, podemos ter, por exemplo, um grupo de pessoas que moram sob o mesmo teto. Um grau a menos de simbolização, as pessoas se transformam em corpos, o teto se transforma em espaço, e temos simplesmente um conjunto de corpos que disputam um mesmo espaço.

O psiquismo materno deveria funcionar como uma placenta simbolizante e imaginária<sup>7</sup> que vai gestando outro psiquismo. É ele que, inicialmente, poderia unir os significantes a certos significados, recobrando o mundo de sentido, tornando-o humano. Alguns serão significados particulares, ou mesmo completamente arbitrários (como na psicose), enquanto outros são consensuais, universais. A função materna terá continuidade por meio dos vários sistemas que exercem a função paterna – o psiquismo do próprio pai, do grupo familiar, da escola –, a cultura em sua dimensão simbólica. Assim, vão sendo instaladas as diversas matrizes de apreensão do mundo. Assim vai sendo humanizada a criança.

O processo de subjetivação é, pois, aquele mediante o qual o mundo dos objetos e das experiências emocionais deixa de ser um aglomerado de coisas, corpos, matéria, pura senso-







gostaria que a expressão  
“o inumano” fosse entendida  
metapsicologicamente,  
e não do ponto de vista moral.  
Desse ponto de vista,  
ela significa que tais  
crimes não possuem  
um sentido, como na  
tragédia grega

142

PERCURSO 38 : junho de 2007

rialidade, e passa a ser um mundo de objetos que significam, representam, relacionam-se entre si. Entre sujeito e objeto passa a haver uma mediação simbólica, um terceiro que faz a ponte entre ambos, protegendo-os da violência da relação dual especular.

Por exemplo, no boxe a violência dos esportistas é contida por uma rede de representações. Os dois contendores sabem que se trata de um esporte, estão de acordo em respeitar suas regras e há um juiz para interromper a luta antes que um mate o outro. Mesmo a guerra tem suas regras. Fabio Herrmann<sup>8</sup>, em *O escudo de Aquiles: sobre a função defensiva da representação*, conta que o escudo que Aquiles usou na guerra de Tróia tinha, como decoração, cenas da vida doméstica e representações da família do guerreiro. Na interpretação do autor, as representações serviam para que, no calor da batalha, Aquiles se lembrasse de que era um homem e não um animal sedento de sangue; e que a guerra tinha um sentido, o objetivo de defender a honra de Menelau, sua terra e sua família. A *Ilíada* e, nela, a descrição minuciosa da decoração do escudo de Aquiles, representam a mediação simbólica na sua função defensiva, necessária para conter a violência pulsional.

Assim, a mediação une e separa os dois corpos em relação, de modo que a presença do outro não seja intrusiva, nem sua ausência seja um abandono traumático. Ao mesmo tempo, institui os lugares psíquicos que cada um vai ocupar. Quando está ausente, não se cria a relativa assimetria de uma relação. O bebê que chora pode se tornar um monstro ameaçador de quem a mãe precisa se livrar.

Dito de outra forma, aquilo que nos constitui humanos é o simbólico<sup>9</sup>. Áreas de não-simbolização são áreas não-constituídas do psiquismo, isto é, áreas de *inumano*. O processo de humanização<sup>10</sup> é sempre incompleto, sempre haverá áreas não constituídas; a análise, inclusive, visa a dar continuidade a ele. Assim, em um extremo temos micro-áreas cotidianas de não-humanização. No outro, as áreas de não-humanização podem ser vitais, e levar a atos como os assassinatos em família. Penso que há um *continuum* entre as micro-áreas de inumano, quase imperceptíveis no cotidiano, e os crimes contemporâneos: varia a importância e a extensão da matriz simbólica não instituída nesses psiquismos.

Gostaria que a expressão “o inumano” fosse entendida metapsicologicamente, e não do ponto de vista moral. Desse ponto de vista, ela significa que tais crimes não possuem um sentido, como na tragédia grega: a mãe traída, humilhada e desesperada mata os filhos para se vingar do marido; o pai, que também é o soberano, sacrifica a filha aos deuses para salvar a cidade-estado; um soberano mata seu filho para não ser destronado. Nos crimes familiares contemporâneos esses elementos não parecem estar presentes. Uma mãe pode afoagar a criança a que deu à luz porque era um estorvo. Um pai pode vender a criança que

8 Fabio Herrmann, “O escudo de Aquiles”, p. 167.

9 M. Gueydan: “Fragilité féminine, fragilité maternelle au XXI siècle, influence sur les jeunes enfants”. Trabalho apresentado no Congresso de Psicopatologia Fundamental, em Belém do Pará, set. 2006.

10 Fabio Herrmann fala em “abrir clareiras de humanização em meio ao cerco das coisas” no capítulo 9, “Origens do psiquismo”, do livro *Introdução à Teoria dos Campos*.

concebeu porque está sem dinheiro, como no filme *L'Enfant*<sup>11</sup>. Aqui, os personagens são dois adolescentes “soltos no mundo”, sem casa, comida, emprego ou dinheiro. Vivem de vender o produto de pequenos furtos. O casal dá à luz uma criança, mas tratam-na como se fosse uma mochila. Nós, identificados com o bebê, ficamos chocados quando, em lugar de protegê-lo e tentar lhe oferecer o melhor ambiente possível, andam de motocicleta com o recém-nascido. Eles parecem não ter idéia do que seja um bebê. Em certo momento, o pai sai para dar uma volta com ele e de repente percebe que pode vender o bebê como costuma fazer com os relógios roubados. A diferença é que o bebê vale mais dinheiro, e sempre se pode fazer mais um, garantindo a sobrevivência do casal por muitos anos.

Esses crimes são inconcebíveis e intoleráveis porque, no lugar da solução trágica, temos uma solução utilitária. Já não cabe o nome paricídio ou matricídio, porque lhes falta a carga emocional que os caracteriza. Por isso as aspas no início do texto, em que “pais” matam “filhos”. Por isso a denominação “crimes contemporâneos”. Aliás, não cabe nem mesmo chamá-los de homicídios, em que se mata para roubar, por defesa, por vingança, por preconceito etc. O homicídio ainda é um ato humano. Ora, a lógica utilitária é aquela que faz, de qualquer objeto, um utensílio. Quando o corpo de um ser humano é tratado assim, podendo ser usado quando é útil, ou descartado quando não é mais, temos uma das condições de possibilidade de vender um bebê. Aliás, enquanto escrevo este texto há uma notícia na internet, no dia 20 de novembro de 2006: uma mãe vende seu bebê em Minas Gerais em troca de cestas básicas. Mas, o que torna possível o funcionamento segundo a lógica utilitária? A falta da inscrição simbólica “alteridade”. O significante “corpo do outro” não está ligado ao significado “ser humano como eu”. A

<sup>11</sup> Produção franco-belga de 2004, dirigida por Jean-Pierre e Luc Dardenne.

»  
pensamos em “mães”  
que não conseguem  
relacionar aquele significante,  
corpo do bebê,  
ao significado filho,  
com todo o cortejo  
de significações  
simbólicas e imaginárias  
envolvidas nesta situação

relação sujeito-objeto não é mediada por esse símbolo.

Retomando a idéia de inumano, este tende a se expressar por meio do afeto em estado bruto, do ato ou mesmo de somatizações, em suma, por meio do processo primário. A marca do inumano é, pois, a violência, sendo que violência, aqui, significa “força sem mediação simbólica”, o que não implica haver, necessariamente, uma agressividade explícita.

Observem-se as falhas maiores ou menores no que diz respeito à matriz simbólica que permite à criança apreender a própria idéia de família. Não estamos nos referindo a mães que apresentam falhas, maiores ou menores, na função materna. Nem a mães que embaralham e confundem lugares e funções dentro da estrutura familiar – por exemplo, usando o bebê como mãe, ou como prótese psíquica. Todas estas mulheres têm alguma idéia do que é ser mãe e tentam praticá-la. Pensamos em “mães” que não conseguem relacionar aquele significante, corpo do bebê, ao significado filho, com todo o cortejo de significações simbólicas e imaginárias envolvidas nesta situação. Em lugar disso há um branco, nada. Nesse caso, em lugar de uma família – mais ou menos estruturada –, a

dupla poderá ter a experiência de um conjunto de corpos que disputam um mesmo espaço, ou um mesmo dinheiro, ou qualquer coisa que seja vivido no registro da autoconservação. Estão dadas as condições para que a experiência emocional do sujeito com relação a seus familiares seja mediada apenas por uma lógica utilitária.

É hora de reunir os fios da meada.

O primeiro diz respeito às idéias apresentadas logo no início do texto, sobre a *body art*. O corpo tanto é o suporte, como a matéria, de que é feita esta arte. Um corpo-coisa, mas transformado em obra. Esses artistas estão representando a ausência de mediação simbólica, e, ao mesmo tempo, fazendo a crítica desse estado de coisas no mundo contemporâneo.

O segundo se refere às palavras de Eugênia (em *A filosofia da alcova*), pouco antes de matar

sua mãe quando esta, já velha, se transformou num incômodo: “que laços me prendem à mulher que me pôs no mundo?” Aquela “mulher” é apenas um corpo que colocou no mundo outro corpo: um ruído sem qualquer significado.

Reunindo-os, podemos, finalmente, formular nossa interpretação: Marc Quinn representa, plástica e paradoxalmente, a ausência (em seu caso, intencional) dessa mediação no mundo contemporâneo quando recusa a seu próprio sangue o estatuto de “meu corpo” – o que o obrigaria a tratá-lo como tal, e não como um material escultórico qualquer. Uma mãe pode atuar neste mesmo estado de coisas e, na ausência das outras mediações, tratar o corpo de filho como mercadoria. E vendê-lo. Se na obra de Quinn há uma ironia macabra, aqui já não há ironia alguma.

#### Referências bibliográficas

- Adams B. et alii (1997). *Sensation: young British artists from the Saatchi Collection*. London: Royal Academy of Arts.
- Herrmann F. (1992). O escudo de Aquiles. In: *O divã a passeio*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Minerbo M. (2000). Que vantagem Maria leva? – um olhar psicanalítico sobre a corrupção. *Percurso* n. 24, São Paulo.
- Orlan (2004). *Carnal art*. Paris: Flammarion.
- Quinn M. (1998). *Incarname*. London: Booth-Clibborn.

#### Contemporary crimes: an interpretation. Or, the inhumane

**Abstract** The author tries an interpretation for contemporary crimes (parents who kill their children, or vice-versa) by relating them to the fading of certain symbolic systems. The absence of a symbolic matrix that could transform a “body that delivered me to this world” into “my mother” seems to be decisive. This idea is also present in body art: these artists seem to be criticizing the fading of symbolic systems by making an art that is both representation and the represented thing. The author finalizes by showing that those crimes cannot be considered parricide or infanticide, not even a simple homicide. Actually they do not have a name and are rather in the realm of the inhuman.

**Key words** contemporary crimes; inhuman; symbolic matrix; body art; subjectivity's shape; borderline.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 12/2006

# O impacto da ruptura de campo sobre a Psicanálise

o eu: um ser atônito

Camila Pedral Sampaio

**Resumo** Com o intuito de verificar o impacto da Teoria dos Campos sobre a noção de eu, examinam-se aqui três concepções do eu, buscando correlacioná-las e estabelecer sua potência de ruptura em relação às noções clássicas da mesma idéia. Dentre as teorias sobre o eu consideradas, são psicanalíticas a de Freud e a de Fabio Herrmann. A terceira é uma teoria literária, enunciada por Machado de Assis no conto *O espelho*. Assim, o diálogo entre os autores psicanalistas vai sendo tecido e bordado com o fio literário, representado pela lucidez machadiana. Pensamos ser esta uma maneira de manter-nos fiéis ao espírito psicanalítico presente no estilo de Freud e também no de Fabio Herrmann.

**Palavras-chave** ruptura de campo; noção de eu; ego; Fabio Herrmann.

**Camila P. Sampaio** é analista em formação pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e professora doutora na Faculdade de Psicologia da PUCSP.

Este texto foi a base do que foi apresentado no IV Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, ocorrido em setembro de 2005 e dedicado ao exame da noção de ruptura de campo. Na ocasião, participei, com Leda Herrmann e Maria da Penha Lanzoni, de uma mesa cujo tema era: *O impacto da ruptura de campo sobre a Psicanálise: inconsciente, transferência e a noção de eu*. Coube-me o desenvolvimento deste último tópico. O resultado é o presente texto.

1 Opto por referir-me a *eu* em vez de *ego* em todo o texto, já que esta é a forma como o conceito é referido na Teoria dos Campos. Quando faço citações diretas da obra de Freud, no entanto, uso o termo *ego*, tal como indicado na tradução utilizada.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.  
Prefiro as linhas tortas, como Deus. [...] Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo havia de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc. Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

[Manoel de Barros. *Livro sobre nada*]

## O eu<sup>1</sup> como idéia psicanalítica

Com a noção do eu decorrente da descoberta psicanalítica ocorre, desde o início, algo interessante. Por um lado, ela produz um verdadeiro bombardeio dirigido àquele que foi instituído pela filosofia cartesiana como um *eu* necessário, soberano em seu domínio, capaz de atingir a verdade por meio de uma lógica do discurso. Este *eu* pensador, dominador, fonte de auto-observação e controle, atravessado, sim, pela dúvida, mas por uma dúvida *metódica*, o que lhe restitui a dignidade, este *eu* é que será fundamentalmente desmontado pelas idéias correlativas à invenção psicanalítica.

É ele, podemos sugerir, o alvo da revolução psicanalítica que destronou a soberania da consciência e da racionalidade, constituindo, segundo Freud, como se sabe, o terceiro dos golpes desferidos pelo pensamento ocidental sobre nosso amor próprio. Golpe psicológico, precedido pelos igualmente dolorosos golpes cosmológico e biológico, aplicados sobre as concepções de si do homem, respectivamente por Copérnico,



a idéia de eu, bombardeada,  
diminuída em seu poder, destronada  
mesmo, sobrevive e, a bem dizer,  
não chega a perder de todo sua  
dignidade

que *retirou* a terra do centro do universo, e por Darwin, que pôs fim à presunção humana de representar um ser superior, dotado de uma posição privilegiada na Criação<sup>2</sup>. Podemos presumir, diz Freud, que o golpe psicológico foi o mais violento. Deduzido das duas descobertas essenciais da Psicanálise, a saber, a de que nossa vida pulsional não pode ser inteiramente dominada e a de que os processos mentais são em si mesmos inconscientes e só chegam ao *eu* de modo indicial e muito incompleto, equivale “à afirmação de que o *eu* não é senhor da sua própria casa”<sup>3</sup>, nem mesmo em sua própria casa, melhor dizendo.

Apressa-se Freud em esclarecer que não é a Psicanálise a primeira a propor tal idéia, cabendo-lhe, no entanto, a incumbência de apresentar, a partir de sua clínica, os argumentos *empíricos* capazes de sustentá-la. Na ocasião, ele se refere explicitamente a Schopenhauer, dividindo com o filósofo a responsabilidade pela noção de inconsciente, que assemelha nosso eu a uma função de desconhecimento, contrariamente ao *eu* soberano da filosofia cartesiana. Em outra ocasião, Freud cita Groddeck, “o qual nunca se cansa de insistir que aquilo que chamamos de o nosso *eu* (ego) comporta-se essencialmente de modo passivo na vida e que, como ele o expressa, nós somos ‘vivos’ por forças desconhecidas e incontroláveis”<sup>4</sup>.

No entanto, e aqui o interesse da coisa, a idéia de eu, bombardeada, diminuída em seu poder, destronada mesmo, sobrevive e, a bem dizer, não chega a perder de todo sua dignidade. O resultante disso é um *eu* dividido, angustiado, afetado em sua capacidade de representação de si e do mundo, noção que foi elaborada ao longo de toda

a obra freudiana. O *eu* da dúvida sem método, da dúvida para com os outros, que representam os parceiros necessários em sua constituição.

De todo modo, poderíamos dizer que os poetas e, em sentido amplo, os escritores, sempre tiveram notícia desse eu que, antes de ser agente da própria vida, é atravessado por forças que o determinam e que ele desconhece fundamentalmente. Por isso, aliás, iniciamos este texto com uma pequena referência ao poeta Manoel de Barros, na qual ele retrata poeticamente os paradoxos do eu, montado de pedaços desconexos, buscando grandeza no defeito, atravessado pelo desejo narcísico de reconhecimento e destaque.

Aqui, nos tristes trópicos brasileiros, aliás, não conseguimos nos referir a essa teoria do *eu* sem que nos seja lembrada uma outra teoria, essa de origem literária, a que foi enunciada por Machado de Assis como “uma nova teoria da alma humana”, no conto intitulado *O espelho*. Ali, como podemos lembrar, Jacobina, homem taciturno e de pouca disposição à discussão estéril, expõe sua teoria, baseada em um acontecimento que lhe ocorreu na mocidade. Atônitos, acompanham-no seus interlocutores à medida que ele enuncia sua idéia de uma alma dupla, dividida em duas porções interdependentes, uma *externa* e outra *interna*, pedaços de ser, montados num ser dessacralizado, mas igualmente atônito. (Haveriam de se passar cem anos, pouco mais, até que Manoel de Barros o quisesse *eu*, grandioso em sua “tortezá” toc-ploc...) Se nos for permitido interferir assim em Machado, substituindo sua idéia de alma pela de *eu*, teremos, pronta e acabada, uma teoria do *eu* bastante semelhante à proveniente das descobertas freudianas. Ainda havemos de nos apoiar a seguir nessa teoria machadiana, bastando por ora essa resumida referência, de modo a dar lugar a uma primeira tarefa que o assunto nos impõe, a de

2 Ver em Freud a Conferência XVIII, das *Introduções* (1916-17), “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise” (1917) e “As resistências à Psicanálise” (1925).

3 S. Freud (1917), *Conferências introdutórias à Psicanálise* XVIII, “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise”, p. 178. (Grifos da autora.)

4 S. Freud (1923), “O ego e o id”, p. 37.



constelar brevemente os elementos pelo qual se constitui o *eu* em Freud.

Obviamente, não é meu propósito aqui, nem cabe, fazer uma exegese da noção de eu na obra de Freud. Outros o fizeram, e melhor do que eu poderia fazer<sup>5</sup>. Queria, no entanto, transitar por algumas das passagens que constituem essa noção, no intuito de demonstrar que a idéia resultante é, no mínimo, complexa e intrincada e, desde o início, cheia de nuances.

Começemos pela indagação: quais as suas origens? São vários os modelos de que Freud lança mão para estabelecer a origem do eu. O primeiro deles refere-se à idéia da especialização de uma superfície, a partir do contato com a realidade, como um pão que, levado ao forno, diferencia do miolo homogêneo uma casca. É assim que, no *Esboço de Psicanálise* Freud, apresenta o eu:

Sob a influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do *Id* sofreu um desenvolvimento especial. Do que era originalmente uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos, surgiu uma organização especial que, desde então, atua como intermediária entre o *id* e o mundo externo. A esta região demos o nome de *ego*<sup>6</sup>.

Observe-se que a mesma idéia, com uma formulação muito semelhante, aparece em *O ego e o id*<sup>7</sup> e na *Conferência xxxi: A dissecação da personalidade psíquica*<sup>8</sup>.

Mas a idéia de superfície, até aqui relacionada à exterioridade e à dimensão de casca protetora do *eu*, figura também em outra das metáforas criadas para pensar sua origem: o *eu* não seria apenas uma entidade de superfície; sendo, primei-

»  
o *eu* é composto  
de um precipitado  
de identificações  
e de investimentos  
objetais abandonados

ro e acima de tudo, um ego corporal, “é ele próprio a *projeção* de uma superfície”<sup>9</sup>, exatamente da superfície corporal, na medida em que o corpo e especialmente sua superfície, a pele, constitui um lugar que origina sensações internas tanto quanto externas e se oferece como um primeiro protótipo para a representação e a projeção desta entidade, justamente incumbida de distinguir e relacionar, por meio de trocas, o dentro e o fora: o *eu*.

Tomando agora a perspectiva do ponto de vista dinâmico, sobretudo em sua relação com as instâncias ideais, o *eu* é composto de um precipitado de identificações e de investimentos objetais abandonados<sup>10,11</sup>. Processo esse que é, por assim dizer, produto do longo período de dependência por que passam as crianças em sua infância, o que deixa como legado uma diferenciação no interior do eu, o super-eu e os ideais, representantes e herdeiros da instância parental. Nas palavras de Freud:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações (a paterna e a materna) unidas uma com a outra de alguma maneira. Essa modificação no ego retém sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego<sup>12</sup>.

Graças a essa divisão em seu interior é que o eu pode tomar a si como objeto, observar-se, criticar-se, tratar-se como trata outros objetos, sabe-se lá quantas coisas mais pode fazer consigo mesmo! “Assim, o ego pode ser dividido: divide-se durante numerosas funções suas – pelo menos

5 Gosto, especialmente, do texto de Liana Albernaz de Melo Bastos: *Eu-corpendo – o ego e o corpo em Freud*.

6 S. Freud (1923), “Esboço de Psicanálise”, p. 170.

7 S. Freud (1923), “O Ego e o Id”, p. 39.

8 S. Freud (1932), *Conferência xxxi*, “A dissecação da personalidade psíquica”, p. 80.

9 S. Freud (1923), “O ego e o id”, p. 30-41.

10 S. Freud (1932), *Conferência xxxi*, p. 81.

11 S. Freud (1923), “O ego e o id”, p. 45-64.

12 S. Freud, *op. cit.*, p. 49.



estabelecida, a partir  
dessas variadas vias,  
a origem do *eu*, caberia-nos  
indagar sobre suas funções

temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente”, diz Freud<sup>13</sup>, numa idéia que antecipa a formulação final da cisão do eu nos processos de defesa.

Em relação com o narcisismo, tomando a questão ainda de um outro ponto de vista, o *eu* seria fruto de uma *nova ação psíquica*, que pensamos ser da ordem da identificação primária, ação responsável por apresentá-lo como um primeiro objeto unificado. Assim sendo, e já a partir do modelo corporal, o eu é fruto e agente de um permanente esforço de síntese e unificação. É ele mesmo este esforço de síntese, pelo qual, a despeito da diversidade de identificações e de elementos que o constituem, percebe-se a si próprio como sendo quase sempre o mesmo, e pode até propor-se como veículo e suporte de uma identidade singular. Esse aspecto, Fabio Herrmann veio a chamar de presença no *eu* de um *sentido de imanência*, na ausência do qual o sujeito corre o risco de séria perda identitária (o que veio a acontecer justamente com nosso conhecido Jacobina, no episódio a que mais adiante nos referiremos).

Estabelecida, a partir dessas variadas vias, a origem do *eu*, caberia-nos indagar sobre suas funções. Distingue-o, particularmente, essa já mencionada tendência à síntese de seu conteúdo, à combinação e unificação em seus processos mentais. Razão, bom senso, controle, esses são seus méritos, um conjunto de funções positivas: observar o mundo externo, testar a realidade, oferecer um escudo protetor contra estímulos excessivos<sup>14</sup>. Mas, seguindo Freud, não nos deixemos impressionar por tais méritos e capacidades do *eu*.

A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito freqüentemente surge, entre o ego e o id, a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir<sup>15</sup>.

Assim, recorrendo à conhecida formulação de Freud, a condição positiva de condutor vê-se comprometida pelo fato de que o “pobre ego” “serve a três severos senhores (o mundo externo, o superego e o id) e faz o que pode para harmonizar entre si seus reclamos e exigências”<sup>16</sup>, sempre divergentes e freqüentemente incompatíveis. Cercado por três lados, ameaçado por três tipos de perigos, vê-se como presa da ansiedade – a bem dizer, de três diferentes formas de ansiedade – e falha freqüentemente em sua tarefa de mediação, racionalizando e ocultando seus conflitos e divergências interiores.

Dominado, dividido e subserviente, o *eu* resulta enfraquecido e oscilante em seu valor próprio, sua grandeza sendo inteiramente dependente dos investimentos amorosos que o tomam como objeto, vindo de outros ou de si próprio. Assim, no auge da inflação de si mesmo, o sujeito pode acreditar-se o próprio Napoleão, enquanto uma dor de dente o fará recolher-se ao tamanho do dente molar: “A alma inteira encontra-se recolhida na estreita cavidade do molar, diz W. Busch sobre o poeta que sofre de dor de dente”, comenta Freud<sup>17</sup>. O fato é que o valor do *eu*, ou sua grandeza, empresta-se a partes de si, às representações mais ou menos poderosas, mais ou menos conscientes, pelas quais o *eu* se faz apresentar.

Vê-se já aqui o quanto nos interessa a teoria do Jacobina que, ao enunciar a chamada alma exterior, diz:

13 S. Freud (1932), *Conferência xxxi*, *op.cit.*, p. 64.

14 S. Freud, *op. cit.*, p. 80-81.

15 S. Freud, *op. cit.*, p. 81-82.

16 S. Freud, *op. cit.*, p. 82.

17 S. Freud, (1914), “Sobre o narcisismo: uma introdução”, p. 103.

A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de uma camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polka, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma vacatina, um tambor, etc. [...] As duas (almas) completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja; quando perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira<sup>18</sup>.

Assim, ele antecipa a narrativa do momento de sua vida em que o sustento de toda sua alma e sanidade ficou reduzido ao reconhecimento de sua posição de alferes, a alma se abrigando inteira naquela farda. Se os interlocutores de Jacobina ficaram estupefatos com essa possibilidade, não menos ficamos nós, ao reconhecermos naquele homem que busca sua inteireza e conforma seu desespero despersonalizante na imagem fardada que lhe vem do espelho, ao reconhecermos ali, eu dizia, uma belíssima figuração da dependência do *eu* dos suportes e emblemas narcísicos a que se empresta.

### A visão do *eu* na Teoria dos Campos

Esse *esparramar-se* do *eu* sobre os objetos do mundo compartilhado cai bem para seguirmos em nosso propósito e atingirmos o tema deste trabalho. Até aqui, ficamos com Freud, pretendendo sugerir que a noção de eu resultante da proposta teórica freudiana é já uma noção complexa e bastante questionadora em relação ao status do eu em seu aspecto racional, controlador ou capaz de auto-determinação. Freud nos mostra um *eu* fragilizado, despotencializado e siderado por determinações que em muito o ultrapassam. Mas, ao mesmo tempo, um eu que se ajusta à obra da Cultura, à Psicanálise, e que ain-

18 M. de Assis (1882), “O espelho”.

19 S. Freud (1932), *Conferência XXXI*, p. 84.

20 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*.

»  
o que interessa agora, para seguir  
adiante, é saber: qual o impacto  
da Teoria dos Campos  
sobre essa noção,  
já tão abalada, do *eu*?

da há de advir ali onde está o *id*<sup>19</sup>. Essa complexidade talvez seja fruto do fato de que a idéia de *eu* foi em parte herdada pela teoria psicanalítica das teorias psicológicas que a antecederam, não produzida a partir de seus próprios pressupostos. Bombardeada e “sobrevivida”, ela se mantém assim, meio manca, meio perfurada e ainda inteira, naquela inteireza arlequinal – feita de losangos de diversidade – de que fala Mário de Andrade para caracterizar a cidade de São Paulo.

Até aqui, Machado nos ajudou, mais por gosto do que por necessidade, propondo uma teoria própria da alma humana; talvez ele nos inspire ainda no tema que prossegue. O que interessa agora, para seguir adiante, é saber: qual o impacto da Teoria dos Campos sobre essa noção, já tão abalada, do *eu*? É grande, adianto. Então, sigamos em frente.

Do ponto de vista teórico, a Teoria dos Campos parte de uma visão muito peculiar do eu. Para ser claro e direto, não acreditamos que a noção de eu seja legitimamente psicanalítica. Todos os conceitos mais valiosos da Psicanálise, da repressão à cisão, do conflito aos mecanismos de defesa, do trauma à elaboração onírica e à neurose de transferência, apontam sempre para a negatividade, precariedade e fragmentação do sujeito, enquanto a noção de eu se lhes opõe, como defensor da unidade e coerência<sup>20</sup>.

Como “Pilatos no Credo”, sua função seria a de permanecer como contraponto, a serviço de permitir que se notem os demais conceitos.

Reconhecendo, então, que a noção de eu é anterior à idéia psicanalítica e que mal e mal se ajusta a ela, o que propõe a Teoria dos Campos é –



a distinção cuidadosa  
entre eu-função e eu-representação,  
no entanto, é já um primeiro  
passo da teorização  
de Herrmann acerca do eu

radicalizando a crítica freudiana à unidade do eu e a qualquer idéia de uma unidade subjetiva que se relacionasse com o mundo – criticar a sobrevivência, na psicanálise, da idéia de um *eu total*. A relativização crítica desse conceito de *eu* é o ponto de partida de uma nova teoria do *eu*. É no livro *A psique e o eu* que Fabio Herrmann discute duas das teorias que se aventuram nessa posição crítica, discussão sinteticamente retomada no capítulo 12 de *Introdução à Teoria dos Campos*. Já veremos como ela se encaminha.

O começo de toda a apresentação é a distinção necessária, presente já em Freud, como se viu, entre o eu como um conjunto de funções psíquicas – motricidade, pensamento, percepção, memória, juízo etc. –, um *eu-função*, e o eu como um conjunto de representações que o sujeito apresenta de si pela vida afora, *eu-representação*. Do primeiro, pouco ou nada teremos a falar que se acrescente às formulações pré-existentes. A distinção cuidadosa entre eu-função e eu-representação, no entanto, é já um primeiro passo da teorização que se segue no primeiro ensaio em que examina a questão, intitulado: “O eu no fígado da pedra”. “Não se trata”, diz Fabio, “de duas coisas completamente distintas, como nalgumas versões da Psicanálise pode estar sugerido pelo emprego dos termos *ego* e *self*, nem de uma só entidade permanente, o Eu, sujeito da consciência, e sua identidade”<sup>21</sup>. De fato, quando o eu-representação sente-se atingido por ataques, quer lhe venham da realidade ou do superego, por exemplo, ele pode ter sua capacidade funcional paralisada. A analogia invocada aqui é interessante: “o eu-funcional é como uma cabina de comando que pode ser

ocupada por diferentes pilotos, por diferentes *eus-representação*”<sup>22</sup>. Nas ocasiões de conflito grave, o comando se paralisa.

Ora, afinal, do ponto de vista da psicanálise, é o conflito mesmo o que nos caracteriza humanos. Aquilo que acima apontamos, em Freud, como uma divisão do eu em suas funções, divisão que se faz sentir como crítica, como auto-observação, como um tratar a si como a qualquer objeto, é a mostra do conflito no qual porções do eu enfrentam-se com outras. No caso mais conhecido, temos o confronto eu/superego, que, segundo Fabio, é um só dos casos de confronto entre *aspectos do eu*. Um só dos casos, o primeiro que nos vem à mente, por ser abordado diretamente por Freud, e que nos apresenta à idéia de *duplicação do eu nos processos psíquicos*, nome encontrado por Herrmann para falar dessa situação de estarmos sempre, em cada ação psíquica, diante de pelo menos dois eus em contraponto.

Quando ocorre uma ação intrapsíquica, como a do superego sobre o eu, estamos de fato diante de dois eus, de dois sujeitos psíquicos em diálogo: eu e superego. O superego tem propósitos, estoque de memória, identidade, é um eu agente<sup>23</sup>.

O superego é então uma duplicação do eu, e isso não parece longe do que o que o próprio Freud enunciou, na medida em que ele se refere ao superego como uma divisão no interior do eu que torna bastante complexa sua estrutura.

No entanto, diz Fabio, para sermos inteiramente fiéis à hipótese freudiana de inconsciente e à redefinição do lugar da consciência nela implicada, aquilo que nos é confirmado pela experiência analítica é que, mesmo na vida normal, inúmeras formações psíquicas estão em jogo. Em suas palavras, “é preciso, antes, considerarmos que, a cada ato psíquico, a posição de sujeito desdobra-se de maneira mais complexa; o sujeito está em dife-

21 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, p. 142.

22 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 142.

23 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 142.

24 F. Herrmann, *A psique e o eu*, *op. cit.*, p. 49.



rentes posições simultaneamente, eus se formam e se desfazem como estrelas na poeira galáctica, cada qual comportando dimensões inconscientes e campos gravitacionais próprios”<sup>24</sup>.

A fidelidade proposta à hipótese freudiana, no entanto, a modifica bastante. Vejamos. É que, em vez de pensarmos em um só eu que, sob pressão intensa e insuportável, se rompe, como o cristal que se parte em elementos previamente configurados, segundo a hipótese freudiana<sup>25</sup>, pensamos agora numa espécie de circulação de eus que se revezam na ocupação do lugar de sujeito psíquico e o disputam, nisso consistindo o conflito psíquico.

Duas conseqüências se colocam a partir daí. A primeira diz respeito à tendência à síntese e à unificação que caracterizam o eu freudiano. Onde, nesse quadro, fica essa tendência, realizada como identidade? Teríamos que supor aqui que a faculdade sintética do eu – a tendência à unificação de vários sujeitos e suas representações – é nada mais que exatamente isso: uma tendência, ou, se quisermos ser mais precisos, uma ilusão – ou uma obsessão contemporânea/ocidental, como sugere Fabio. A circulação de representações diferentes do eu – que equivale à circulação de identidades – é antes uma meta que um problema. Caberia justamente ao processo analítico dar voz aos diversos eus, além de remeter-se interpretativamente de formas diferentes a cada um.

A outra possibilidade de unificação, aquela que nosso caro Jacobina experimentou temerariamente, que é o predomínio prolongado do domínio psíquico de um só eu, equivale à instalação de uma *ditadura psíquica*<sup>26</sup>. Soube-o bem o personagem machadiano: bajulado interminavelmente como ‘senhor alferes’, acabou por acostumar-se de tal forma a essa identidade excelente que, um dia, tendo ficado sozinho e sem mais ninguém que o visse e nele reconhecesse

»  
A circulação de representações diferentes do eu – que equivale à circulação de identidades – é antes uma meta que um problema

a mesma importância, ali, no roçado deserto, tornou-se um defunto, um boneco mecânico, sem eira nem beira. Ao olhar-se no espelho, não viu mais do que uma sombra desesperadora, de feições inacabadas e incertas. Imagem que só se corrigiu no momento em que, num ímpeto, ele decidiu vestir a farda que tão fundamentalmente o passara a representar. Só então pôde novamente recuperar sua inteireza. Explica Machado: “o alferes eliminou o homem. [...] a alma exterior, que dantes era o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que e falava do posto, nada do que me falava do homem”<sup>27</sup>. O alferes eliminou o homem; uma das emanações do eu, num ímpeto de mesmidade e coincidência consigo próprio, tomou o lugar do eu total; melhor dizendo, impediu a continuidade da circulação dos outros eus. A angústia frente à diversidade consigo mesmo foi resolvida à custa do sentimento de realidade e evocou, justamente, a perda do *sentido de imanência*, aquele que nos mantém certos de sermos os mesmos, em que pese a circulação de posições que vamos assumindo sucessivamente. Nada má, de fato, a teoria de Machado. Ela só não dá o *nome aos bois*: o inconsciente.

Justamente aí incide a segunda conseqüência dessa teoria do eu proposta pela Teoria dos Campos, em sua *pequena* – diz Fabio – torção da teoria clássica. É que, a partir dessa concepção da duplicação sub-reptícia do eu nos processos anímicos, estabelecida como fundamento psicanalítico do sujeito, também o inconsciente não pode mais ser pensado como unidade, “já que cada sistema de ação e representação, cada eu, comporta sua própria dimensão inconscien-

25 S. Freud (1932), *Conferência XXXI*, *op. cit.*

26 F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, *op. cit.*, p. 144.

27 M. de Assis (1882), “O espelho”, *op. cit.*, p. 268.

28 F. Herrmann, *A psique e o eu*, p. 103.





Fabio Herrmann discute o aspecto *virtual*, poderíamos dizer, ou imaterial e recriável dessa apresentação de nós próprios a que chamamos *eu*

te e é afetado por complexos inconscientes não necessariamente idênticos”<sup>28</sup>. Cada núcleo de sentido corresponderia a uma síntese particular do eu, que procederia por sínteses diferentes e sucessivas. Não haveria unidade, então, nem no eu, o que Freud já percebera, nem no inconsciente, o que nos põe face a uma nova revolução do pensamento. Aqui, temos de dar conta não apenas de que a Terra não é o centro do universo, como também de que não há um único universo, mas inúmeros. Provavelmente aquele em que nos situamos mais freqüentemente não é o melhor. O psiquismo nos aparece então como “conjuntos organizados de representações, que podem atuar como sujeitos ou *eus*, formados ao longo da existência, contendo um acervo próprio de memórias”<sup>29</sup> e de mecanismos defensivos, ou por outra, na terminologia proposta, contendo seu correspondente *inconsciente relativo*<sup>30</sup>. O campo resultante da interação entre os vários inconscientes relativos será compreendido então como um espaço psíquico necessariamente não homogêneo nem inteiro, mas como um campo de diversidades e de possíveis.

Freud<sup>31</sup> disse certa vez, ao propor sua teoria acerca da psicose, na análise do caso de Schreber, que caberia ao futuro decidir se havia mais delírio em sua teoria ou mais verdade no delírio do que se queria de início supor. Creio que aqui se apresenta uma oportunidade semelhante, de legar ao futuro uma avaliação da reformulação aqui enunciada. O fato, entretanto, é que a presente teoria parece capaz, como poucas, de dar conta daquilo que se pode caracterizar como a fragmentação do sujeito no mundo contemporâneo. Fragmentação do nosso tempo, recorte dos nossos horizontes,

partição das respostas a que somos exigidos, como seres maquínicos que nos apresentamos. Também é de interesse o fato de que uma outra característica componente de nosso mundo, a virtualidade, presente hoje nos nossos mais cotidianos contatos, estará na base do outro modelo proposto para o eu, o do disfarce.

O segundo modelo do eu, discutido no outro ensaio de *A psique e o eu*, intitulado: “A paixão do disfarce”, pode ser entendido como decorrente dessa idéia de duplicação do eu nos processos psíquicos. Estendendo até o limite a noção de disfarce, num movimento que nos aproxima do prazer de nos apresentarmos como ‘outros’, a partir das brechas criadas pela nossa condição linguageira, Fabio Herrmann discute ali o aspecto *virtual*, poderíamos dizer, ou imaterial e recriável dessa apresentação de nós próprios a que chamamos *eu*. Disfarçar-se aparece como a essência mesma de toda narrativa humana, de toda história, sendo sua condição a passagem de nossa existência concreta para uma existência na linguagem ou no campo relacional. A que estaria relacionado o prazer do disfarce, pode-se perguntar?

Herrmann o faz remontar ao advento da subjetividade, concebido como o momento teórico no qual o bebê se liberta do *cercos das coisas*, reino da pura necessidade. A subjetividade se inauguraria, a partir desta versão das origens do eu, por uma experiência de descolamento em relação ao circuito fisiológico, que se dá por uma espécie de *mentira original*. Consiste no seguinte: a mãe, ao cuidar de seu bebê, erra, necessariamente. Dá colo a quem grita por fome, embala o que está cheio de xixi, dá o peito quando o pequeno chora por coceiras. Na sintonia desses erros, no contato pré-intencional com a mãe, desponta no pequeno a possibilidade de também *errar* em seus choros, de modo a “apresentar” à mãe um choro de fome, sem no entanto

29 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 209.

30 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 211.

31 S. Freud (1911), “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”.

32 F. Herrmann, *A psique e o eu*, p. 162.

ter fome, e com isso ver satisfeita a necessidade de colo e aconchego. O que vemos aí é a emergência de um sujeito que se *cria* nas apresentações de si mesmo, por cima do campo material das necessidades.

A hipótese aqui é que a paixão do disfarce, ao nos levar a disfarçar-nos do que somos e do que não somos, reedita esse momento inaugural de auto-criação do sujeito, pressuposto do eu e da identidade. Assim, o ato de disfarçar-se revive a experiência inaugural de criação da identidade. O disfarce revela do eu o essencial, citando o autor: “que meu eu é uma criação de mentira, é uma máscara inventada, cuja invenção seja quem sabe a obra principal de minha vida, pelo menos aquela a que dedico maior esforço”<sup>32</sup>. A novidade, como já poderíamos ter previsto pela discussão do modelo precedente, no entanto, é que atrás do disfarce não há um eu pleno e verdadeiro a ser ocultado. A noção de um eu verdadeiro e pleno não figura aqui como contraponto do eu do disfarce. O eu dominante, o mais freqüente, a identidade cotidiana, que se costuma achar que é mais verdadeira, ocupa aqui “o lugar nada glorioso” de ser tão somente um disfarce a mais. O ponto de maior aproximação à verdade está no ato de disfarçar-se, não no resultado do disfarce, digamos. “Fazendo-me outro, faço-me de novo e o fazer conta mais que a forma, verdadeira ou mentirosa, daquilo que me tenho feito durante a vida”<sup>33</sup>.

O disfarce, longe de ser então um vício que nos oculta em certo ofício de travestismo, aparece aqui como o próprio modo de ser do homem. Modo de ser às vezes criativo e apaixonante, às vezes defensivo e repetitivo, em qualquer caso um modo de ser que atravessa toda a nossa vida social.

A patologia do disfarce, já no-la mostrou Jacobina, é a redução tamanha do sujeito a um disfarce único e uniforme, uma exageração do imperativo de ser um. Justamente o uniforme é que tomou a alma do personagem, como sa-

»  
o disfarce, longe de ser então  
um vício que nos oculta  
em certo ofício de travestismo,  
aparece aqui como o próprio  
modo de ser do homem

bemos, quando o alferes sobrepujou o homem, quando seu valor foi todo reduzido ao posto que ocupava: levantado o disfarce, ele nada encontrou de si que o sustentasse um, vivendo aquela espécie de experiência de despersonalização descrita um pouco acima. Sua antiga alma *dispersou-se no ar e no* passado. Nenhuma outra chance lhe restou, senão a de repetir-se cotidianamente o exercício da patente, que o tornava de novo *um com o uniforme*:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior<sup>34</sup>.

Não lhe restou outra possibilidade que a cada dia, a partir de então, vestir-se de alferes e sentar-se diante do espelho por algumas horas, com o objetivo de ser novamente a si próprio. O que se passou aí é que, levantado o disfarce, surgiu um eu escangalhado e esfarrapado, não mais nem menos verdadeiro que o do disfarce fardado, mas apenas intolerável. Condenou-se nosso amigo a repetir-se interminavelmente o mesmo disfarce.

Por isso disse que a ficção machadiana nos pôs no campo da patologia. Na vida corrente, o eu é justamente aquilo que surge, não menos atônito, do levantamento do disfarce, como um efeito ilusório desse levantamento. Aquele que acorda de um pesadelo, aquele que chega em casa pronto para retirar o sapato apertado da festa, aquele que, aliviado, vê-se curado de uma doença pro-

33 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 162.

34 M. de Assis (1882), “O espelho”, p. 275.

35 F. Herrmann, *A psique e o eu, op. cit.*, p. 178.

longada: “voltei a ser eu mesmo, dizemos nessas ocasiões”. O eu é, assim, este efeito ilusório de que há um tesouro escondido atrás de cada disfarce, é ele mesmo este efeito ilusório de revelação.

O modelo tomado nos coloca, então, face à possibilidade de ser o eu uma espécie no gênero do disfarce, sem deixar de ser “em igual medida aquilo que o disfarce oculta”<sup>35</sup>. Essa é uma importante contribuição da teoria dos campos à noção do descentramento fundamental da psique, corolário da tese do inconsciente. Além de denunciar a fraqueza do ego frente ao serviço a três senhores, o que Freud fez com maestria, tendo essa idéia, inclusive, já se popularizado como teoria, o que se põe em pauta aqui é a ilusão de mesmidade do eu, como fundamento de nossa identidade. A partir daí, “nossa vida espiritual pode muito bem ser encarada como uma

luta entre formas de coerência discrepantes, ou, se preferir, entre disfarces que competem e se relacionam de muitas maneiras distintas: um baile de máscaras em cada cabeça, ou, ainda melhor, uma guerra entre exércitos psíquicos uniformizados”<sup>36</sup>.

Diríamos a nosso caro Jacobina: não duas almas, mas muitas, sendo o uniforme do alferes apenas uma revelação mais óbvia da disciplina militar a que se aferra o desejo no intuito de produzir identidade. A ficção, como arte e pedagogia do disfarce, mostrou-se aqui o campo fértil de elaboração das idéias e de reconhecimento de nossos movimentos de apresentação do eu. Nesse quesito, com certeza, seguimos o movimento inaugurado por Freud e explorado tão magnificamente por Fabio Herrmann.

36 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 185.

#### Referências bibliográficas

- Bastos L.A.M. (1998). *Eu-corpando – o ego e o corpo em Freud*. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1911/1976). Notas psicanálticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: *ESB (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud)*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xii.
- \_\_\_\_ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xiv.
- \_\_\_\_ (1917/1976). Conferências introdutórias à Psicanálise xviii. “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise”. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xix.
- \_\_\_\_ (1923/1976). O ego e o id. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xix.
- \_\_\_\_ (1925/1976). Conferências introdutórias à Psicanálise xviii. “As resistências à Psicanálise”. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xix.
- \_\_\_\_ (1932/1976). Conferência xxxi. “A dissecação da personalidade psíquica”. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xxii.
- \_\_\_\_ (1939/1976). Esboço de Psicanálise. In: *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xxiii.
- Herrmann F. (1999). *A psique e o eu*. São Paulo: HePsyqué.
- \_\_\_\_ (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Machado de Assis (1882/1937). O espelho. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W.M. Jackson.

#### The impact of field rupture on Psychoanalysis. The Self: a perplexed being.

**Abstract** In order to examine the impact of the *Multiple Fields Theory* on the notion of the self, three conceptions of the self are examined here, trying to relate them and establish their potentiality of rupture in relation to the classic notions of the same idea. Among the theories studied two are originated in Psychoanalytical Theory: the first by Freud and the other by Fabio Herrmann. The third one is a literary theory expressed by Machado de Assis in the short story “The Mirror”.

*This way*, the dialogue between the psychoanalysts and authors starts to be woven and embroidered with a literary thread, represented here by the Machadian perspicuity.

*This paper* is thought to be a way of keeping ourselves faithful to the psychoanalytical spirit present in both, Freud and Fabio Herrmann styles.

**Key words** field rupture; notion of self; ego; Fabio Herrmann.

Texto recebido: 11/2006

Aprovado: 11/2006

# Pavel Katchalov

## Quem deve vigiar os próprios vigilantes?

**P**or ter iniciado seus estudos de medicina durante os anos 1970 em Moscou, o percurso do Dr. Pavel Katchalov – tanto na psiquiatria como na psicanálise – é marcado pelas intensas mudanças ocorridas nas últimas décadas na Rússia. Seu espírito crítico nos oferece uma visão das marcas deixadas pelos 70 anos de regime comunista confrontadas com a abertura ideológica e estrutural dos últimos 20 anos.

Durante sua estadia em Paris, encontrou na Société Psychanalytique de Paris (SPP) um ambiente favorável para sua formação e tornou-se membro associado dessa sociedade. Fez sua análise com Pierre Bourdier, e supervisões com Paulette Letarte e André Green.

Em julho de 2006, entrevistei Pavel Katchalov, em inglês, no seu consultório em Moscou, cidade surpreendente por sua enorme dimensão, com construções baixas, muitas áreas verdes e avenidas extremamente largas, construídas dessa forma para evitar que bombas nucleares atingissem grandes áreas urbanizadas, conforme ele me explicou.

A entrevista com o Dr. Pavel Katchalov se revela interessante para o público brasileiro na medida em que expõe um relato pessoal de eventos históricos extremamente intensos e atuais, entremeados por um eixo da história da psicanálise marcado pela ameaça que o saber psicanalítico pode representar para um sistema totalitário, assim como pelas questões ideológicas e mercadológicas em seu reaparecimento.

Realização e tradução  
Susan Markuszower

**PERCURSO** Gostaria de saber como o senhor se aproximou da psicanálise.

**KATCHALOV** Comecei meus estudos universitários na faculdade durante o regime soviético. Inicialmente me interessei pelas ciências humanas. Mas, pelo excesso de marxismo nessa área, resolvi fazer medicina. A faculdade de medicina não atraía em especial minha atenção, ao contrário do que acontecia com as várias revistas do *American Journal of Psychiatry* que encontrei em sua biblioteca. Grande parte de seus artigos tinha um enfoque psicanalítico. Tudo isso se passou nos anos 1970, quando a psiquiatria americana ainda estava muito influenciada pela psicanálise. Meu interesse foi tão grande que ganhei o apelido de “*Mr. American Journal*”. Por não se darem ao trabalho de ler os artigos dessas revistas, os burocratas não percebiam seu conteúdo. Já as obras de Freud eram inacessíveis. Elas ficavam numa área reservada da biblioteca e o acesso a elas só era autorizado por meio de um pedido especial, que automaticamente suscitava suspeita.

Durante o regime soviético era inimaginável alguém praticar a psicanálise. Ao saber do exercício dessa prática, as autoridades “gentilmente” pediam sua interrupção. A repressão era intensa. Além disso, qualquer tipo de empreendimento comercial particular era considerado um crime. Conseqüentemente era impossível atender num consultório particular. E, assim, a formação do psicanalista, que implica uma atividade privada – análise e supervisão –, também estava impedida. Não acredito que alguém tenha exercido a psicanálise durante esse período.

**PERCURSO** Quando a psicanálise reaparece na Rússia?

**KATCHALOV** A psicanálise foi reintroduzida na URSS em 1987, nos últimos anos do governo Gorbatchev, época da “Perestroika”. Psicanalistas franceses, do Campo Freudiano, começaram a vir para Moscou, financiados pelo então ministro do exterior Roland Dumas, analisando de Lacan.

» a psicanálise foi reintroduzida na URSS em 1987, nos últimos anos do governo Gorbatchev, época da “Perestroika”. Psicanalistas franceses, do Campo Freudiano, começaram a vir para Moscou, financiados pelo então ministro do exterior Roland Dumas, analisando de Lacan

Esses psicanalistas davam palestras num auditório enorme, que sempre lotava. Não nos conhecíamos e não entendíamos do que se falava, mas gostávamos de estar com verdadeiros psicanalistas.

Em seguida, vieram os psicanalistas da *American Association of Psychoanalysis*, que, de acordo com o esboço imaginado pela IPA, se “responsabilizariam” pela Rússia, enquanto as outras sociedades da Europa Ocidental se “responsabilizariam” pelos outros países do bloco soviético. Nessa primeira época, as autoridades da IPA, violando seus próprios estatutos, concederam o status especial, até então inexistente, de *Guest Study Group* ao grupo do professor Aron Belkin, neuroendocrinologista e psicanalista sem nenhuma formação, e apoiaram sua nomeação como presidente da *Soviet Psychoanalytic Association*. Ao tomar essas liberdades em relação aos seus estatutos, facilitaram o aparecimento da “psicanálise selvagem”, pois uma idéia terrível surgiu na cabeça de muitas pessoas: “Se isso foi concedido a Belkin, por que não a mim?”





perguntava-me:  
 que discussões científicas  
 são essas? Sou um idiota,  
 ou essa gente, ao meu redor,  
 é sectária e intolerante,  
 encantada por suas  
 fórmulas de devoção,  
 que não fazem  
 muito sentido  
 para mim?

Atualmente, proliferam inúmeras instituições de Psicanálise por toda a Rússia, todas dirigidas por pessoas sem formação alguma, que distribuem centenas de diplomas de psicanalistas.

Resolvi fazer minha formação na França, onde morei durante vários anos.

**PERCURSO** Como foram esses anos em Paris?

**KATCHALOV** Cheguei a Paris no outono de 1992, convidado pela *École Européenne de Psychanalyse*. Sou eternamente grato à Sra. Colette Soler, pela recepção que me deu e por seu esforço em conseguir uma bolsa do governo francês. A concessão oficial dessa bolsa para estudantes de estudos de pós-graduação em Psicanálise na Universidade Paris VIII (Vincennes) era assinada por Jacques-Alain Miller, que não me conhecia pessoalmente. Acredito que ele assinou a liberação da bolsa por intermédio da senhora Soler, confiando na sua escolha ou sucumbindo à sua pressão. Durante os primeiros três meses em Paris, fui um aluno muito assíduo, circulando entre os centros do Campo Freudiano:

os cursos do Campo Freudiano de Paris VIII, a biblioteca na Rue Huysman e as atividades no Hospital St. Anne. Fui elogiado e apresentado como exemplo para meus outros colegas russos. Mas cada vez mais era tomado por um horror e uma aversão: não podia imaginar entregar minha alma – começar minha análise – a essas pessoas, que me chocavam com um discurso cínico e repugnante em relação a seus pacientes. Perguntava-me: que discussões científicas são essas? Sou um idiota, ou essa gente, ao meu redor, é sectária e intolerante, encantada por suas fórmulas de devoção, que não fazem muito sentido para mim? Dirigi-me, praticamente aos prantos, a um psiquiatra francês, o Sr. Christian Kottler, que eu já conhecia do Instituto Serbsky em Moscou. Ele me ajudou a entrar em contato com a SPP e em dezembro de 1992 o Sr. Paul Israel, então presidente da SPP, me convidou para um colóquio. Senti-me muito aliviado por finalmente ter encontrado meu lugar. Fui fazer minha análise com o Sr. Pierre Bourdier. Desde o momento em que entrei no consultório desse analista de crianças, repleto de brinquedos, imediatamente senti que aquilo combinava comigo. Minha primeira supervisora foi Paulette Letarte, uma mulher de Quebec que vivia na França. Gostei e continuo gostando muito dela com seu jeito franco e aberto, tão próximo do meu espírito russo. Meu segundo supervisor foi André Green e serei eternamente grato pela possibilidade que o destino me outorgou de ter passado algum tempo com esse gênio.

**PERCURSO** Qual foi sua atividade profissional em Paris?

**KATCHALOV** Tive bastante sorte porque Dr. Herve Benhamou, junto com Dr. Christian Kottler, membros da delegação da *World Psychiatric Association*, tinham estado na Rússia, no final dos anos 1980, para investigar os abusos da psiquiatria soviética. Dr. Herve Benhamou era analista da SPP e trabalhava no hospital psiquiátrico mais antigo de Paris, Hospital Esquirol, anteriormente chamado Charenton Asylum. Ele se tornou meu

amigo pessoal e me ajudou a encontrar uma posição de psiquiatra dentro da estrutura da prestigiosa psiquiatria francesa. Assim, trabalhei durante 5 anos como residente de psiquiatria no ambulatório do 12<sup>o</sup> Arrondissement de Paris. Exerci as funções de psiquiatra no setor de psiquiatria, no hospital-dia e na ala de internação.

No trabalho institucional, inicialmente, me surpreendi com o fato de que minha autoridade não resultava diretamente da minha posição de médico, como acontecia na Rússia, mas apenas de minha competência em gerir a psicoterapia institucional. Após um ano me adaptei e agora percebo que o estilo do trabalho psiquiátrico baseado em atendimento médico isolado – sem qualquer tipo de comunicação entre os psiquiatras que prescrevem medicamentos, os psicólogos clínicos e os enfermeiros, tão comum ainda hoje nos hospitais psiquiátricos russos – de fato merece ser chamado de esquizofrênico.

Ainda não é possível reproduzir na Rússia o trabalho institucional comum na França porque os funcionários – desde os psiquiatras até os enfermeiros – não são capazes de assumir a psicanálise como sua ideologia de trabalho, como acontece no hospital-dia onde trabalhei até o dia de minha partida.

**PERCURSO** Por que o senhor decidiu voltar para a Rússia?

**KATCHALOV** Meu retorno pareceu estranho até para os agentes da polícia federal do aeroporto Charles de Gaulle, cuja principal tarefa consiste em prevenir imigração ilegal na França: tentaram me convencer a não devolver minha carteira de trabalho – um sonho de conquista para tantos estrangeiros na França.

Acredito que não posso ser compreendido. O patriotismo dos outros sempre parece ridículo. Só posso dizer que, durante os tempos da URSS, não sentia que vivia no meu país e por isso decidi emigrar. Devido às mudanças que foram ocorrendo, vi-me inesperadamente querendo voltar para meu país de origem.

meu retorno pareceu  
estranho até para  
os agentes da polícia federal  
do aeroporto Charles  
de Gaulle, cuja principal  
tarefa consiste em prevenir  
imigração ilegal na França:  
tentaram me convencer  
a não devolver  
minha carteira  
de trabalho

**PERCURSO** E sua atividade profissional em Moscou?

**KATCHALOV** Trabalho como psicanalista, praticamente em tempo integral, em meu consultório particular em Moscou.

Também trabalho na divisão de pós-graduação e treinamento psicológico da instituição psiquiátrica mais antiga de Moscou, o Instituto Serbsky, ganhando US\$150,00 por mês. Esse curso é freqüentado por psiquiatras e psicólogos clínicos de toda a Rússia, que cumprem o aperfeiçoamento obrigatório por um período de cinco anos. Para a maioria desses profissionais, o curso proporciona uma oportunidade única de assistir a conferências e seminários clínicos psicanalíticos.

**PERCURSO** Qual seria a importância da Instituição Serbsky dentro da estrutura psiquiátrica russa?

**KATCHALOV** A Instituição Serbsky foi designada como a mais importante instituição para



posso afirmar que,  
como a URSS foi –  
e, até certo ponto,  
a Rússia moderna  
continua sendo –  
um país semifeudal,  
a única maneira de evitar  
abusos de autoridades locais  
é a intensa centralização  
e vigilância de procedimentos  
de avaliação

a avaliação psiquiátrica, especificamente forense, e durante os anos 1970 foi usada pelo partido comunista, já enfraquecido, para a internação de seus adversários políticos, transformando-os em pacientes psiquiátricos. Esse procedimento foi possível porque alguns psiquiatras desta instituição foram coniventes com o sistema, carimbando falsos “diagnósticos”. Deixo registrado que jamais participei em nenhuma avaliação no campo da psiquiatria forense, nem na época soviética (trabalho lá desde 1984) e nem posteriormente. Serbsky é uma instituição de pesquisa amplamente diversificada e, na época soviética, eu estudava os problemas mentais decorrentes de queimaduras ou de intervenções cirúrgicas na instituição de cirurgia Vishnevsky, separada da Instituição Serbsky.

Estou preparando, em cooperação com alguns dos meus colegas da Instituição Serbsky, inclusive a atual diretora, Tatiana Dmitrieva, o número da revista *Perspectives Psy.* dedicado ao tema “Psiquiatria russa: 15 anos depois”,

1 Quem deve vigiar os próprios vigilantes?

com publicação prevista para março de 2007. Essa edição trará a história em todos os seus detalhes. Mas, resumindo, posso afirmar que, como a URSS foi – e, até certo ponto, a Rússia moderna continua sendo – um país semifeudal, a única maneira de evitar abusos de autoridades locais é a intensa centralização e vigilância de procedimentos de avaliação. A instituição Serbsky cumpre esse papel razoavelmente bem na maioria dos casos. A questão que inevitavelmente surge é *quis custodiet ipsos custodes*<sup>1</sup>, quando o poder central é suspeito de ser a parte interessada. Mas isso é uma questão de tempo, de amadurecimento dos sentimentos cívicos e da sociedade civil, que ainda continua atomizada após o desastre comunista. Ao longo desse processo, a avaliação forense encontrará uma outra estrutura independente, sob controle civil de autoridades jurídicas e de especialistas psiquiátricos.

**PERCURSO** O que o senhor pode dizer a respeito da história da psicanálise na Rússia?

**KATCHALOV** A história da psicanálise inicia-se a partir da volta de Nicolas E. Ossipov para Moscou, no inverno de 1905/06, após seu estágio com C. G. Jung, em Zurich, e a volta de Moshe Wulff para Odessa, após seu estágio com K. Abraham, em Berlim.

Ossipov logo se tornou professor de psiquiatria da Universidade de Moscou, por intermédio do então professor titular de psiquiatria Vladimir Serbsky. Mas em 1917, Ossipov fugiu do Exército Vermelho e se estabeleceu em Praga. Moshe Wulff, seduzido pelo entusiasmo manifestado por Trotsky em relação à psicanálise (após 1917), continuou trabalhando até 1927 quando, profundamente decepcionado, fugiu para Berlim e, posteriormente, para Jerusalém. Essa primeira fase terminou em 1929-30, quando o Instituto de Psicanálise de Moscou foi fechado e a comunidade psicanalítica se dispersou. O regime totalitarista comunista não permitiu e não deixou nenhuma possibilidade para a prática psicanalítica.

De acordo com Moshe Wulff, o motivo pelo qual o regime soviético proibiu a psicanálise se deve ao fato de que não suportava nada que pudesse escapar à sua compreensão e ao seu controle. Pelo mesmo motivo, a genética, ao se tornar mais complexa, também foi proibida, porque a intenção do regime soviético era criar um “novo homem”. A psicanálise, pela força do inconsciente, e a genética, pela sua complexidade, limitam o controle do estado sobre o ser humano. De acordo com Conrad Lawrence, o cachorro pavloviano seria o cidadão ideal para aquele que quer manipular a sociedade.

**PERCURSO** Como foi o tratamento das doenças mentais durante o regime soviético?

**KATCHALOV** Durante o regime soviético, a publicação de qualquer referência a respeito de doenças psiquiátricas era proibida. Não se falava nem se escrevia a respeito das doenças mentais. O lugar do psiquiatra era marginalizado. Mas para servir à ideologia do Estado e manter os pacientes fortemente medicados e em silêncio, o psiquiatra era compensado em seu salário, mais alto do que das outras especialidades.

**PERCURSO** No *site* da Sociedade de Moscou de Psicanálise encontramos a seguinte afirmação: “Enquanto na França a evolução da psicanálise era acompanhada pelo surrealismo artístico, em nosso país sua evolução é seguida por um surrealismo administrativo”.

O surrealismo administrativo se refere a que tipo de prática?

**KATCHALOV** O surrealismo administrativo refere-se ao decreto presidencial de 1996, que declara o renascimento da psicanálise.

Ao mesmo tempo que grande parte da indústria soviética foi privatizada, Boris Yeltsin, durante seu governo, decretou o renascimento e desenvolvimento da psicanálise, em termos filosóficos e clínicos.

Nessa ocasião, o Dr. Mikhaïl Rechetnikov, de São Petersburgo, obteve, por decreto presidencial, vários privilégios fiscais e tornou-se

»  
durante o regime soviético, a publicação de qualquer referência a respeito de doenças psiquiátricas era proibida.

Não se falava nem se escrevia a respeito das doenças mentais

proprietário de um prédio maravilhoso na margem do rio Neva, onde ele criou um instituto de formação em psicanálise. Este instituto forma, atualmente, trezentos alunos por ano. Apesar de oferecer análise e supervisão para seus alunos, o Dr. Rechetnikov não se beneficiou de uma formação que lhe autorizaria ocupar essa posição. Entretanto, é honrado com visitas oficiais de todos os presidentes da IPA. Seu discurso duplo é típico: de um lado seduz os seus visitantes da IPA e, por outro, manipula seus alunos com demagogia a respeito do renascimento da Escola Russa de Psicanálise.

**PERCURSO** Como situar o interesse da psicanálise na sociedade russa, seja como opção profissional, seja como demanda para tratamento?

**KATCHALOV** Paradoxalmente, o marxismo contribuiu para a divulgação da psicanálise. Durante o regime soviético, todo aluno universitário era obrigado a assistir a um curso de ideologia marxista. Isso era condição para a obtenção do diploma.



posso citar o caso  
de um menino que atendi,  
cuja avó esteve  
num campo de concentração  
durante a Segunda Guerra  
Mundial e conseguiu escapar  
e se salvar, devido  
a um caso amoroso  
com um oficial alemão,  
fato totalmente  
vergonhoso e escondido  
pela família

Dessa forma, todos eles entraram em contato com a psicanálise através das críticas marxistas. Profissionais com formação universitária têm noções básicas de psicanálise. Meus pacientes fazem parte dessa *intelligentsia*.

**PERCURSO** A partir da sua prática clínica, seria possível indicar certos conflitos específicos decorrentes das experiências traumáticas e das intensas mudanças pelas quais a Rússia passou durante as últimas décadas?

**KATCHALOV** Existe algo muito forte a respeito dos segredos familiares. De alguma forma, toda família sofre de algum segredo que gira em torno da questão de que lado do arame farpado o sujeito se encontrava. Se durante o regime soviético o peso da vergonha e a ameaça se referiam àqueles que tinham sido presos, a partir dos anos 1980 o peso da vergonha passa para aqueles que tinham ficado do lado de fora do arame farpado. Os herdeiros dos torturadores de outrora sofrem hoje com essa marca familiar.

O caso da chamada “Síndrome da Avenida Kutubovski” é muito conhecido. Nessa avenida, Stalin construiu um prédio muito luxuoso e os apartamentos foram oferecidos para os altos agentes da KGB. Encontramos, hoje, vários casos graves de esquizofrenia nos moradores desse prédio. É uma herança forte e percebe-se que a sua eclosão na terceira geração é extremamente intensa. É muito difícil elaborar o sadismo do ancestral, muitos enlouquecem, tornando-se miseráveis, e acabam vendendo os apartamentos, ainda valiosos, completamente arruinados. Durante o regime soviético, a história familiar era sempre investigada – “os crimes estavam em qualquer lugar”.

Como exemplo, posso citar o caso de um menino que atendi, cuja avó esteve num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial e conseguiu escapar e se salvar, devido a um caso amoroso com um oficial alemão, fato totalmente vergonhoso e escondido pela família. Ou o caso de um rapaz, cuja mãe também teve uma relação amorosa com um oficial alemão durante a Segunda Guerra. Quando os alemães se retiraram, ela foi deixada grávida. Para sua sorte, um oficial russo se encantou com ela e assumiu a gravidez desse filho meio alemão, fato totalmente escondido pelo casal porque podia ser motivo de intensas perseguições. O filho legítimo desse casal, que nasceu posteriormente, e que teria como “missão familiar” apagar os traços obscuros da constituição dessa família e incorporar o verdadeiro espírito russo, sofre de esquizofrenia.

**PERCURSO** Quais seriam seus comentários a respeito da seguinte afirmação de Elizabeth Roudinesco, em sua entrevista à revista *Percurso* nº 37 e como o senhor percebe o papel da psicanálise russa nesse sentido?

“Não há nenhuma dúvida de que a renovação do freudismo no mundo só pode ser feita através de uma aliança entre a Europa, incluindo os antigos países comunistas, e o continente latino-americano, isso porque essa aliança é a única que pode opor



*uma força política ao imperialismo norte-americano habitado pelo ódio a Freud, pelo cientificismo e pelo puritanismo”.*

**KATCHALOV** Minhas idéias a respeito dessa questão são algo diferentes, mais específicas e menos generalizantes. Acredito que tanto a história da França como a de alguns países latino-americanos marcados pelo anticlericalismo tornaram essas culturas menos resistentes às influências freudianas. Entretanto, o obscurantismo religioso surgido nos Estados Unidos é o motor oculto da resistência. O anticlericalismo e o conseqüente ateísmo da população rus-

sa é provavelmente um dos poucos benefícios dos 70 anos de comunismo, tornando a Rússia mais permeável à versão francesa da psicanálise, com seu escândalo de pulsões e sexualidade. Já num outro país da Europa oriental, a Polônia, – conheço sua língua e cultura –, o clericalismo sobreviveu ao regime comunista e talvez seja isso que contribuiu para sua insensibilidade para a psicanálise francesa, e sua evidente permeabilidade às concepções inglesas (“anglicanas”) – Melanie Klein, teóricos da relação de objeto – que são uma versão laica da procura da união com Deus ou com uma outra alma cristã.

Sandra Lorenzon Schaffa  
 Noemi Moritz Kon  
 Alan Victor Meyer

## O homem psicanalítico é um ser da estranheza

**Sandra Lorenzon Schaffa** é psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

**Noemi Moritz Kon** é psicanalista, membro e professora do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia Social pelo IPUSP. Autora de *Freud e seu duplo: Reflexões entre psicanálise e arte* e *A viagem: Da literatura à psicanálise*.

**Alan Victor Meyer** é psicanalista, membro da SBPSP, filósofo pela USP e psicólogo clínico pela PUCSP.

*Encontrar uma forma de homenagear Fabio Herrmann a partir de sua vasta obra não é uma tarefa fácil. Convidamos três psicanalistas para dar sua contribuição com base em um pequeno trecho extraído de seu livro A psique e o eu (HePsyché, 1999, p. 17):*

[...] o objeto da psicanálise, a psique, o homem da psique, não é o homem inteiro, concreto, total. É verdade que não há ciência que abarque o homem total, nem mesmo a Antropologia – onde se pensa apanhá-lo inteiro, ele escapa por uma das portas de vai-e-vem da epistemologia das ciências humanas: natureza e cultura, sujeito e objeto, corpo e alma, infra ou superestrutura etc. De qualquer modo, nosso objeto é que não poderia ser o homem total. Primeiro por ser este somente o psiquismo humano, o reino dos sentidos e significados; segundo porque ele é estudado através de um método interpretativo muito especial, que só é confiável quando põe seu objeto em movimento dialógico; terceiro, por ser constituído de campos a psique assim exposta, vale dizer, apreensível apenas em subconjuntos particulares, circunstanciais, histórica e socialmente determinados. O Homem Psicanalítico é o ser do método da Psicanálise, transferencial e descentrado internamente, dividido e múltiplo no íntimo de suas operações, este que aparece na sessão por efeito da ruptura de campo: o Homem Psicanalítico é um ser da estranheza.

*Os textos de Sandra Lorenzon Schaffa, de Noemi Moritz Kon e de Alan Victor Meyer mostram ao leitor a riqueza de idéias que um pequeno trecho da obra de Fabio Herrmann pode suscitar.*

**SANDRA LORENZON SCHAFFA** Na conclusão de *As palavras e as coisas*, Michel Foucault reconheceu a posição excêntrica da psicanálise em relação às ciências humanas.

A Psicanálise (diversamente das ciências humanas) encaminha-se para o momento – inacessível, por definição, a todo o conhecimento teórico do homem, a toda apreensão contínua em termos de significação, de conflito e de função – em que os conteúdos da consciência se articulam com a finitude do homem, ou antes ficam abertos a ela<sup>1</sup>.

Sustentar a perspectiva de que *a psicanálise não é um humanismo* tem sido um esforço que traça a própria história do movimento psicanalítico marcado por suas resistências. Mas não só de resistências se constitui o movimento iniciado por Freud; rupturas profundamente originais, como as realizadas por Klein ou por Lacan, ao desencadear verdadeiras crises teóricas, recuperaram a potência criativa original da *idéia* freudiana.

*Da clínica extensa à alta teoria. Meditações clínicas*<sup>2</sup>, obra inédita de Fabio Herrmann, parte desta *idéia*: a história da psicanálise é a história da resistência à Psicanálise. O poema de Mallarmé *Un coup de dès jamais n'abolirá l'hasard* serve ao autor como *interpretante*<sup>3</sup> da situação analítica contemporânea em busca do *estado clínico da palavra*, que não se deixa alcançar senão pelo trabalho constante de decomposição (análise) das formações discursivas.

A primeira das *Meditações clínicas* encontra no poeta o guia (Mestre, Capitão). Guia, “aquele que conduz a travessia da incerteza, sem dispor de maiores garantias do destino, senão da forçosa ousadia de lançar os dados.” [...] “O Mestre mallarmeano alça-se impossivelmente ao oceano, em sua intolerável lucidez, mas reconhece que toda e qualquer escolha valerá tão somente como oportunidade aberta ao acaso.” E nesta mesma *Meditação* Fabio Herrmann prossegue: “ao criar a Psicanálise, Freud [...] era o mestre então jogando seus dados. Sua teoria vale, então,

o estado clínico  
da palavra não  
se deixa alcançar  
senão pelo trabalho  
constante de decomposição  
(análise) das formações  
discursivas

como lance de dados, ou em nossa expressão como *ruptura de campo*. Nós a transformamos em doutrina. Em cada ruptura uma doutrina, eis o lema dos naufragos alegres.”, aludindo ironicamente ao célebre poema de Mallarmé. “Rigor mais absoluto, levado ao extremo inimaginável, é tão somente a condição necessária para um lance de dados, para uma interpretação cuja verdade está no vórtice que sobrevém à ruptura”<sup>4</sup>.

Alcançar o *estado clínico da palavra* implica para Fabio “vencer momentaneamente a poderosa resistência contra experimentar o universo dos possíveis, a quase ilimitada variedade das possibi-

1 M. Foucault, *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, São Paulo/Lisboa, Livraria Martins Fontes/Portugália, 1966, p. 485.

2 Curso ministrado na SBPSP e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCUSP, segundo semestre de 2002, 2003 e 2004.

3 “O jogo de dados” mallarmeano serve como interpretante ao psicanalista no sentido de que não cabe a este senão a entrega ao processo de interpretação instaurado pela palavra *em estado clínico*. A mesma condição encontra Herrmann em Joyce. Seu ensaio “Quem? Hoje, Joyce” parte da *Segunda meditação, O análogo*; dá mostra do trabalho analítico da interpretação que rompe definitivamente com as categorias da objetivação do texto, é um pleno mergulho no vórtice instaurado pela escrita joyceana. “Joyce escreveu livros impossíveis de objetivar e incorporar como propriedade, e usar e recombinar com alguma garantia.”

4 F. Herrmann, *Primeira Meditação: A história da Psicanálise como resistência à Psicanálise*.



liberto da visada  
humanizadora  
das ciências humanas,  
Fabio Herrmann  
reconhece o objeto  
da psicanálise circunscrito  
ao movimento dialogal

lidades de experiência de que é dotada a proteica alma humana”<sup>5</sup>. Para tanto, cumpre discernir o estatuto essencialmente clínico da teoria analítica – a que Fabio chamará de *Alta Teoria* – do produto objetivado da elaboração teórica.

No texto que ora examinamos, extraído de *A psique e o eu*: lemos: “o homem da psique não é o homem inteiro, concreto, total, uma vez que nenhuma ciência o pode abarcar [...] Onde se pensa apanhá-lo inteiro, ele escapa por uma das portas de vai-e-vem da epistemologia das ciências humanas: natureza e cultura, sujeito e objeto, corpo e alma, infra ou superestrutura, etc.” “[...] O Homem Psicanalítico é o ser do método da Psicanálise<sup>6</sup>, transferencial e descentrado internamente, dividido e múltiplo no íntimo de suas operações, este que aparece na sessão por efeito da ruptura de campo: o Homem Psicanalítico é um ser da estranheza”. O que está aqui em questão, penso, nos obriga a insistir no estatuto epistemológico do *Método Psicanalítico* tal

5 F. Herrmann, Quarta Meditação: A intimidade da clínica.

6 Sublinhado por mim.

7 S. L. Schaffa, “Freud e o pensamento por ruptura de campo”, *Percurso* n. 36, 2006.

8 F. Herrmann, Quarta Meditação, *op. cit.*

9 F. Herrmann, *op. cit.*

como foi definido cuidadosamente pelo autor, evitando o fácil equívoco que a palavra *método* suscita ao despertar sentidos válidos no âmbito das ciências humanas, incompatíveis com o ofício de investigação do analista. Volto aqui à insistência na *situação* do Método, tal como a vejo se desenvolver ao longo da obra de Fabio Herrmann para ganhar sua plena definição em suas *Meditações*. Parto de um ponto de vista que desenvolvi num artigo anterior<sup>7</sup> onde me apoiei num aforisma de Herrmann, tantas vezes repetido: “A doutrina freudiana é a psicanálise (mas não é a Psicanálise).” Essa formulação leva-nos a deixar em segundo o plano o saber cientificamente constituído como uma realidade objetivamente determinada, e enfrentar radicalmente a condição de ruptura epistemológica que sustenta a Psicanálise (grafada pelo autor em maiúscula). Somos levados a abandonar os resquícios humanizadores que têm suporte nas (o)posições de sujeito e objeto do conhecimento. A *Psicanálise* como *Método* nos põe em questão no lugar que ocupamos como falantes. “*Método é o que nos acontece, ele nos escolhe quando praticamos a psicanálise, não o escolhemos. Técnica, nós escolhemos. Freud quase nunca falou de método, só de método terapêutico, que é precisamente a técnica*”<sup>8</sup>.

Liberto da visada humanizadora das ciências humanas, Fabio Herrmann reconhece o objeto da psicanálise circunscrito ao movimento dialogal onde “o homem psicanalítico é o ser do método, ser da estranheza, este que aparece na sessão por efeito da ruptura de campo”. Cabe ao método psicanalítico a verdade última do psiquismo, do ponto de vista da clínica: a verdade dos possíveis. Este é o caminho da cura analítica, a ruptura de cada campo aprisionador da experiência de ser”<sup>9</sup>.

Em sua apresentação no *IV Encontro da Teoria dos Campos* (2005), Fabio, com a plena força pictórica de suas palavras em *estado clínico*, colocou-nos diante desse retrato do homem psicanalítico, ser da estranheza, no qual relutamos em reconhecer nosso próprio rosto:

Tomemos um exemplo em que a psicopatologia se assenta sobre o próprio objeto estético. Ligado ao sublime Pavilhão Dourado do século XV em Kioto, conta-se uma história, aparentemente verdadeira, quase tão harmoniosa e tremenda quanto o próprio edifício. Um homem, visitando o templo, apaixona-se de tal maneira por sua beleza que já não consegue pensar noutra coisa. Torna-se monge. Ainda assim, sua obsessão pelo Pavilhão Dourado não é mitigada. Segundo antiga crença oriental, porém, este gênero de encanto de um objeto só pode ser quebrado com a própria destruição do objeto em causa. E é assim que nosso homem incendeia o Pavilhão Dourado até os alicerces. Só em 1955 é reconstruído, com a aparência original, e em 1987 coberto de folhas de ouro, o Grande Sedutor.<sup>10</sup>

Penetrar os enigmas do humano sustentando a condição de trânsito do sujeito em análise, eis o destino do *homem psicanalítico* entregue ao processo que conduz o desvelamento de sua história: a tremenda história da destruição de seu adorado templo. Uma *clínica extensa* distingue-se pela dimensão da estranheza denunciadora de nossa condição de seres de passagem, marcados pela abertura à finitude na qual se formam, em seu inacabamento fundamental, nossas teorias. “*Un coup de dès jamais n’abolira l’hasard*”: só a ousadia do lance pode reeditar o movimento vivo da psicanálise. Aí onde se *alça impossivelmente a coragem ao oceano, em sua intolerável lucidez, mas reconhece que toda e qualquer escolha valerá tão somente como oportunidade aberta ao acaso*. Aí onde um dia assim se escreveu: “No lugar da passagem que procuramos, descobriremos talvez os oceanos de que nossos sucessores deverão levar mais longe a exploração...” Carta de Freud a Fliess, 1893.

**NOEMI MORITZ KON** O trecho escolhido por *Percurso* como disparador para sua seção de debates oferece uma excelente ocasião para que os pressupostos epistemológicos que sustentam a construção da obra de Fabio Herrmann sejam desentranhados de seu texto.

»  
ao criticar, ainda que  
de passagem, a ambição  
descabida de compreensão do  
homem em sua totalidade,  
Fabio Herrmann abre mão  
do confortável abrigo  
oferecido pela presunção  
ingênua do sobrevôo  
conceitual

Colocar, estrategicamente, em segundo plano o objeto (o homem psicanalítico) e o método (o rompimento de campo) da psicanálise, ou melhor, a forma específica do fazer psicanalítico na perspectiva de Herrmann – o que foi realçado enfaticamente por ele em todo o desenvolvimento de seu trabalho –, permite que sua concepção particular do solo epistêmico da psicanálise, sua visão daquilo que escora o modo peculiar da criação de conhecimento na disciplina psicanalítica aflore a céu aberto e que, nesse mesmo gesto, sejam evidenciadas as raízes profundas que estruturam a invenção e a fundação dos próprios andaimes conceituais da teoria dos campos e de seus rompimentos.

Dessa maneira, ao criticar, ainda que de passagem, a ambição descabida de compreensão do homem em sua totalidade, Fabio Herrmann abre mão do confortável abrigo oferecido pela presunção ingênua do sobrevôo conceitual que rege certas vertentes filosófico-científicas e, portanto, da crença que subjaz a elas – crença de que seria possível abarcar num só olhar a multiplicidade da experiência –, mas indica, em contrapartida, um outro horizonte – este realmente fecundo – para

<sup>10</sup> Pronunciado na abertura do IV Encontro da Teoria dos Campos (2005).





ao trapacear a língua  
do poder, a psicanálise,  
assim como a literatura  
e outras linguagens artísticas,  
assume desejosamente  
outra via de criação  
de conhecimento,  
à diferença daquela  
buscada pela rude ciência

a nidação do homem e do saber psicanalíticos: o território da *ficção*.

Poucos parágrafos depois daquele selecionado por *Percurso*, encontramos a seguinte afirmação:

Vamos deixar clara a idéia: ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas conseqüências, antes de decidir sobre sua validade, é um instrumento poderoso de descoberta [...]. A estreita vinculação entre nosso conhecimento e a ficção constitui uma parte do preço a pagar – nada exorbitante, a meu ver – pela generalização da Psicanálise como ciência completa: seu objeto de conhecimento, o Homem Psicanalítico, não pode ser o homem inteiro e concreto, mas uma *ficção verdadeira*".

Apartando-se, assim, da hegemônica "ciência regular" e se aproximando da "verdade pe-

culiar à literatura", Herrmann encontra-se em pleno diálogo com importantes reflexões e experiências do campo da estética.

É justamente o crítico literário Roland Barthes que já no ano de 1977, em *A Aula*<sup>12</sup>, nos situa em relação a essa força geradora de saber da literatura exaltada por Herrmann na seqüência do texto, força capaz de fazer frente ao fascismo da língua do poder, fascismo que não nos impede de dizer, mas – ainda mais hábil – nos obriga a dizer:

Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.

Admitir, então, que nosso saber jamais será nem inteiro, nem concreto, nem tampouco derradeiro não significa abandonar a aspiração pela verdade, como se poderia pensar num primeiro momento. Bem ao contrário: ao trapacear a língua do poder, a psicanálise, assim como a literatura e outras linguagens artísticas, assume desejosamente outra via de criação de conhecimento, à diferença daquela buscada pela rude ciência.

E é essa outra concepção de saber que pode nos levar não a "pagar um preço", mas, sim, a ampliar o alcance da psicanálise, quando, então, compreendemos o fazer psicanalítico em sua radicalidade: como trabalho instituinte, ou seja, como busca ativa de construção de *ficções verdadeiras*.

Assim, "saber de alguma coisa" sobre o homem não é pouca coisa: significa reconhecer e assumir que estamos historicamente entranhados na linguagem e que nossa realidade é feita de "sentidos e significados" construídos criativamente em nossa imersão na alteridade. É esta a

11 F. Herrmann, *A psique e o eu*, São Paulo, HePsyqué, 1999, p. 18-19.

12 R. Barthes, "A Aula". *Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França (pronunciada em 7 de janeiro de 1977)*, São Paulo, Cultrix, p. 16-19.

sutileza da vida: a liberdade, e, também, o desamparo da experiência humana.

O que movimentaria, então, o psicanalista nessa outra forma de compreensão de seu fazer? O desassossego quanto ao bridão asséptico da “severa chancela da ciência”<sup>13</sup> e o desejo de se abrir para a oportunidade de rompimento dos campos instituídos, ou seja, para o rompimento dos campos configurados pelo poder. Abrir-se, portanto, para o instituinte, para a inauguração, para o descentramento, para a alteridade, para a multiplicidade das percepções e interpretações possíveis de si, do outro e do mundo, para a multivocidade da linguagem, para o insuperável inacabamento da experiência, em suma, para o ser da estranheza.

**ALAN VICTOR MEYER** Nada melhor que o belíssimo texto de Fabio sobre Joyce para apreender o que ele tinha em mente ao nomear o objeto da psicanálise de Homem Psicanalítico, esse ser da estranheza. Diz ele, após narrar um trecho de Ulisses: “O delírio às avessas de Joyce, seu método de escrita, o delírio lúcido, restabelece a forma concreta da experiência humana, uma composição de possíveis, dispostas em camadas, uma torta mil-folhas da alma”<sup>14</sup>. E termina esse texto, ainda inédito, com a seguinte ponderação “Como poderia Joyce apreciar a interpretação redutora da psicanálise que lhe foi apresentada, se estava criando outra muito melhor?”<sup>15</sup>.

Como diz nosso autor, não teria cabimento querer resumir o Ulisses. Toma, então, o “momento crucial do Ulisses, em que se dá o encontro, no bordel, entre Bloom e Stephen, seu filho no espírito, uma vez que o de carne está morto”<sup>16</sup> (p. 7). Aqui também não teria cabimento reproduzir o texto de Fabio, mesmo que seja isso mesmo o que eu gostaria de fazer, pois revela na carne o alcance de suas teorizações em constante movimento, infelizmente interrompido. É bom que se lembre desse texto para não reificar seu pensamento. Fabio era um psicanalista que trabalhava, como escritor, no reino do análogo e sabia do horror de ser transformado em doutrina.

»»

Fabio era um psicanalista  
que trabalhava,  
como escritor,  
no reino do análogo  
e sabia do horror  
de ser transformado  
em doutrina

O exemplo de Ulisses é paradigmático, especialmente na cena delirante desse trecho que ele apresenta com maestria. Vejamos apenas um parágrafo:

Surge o espectro da mãe de Stephen, em trajes nupciais carcomidos, como Ofélia, ao som da ladainha: *Jubilantium te virginum...* No topo de uma torre, Buck Mulligan, o amigo médico, vestido de bufão shakespeariano, comenta: *está animalmente morta*. Num momento, Stephen dirige vitupérios à mãe morta (*Que farsa de espectro...*). Logo depois, *sufocado de terror e remorso*, defende-se: *Dizem que te matei. Ele (Mulligan) ofendeu a tua memória. O câncer foi que o fez não eu. Destino*. Buck Mulligan, o bufão, põe lenha na fogueira, referindo-se ao fato de Stephen haver-lhe recusado o último desejo, ajoelhar-se e rezar por ela, e termina recordando Homero: *Nossa grande mãe! Epi oinopa ponton*. A mãe exige arrependimento, submissão a Deus, quarenta dias de penitência e que peça à irmã para preparar-lhe *aquele arroz cozido toda noite*.

13 S. Freud, *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), *Obras Completas*, Vol. I.

14 F. Herrmann, Da Clínica extensa à alta teoria. Meditações clínicas – Segunda Meditação: O análogo – 2 Quem? Hoje, Joyce, p. 10. Como o texto é inédito, citarei a numeração das páginas conforme a cópia que me foi cedida pelo autor.

15 F. Herrmann, *op. cit.*

16 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 7.



a credibilidade do processo  
literário convencional  
entra em crise,  
mostrando que todas  
as histórias são  
uma história só,  
dependendo como  
se opera

As prostitutas comentam: *Olha! Ele está branco*. O espectro aproxima-se, triste e vingativo, ameaça-o com o fogo do inferno, até que Stephen lança o brado de anjo rebelde: *Non seviam!* Apostrofa a mãe, *Necrófoga! Hiena!*, empunha sua bengala e quebra a manga do lustre a gás, clamando: *Nothung!* (O jato de gás comenta: *Pfunge*). Bloom tenta contê-lo, enquanto as putas se agitam apavoradas, mas Stephen escapa para a rua. A dona do bordel exige de Bloom dez xelins para pagar o prejuízo: *Sem conversa. Isto não é um bordel. É uma casa de dez xelins*. Bloom, apressado, ainda regateia, deixa um xelim, e corre ao encalço de Stephen, antes que cometa outros desatinos. Nesse momento, o livro inteiro sai atrás dele, todas as personagens marginais e os figurantes dublinenses, como num filme de Carlitos, aos gritos de: *É o Bloom!! Pega o Bloom! Pegaladrão!*<sup>17</sup>.

Após esse trecho, Fabio mostra que é uma cena edipiana – Bloom, um novo pai, ambivalente em relação à mãe – e além de tudo é uma cena hamletiana e acrescenta ironicamente: “Nosso Jones poderia ficar satisfeito”<sup>18</sup>, para logo acrescentar no parágrafo seguinte: “Stephen

17 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 7.

18 F. Herrmann, *op. cit.* p. 8.

19 F. Herrmann, *op. cit.* p. 8.

20 F. Herrmann, *op. cit.* p. 9.

é Telêmaco, O que combate de longe. Bloom é Ulisses, estando eles na ilha de Circe. Logo o interpretante deveria ser a Odisséia, sobre o mar cor de vinho nossa grande mãe. Uma poção faz com que o caráter dos homens se manifeste em forma carnal e os companheiros de Ulisses viram porcos. O porco de Gadarene, no qual Jesus exorcizou os demônios dos dois possessos, é um dos figurantes dessa cena. Ora, da poção, Guinness, the sacred pint, Stephen, Mulligan e todos os demais, salvo Bloom, se haviam enchido o dia todo”<sup>19</sup>. E na seqüência vão surgindo Hamlet, Goethe, Sigfried de Wagner etc. Assim conclui nosso autor: Joyce, como outros, faz referência às obras-mãe, “só que todas ao mesmo tempo, toda a literatura. Com isso, a credibilidade do processo literário convencional entra em crise, mostrando que todas as histórias são uma história só, dependendo como se opera, e, por sinal, não a de Édipo, mas a história da criação literária e, mais amplamente, a do pensamento humano”. E, mais adiante: “Ulisses é o interpretante de todas as obras, não o contrário. O que ele produz na obra literária? Uma ruptura de campo. Uma tentativa de cura. Para nós, uma introdução à estética da interpretação”<sup>20</sup>. Eis aí a “torta de mil folhas”, o Homem Psicanalítico em toda a sua estranheza.

A análise do texto de Ulisses elaborada por Fabio aponta para o Homem Psicanalítico como um ser em trânsito, dando a necessária e complexa dimensão temporal à “torta de mil folhas”. É no aparente mas complexo processo de ruptura de campo e vórtice que outras possibilidades vão surgindo, de modo evanescente, num processo contínuo de ruptura e recomposição dos modos de representação. A interpretação, cuja dimensão estética o texto acima nos permite vislumbrar, tem para nosso autor uma função essencialmente provocativa, permitindo que surja o que está em questão a cada momento da análise. Nessa perspectiva, a interpretação não visa enunciar uma verdade objetiva, mas despertar reações, constituindo a dimensão veritativa do processo. É esse o caminho pelo qual vão se estabelecendo

as teorias psicanalíticas, cuja operatividade está em funcionar como interpretante.

A teoria analítica, para nosso autor, vai constituir-se num lugar análogo que é justamente a ficção, dentro do espírito freudiano quando este se refere à bruxa metapsicológica e à ficção teórica do aparelho psíquico (*eine theoretische Fiktion*). Esse modo de conceber a teoria é um antídoto à reificação da teoria em doutrina e às atitudes escolásticas que rondam nosso campo de atuação, restituindo a mais ampla liberdade criativa dentro da psicanálise. É esse circuito pelo análogo ficcional que estabelece o parentesco entre a teoria psicanalítica e a literatura de ficção, mas não sua completa identidade, como salienta Fabio. A essa passagem pelo análogo é o que ele denominou de alta teoria.

Por outro lado, a ficção teórica surgida na clínica padrão (junto ao analisando) está determinada pela transferência, cujas considerações clássicas são aceitas pelo nosso autor, contanto que tomemos em “cuidadosa consideração a força de criação ficcional da transferência na análise”<sup>21</sup>. O que significa que cada análise é uma “história singular, um campo bem determinado pela história psíquica, capaz de organizar os demais campos que nele ocorrem. Assim sendo, cada análise tem um enredo que é a vida do analisando, sob espécie transferencial”<sup>22</sup>. Já na clínica extensa, o que Freud denominou “psica-

nálise fora dos muros”, existe o campo transferencial, mas não o fenômeno transferencial. O campo transferencial, descrito por Fabio como “uma rede de indução de sentidos, sem indutores concretos, causais”<sup>23</sup>, permite *grosso modo* a operação do método psicanalítico para uma “clínica generalizada para as condições concretas do homem”<sup>24</sup>.

A referência a Joyce no texto de Fabio tem para mim um duplo sentido. Primeiro, um sentido paradigmático, ao apontar a dimensão estética da interpretação analítica, sua dimensão intratransferencial ao nível dos próprios personagens do Ulisses e essa dimensão múltipla e fugidia do ser-do-homem. Por outro lado, como não se trata de análise de consultório, pode também ser considerada no âmbito da clínica extensa.

Procurei nessas breves considerações trazer um pouco do espírito de Fabio, como ele me tocou, especialmente ao lembrar o texto de Joyce que tanto me entusiasmou ao escutá-lo num sábado à tarde na sede da SBPSP na rua Sergipe, junto com mais cinco ou seis colegas. A escrita para Fabio era o lugar do análogo, e seus textos tinham uma capacidade ficcional desveladora, sem jamais sair do âmbito psicanalítico. Como somos seres da linguagem e só através dela podemos romper “o cerco das coisas”, ele lutou pela sua liberdade criativa, lembrando sempre, como gostava de repetir: “quem não cria, crê”.

21 F. Herrmann, *A psique e o eu*, HePsyché, 1999, p. 24.

22 F. Herrmann, *op. cit.*

23 F. Herrmann, *op. cit.*, p. 26.

24 F. Herrmann, *op. cit.*

Rubens Marcelo Volich  
Carmen Savorani Molloy  
Liana Pinto Chaves

## Morrer em análise

**Rubens Marcelo Volich** é psicanalista, doutor pela Universidade de Paris VII – Denis Diderot, professor do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae. Autor de *Psicossomática – De Hipócrates à Psicanálise* e de *Hipocondria – Impasses da alma, desafios do corpo* (Casa do Psicólogo) e co-organizador e autor dos livros da série *Psicossoma* (Casa do Psicólogo).

**Carmen Savorani Molloy** é psicanalista.

**Liana Pinto Chaves** é membro efetivo e analista didata da SBPSP.

*Existem temas que não são usualmente abordados nos escritos psicanalíticos, como a doença e a morte do analista, essa agudização de sua humanidade e corporeidade – ferramentas fundamentais ao exercício desse estranho ofício.*

*Não foi sem conflito que esse tema se colocou ao grupo de entrevistas, no contexto deste número da revista Percurso, dedicado ao psicanalista Fabio Herrmann, falecido em 2006.*

*Fabio Herrmann, cujo câncer foi diagnosticado em estágio bastante avançado, seguiu atendendo seus pacientes mesmo nos momentos mais agudos de seu adoecimento, interrompendo apenas em períodos em que esteve hospitalizado.*

*Resolvemos nos defrontar com essa questão delicada, incômoda, árida talvez, mas que nos toca tão de perto. Três analistas aceitaram nosso convite, formulado da seguinte maneira:*

*“Gostaríamos de conhecer suas reflexões sobre o tema do adoecimento e da morte do analista no decorrer de uma análise.”*

*Em diferentes estilos, eles nos oferecem caminhos por meio dos quais pensar o tema, entre eles: as significações possíveis do morrer em análise, os impasses que a doença imprime na des-subjetivação do analista no exercício de sua função, o vislumbre da possibilidade de transferir a transferência.*

*Pareceu-nos o início de uma longa conversa, para a qual escolhemos o título proposto por Rubens Volich.*

**RUBENS MARCELO VOLICH** “Sinto que você morreu...”, disse-me Martine, após alguns minutos de silêncio. E ela tinha razão.



Acompanhando seus pensamentos ao longo da sessão, fui subitamente tomado pela dor de uma lembrança insuportável. Capturado, realmente deixara de escutar Martine, que, sentindo ter me perdido, apontava-me tê-la abandonado. Resgatado por sua frase, lembrei-me de sua história, de suas dificuldades amorosas, da morte precoce de sua mãe, de sua amargura e de sua agressividade contida, mas freqüentemente manifesta contra aqueles que ela mais amava.

Qualquer um desses caminhos provavelmente poderia tê-la levado a retomar suas associações, sua elaboração, suas próprias lembranças. Porém, era verdadeiro o que sentira. Mais que uma reprodução do passado, era certo que ali, naqueles instantes, no presente, eu efetivamente não pudera investi-la. Morrera.

Insidiosa, marcada por uma dor que não escolhemos, infiltrou-se entre nós não a fantasia, mas a realidade da perda. Sem dúvida, seria mais seguro persistir pelos clássicos caminhos da transferência: lembrara de sua mãe? desejara sua (minha) morte?...

Poderíamos, talvez, esperar que as interpretações e as elaborações contribuíssem para o lento trabalho de cicatrização de antigas feridas de Martine. Deixaríamos, no entanto, sangrando o corte daquele abandono que acabávamos de experimentar.

Correndo o risco de um movimento delicado, da ruptura possível que ele poderia provocar, disse-lhe que, efetivamente, não pudera estar com ela naqueles momentos. Que fora ela que me trouxera de volta de um lugar que eu não pudera evitar. Entre lágrimas silenciosas, Martine suspirou, aliviada. Não suportaria, disse-me, mais uma mentira em sua vida. Seguimos trabalhando. Por alguns anos...

Na análise, como na vida, quase nunca escolhemos o encontro com a perda. Fantasia e realidade dessa experiência se impõem, mesclando-se às vivências pulsionais mais primitivas, muitas vezes, sem palavras. O frio, o silêncio, a penumbra, a paralisia, a solidão combinam-se para compor o cenário doloroso por

na análise, como  
na vida, quase nunca  
escolhemos o encontro  
com a perda. Fantasia e  
realidade dessa experiência  
se impõem, mesclando-se  
às vivências pulsionais  
mais primitivas,  
muitas vezes,  
sem palavras

onde desfilam os abandonos, as separações, as mutilações, as doenças, as mortes. Na análise, porém, apresenta-se a possibilidade de, não mais solitários, mas acolhidos por uma pessoa significativa, retomar o contato com essas feridas, esperando que possam cicatrizar. O investimento do analista, pela presença, pela escuta, pela palavra, em alguns momentos – inclusive, pelo gesto – é o que propicia a aproximação dessas dores para a constituição de um outro olhar, de uma outra experiência que permita libertar-se da tendência algumas vezes irrefreável de sua repetição.

Há porém momentos em que, mesmo com o resguardo e a proteção do enquadre analítico, subitamente, o investimento não é mais possível. Pelo encontro insuportável com uma cena desde sempre evitada, pela intensidade da dor mobilizada, pela violência pulsional irrefreada. Recolhidos ao mínimo espaço de nossa própria sobrevivência, por alguns instantes, nos anestesiávamos, ensurdecemos, abandonamos, desinvestimos. Morremos. Para o outro, para o mundo.



Assim oscila a análise, para ambos, paciente e analista, entre o investimento e o desinvestimento, entre a vida e a morte. A dor da morte, da perda, é a dor do desinvestimento.

Por que falou Martine a um morto? Por um lado, naturalmente, pela estranha familiaridade de sua sensação, para conjurar a idéia/desejo de que eu realmente tivesse morrido. Por outro, por se perceber como a única que poderia, ali, naquele momento, ao dirigir-me sua fala, seu desejo, seu investimento, me ressuscitar. Mesmo em meio a sua dor, Martine descobriu-se como guardiã da vida.

Ainda que a aliança em torno do desejo de vida seja a condição fundamental para uma análise, é inevitável nesse processo que analista e paciente se deparem freqüentemente com experiências de perda, de abandono, de desinvestimento. Somos constantemente confrontados com dolorosos momentos em que morremos um para o outro. Insuportável condição de não existir para o outro, da qual, muitas vezes, nem mesmo o enquadre ou a técnica podem nos proteger. Condição incontornável, porém, quando tolerada, para a descoberta, mesmo em condições extremas de sofrimento, dos recursos de investimento de cada um.

Há ainda, é verdade, inesperados momentos em que perdas, mortes, separações reais tornam impossível o reencontro, esvaziando gestos e palavras, tornados quase sem sentido. Momentos solitários, em que o resgate da memória, dos encontros, do vivido é quase a única arma de resistência à inefável convocação melancólica, último recurso para o investimento e a promoção da vida.

**CARMEN SAVORANI MOLLOY** Antes de mais nada, gostaria de agradecer à Revista *Percurso* por abrir a possibilidade de uma reflexão sobre tema tão delicado e complexo, que faz parte fundamental da nossa clínica cotidiana.

A primeira aproximação que me ocorre é conceitual. Trata-se da diferença entre a *função*

analisar não é um trabalho como outro qualquer.

Na medida do possível, aquilo que concerne a sua subjetividade e ao corpo

que a carga não deveriam interferir na escuta e na interpretação

*analítica e a pessoa que se oferece como suporte dela.*

Desde Freud, as regras de abstinência e neutralidade marcam uma especificidade para o exercício da psicanálise, onde o corpo e a subjetividade do analista ocupam uma posição ex-cêntrica em relação à prática da função que ele sustenta. Isso determina algo paradoxal: o analista comprometido com o seu fazer paga com sua pessoa pelo exercício de sua função. Deste ponto de vista, analisar não é um trabalho como outro qualquer. Na medida do possível, aquilo que concerne a sua subjetividade e ao corpo que a carga não deveriam interferir na escuta e na interpretação. Mas, como não estamos falando de um discurso de mestria, quando isso acontece apelamos ao dispositivo da supervisão, para que o analista possa retornar a sua função de escuta.

Do lado do analisante, é absurdo pensar que ele fale à pessoa do analista. Pelo fato de falar *ele faz* o analista e o faz à sua medida. Sabemos que isso está relacionado à transferência. Estruturalmente, o lugar do analista

depende não somente de que alguém se ofereça a escutar, mas, também, da disposição do analisante de se interrogar acerca de seu sofrimento e de seus enigmas. É porque há uma demanda de seu lado que se institui um analista. Ele terá os traços que se lhe atribuem de acordo com os ideais contidos na demanda inicial – meu analista não se equivoca, não é traído, não é abandonado, não adoece, ou... não morre...

A rigor, não há análise fora da transferência. É por isso que não é possível falar ao analista ou falar do analista, já que o endereço da fala do analisante é sempre alguém – algum traço – da Outra cena, de seu próprio inconsciente. Qual seria o sentido que têm para ele a tristeza do analista, a cara de bravo ou o definhar físico? Sejam reais ou imaginários, qual é a suposição que ele faz a respeito disso?

Penso que as referências à pessoa, ao corpo, à situação vital do analista só valem se tomadas dentro do sistema de significações de cada um, do dito e do não dito de cada um.

Não existe o *analista dos seus analisantes*, existe o analista em cada transferência, aquele que escuta uma singularidade e sustenta *uma* transferência. Se a clínica freudiana é a clínica do “caso a caso” e o analista é o que cada analisante faz dele, cabe então ao analista, no desempenho de sua função, a responsabilidade ética de tentar saber: (1) como entra essa doença no sistema de significações de seu analisante e (2) se ele suporta o lugar transferencial em que está implicado em cada uma das análises que conduz.

Do lado da pessoa que encarna a função, quando o peso da doença lhe faz presente também a questão de sua própria finitude, o preço a pagar por sua dessubjetivação pode ser muito alto para ela. Ou, contrariamente, se a doença o permite, e a proximidade da morte está relativamente simbolizada – já que totalmente é impossível –, o trabalho em posição dessubjetivada lhe ajude a tomar uma certa distância da enfermidade e assim ter uma pausa em sua luta cotidiana.

»  
à medida que ela  
vai sendo construída,  
ela se torna o palco,  
por excelência,  
em que o mundo  
interno do analisando  
se presentifica  
e se dá a conhecer.

A questão é do campo da ética do analisante. Não existe regra que possa determinar o conhecimento de suas limitações com cada um de seus analisantes.

Então, o problema é de limites... E que limites! Subjetivos, do lado da pessoa; éticos, do lado de sua função.

**LIANA PINTO CHAVES** A cena analítica já foi muito comparada com o teatro. À medida que vai sendo construída, ela se torna o palco, por excelência, em que o mundo interno do analisando se presentifica e se dá a conhecer. Ela partilha com o teatro desse pedaço de chão como algo de sagrado, onde se expressam, como diria nosso Isaias Mehlson, o mítico, o mágico e o religioso. Ela é ao mesmo tempo tão frágil (são duas pessoas falando) e tão poderosa. Quando a transferência se instala com vigor, a análise se torna esse lugar diferente de todos os demais. Pela sua própria natureza, tudo ganha proporções muito diferentes do senso comum, com



os pacientes chegam em diferentes graus de negação da inevitabilidade do envelhecimento e da morte. A morte é o impensável, é a indesejada das gentes

grande intensidade e profundidade. Aprende-se a ouvir melhor e a ver melhor, num processo mútuo (analista olhando e ouvindo o paciente e vice-versa).

O espaço analítico convida à regressão e ao mergulho, dá guarida ao infantil, ao absurdo, ao excesso, ao ridículo. Por isso mesmo, pela concentração, pela assiduidade, pelo olhar e pela escuta especiais, a corda das emoções fica muito esticada e sensível. Tudo importa. Sentimentos intensos são mobilizados, dos sonhos mais ardentes aos medos mais inomináveis.

A impermanência e a frustração são características centrais da vida humana. Os pacientes chegam em diferentes graus de negação da inevitabilidade do envelhecimento e da morte. A morte é o impensável, é a indesejada das gentes. O analista é sentido como fonte de alimento, amor, proteção e conhecimento. A idealização do analista, visto como forte, imortal, sábio, adulto, é, como sabemos, uma proteção contra a fragilidade e os medos mais extremos.

Dentre esses, os mais extremos são o medo da morte e o medo da loucura. Numa análise comum (existe alguma?), esses medos vão sendo abordados aos bocadinhos, numa medida suportável. Com sorte, o analisando embarca num processo longo em que seus temores e fantasias mais primitivos ganham acesso à palavra e podem ser conhecidos. Os ritmos da análise constroem um relacionamento que vai aos poucos se consolidando, gerando uma confiança, um senso de continuidade, e, ao mesmo tempo, um respeito pela realidade e as limitações. Fantasias sobre a saúde, o bem-estar, a sanidade mental do analista são comuns em qualquer análise e, tudo correndo bem, podem ser analisadas como fantasias e projeções de estados mentais do paciente.

Imagine-se, então, quando elas se tornam realidade por meio da doença incurável do analista: aí tudo fica demasiado real, rompe-se o espaço protegido de sonho. O paciente se vê diante de sua pequenez, de sua fragilidade, diante de algo maior, tão definitivo; é forçado a abdicar do controle onipotente e se submeter à realidade tão temida. E já não pode mais se abrigar na proteção do analista idealizado.

Tive em minha prática clínica dois casos de pacientes que perderam seus analistas. Um deles me procurou quando a analista adoeceu subitamente e já não pôde mais trabalhar, da noite para o dia. Durante muitos anos dessa longa análise comigo essa situação não pôde ser abordada e permaneceu silenciosa, na sombra. Uma outra paciente continuou em análise com sua analista doente até o final, de forma intermitente, segundo as possibilidades de saúde da analista; ficava sempre sobressaltada quanto à minha saúde e tendia a interpretar tudo a meu respeito na chave dessa ameaça de morte.

Ficamos sabendo vez por outra de colegas que adoecem e que são analistas até o fim, como Fabio, cuidando de forma admirável de seus pacientes nessa situação-limite, ajudando-os a fazer a transição para novos analistas.

Em minha primeira análise senti gratidão por meu analista, que era um homem de mais

idade, e pude expressar esse reconhecimento por ele não ter morrido durante aquele tempo todo, por ter me dado a oportunidade de me analisar em paz, de brigar em paz, de crescer em paz durante aqueles anos.

Sinto uma imensa saudade de Fabio. A vida analítica, o cenário analítico ficaram muito mais sem graça sem ele. Estão aí seus livros, sua obra, suas idéias. Mas discutir os casos de meus pacientes com ele, assistir a seus seminários,

era um grande prazer, ele com sua verve, tão vivo, tão engraçado, tão surpreendente. Não tinham importância os referenciais teóricos diferentes. A conversa era sempre inteligente e iluminadora. Ele naturalmente funcionava por ruptura de campo: vinha sempre de um ângulo imprevisto e abria uma cunha, uma janela, uma outra perspectiva no material em discussão. Ele punha a imaginação clínica da gente para funcionar.



Comitê de organização do II Encontro  
Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise

Comitê de organização do IV Encontro  
Latino-Americano dos Estados Gerais  
da Psicanálise

## Quem escreve a História da Psicanálise?

O movimento dos Estados Gerais realizou seu segundo encontro no Rio de Janeiro, em 2003. Vários colegas do Departamento se empenharam na organização deste evento. Na entrevista que concedeu a *Percurso* nº 37, 2006, a historiadora Elisabeth Roudinesco, uma das organizadoras do primeiro encontro, em Paris (2000), tece comentários sobre o segundo. Como na época *Percurso* não chegou a publicar textos gerados para ou por esse evento, abrimos as colunas da seção Debates aos colegas envolvidos no II Encontro Mundial e no IV Encontro Latino-Americano, que nos fazem conhecer suas reflexões a esse respeito. Esperamos assim contribuir para uma avaliação deste importante movimento, que mobilizou centenas de psicanalistas tanto na Europa quanto na América Latina.

**COMITÊ DO II ENCONTRO MUNDIAL** Em entrevista concedida à revista *Percurso* nº 37, Elisabeth Roudinesco responde de forma incisiva e competente às variadas e polêmicas questões que lhe foram dirigidas na ocasião. A resposta à primeira pergunta, que indaga sobre seu percurso entre a história e a psicanálise, é um prenúncio do lugar do qual Elisabeth Roudinesco vai responder a todas as outras: o de historiadora da psicanálise, em particular o de “ego-historiadora”. Essa idéia, por ela adotada, lhe permite “[...] fazer o historiador testemunhar – usando os métodos da história – sobre si mesmo” e “explicar devido a quais motivações pessoais escolheu um objeto de estudo e não outro”. Coerente com essa posição, de-

claradamente implicada já que recusa as ilusões da neutralidade, discorre com desenvoltura e da forma assertiva que lhe é característica sobre os temas abordados, todos eles urgentemente atuais, sem recuar diante do teor altamente conflitivo e contraditório que alguns temas encerram.

A leitura dessa entrevista nos suscitou uma reflexão útil e necessária. Nossa manifestação, entretanto, não implica a intenção de intervir de modo geral naquilo que é exposto na entrevista. Obedece, antes, à necessidade de questionar certas afirmações ali contidas, não apenas para contestá-las, mas, principalmente, para evitar que suas declarações possam vir a *estabelecer a história*, em particular a história de um evento recente e que nos implica como grupo, que foi o Segundo Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, no Rio, em 2003.

Aquilo que primeiro chama a atenção é sua afirmação peremptória de que, em sua opinião, esse segundo encontro foi um fracasso. Apesar de o uso das palavras “a meu ver” circunscrever o que declara ao campo da *opinião*, expressando um ponto de vista, o fato de ser expressão de uma historiadora, e duplamente implicada, como historiadora e psicanalista, encerra o risco de tal “fracasso”, que nos diz respeito, vir a ser sancionado como verdade factual para todos aqueles que nada sabem da história. Nada se sabe sobre a análise nem sobre as motivações pessoais que a levaram a uma conclusão tão terminante e definitiva: “já não é mais o caso de ficar ruminando sobre o acontecido”, nos diz. Tampouco se conhecem quais fatores levaram a entrevistada a historiar o segundo encontro dessa maneira, principalmente considerando-se que ela lá não esteve presente, como se esperava.

Ocorre, então, perguntar: o que entende Elisabeth Roudinesco por fracasso? Quais seus critérios de análise que norteiam esse diagnóstico tão comprometido e aparentemente definitivo? Falta de *quorum* não foi; o Encontro Mundial do Rio contou com a presença ativa de centenas de psicanalistas experientes e reconhecidos, dispostos a um inédito debate ple-

»

não se trata, aqui,  
de apontar uma controvérsia  
sobre um mesmo fato,  
menos ainda de uma tentativa  
de reverter a sanção  
de fracasso em sucesso,  
como se tratasse  
de um espetáculo

nário, tal como de fato aconteceu. Ela mesma assinala que, para seu grande espanto, uma das conferências – onde foram proferidas, segundo sua opinião, “coisas absurdas” – foi aplaudida por 700 *psicanalistas*. Em respeito à verdade histórica, deve-se corrigir esse número: o segundo encontro reuniu 576 participantes, psicanalistas em sua grande maioria mas também alguns não-psicanalistas, pagantes, além de umas duas dezenas de convidados, entre os conferencistas, jornalistas e que tais. Se não foi por falta de participantes, teria o teor altamente polêmico das conferências sido o responsável por essa visão? Estranhamente, em trecho anterior da entrevista, Elisabeth Roudinesco critica a facilidade com que psicanalistas muitas vezes se antagonizam por “cada um ter seu próprio dogma”. Ali ela analisa bem o dogma como sendo a opinião institucional – os psicanalistas e suas escolas – que limita o debate; em seguida utiliza sua *opinião* para determinar que o debate fracassou? Justamente quando o encontro se realiza fora das instituições e das escolas, para debater os temas mais candentes da atualidade?

Não se trata, aqui, de apontar uma controvérsia sobre um mesmo fato, menos ainda de uma tentativa de reverter a sanção de fracasso em sucesso, como se tratasse de um espetáculo. Todo crítico tem direito a emitir um juízo de



ora, os Estados Gerais foram fundados como movimento e o Encontro no Rio de Janeiro foi seu segundo passo.

valor a respeito daquilo que analisa, mas é necessário que apresente seus argumentos e, quando implicado, que também apresente a análise de sua implicação. Trata-se de entender a lógica que pode ter levado Elisabeth Roudinesco a construir a sentença, estranha a uma historiadora, que diz que “a experiência (de Paris) não devia ter sido repetida”. Surpreendente assertiva: seja como historiadora, seja como psicanalista, pois ela sabe que as experiências não se repetem. Acrescenta que os Estados Gerais de Paris constituíram um “momento único e não-renovável”, “um instante fulgurante, arrancado à continuidade da história”, “um puro acontecimento”, e que, *por isso*, não quis vir ao Rio de Janeiro. Ora, os Estados Gerais foram fundados como movimento e o Encontro no Rio de Janeiro foi seu segundo passo. Quase um *continuum* de reflexão e debate, inaugurado com o encontro de Paris, sem o caráter de institucionalização e filiação, tão bem criticados pela historiadora. Na assembléia de encerramento em 2000, Elisabeth Roudinesco não se manifestou contra a idéia de um segundo encontro. O que agora lemos parece ser uma estranha negação pós-fato, negação que pretende, de um só golpe, tornar um encontro mundial de algumas centenas de psicanalistas um não-acontecimento e, ao mesmo tempo, recusar a experiência viva de um movimento internacional.

Houve algumas suposições sobre sua não-vinda ao Rio. Todavia, a própria entrevistada, pouco antes da realização do segundo encontro, enviou *nominalmente* a dois membros da comissão de organização uma mensagem endereçada aos Estados Gerais do Rio; pedia que seu texto fosse lido na tribuna. Nele, diz que não pôde vir ao Rio, para “essa segunda grande reunião” por motivos pessoais, “ligados ao seu emprego do tempo e a circunstâncias excepcionais”. Gostaria de, entretanto, através daquela breve mensagem, fazer-se “presente entre nós e saudar, em primeiro lugar, o sucesso dos organizadores dessa reunião”. Mais adiante, diz saber que “essa segunda reunião será ao mesmo tempo diferente da de Paris – o que é necessário – e bem dentro do espírito do que foi iniciado por René Major”. Tal carta está publicada, na íntegra, no *site* dos Estados Gerais.

Se Rio não repetiu Paris, isso se deu por motivos diversos e não porque Elisabeth Roudinesco assim o tenha determinado: não compreendemos o porquê da insistência nessa comparação historicamente impossível. A diferença do segundo encontro deve ser procurada em sua produção, produção essa que a historiadora parece desconhecer. Afinal, qual dessas duas posições tão diferentes é a legítima? A que saúda o segundo encontro com alvíssaras ou a que assevera ter sido, desde sempre, contrária à sua realização?

Que se tenha sabido, Elisabeth Roudinesco não se declarou contrária ao evento nem se manifestou, formalmente, sobre outras razões de sua ausência. Em sua mensagem, entre outras afirmações, tecia elogios à escolha dos conferencistas, fazendo apreciações altamente favoráveis sobre cada um deles. O fato de ela dizer, posteriormente, não ter concordado com a realização do encontro não é motivo suficiente para considerá-lo como um fracasso histórico. Será que, do contrário, para ser um sucesso, nós teríamos que ter contado com sua presença? Esse é um discurso negador *a priori*. Parece que esse encontro estava antecipadamente fadado a ser um

fracasso porque Elisabeth Roudinesco diz, agora, não ter apoiado sua realização. Parece que seu não-apoio, revelado mais de três anos depois, bastou para decretar o que ela avalia como um fracasso. Sabemos que sempre houve alguns prognósticos – ou desejos – de fracasso, motivados por razões diversas; entretanto, o que se viu foi um encontro que aconteceu e produziu intensos debates plenários em torno dos trabalhos apresentados, onde foram tratados temas “não-neutros” da atualidade – e não apenas do mundo imediato do divã –, colocando seus participantes em lugar oposto ao de “psicanalistas que desertaram dos combates políticos de sua época, inclusive do combate contra seus piores inimigos”, tal como recomenda a historiadora em sua entrevista. Não esperávamos encontrar tal desejo de fracasso em alguém que participou decisivamente do início da aventura dos Estados Gerais da Psicanálise e que se declara “fiel à concepção que tenho da aventura e da conceitualização freudiana”.

Conforme ela ali menciona, é verdade que não se pode saber com antecedência como se comportarão os convidados nem o que proferirão em suas conferências. Se houvesse um movimento nesse sentido, isto é, o de tentar estabelecer previamente o que pode ou não pode ser dito, acreditamos que essa comissão estaria agindo de forma totalmente arbitrária e contrária ao espírito de uma assembléia, exercendo um direito ilegítimo de censura prévia. As conferências, obviamente, foram da inteira responsabilidade de quem as proferiu e lançadas ao debate em nome próprio e sem representação, como compete a uma assembléia. É sempre bom lembrar que os Estados Gerais são, historicamente, uma assembléia. Certamente as falas não agradaram a todos, haja vista as efusivas manifestações que provocaram, tanto de aplauso como de repúdio. Estávamos diante de reconhecidos intelectuais politicamente comprometidos com suas idéias; não podíamos esperar uma polêmica puramente acadêmica. Freud recomendava não convocar os fantasmas se é para depois

»

convidamos  
pensadores independentes,  
até mesmo críticos da psicanálise,  
mas que aceitaram o convite  
e vieram debatê-la conosco

fugir quando estes aparecem. Talvez esse tenha sido, curiosamente, o aspecto mais provocativo de nosso encontro. O que ratifica a idéia de que os psicanalistas se reuniram em Paris, pela primeira vez, com o intuito de sair do lugar-comum dos congressos psicanalíticos e debater questões que dissessem respeito à política e às situações atuais do homem. Nada mais atual, nos parece, que a polêmica despertada pelos acontecimentos de 11 de setembro nos Estados Unidos e as posições divergentes que daí partem. O conflito não nos assustava – como analistas não devemos recuar diante do conflito – e continua não assustando. Ao contrário da crítica que Elisabeth Roudinesco faz aos psicanalistas, encastelados em seu supremo saber e “não precisando se confrontar criticamente com outras abordagens”, preferimos enfrentar as questões mais delicadas de nossa época. E o que se viu foi a não-neutralidade: houve acaloradas reações às posições políticas de alguns de nossos conferencistas. A escolha desses pensadores acabou por se revelar a mais produtiva: apostando alto no confronto das diferenças, não convidamos apenas os “amigos da psicanálise”: convidamos pensadores independentes, até mesmo críticos da psicanálise, mas que aceitaram o convite e vieram debatê-la conosco. Definitivamente, o encontro do Rio não ficou restrito à fala dos conferencistas convidados, sem trocas frutíferas,



a presença  
de estrangeiros  
ao segundo encontro –  
sobretudo europeus –  
foi bem menos  
significativa. Como  
podemos compreender  
esse fato?

indignadas ou não, com a assembléia; tampouco a escolha destes pode ser considerada como “desastrosa”: o que se pretendia não era o debate com outros segmentos do pensamento contemporâneo? Ou será que devemos nos ater a conversar com os ditos amigos, com quem temos afinidades de pensamento e opinião? Se o outro não profere uma fala semelhante à nossa, isso nos dá o direito de classificá-la como “completamente inadmissível”? Este segundo encontro convidou políticos e filósofos para debater com a plenária, justamente por serem intelectuais militantes e implicados com o mundo atual. Desta feita, os psicanalistas se viram lançados a um duro confronto público direto, porque político, com suas diferenças e especificidades, sem o alibi da neutralidade – como nos conclamou Derrida no primeiro encontro – e sem a proteção de suas instituições. E ninguém sai incólume de um embate desse calibre. Quando lemos que a historiadora considera “lamentável” que todos – 700! – os psicanalistas tenham aplaudido o discurso de um dos convidados, ignorando as discussões acaloradas, nos vemos subitamente reduzidos a uma massa submissa, incapaz de dissensão ou crítica. Somos então forçados a pensar que estamos diante de um estranho caso de censura *a posteriori* e não de um registro histórico-crítico, como seria de se esperar.

Em trecho anterior da entrevista, Elisabeth Roudinesco afirma “não acompanhar suficientemente a produção (teórica) latino-americana”, muito embora conheça bem a sua história. Os latino-americanos representaram mais de um terço dos trabalhos apresentados no encontro de 2000 em Paris. Sendo membro do comitê francês de preparação, esperava-se que ela tivesse tido a oportunidade de entrar em contato com essa produção. Mas parece que isso não aconteceu; entretanto, ela atribui o “sucesso fantástico” dos Estados Gerais de Paris a “uma espécie de fervor”, devido em grande parte aos latino-americanos, e ao discurso de Derrida. Fervor?

Acreditamos que o que aqui é considerado como “fervor” – independentemente dos vários sentidos que se pode atribuir a essa palavra – possa ser mais bem compreendido como a maciça adesão dos latino-americanos à convocação para o primeiro encontro. Quer dizer que para a historiadora Elisabeth Roudinesco os latino-americanos constituíram parcela mais que significativa nesse “sucesso fantástico” na Europa e são um terminante fracasso justamente na América Latina?

A contrapartida não aconteceu: a presença de estrangeiros ao segundo encontro – sobretudo europeus – foi bem menos significativa. Como podemos compreender esse fato? Faltou “fervor” aos europeus? A psicanálise como movimento resiste apenas na América Latina? Será que esse fato não é discrepante com a idéia de que o segundo encontro foi um “fracasso”? Talvez a sensação de insucesso possa ser debitada à pouca vontade política e intelectual que houve entre os europeus. Como poucos vieram, esse fato seria suficiente para conferir ao segundo encontro essa precipitada qualificação?

Talvez a resposta esteja em outra observação feita pela entrevistada. Ela diz que “os que estavam unidos em Paris desuniram-se no Rio, em parte porque, depois do 11 de setembro, o clima político já não era mais o mesmo”. O que quer dizer isso? Sim, os acontecimentos de 2001



polarizaram radicalmente as posições políticas, mas o conflito gera sempre necessariamente desunião? Não pode ser positivo, conforme relato da própria entrevistada a respeito de sua infância? Não poderíamos pensar que os que estavam inicialmente unidos em Paris se desuniram em Paris? São muitas as interrogações por causa das muitas coisas que ficaram não-ditas. Alguma coisa aconteceu em Paris que produziu esse efeito notadamente despolitizante. Nós apenas não sabemos e não pudemos interpretar esses acontecimentos devidamente. Como tudo mais, o entendimento só vem *a posteriori*. A história nos dirá – e não a ego-historiadora Elisabeth Roudinesco – qual é o papel que cabe ao Encontro Mundial do Rio dentro da história do movimento psicanalítico.

No final da entrevista, Elisabeth Roudinesco nos surpreende uma vez mais dizendo que discutiu a inoportunidade da experiência com os organizadores desse segundo encontro. Nenhum de nós, membros do comitê organizador do segundo encontro mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, discutiu com Elisabeth Roudinesco. Apesar de o termos feito, antes e depois de *nosso* Encontro, com René Major, coordenador dos Estados Gerais da Psicanálise de Paris. A historiadora ignora isso?

Joel Birman  
Miguel Calmon  
Chaim Samuel Katz  
Eduardo Losicer  
Suelena Werneck Pereira

#### COMITÊ DO IV ENCONTRO LATINO-AMERICANO

Ao responder à pergunta a respeito do movimento dos Estados Gerais da Psicanálise, a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, em entrevista concedida à revista *Percurso* nº 37, trouxe à tona questões que nos convocam a um posicionamento sobre o tema.

Vale notar que a pergunta foi pertinente e oportuna, já que, há quase uma década da

da resposta de E. Roudinesco à revista *Percurso*, pudemos depreender três pontos sobre os quais gostaríamos de nos deter, considerando que levantam questões significativas em relação ao movimento, sua constituição e suas repercussões dentro e fora da *polis* psicanalítica

a primeira convocação dos Estados Gerais da Psicanálise em 1997, qualquer psicanalista ligado ao movimento iniciado pelo apelo de René Major – ou que acompanhou a repercussão pública dos encontros realizados na Europa e na América Latina ao longo desse período –, reconhece a necessidade de avaliar o caminho percorrido e inquirir sobre sua atualidade e seu futuro. Ainda mais alguém como Elisabeth Roudinesco, que teve um papel importante, especialmente em seu começo.

De sua resposta à revista *Percurso*, pudemos depreender três pontos sobre os quais gostaríamos de nos deter, considerando que levantam questões significativas em relação ao movimento, sua constituição e suas repercussões dentro e fora da *polis* psicanalítica.

1. No que diz respeito ao I Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise em 2000, Paris – do qual foi participante e uma das idealizadoras – Roudinesco exalta seu sucesso e credita a este o lugar de único e verdadeiro acontecimento que, uma vez concluído, não deveria ter tido continuidade.
2. Em seguida, refere-se ao II Encontro Mundial dos Estados Gerais realizado em 2003 no Rio de Janeiro – do qual não teve oportunidade de participar – como tendo sido



os analistas foram convocados, por meio de uma ampla difusão transversal, a construir espaços novos com uma organização horizontal e supra-institucional

um fracasso. Conclui isso a partir da crítica que faz a uma das conferências proferidas e sua acolhida pelo público presente, que ela reputa unânime.

3. Finalmente, evidencia-se a ausência de qualquer referência aos Encontros Latino-Americanos. Qual seja, quatro Encontros Latino-americanos dos Estados Gerais, dos quais o primeiro, segundo e quarto foram realizados em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae, e o terceiro, em Buenos Aires. Todos com uma repercussão importante, tanto em relação ao número de participantes e de trabalhos apresentados, como na qualidade destes e nos debates e intercâmbios que ali aconteceram.

Os comentários a seguir tratarão dos três pontos destacados acima.

Quanto ao primeiro, que considera Paris 2000 um êxito, estamos de pleno acordo, porém, com algumas ressalvas. Roudinesco aponta na entrevista o *fervor latino-americano* como uma das causas desse sucesso único. Todavia, a mobilização e o alto comparecimento dos psicanalistas latino-americanos ao encontro – às quais se refere como *fervor*, são frutos de um longo processo que o precedeu e sobre o qual discorreremos a seguir. Vejamos.

O processo deflagrado pela convocação dos Estados Gerais da Psicanálise durante o ano de 1997 pelo próprio René Major – e ao qual aderiu, entre muitos outros, Elisabeth Roudinesco –, mobilizou intensamente o mundo psicanalítico. Como se esclarece na entrevista, em nota de rodapé, organizaram-se em todas as partes grupos de trabalho e reflexão. Tratava-se de interrogar a psicanálise, tanto no plano da prática teórica e clínica, como nas formas de ensino, transmissão e organização institucional, bem como de analisar sua relação com outros saberes e campos da cultura, incluindo o plano do social e do político.

Nossa acolhida tão favorável à proposta se deveu, sem dúvida, ao frutífero desenvolvimento que vinha experimentando a psicanálise na América Latina, associada à história de lutas teóricas e ideológicas pela democratização das instituições, movimentos de ruptura e experiências inovadoras no campo político-institucional. Além disso, os analistas foram convocados, por meio de uma ampla difusão transversal, a construir espaços novos com uma organização horizontal e supra-institucional na qual almejava-se uma participação fluída e livre de hierarquias e constrangimentos burocráticos e teóricos que dependessem de interesses corporativos, de modo a facilitar uma enunciação em nome próprio. Criaram-se grupos de trabalho com essas características em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, simultaneamente aos que aconteciam em Buenos Aires.

Foi nesse clima que se realizou em São Paulo o 1º Encontro Latino-americano dos Estados Gerais da Psicanálise em 1999 no Instituto Sedes Sapientiae – um ano antes do Mundial de Paris –, que se revelou de fundamental importância tanto para a difusão da convocatória, quanto para a elaboração e a discussão dos trabalhos latino-americanos que seriam levados a Paris. Na assembléia de encerramento destinada à avaliação do encontro e ao ajuste final dos preparativos, aprovou-se por aclamação a proposta dirigida ao Comitê Internacional – e

posteriormente acatada por ele –, de instituir o português como uma das línguas oficiais do encontro mundial em Paris.

Coincidimos, portanto, com Roudinesco, na atribuição de importância e significação ao encontro de Paris. Ao final deste primeiro encontro mundial, firmou-se a disposição para responder a novas convocatórias no futuro, caso tivessem grupos de analistas que se dispusessem a fazê-lo, deixando em aberto o lugar para sua realização. A dissolução do comitê organizador, ao final do encontro, sinalizou a oposição a qualquer tendência à concentração, permanência e cristalização no poder.

Assim, a nosso entender, desde a convocatória dos Estados Gerais da Psicanálise, e através de uma seqüência de acontecimentos, a criação dentro da *polis* psicanalítica de um espaço de forte potência instituinte deflagrou um movimento capaz de conduzir a novos acontecimentos sem desembocar em nenhuma espécie de institucionalização. Essa foi sua utopia fundante.

Ao longo dos sucessivos encontros, foram retomadas as temáticas iniciais, acolhidas outras novas e explorados modos de organização e dispositivos de funcionamento diversos. Questões levantadas nos debates exigiam tempo para trabalho de elaboração e, portanto, anunciavam um processo. Pensamos que, através desta continuidade marcada por momentos de confluência e elaboração coletiva, nos produzimos como sujeitos políticos, protagonistas de experiências criativas e criadoras de sentido histórico, que enriquecem nossa prática e fazem avançar a psicanálise.

Depois do I Mundial em Paris 2000, aconteceram em 2001 o II Latino-americano em São Paulo, em 2002 o III Latino-americano em Buenos Aires, em 2003 o II Mundial no Rio de Janeiro e em 2005 o IV Latino-americano em São Paulo.

Na entrevista a *Percurso*, ao referir-se à presença de divisões que afetam a continuidade e o sucesso dos Estados Gerais, Roudinesco não considera a possibilidade de que as divisões entre analistas passem por outras questões tais

esse encontro cumpriu com êxito os itens de sua convocatória ao constituir um espaço onde psicanalistas de diversos lugares e filiações pudessem debater a clínica, as produções teóricas e as relações da psicanálise com as práticas sociais, políticas e éticas do mundo contemporâneo

como a desmobilização dos analistas europeus, ou seu recolhimento para o interior de suas instituições, nas quais, à época, predominava uma situação inusitada. Estamos nos referindo à divisão de posições de seus associados em cada uma delas em relação à regulamentação da profissão do psicanalista. Divisão esta que não corresponderia, dessa vez, a enfrentamentos doutrinários e interinstitucionais. Preocupados e divididos na defesa da psicanálise em seu exercício profissional desinvestiram, ao que parece, a dimensão supra-institucional de pensamento crítico, de análise da cultura e de teoria da sociedade e da história, o que pode ter nefastas conseqüências exatamente nessa questão.

O segundo ponto que levantamos para nossa discussão refere-se às apreciações feitas por Roudinesco ao II Encontro Mundial dos Estados Gerais realizado em 2003 no Rio de Janeiro. Pensamos que esse encontro cumpriu com êxito os itens de sua convocatória ao constituir um espaço onde psicanalistas de diversos lugares e filiações pudessem debater a clínica, as produções teóricas e as relações da psicanálise com as práticas sociais, políticas e éticas do mundo contemporâneo. Reduzi-lo ao efeito conflitante de uma das conferências significa desconsiderar o valor de todo o encontro que, a nosso ver, possibilitou discussões e debates intensos no âmbito da política e da psicanáli-



o movimento deflagrado pelos Estados Gerais da Psicanálise foi importante para os psicanalistas latino-americanos ao propiciar interligações internas e transversais, habitualmente dificultadas pelos confinamentos institucionais ou de filiação teórica

se, fundamentais para nossa atualidade. Vale salientar, o êxito do exercício da *função-leitor* sustentado no dispositivo dos *coletivos de leitura* criados para subsidiar essa função teve efeitos positivos nos avanços obtidos através da dinâmica de suas plenárias.

O terceiro ponto diz respeito à realização dos Encontros Latino-americanos que Roudinesco parece não levar em consideração, pois não os menciona em sua entrevista. Pensamos que o movimento deflagrado pelos Estados Gerais da Psicanálise foi importante para os psicanalistas latino-americanos ao propiciar interligações internas e transversais, habitualmente dificultadas pelos confinamentos institucionais ou de filiação teórica, possibilitando uma ampla circulação da produção individual ou grupal e produzindo efeitos de conhecimento e reconhecimento. Muito do *fevor latino-americano* em Paris relacionava-se às oportunidades que se abriram para um reconhecimento e uma interlocução longamente postergada, que se iniciou com a resposta à denúncia de Helena Bessermann Viana, resposta esta que foi radicalmente diferente e oposta à atitude de abafamento assumida pela IPA.

A partir de sua convocatória inicial, e ao longo de todos esses anos, os Encontros Latino-americanos dos Estados Gerais da Psicanálise mantiveram acesa a proposta e sustentaram

a continuidade do movimento, abrindo-se irrestritamente à diversidade de expressões da prática psicanalítica. Agindo como caixa de ressonância de questões emergentes nos campos clínico, institucional, social e político, tornaram-se espaço de interligação de analistas de diferentes correntes, grupos e línguas; de diferentes âmbitos de atuação pública e privada; de diferentes lugares e, também, de diferentes gerações. Catalisaram processos de transmissão e de filiação, reconstruíram histórias interrompidas pela repressão política ou pelo exílio, funcionando como espaço de interlocução e respaldo recíproco para as lutas dos psicanalistas contra a prevalência dos modelos biologistas e cognitivistas, comprovando, mais uma vez, a validade da clínica psicanalítica.

Foi em continuidade e em conformidade com esse espírito que convocamos o IV Encontro Latino-americano que aconteceu em São Paulo em novembro de 2005, com grande afluência de psicanalistas de todo o Brasil e da Argentina. Manteve-se a metodologia de discussão adotada em encontros anteriores com a apresentação dos trabalhos pelos próprios autores em pequenos grupos de discussão. Acrescentaram-se, às plenárias de abertura e de dissolução, outras nas quais foram debatidos os temas políticos cruciais da atualidade latino-americana, tais como “Politizar a desilusão”. Como resultado das plenárias, destacamos a elaboração de proposta de pronunciamento público sobre a crescente medicalização da saúde, dos problemas da infância e adolescência.

Algumas interrogações a respeito do fracasso do Mundial de Bruxelas, que não obteve um número mínimo e necessário de inscrições – e que já consideramos anteriormente – também poderiam ser respondidas, ao menos no que diz respeito à participação dos psicanalistas latino-americanos, se dirigirmos a atenção à plenária do IV Latino-americano destinada à apresentação da temática e da programação deste Mundial por seu coordenador geral, Claude Van Reeth. Ali foram manifestadas divergências quanto à acentuada centralização e verticalidade da orga-

nização e do dispositivo de seu funcionamento, que nos pareciam retrocessos em relação às modalidades elaboradas e adotadas em Paris e no Rio de Janeiro. Além disso, a ausência de uma interlocução prévia com os grupos de analistas dos diversos países ligados ao movimento causou um impacto negativo.

Vale salientar que a realização do IV Encontro Latino-americano possibilitou a continuidade do *site* dos Estados Gerais da Psicanálise ([www.estadosgerais.org](http://www.estadosgerais.org)), que permite aceder não só a todos os textos apresentados como a todo o material de convocatórias de todos os encontros mundiais e latino-americanos.

Os Encontros Latino-americanos também contribuíram para a defesa da psicanálise frente às tentativas de arbitrar ardis legais por meio dos quais grupos confessionais tentam legitimar, sob o rótulo de psicanálise, concepções e propostas de ação sobre o anímico que nada têm a ver com ela, promovendo métodos e objetivos contraditórios aos dela.

Para concluir, divergimos em relação à concepção de Roudinesco sobre os Estados Gerais da Psicanálise. Seu argumento de que este seria

um acontecimento que não deveria repetir-se nos parece redundante, já que os acontecimentos são sempre únicos e não há como reproduzi-los. Para nós, trata-se, como esperamos ter demonstrado nesta resposta, de um movimento, e que portanto mantém uma continuidade. Desde 1997, todos os que responderam aos encontros realizados e deles participaram foram aqueles que lhes deram razão e conteúdo, e para os quais o movimento faz sentido.

O que constitui uma marca do movimento dos Estados Gerais da Psicanálise – através das diversas conjunturas e que se atualiza a cada encontro – são os dispositivos que possibilitam tanto uma apropriação coletiva da experiência quanto a sustentação de uma dimensão singular de cada pronunciamento em nome próprio, o que implica cada um dos psicanalistas presentes. Assim, tanto sua proposta quanto sua realização tornaram-se responsabilidade de todos e os encontros são tributários dessa responsabilidade. É de se supor que enquanto houver quem assuma, isto é, enquanto houver quem convoque, enquanto houver quem responda, poderá haver Estados Gerais da Psicanálise.

*Fátima Milnitzky  
Gisela Haddad  
Mario Pablo Fuks  
Paulina Rocha  
Sidnei Goldberg*



## Reinvenção da Psicanálise

Renato Mezan

Resenha de Fabio Herrmann, *Andaimos do real: o cotidiano*, São Paulo, Vértice, 1985.

*Nota do autor: Este texto, redigido em 1986 para o Folhetim da Folha de S. Paulo, foi publicado em A vingança da esfinge (Casa do Psicólogo).*

*Excepcionalmente, o Conselho Editorial de Resenhas aceitou colocá-lo neste número de Percurso, como parte da homenagem ao pensamento sempre vivo de Fabio Herrmann.*

Este livro de Fabio Herrmann representa sem dúvida um marco na reflexão psicanalítica brasileira. Ao lado de obras como as de Luiz Meyer (*Família: dinâmica e terapia*, Brasiliense, 1983), de Jurandir Freire Costa (*Violência e Psicanálise*, Graal, 1984), de Joel Birman e Carlos Nicéas (coordenadores da revista *Teoria da Prática Psicanalítica*) e de outros autores de igual calibre, ele atesta que a psicanálise nestas bandas começa a sair da fase de latência, oulando enfim falar em seu próprio nome e propor ao debate idéias originais. E o texto de Herrmann as contém em abundância, enquadradas numa bem articulada concepção, cujo desenho de conjunto ressalta com clareza.

**Renato Mezan** é psicanalista e autor de vários livros, entre os quais *Tempo de Muda* e *Interfaces da Psicanálise* (Companhia das Letras).

Um livro assim solicita, mais que a adesão, a cumplicidade do leitor, que acompanha, intrigado e divertido, as sinuosidades da prosa e os meandros do raciocínio, saudando de passagem o talento do autor para a fórmula aforística e para o epigrama irônico. E não é fácil de resenhar, já que Herrmann diz ao crítico como não se deve lê-lo (capítulo sobre “A verdade e os livros”). Não quer ser filiado a correntes de pensamento, nem explicado por premissas externas a seu escrito (p. 177); convida o leitor a se demorar na realidade construída pelo livro, como condição essencial para um diálogo honesto. Abre seu texto com uma descrição do caminho a ser percorrido, e ao final o recapitula como demonstração do método que propõe; por várias vezes, através de remissões ao volume anterior e ao futuro, acentua o caráter arquitetônico de seu pensamento, que se apresenta como uma verdadeira crítica da razão psicanalítica. Aceitemos, pois, a sugestão: vamos lê-lo de dentro (“daqui para lá”), em busca do que poderia ser, em linguagem herrmanniana, o seu “campo”.

Três grandes dimensões o compõem, superpondo-se. Primeiramente, uma concepção nítida da “medula essencial” da Psicanálise: seu método interpretativo. Em segundo lugar, a proposta de aplicá-lo à questão do real, ultrapassando os limites estreitos da psicologia individual e questionando a partição ingênua sujeito/mundo. Por fim, salpicadas aqui e ali, observações críticas acerca da psicanálise contemporânea, dos desvios e impropriedades de sua prática, do congelamento de sua verve teórica. Como produto, descrições e análises sutis de facetas específicas do real, como a trilogia dos sentimentos essenciais: a saudade, a teimosia e a dor de cotovelo, como a moralidade paradigmática dos contos de Perrault, como o processo autoritário ou o universo que regra certos apólogos bíblicos. Como se vê, um saudável passeio para fora dos caminhos batidos pela tradição, ao qual se acrescenta uma cerrada crítica da noção de “realidade” habitualmente hasteada pela psicanálise como parâmetro teórico-clínico.

## Psicanálise = interpretar

O núcleo forte do livro é sem dúvida sua teoria da interpretação. Para Herrmann, a psicanálise repousa integralmente sobre a operação interpretativa, cujos resultados são *a posteriori* organizados em teoria. E como interpreta o analista?

O trabalho clínico do analista desenvolve-se sob o signo da comparação. O paciente narra uma experiência, depois outra. Mudou de assunto? Por um profissional espírito de contradição, o analista imagina que não, e põe-se a pensar em qual é este assunto, tal que não tenha mudado. O que permanece ocultamente? Projeta então uma narrativa sobre outra; do choque comparativo, elide as diferenças [...]. Separa, compara, volta a comparar os produtos de sua reflexão, revertendo sempre o produto sobre o discurso anterior, à maneira de interpretante (p. 76).

Dessa forma, busca evidenciar o “campo” da relação proferida no discurso, isto é, aquilo que, sendo-lhe anterior logicamente, produz por um sistema oculto de regras o enunciado atual (p. 40). O lugar dessa anterioridade lógica é a “reversão de uma narrativa sobre outra, o espaço virtual de confluência das fábulas” (p. 90). Essa é a idéia central do método, e o autor a aplica seguidamente, de modo a que o leitor se familiarize com o procedimento. A interpretação visa assim a uma totalidade presente, e seu resultado é “prover uma linha alternativa de significados que, em um certo nível, dá conta da coerência de um relato [...]. O resultado pode ser descrito como a obtenção de esquemas desencarnados que, na ordem lógica, determinam o evoluir do enredo” (p. 99).

Falar em *totalidade presente*, nesse contexto, significa propor uma teoria lógica do “aqui-e- agora”, que me parece a contribuição mais original desse livro. Evitando o escolho da redundância, elabora-se em vários momentos o núcleo de uma teoria da transferência, que serve como ponto de apoio à severa avaliação endereçada à prática psicanalítica mais freqüente no Brasil, de inspiração kleiniana e bioniana. Mas isso veremos a seguir.

Importa antes compreender que, para Herrmann, a Psicanálise é essencialmente uma lógica das significações humanas (p. 15), a meio caminho entre a filosofia e a história, e que se caracteriza pela singularidade de a teoria de sua teoria ser uma prática: a terapia analítica (p. 28). Esta é qualificada de “experimento ontológico ímpar” (p. 185), e é concebida como instrumento simultaneamente ontológico e epistemológico (p. 179), porque reproduz em condições ótimas a instauração do real e é fonte de tudo o que um psicanalista pode dizer acerca dele. Não é muito pesada a tarefa? Para Herrmann, não; e seu livro é a explicitação dessa tese, além de polêmica contra os que “reduzem” e “degradam” a terapia a um moralismo corretivo ou a um “lúdico derivativo inconseqüente” (p. 15).

A Psicanálise nasceu de um esforço para domesticar os restos do absurdo que ainda ameaçavam o cotidiano das grandes metrópoles europeias no final do século racionalista, o XIX. Assim narra o autor, numa espécie de arqueologia da disciplina freudiana, que forma o primeiro capítulo. Mas o tiro saiu pela culatra: “o esforço de caçar as pontas por onde aparecia o absurdo, amarrá-las e passá-las para o avesso do tecido da razão resulta numa violenta exposição desse avesso absurdo” (p. 34). Absurdo é o nome dado ao patenteamento das “regras de construção do mundo humano” (p. 33). E com isso, nos introduzimos no que se poderia chamar a ontologia substantiva elaborada no livro, ontologia que forma uma base para o método ao mesmo tempo que nela se apóia, num entrecruzamento do qual brotam as teses explícitas e as descrições particulares.

## Ontologia elementar

A idéia não é complicada, e Herrmann a expõe várias vezes. Podemos partir do imediato ou do originário; a primeira via é mais conforme ao espírito do texto: sigamos-la. O imediato é a *realidade*, superfície lisa e una das coisas, tema do juízo de realidade proferido pela “mente” que

se lhe antepõe. Cisão, pois, dada como evidente, entre o mundo e o sujeito, entre o “fora” e o “dentro”. Mas de onde vem tal cisão, e por que tendemos a aceitá-la como óbvia? Trata-se então de reconstituir um percurso que termina nesta cisão, e que só pode partir de um ponto zero, anterior a ela e contendo as condições para que se opere: é a função do mito de origem psicanalítico, reinterpretado por Herrmann no capítulo sobre a “mentira original”.

Desvinculando “realidade” de “materialidade”, considera a primeira “superfície representável”, “relação aparential”. Mas a superfície do quê? De um *Campo*, o real, que é “lógica produtiva”, sustentando a realidade que dele derive e que o nega, encobrindo-o. O esquema é simples, inspirando-se na dicotomia platônica entre essência e aparência, ou, mais perto de nós, no modelo freudiano do trabalho do sonho e da elaboração secundária. A elaboração secundária dos movimentos do real é a realidade, que se efetua como degradação da variedade das condições do real – na verdade, dever-se-ia falar em “reais” – e as análises particulares do livro mostram exatamente isto, que não se deve confundir o real da dor de cotovelo com o real da teimosia, ou o real dos livros com o real do processo analítico. Instaure-se assim uma coerência de fachada, um consenso equivalente à repressão: o efator dessa degradação é a *rotina*, e seu efeito, a *familiarização*, cujo grau superlativo é a *moralidade* (capítulos sobre os apólogos e sobre Perrault).

A realidade promana do real; e de onde vem o real? Aqui Herrmann borda um mito de origem: a origem do real é o desejo, e por origem deve entender-se não o começo, mas a regra constituinte (p. 42). O desejo, por sua vez, nasce da “mentira original”. Esta é a matriz e o instante (quase cronológico, agora) em que surge a humanidade do homem, elevando-se do “cerco das coisas” e da pura necessidade fisiológica. Mente quem afirma o que não é e quem pede o que não necessita: tanto pode ser o bebê que dá à mãe a impressão de querer mamar quando ainda não sente fome, quanto o sujeito em análise ou na luta

de prestígio com os outros homens: a mentira é o reino do possível, momento de parto da linguagem, da relação ao outro e a si mesmo. A mentira inaugura a dimensão da significação, oposta à da mera sinalização (p. 50); com ela, brota o desejo.

E o que acontece depois? “O mundo em explosão que o extravasamento do desejo produz, ao superar o cerco das coisas, mundo grávido de possibilidades significativas, catastrófico, deve ser domesticado pela rotina. Rotinização, familiarização e moralidade são os termos que empregamos para designar tal percurso. O estado final, a familiaridade, elimina o casual, o desregrado, o descontínuo; organiza-se segundo princípios norteadores absolutos que, somos levados a crer, nunca se alteram. Alteram-se os resultados, não os princípios regentes, distinção importantíssima que salva as aparências de estabilidade ontológica” (p. 123).

Em resumo: da diversidade dos reais, aplainada pela rotina, sugere uma fachada uniforme – a realidade – que encobre seus andaimes, isto é, seus princípios de construção. Estas são as “regras do desejo”, tido por origem simultânea do sujeito e do mundo, estofo pré-divisão de que serão feitos, por coagulação, os pólos opostos. O esquema é ousado, e necessita provas, em particular provas de eficiência diferencial daquilo que constrói os diversos reais, bem como do obscurecimento do processo da construção, do qual resulta a “enganosa unidade de sentido dos diversos reais, sob o nome de realidade” (p. 40). É ao que se dedica boa parte do livro, examinando diferentes condições do real, com evidente privilégio para aquela na qual entra em crise a uniformidade pretendida pela realidade, isto é, o real psicanalítico.

Antes de vermos o esquema em ação, porém, é preciso introduzir uma ressalva. Uma dificuldade de compreensão do texto resulta de uma certa imprecisão terminológica, pois Herrmann oscila entre várias palavras para designar o estrato produtor e o estrato produzido, acabando por desnortear o leitor. Assim, o estrato produtor é alternativamente caracteriza-

do como *real* (p. 11: “o real é lógica produtiva”), *cotidiano* (p. 40: “o plano que pretendemos desvendar é o emaranhado de determinações do cotidiano que constitui o campo do real”), *absurdo* (p. 46: “o absurdo é o solo último do cotidiano”), *desejo* (p. 33: “absurdo é o nome que damos ao patenteamento das regras do desejo”), e assim sucessivamente.

A *priori*, nada há de extraordinário nisso, já que, em virtude do princípio da transitividade, o que é relação num contexto torna-se campo em outro, isto é, o derivado na esfera A pode ser originário para a esfera B. O problema é que, por diversas vezes, os mesmos termos são empregados para denotar o estrato constituído, invertendo o sentido daqueles que, pelo vocabulário proposto, derivam ser reservados somente à faixa da superficialidade. Assim, por exemplo, fala-se à p. 78 de “realidade eficiente”; “absoluto” significa *ilusório* (na expressão “realidade do real em sentido absoluto”: não pode haver um sentido absoluto para o real, essa é a viga mestra do argumento), porém tem o sentido habitual de “inexorável” na expressão “regra absoluta que rege a história inteira de Tobias” (p. 83); o princípio do absurdo é dito “constituente e organizador” à p. 83, mas revela-se apenas “patenteamento das regras do desejo” na maioria das passagens.

Talvez se pudesse corrigir essa flutuação terminológica, indesejável complicador de um argumento às vezes abstruso, tanto mais que a linguagem de Herrmann, seu léxico técnico, é quase toda inventada por ele mesmo: daí a necessidade de precisão no uso dos vocábulos que especificam seu pensamento.

### Situação analítica: crise da realidade usual

Mas este é um reparo menor, frente à originalidade e à fecundidade das idéias. Voltemos ao caminho: a tese essencial do livro, que articula o nível ontológico (reais/realidade) ao nível epistemológico (método interpretativo/teoria que

ele permite construir) se formula assim: “o desejo corresponde ao mundo que engendra”. É na situação analítica que esse postulado recebe sua encarnação paradigmática, permitindo a operação interpretativa.

As fantasias que o analista ouve, ao escutar seu analisando, descerram-lhe, através da controlada regressão lógica das sucessivas rupturas de campo, os contornos do desenho do desejo – referência terminal das fantasias.

As regras do desejo, adequada e pacientemente remontadas, formam um conjunto organizado. Atribuído ao paciente, tal conjunto é tido por intrínseco. Todavia existe um mundo para seu paciente, estranho seria ignorá-lo. Desse mundo o analista tem notícia pelo desenho do desejo; sabe que seu paciente tem tal ou qual visão das coisas, que sua maneira de experimentar o mundo fá-los, a ela e a seu mundo, em certa forma específica, que outra não é senão o próprio desejo (p. 281).

E como aparece tal desejo? É no elemento da transferência que pode ser captado, em sua subjetividade e em sua mundanidade.

Para Herrmann, a transferência tem um valor fenomênico e um valor disposicional: é este último que lhe outorga, na terapia, o papel de operador simultâneo do conhecimento e da mudança. As representações produzidas pelas consciências em jogo *as dispõem* em determinadas posições;

entender as representações do discurso como representações posicionadas chama-se transferência [...]. Toda representação representa os lugares relativos do par, e todo representado vale por sua representação “aqui e agora”, isto é, pelo seu valor disposicional [...]. Se a cada consciência corresponde um campo inconsciente, isto significa algo para uma teoria do real. A cada aparência reconhecida há que corresponder uma anterioridade lógica, não uma causa oculta: a teoria operará, portanto, por recortes significativos da realidade, com o critério de encontrar unidades e apreender-lhes a coerência [...] para pôr-lhes a descoberto o campo produtor, o real (p. 283).



Eis-nos no âmago da tese do autor, naquilo que dá consistência à sua idéia de que a situação analítica é um instrumento/experimento no qual o ser e o conhecer se dão as mãos. A transferência “acusa” um campo, que a interpretação vai delineando pelo método das retroprojeções comparativas, até decantar sua regra constituinte: tal é o paradigma da operação psicanalítica, e é por esse motivo que a realidade cotidiana entra em crise na terapia – mediante a interpretação, vai surgindo um campo no qual ela se refrata em mil reais e em mil fantasias identificatórias correspondentes. É também o paradigma da análise dos múltiplos reais conduzida nos diversos capítulos: pois o equivalente do “par”, numa psicanálise do cotidiano, são o sujeito e o mundo, em outros termos, a mente e a realidade. Vai-se do imediato para o campo produtor (por exemplo, na fina análise da saudade ou na descrição do real teimoso), ou no campo para o imediato (caso da dor de cotovelo ou do real autoritário). Assim se mostra como o campo se “opacifica” por meio das rotinizações sucessivas.

### Uma realidade pobre

Mas, para fazê-lo, é preciso primeiro se desvencilhar de uma óptica redutora, que vê na realidade um correlato dado desde sempre à consciência. A “teoria explícita” da realidade vigente na psicanálise é descartada por Herrmann, e com boas razões: ela funciona como “garantia” do valor curativo dos fatos em relação às paixões (p. 245), e, no Freud dos “Dois princípios”, é oposta ao prazer como um mandamento ortopédico, cujo escopo é coagir a desmesura das fantasias.

A crítica de Herrmann aponta os dois equívocos principais desta tese: o perceptualismo ingênuo, que equipara “real” a “visto”, e a univocidade da determinação das fantasias (ou da ação, ao menos) pelo dado, como horizonte regulador da “normalidade”. Com toda a razão, lembra que esta idéia se situa aquém das descobertas do próprio Freud, para quem há co-determinação do

interno pelo externo e vice-versa; mas nem sempre Freud é fiel a Freud, que se há de fazer...

É numa brilhante descrição do movimento de vaivém entre fantasia e objeto, ou melhor, do estado de torvelinho no qual tem lugar logicamente a divisão em fantasia e objeto, que fica mais patente a pobreza da tese explícita da psicanálise acerca do real: o maço de cigarros de Herrmann toma seu lugar na galeria dos objetos exemplares, ao lado da mesa de Merleau-Ponty e da máquina de escrever de Giannotti, molécula emblemática do tipo de ser descrito por seus proprietários (p. 250-1). Aliás, é de se notar o caráter quase fenomenológico de várias descrições ao longo do livro, fenomenologia que começa pela colocação entre parênteses da “tese do mundo” (a noção convencional de realidade) e culmina numa paráfrase da definição dada ao comportamento por Merleau-Ponty (modelagem recíproca do interior pelo exterior e vice-versa, transformação constante da materialidade em significado: p. 250). Caberia num outro ensaio interrogar o porquê dessa sombra fenomenológica nos escritos e na prática de tantos psicanalistas de São Paulo; limito-me a assinalar que ela é nítida e forte.

Após uma arqueologia da tese explícita de Freud sobre o real – condensada em sua função educativa e no famoso princípio de realidade – e depois de apontar que a teoria do narcisismo vem abalar os esquemas bem-comportados dos “Dois princípios” e de *Inibição, Sintoma e Angústia*, Herrmann propõe uma árdua exposição da “tese implícita”, aquela que deve subjazer à teoria da mente dilacerada, e que não está nas passagens em que Freud trata explicitamente da realidade.

Mais uma vez, a intuição do autor é fecunda: dever-se-ia procurá-la, sugere, no que Freud diz sobre as origens da humanidade – tanto no sentido de espécie humana (*Totem e Tabu*) quanto no de propriedades definidoras do ser humano. O paralelismo tantas vezes indigitado entre a filogênese e a ontogênese faz aqui figura de fio condutor: seria a representação metafó-



rica e um tanto deslocada da teoria do real que falta à psicanálise. Aqui se trata de escavar a distância entre as paralelas, se se pode dizer assim, mantendo precisamente aquilo que as sustenta em seu espaçamento: o real, a psique, o inconsciente produtor, o desejo, o estrato produtor comum do homem e do mundo. As afirmações sobre a mente (uma das paralelas) deveriam ser na verdade predicados do real: esta é a tese do capítulo 14, de índole mais especulativa, espécie de “prolegômenos a toda metapsicologia futura”.

Na verdade, há aqui mais do que “prolegômenos”: há o esboço de uma teoria substantiva do real, e nisso, parece-me, o projeto de Herrmann tem algo em comum com o de Hegel, pois sua lógica é na verdade sua ontologia. Mas essa direção encontra-se matizada por outra, de índole “parakantiana”: depois do vôo especulativo do capítulo 14, retorna-se ao porto seguro da terapia analítica, para afirmar uma tese de tipo transcendental:

a teoria psicanalítica do real não é, em primeira mão, um pronunciamento sobre as qualidades do real, nem sobre seu estatuto intrínseco, nem sobre seus limites em relação a outras províncias do ser. O sentido principal de uma teoria psicanalítica do real, pelo contrário, está na maneira pela qual esta o acusa [...]. Quando a origem se esconde, o exercício da função originada pode revelar-lhe quando menos a forma presente (p. 279 e 281).

Programa excelente; mas, na verdade, o autor se descuida e *propõe* sua ontologia do real! A tese explícita do livro é, sim, um pronunciamento sobre o estatuto do real e sobre suas propriedades: é produtivo, é campo, é engendrado pelo movimento do desejo, é encoberto em sua multiplicidade pela rotina que o aplaina em realidade etc. etc. Nesses passos, transborda a fronteira que se fixou – escrever como psicanalista uma obra de psicanálise – e se converte em filósofo.

Nada há de errado nisto; a filosofia não é caça restrita aos profissionais. Mas, nesse exercício estrênuo, aceita sem maior questionamento

certas categorias que lhe servem de parâmetro, a começar pela oposição entre essência e aparência que governa a argumentação, ou ainda no trajeto pelo espaço, pelo tempo, pela causalidade e pelo movimento na “metafísica da teimosia” (p. 222 ss.). Se surgem aqui certas indicações valiosas – como as reflexões sobre as magnitudes diversas das ondas temporais da experiência (p. 186) – não é isso, a meu ver, o mais interessante da obra.

O importante, o novo, é conceber a maneira como a teoria “acusa o real” como idêntica à interpretação. Aqui, sim, Herrmann está em seu elemento: efetua a construção de uma teoria da operação analítica e de um método para interpretar, propõe uma concepção rigorosa e original da transferência como elo entre o ser e o conhecer, e aplica com maestria os princípios estabelecidos, proporcionando belas miradas sobre as paisagens que atravessa.

### Crítica da prática

Entre essas paisagens, conta-se a Psicanálise tal como é comumente praticada, ensinada e teorizada no ambiente de inspiração inglesa, vale dizer, no redil de ortodoxia vigente. Aqui o tom oscila entre o afago e a martelada, apesar da denegação formal da p. 186. Herrmann convida seus pares ao reexame de conceitos que, por usura do tempo e por preguiça mental, acabaram por perder completamente seu conteúdo.

A crise atual da Psicanálise, segundo a compreende, vem da ausência de um conceito central, contra o qual se destacariam e ganhariam consistência todos os outros; precisamente, o de real. No lugar deste, uma prima pobre e burra: a noção normativa de realidade. Todo o seu esforço vai no sentido de empregar o método psicanalítico para sacudir a espessura dessa inércia, ou, em seu vocabulário, “romper o campo” da realidade consensual, a fim de permitir que apareçam as múltiplas condições do real que ele recobre. Exatamente assim, na terapia, a superfície do discurso e a fantasia identificatória

que o sustenta como jogo disposicional devem ser rompidas pela revelação de seu campo.

Eis por que, para Herrmann, é imperativo interrogar a propriedade dos hábitos interpretativos que não se pautam por este cânon: sua tese é necessariamente polêmica, ainda que não se apresente como normativa. Desse ponto de vista, seus alvos naturais são os “desvios” e as “impropriedades” da técnica (p. 181-4), que surge, sem exceção, de uma concepção redutora do método analítico e do real por ele instaurado (que se define, é claro, pela ruptura da face rotineira e repetitiva da realidade cotidiana: “deslocamento dos muitos reais que a realidade recobre”, p. 193).

Assim, lança a luva a boa parte das concepções usuais acerca do processo analítico, das interpretações analógicas (p. 118) à atribuição das origens da transferência às virtudes intrínsecas do *setting* (p. 183), da idéia do presente analítico (o famoso “aqui e agora”) ao elogio da “livre observação” (p. 246), da falácia genética (p. 135) à proliferação cancerosa das pseudodistinções dinâmicas (p. 21). Não são, como se vê, questões menores nem querelas inúteis: seu livro instiga a repensar de cabo a rabo a prática analítica e seus impasses mobilizando o debate (espera-se!) e reabrindo-o sobre questões cruciais.

### Trepando nos andaimes

Pois a qualidade principal desse texto é que, a partir da reflexão sobre os pressupostos que constituem a Psicanálise, ele a reinventa no sentido mais amplo do termo: propõe uma renovação de sua linguagem, recentra-a em torno do método, formula hipóteses ousadas sobre os eixos teóricos e clínicos que a organizam. Acha-se aqui esboçadas ou já delineadas as quatro vertentes que, em Psicanálise, especificam uma teoria original: uma metapsicologia, uma hipótese sobre a gênese do sujeito, uma psicopatologia e uma reflexão sobre o processo analítico. As

três primeiras ainda aguardam elaboração mais detalhada; quanto à quarta, não resta dúvida de que proporciona resultados extremamente interessantes.

O projeto é audacioso, e suscita algumas reflexões. Uma delas é que, se no sistema de Herrmann o inconsciente, a transferência e a repressão são reinventados (esta sob o nome de “rotinização”), não se vê muito bem qual o espaço reservado à pedra de toque em relação à qual Freud jamais transigiu: a sexualidade.

Parece que o lugar desta última é ocupado pela noção de real, como sugere uma frase da Introdução (“a força da libido age no real e dele provém”, p. 16). Talvez isso se deva à metabolização de idéias nascidas na esteira da reflexão lacaniana, matriz longínqua de noções centrais no pensamento de Herrmann – a psicanálise como lógica, a preponderância do desejo na ordem eficiente, a mentira como fundação da linguagem e da humanidade, a idéia de que o objeto da psicanálise é o discurso imanente. É claro, por outro lado, que não se trata de um discípulo de Lacan: o papel atribuído ao afeto, a importância dos sentimentos como estrutura essencial da psique (no sentido de estrato comum produtor do homem e do mundo), e a ênfase na idéia de transformação (evidente no trânsito dos reais à realidade) são promissórias da dívida contraída com a escola inglesa.

Mas – atenção! O autor não quer ser “objetivado” na filiação a correntes de pensamento, e tem razão: se os andaimes de seu edifício são feitos da matéria-prima comum, a espécie de madeira conceitual com que se fabrica a psicanálise, a planta e a incorporação são obra exclusivamente sua. É lícito questioná-las, fazê-las vibrar, ainda que por vias diferentes das que propõe: daí a pergunta pelo lugar da sexualidade, assim como pelo lugar da fantasia. Fantasia, é óbvio, não como pólo anteposto a uma suposta “realidade”, mas como dimensão em que o inconsciente se encarna numa subjetividade singular. A categoria do real será suficiente para dar conta desta dimensão? Ou, ao tratar como

epifenômenos gêmeos a realidade consensual e o sujeito que a percebe/deseja, Herrmann não estará reduzindo exageradamente a espessura da subjetividade?

Uma terceira questão diz respeito ao lugar da história e da construção no trabalho terapêutico. Talvez haja uma pitada excessiva de formalismo na insistência em ver no “campo” somente uma anterioridade *lógica*: sem reintroduzir a cronologia eficiente, haveria espaço, creio, para explorar a constituição também no registro do

*après-coup*, da temporalidade peculiar que caracteriza a terapia e seus efeitos.

Essas questões vão além do que pretende o autor. Que seu livro as torne possíveis já é algo a comemorar: é porque reinventa à sua moda a Psicanálise que ele abre espaço para que o leitor, por sua vez, reinvente à sua moda o livro que leu, para com ele e através dele fazer surgir perguntas outras. Entrelaçamento da obra e da leitura: emergência de novos sentidos, ruptura de campo – reinvenção da Psicanálise.

# O método psicanalítico em extensão

Grupo Vórtice de Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos: Cristianne Spirandeli Marques • Daniela Rodrigues G. Gomes • Evaldo Nunes • Joana Darc dos Santos • Karen de Almeida Rodrigues • Léia Souza A. de Araújo • Maria Alzira Marçola • Maria de Lourdes P. Costa • Maria Isma F. Costantin • Rosa Eliza Zago Naves

Resenha de Fábio Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, 2.ed., São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004, 174 p.

Herrmann apresenta, nesta obra, os conceitos básicos da Teoria dos Campos, em uma linguagem clara, aliando-os a vinhetas clínicas que nos ajudam a elucidar e a compreender, em profundidade, nosso fazer clínico. O consultório é mostrado muito mais como um lugar/tempo da magia transferencial, onde habita o *Homem Psicanalítico* – nosso objeto e sujeito do conhecimento –, do que como um lugar físico e fixo. A obra possibilita-nos ainda o acesso a roteiros de estudo mais aprofundados sobre a Teoria dos Campos, a partir de uma série de notas preparadas, minuciosamente, por Leda Herrmann.

O resgate do método psicanalítico surgiu no final dos anos 1960, quando Herrmann procurava desvendar um *fundo comum* nos processos conduzidos, segundo teorias e técnicas diferentes que produziam efeitos parecidos o bastante para reclamarem o nome de Psicanálise. Isso levou o autor a reflexões sobre o método criado por Freud e sobre a malha de regras que se esconde a um palmo abaixo do pensar cotidiano. Tais reflexões possibilitaram-lhe um traba-

lho, livre de jargão escolástico, que se constituiu como um sistema de pensamento. Neste, diferencia *Psicanálise*, com a letra *P* maiúscula, ao se referir ao método e ciência inteira, da *psicanálise*, com a letra *p* minúscula, designando aquilo que o analista faz em seu consultório.

Nos três primeiros capítulos, o autor apresenta-nos a relevância da Psicanálise frente ao trauma no século xx em relação ao que é inerentemente humano, com a perda do mundo da substância social, dos projetos deliberados pelo povo e da racionalidade discursiva.

Nesse mundo em crise, Herrmann enfatiza que a Psicanálise é convidada a entrever e a desenvolver a ciência psicanalítica, encontrando novas aplicações para seu método, o que significa refletir com rigor a respeito da nova situação, criando formas de intervenção em contextos mais amplos. É nesse aspecto que o livro pode oferecer ao leitor idéias e inspiração para a revitalização de sua prática clínica.

O método é a forma geral do pensamento e da ação numa disciplina e, em técnicas diferentes, o mesmo método deve estar presente. Mas como procurá-lo? O autor continua a se perguntar: “que faz um analista?”

Para ele, o analista desrespeita completamente os limites do assunto que o paciente coloca, procurando os sentidos produzidos por aquilo que escuta, em termos emocionais, isto é, em termos da história que lhe está sendo ocultamente contada e vivida na sessão. Segundo Herrmann, a maneira de o nosso método produzir conhecimento sobre a psique humana consiste em submetê-la a uma condição que não se encontra na vida comum, senão de maneira potencialmente diluída e rara: a ruptura de campo. Ao tratar de ruptura de campo, o autor acaba deixando explícito que esta constitui o próprio método da Psicanálise, o qual cria a situação em que os fenômenos podem se dar e, até certo ponto, cria os próprios fenômenos estudados.

A situação analítica é o método em ação. Segundo Herrmann, nosso psiquismo gera e

**Dos autores.** Todos os autores desta resenha são psicanalistas e fazem parte do “Grupo Vórtice: Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos”, fundado em 2003 e constituído por psicólogos da cidade de Uberlândia – MG.

procura manter seus campos, enquanto a situação analítica sistematicamente os desmancha. Por isso, se diz que o método psicanalítico é dotado de *espessura ontológica*, que é uma forma de conhecimento *sui generis* que produz aquilo que estuda, sem que deixem de ser corretas suas descobertas. A espessura ontológica do método é dada por seu estatuto híbrido de operação do analista e estrutura psíquica do paciente.

Na obra, mais uma vez, são retomados os conceitos de *campo*, *ruptura de campo*, *campo transferencial*. Herrmann diferencia *interpretações de sentenças interpretativas*; descreve *expectativa de trânsito*, *vórtice*, *homem psicanalítico*, *zona intermediária*, *contágio*, *identidade*, *real e realidade*, *crença*, *rotina* e *sentido de imanência*.

O autor deixa entrever que conceitos psicanalíticos, tais como interpretação, fantasia, cultura, são repensados com rigor metodológico, visando a maior mobilidade e articulação com as diversas áreas do conhecimento e da cultura humana, o que, a nosso ver, resulta na produção de novos saberes. Ressalta a necessidade de avançarmos na concepção da Psicanálise como uma ciência geral da psique, capaz de sustentar uma gama ampla de práticas e um pensamento mais eficaz sobre o homem.

Outra contribuição importante de Herrmann é a investigação da zona intermediária que se situa, de modo virtual, entre a superfície de representações e a manifestação inconsciente, alimentando, constantemente, a produção de qualquer novo conhecimento. Parece-nos que aí reinventa o estatuto da fantasia na constituição do psíquico e, dessa forma, evita a tendência a traduções simbólicas ou simultâneas, tais como aquelas dos dicionários de sonhos. Apresenta-nos sua concepção de inconsciente como uma espécie final de vários inconscientes constitutivos de nossa psique, denominando-os *inconscientes relativos*. Mas não se satisfaz com essa solução apenas e passa a designar por *campo* os inconscientes que não são restritos ao sujeito, mas, também, sociais, por terem, em sua origem, a cultura.

Herrmann preocupa-se também em examinar o sentido geral da técnica como o de um dos derivados do método. Descreve o que ocorre no processo psicanalítico e sugere alguns recursos práticos. Para ele, o analista não é livre para fazer o que quer, não inventa sentidos, mas apreende os sentidos que surgem, realizando o que o método o conduz a fazer, *deixando que o trabalho de parto psíquico siga seu ritmo próprio*. Tal ocorrência necessita da atitude de disponibilidade receptiva por parte do analista de *deixar que surja, para depois tomar em consideração*, o que significa ter em mente o diagnóstico transferencial. Portanto, propõe um cuidado vigoroso para com os instrumentos técnicos que permitem que o método se ponha em movimento harmonioso e que o analista consiga acompanhar seus efeitos.

Discute também a posição da teoria diante do método, de forma semelhante à adotada em relação aos movimentos técnicos, e as implicações de o conceito psicanalítico de inconsciente ter sido criado juntamente com a invenção da Psicanálise. O inconsciente freudiano é apontado como diverso de tudo que lhe precedeu. Uma das raízes da Teoria dos Campos é a constatação de que a Psicanálise levada a cabo por Freud, mesmo no plano puramente clínico, como também no da cultura e no da teoria, aponta sempre para o inconsciente, mas não necessariamente para um mesmo inconsciente. A cada movimento analítico descobre-se um inconsciente ligado ao tema e ao modo utilizado de exploração interpretativa.

A noção de *campo* é entendida como um *inconsciente relativo* de uma determinada análise ou relação. Oferece movimento à teoria um, torna-a mais dinâmica, propiciando, a cada encontro analítico, novas teorizações, o que Herrmann chama de *prototeorias*.

A leitura de Freud é tratada pelo autor como uma reflexão a respeito do método, da clínica, das teorias e da investigação psicanalítica. Ele acrescenta que, para quem quiser conhecer Psicanálise, é indispensável ler Freud e, sobretudo, saber lê-lo. Entendemos que, dentro da Teoria dos Campos, a reflexão metodológica



nos leva a certas considerações sobre a leitura de Freud sem, no entanto, ter um padrão a propor.

Herrmann assinala que há um grau ideal de focagem que não se pretende vago, pois, assim, correr-se-ia o risco de realizar um trabalho clínico às cegas; não devendo, também, ser exageradamente minuciosa, pois isso poderia levar a uma miopia conceitual. Ele aponta o problema da leitura que é uma espécie de abstração generalizadora e acena para o perigo de se universalizarem e reificarem os conceitos psicanalíticos, em vez de se partir do método. Apresenta Freud como o autor de um extenso romance científico que vingou no mundo real, cujo personagem principal é o próprio psicanalista. Assim, o que podemos e devemos fazer é ler a obra da qual somos personagens.

Nessa perspectiva, Herrmann retoma, de seu pensamento fundamental – o método psicanalítico – tanto o valor interpretativo, quanto o valor científico que este produz, identificando-o com a forma de escrita de seu principal mestre, Freud. Pensa que a escrita freudiana deixa à vista *de onde e como* surge a reflexão psicanalítica, ou seja, acaba por revelar o ponto de vista que o psicanalista tem do mundo, o qual determina os contornos e limites de seu ato de conhecimento sobre a realidade, a fantasia, a verdade *versus* a mentira, o fato *versus* o equívoco. E são esses produtos investigados por ele sobre a reflexão psicanalítica que promovem sua noção de *real*. O autor nos faz caminhar pelo método em condição de ruptura de sentidos, considerando a lógica que costuma permeiar as relações humanas.

Este livro nos mostra com clareza que retratar as origens do psiquismo é uma tarefa bastante complexa e nos conduz inevitavelmente para fora da Psicanálise, pois perguntar pela origem absoluta do psiquismo seria como perguntar pela origem da matéria. Para Herrmann, a polêmica a respeito de ser a psique um fenômeno individual ou social não importa, pois o que é fundamental, e o bastante, é que seu sentido se faz no mundo humano.

Buscando abordar a questão pela ótica da Psicanálise, pergunta: *Onde exatamente começa a ter cabimento psicanalítico a pergunta que interroga o psiquismo individual?* Para responder, tem por base a transmissão da forma humana para um novo ente singular e, desse modo, cria um modelo *teórico ou ficcional* para explicar a constituição do psiquismo infantil e, de forma instigante, ressalta que o infante, inicialmente, está preso ao *cerco das coisas*. A partir daí, apresenta conceitos como *mentira original*, *fantasia de autobastância*, *luto primordial* e, finalmente, a complexa constituição do desejo. Amplia essas formulações para o contexto da humanidade que, com o desenvolvimento da cultura, ascendeu à condição de psique humana.

Partindo dessas proposições, Herrmann assinala a importância de um espaço social microscópico, a situação analítica, que possibilita, mesmo no adulto, a abertura de novos espaços de humanidade no psiquismo. Considera o desejo e o objeto do desejo como permeados pela questão fundamental do ser humano, articulando-os com a falta que nos constitui. Relacionado com esta concepção de desejo, apresenta-nos o ponto de vista da Teoria dos Campos sobre o eu, concebido como uma posição ocupada sucessivamente por *representantes* de diversas tendências internas. Afirma que, em qualquer ação intrapsíquica, há, pelo menos, dois eus em interação, havendo uma espécie de circulação de eus a ocupar a posição de sujeito psíquico.

O autor atribui ao trabalho analítico a função de dar voz aos eus deslocados, evitando o predomínio prolongado de qualquer dos eus, ou sua ditadura psíquica. Para argumentar sobre a idéia de *identidade*, ele segue duas vertentes. A primeira refere-se à garantia identitária ou ao *sentido de imanência*. A outra diz respeito propriamente ao eu. Nesta vertente, intervêm duas noções muito importantes para a Teoria dos Campos: *mentira original* e *paixão do disfarce*. Quando o analista considera o eu múltiplo e o eu como disfarce, tem a possibilidade de duas decorrências: dirigir as interpretações ao ende-

reço certo e não confundir levantamento de um disfarce com a verdade.

Quanto ao temário da sexualidade, o autor também recupera o papel central que este ocupa na Psicanálise, alertando para a existência do que oportunamente denomina *repressão teórica* da sexualidade. Nessa perspectiva, desenvolve a idéia freudiana de uma continuidade entre perversão e sexualidade normal, afirmando que o perverso é a extrema especialização, mesmo a especialização em *sexualidade normal*. Considera, também, o *voyeurismo* e o *exibicionismo*, pondo em evidência as qualidades do *apelo sádico* que o objeto exerce. Para o autor, a perversão descobre algo no mundo, mas interpreta-o mal, por radicalizar a diferença.

Herrmann toma em consideração as categorias tradicionais da psicopatologia, tais como neurose, psicose e perversão, sendo que os aspectos psicopatológicos são tomados por ele como um pensamento e um olhar constante para a lógica psíquica interna, buscando investigar formas de ser mais específicas, analisando sentimentos, estruturas vitais características, modos sintomáticos, sem os reduzir a formas nosográficas. Aponta ainda dois aspectos fundamentais do diagnóstico psicanalítico: o histórico e o transferencial, pois o que se procura é discernir o sentido da história do paciente. Por meio deste, estabelecem-se estratégias de intervenção que rompem o jogo circular do sintoma, sendo a análise composta por três dimensões temporais simultâneas. Diagnóstico e cura se entrelaçam à medida que a psicopatologia pode ser interpretada, rompendo campos que obstruem a cura.

Embora o autor não se estenda, neste livro, sobre conceitos da psicanálise do cotidiano, visto já ter escrito um dos volumes de *Andaimes do real* sobre o tema, deixa clara a importância para a Teoria dos Campos, ao apontar a função que têm as noções de real e realidade na prospecção realizada no mundo cotidiano que, como psique do real, determina para seu homem peculiaridades de pensamento e ato.

Acreditamos que ler este e tantos outros livros de Fabio Herrmann conduz à busca de aprofundamento da formação teórica, ao reconhecimento do ganho que podemos ter ao tomar em consideração os enunciados – às vezes difíceis – da teoria, sem distorcê-los ou reificá-los, mas, sim, para ampliar o espectro de nossa escuta e de nossa capacidade para gerar novos conhecimentos advindos da prática em Psicanálise.

Fabio Herrmann (1944-2006) foi psicanalista, criador da Teoria dos Campos, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1985-1986) e da FEPAL (1986-1988), fundador do Centro de Estudos da Teoria dos Campos (CETEC) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, no qual lecionou de 1984 até seu falecimento. Publicou 105 artigos científicos e 30 capítulos de livros, além de vários livros, entre os quais os três volumes de *Andaimes do Real*, *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação (traduzido na Argentina)*, *O que é Psicanálise – para iniciantes ou não...*, *A Psique e o Eu*, *Introdução à Teoria dos Campos*, *O Divã a Passeio: À procura da psicanálise onde não parece estar*, *A Infância de Adão e outras ficções psicanalíticas..*

**Cristianne Spirandeli Marques** é mestre em Psicologia Aplicada e especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

**Daniela Rodrigues Goulart Gomes** é mestranda em Psicologia Aplicada pela UFU e especialista em Psicossomática pelo Sedes Sapientiae.

**Evaldo Nunes** é especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

**Joana Darc dos Santos** é mestre em Ciências da Saúde e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

**Karen de Almeida Rodrigues** é mestre em Educação pela UFU e arte-terapeuta pelo Sedes Sapientiae.

**Léia Souza Alves de Araújo** é mestre em Educação e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

**Maria Alzira Marçola** é mestre em Psicologia Aplicada pela UFU e Especialista em Psicologia Clínica Psicanalítica.

**Maria de Lourdes Pereira Costa** é especialista em Orientação Sexual.

**Maria Isma Ferreira Costantin** é assistente social, psicóloga e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

**Rosa Eliza Zago Naves** é especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

# Uma micropolítica das violências contemporâneas

Maria Cristina Gonçalves Vicentin

Resenha de Maria Laurinda Ribeiro de Souza, *Violência*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005, Coleção Clínica Psicanalítica.

A empreitada realizada pela autora – pensar as modulações contemporâneas da violência, a partir das ferramentas psicanalíticas – se ancora e se efetiva numa *atitude ético-clínico-política*: convocada pela “vida, (pel) o espanto diante de experiências assistidas ou relatadas e (pel) a escuta na clínica de várias situações extremamente impactantes acerca da violência” (p. 25), a autora busca habitar os paradoxos dessas modulações e, numa perspectiva transdisciplinar de análise, encontrar as vias mais potentes para pensar-agir nesses tempos de “terra de ninguém”<sup>1</sup>. *Enricheirados numa terra de ninguém*, num estado de exceção<sup>2</sup> é a imagem-força que a autora utiliza para expressar as experiências contemporâneas da violência:

- 1 Título do filme de Danis Tanoniv em que um soldado bósnio e outro sérvio ficam presos numa trincheira localizada entre as forças dos exércitos dos dois países.
- 2 G. Agamben, *Estado de exceção*, São Paulo, Boitempo, 2004.
- 3 Contribuições de historiadores, cientistas sociais, psicólogos, filósofos são trazidas pela autora para sinalizar a química explosiva de nosso tempo: o processo de globalização e sua produção da desigualdade, marginalidade e tanatopolítica; a sobrevalorização do mercado de consumo; a humilhação social e as formas perversas de governabilidade.

**Maria Cristina Gonçalves Vicentin** é professora doutora do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUCSP, no qual coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas “Violências: sujeito e política”.

a constrição do espaço público, a privatização da vida, a sociabilidade do medo e sua clausura paranoica, a degradação dos laços sociais e a constituição de uma sociabilidade violenta<sup>3</sup>.

O ataque homicida a moradores de rua em São Paulo (ocorrido em agosto de 2004) é um dos exemplos contundentes e paradigmáticos trazidos, já na abertura do livro, para evidenciar a atrofia do espaço público, o projeto eugênico para os “dejetos” sociais, mas também o “medo daquilo que o ‘outro’, superficialmente diferente, pode revelar de igual” (p. 20), alinhando-se à hipótese levantada por C. Calligaris no texto “Quem tem medo dos moradores de rua” (*Folha de S. Paulo*, 26/08/2004) sobre o medo do duplo. O ataque seria a forma de apagar as marcas do próprio medo da indigência e da ausência de projetos.

Em tempos de prevalência do narcisismo, do individualismo e da alienação (analisados com consistência no capítulo 3, com base em diversos pensadores do contemporâneo, como A. Giddens, Z. Bauman, p. Bruckner, F. Lyotard, G. Lipovetsky); em tempos em que a existência do outro perde seu valor simbólico e torna-se cada vez mais uma ameaça (p. 20), a superação da posição narcísica e dos efeitos nefastos do individualismo é condição fundamental para a constituição dos laços sociais e para a recriação do poder de ação e de discurso dos homens comuns (p. 81). Nesses tempos, as análises macropolíticas da violência precisam mais do que nunca abrir espaço para a perspectiva micropolítica, em que a dimensão das crenças, dos desejos, dos processos de subjetivação têm lugar. Pois, para ativar os laços sociais, não basta trabalhar apenas com “acordos de opinião” e/ou consensos (isto é, com o campo comunicacional) ou considerar apenas o campo das representações e da consciência (sejam elas coletivas ou individuais). Em se tratando da temática da violência, é necessário descer até os espaços infinitesimais e micropolíticos da sociedade, pois o melhor dos *socius* é o que está dotado de forças para resistir a seus próprios autoritarismos e intolerâncias.

A autora desdobra ao longo do texto a atualidade e a potência da perspectiva (psico)analítica na análise “micropolítica” das atuais modulações da violência e anuncia sua aposta:

a experiência analítica, ao colocar em cena o exercício da palavra dirigida a um outro, torna-se um dos micro-espacos privilegiados nos quais o circuito da violência pode ser interrompido. [...] Seu apelo (da psicanálise) ao reconhecimento da alteridade, ao valor do desejo e da lei simbólica e sua capacidade de análise das situações de sofrimento decorrentes do embate entre o sujeito e a própria civilização podem nos ajudar a interromper os efeitos nefastos dessa “moção maligna”<sup>4</sup> entre os homens e a processar outras respostas possíveis (p. 23).

Se a perspectiva psicanalítica é claramente acionada em sua potência de pensar o contemporâneo, a autora não o fará sem colocar algumas regras de *prudência*, sem anunciar os *riscos* em questão e sem experimentar as *atualizações* e *variações* necessárias dos conceitos psicanalíticos para essa tarefa. Vejamos. A empreitada é de *risco*: se a discursividade sobre a violência constrói a própria violência – como se pode rapidamente detectar na espetacularização da violência empreendida pela mídia – como fazê-la desde a mirada psicanalítica, que inscreve a violência como *constitutiva da cultura e da subjetividade*, “sem que essa perspectiva seja utilizada para banalizar, justificar atos violentos ou ainda relativizar as referências entre o legítimo e o ilegítimo?” (p. 57), ou ainda, acrescento, para adensar os discursos da “irracionalidade” e do sem-sentido da violência? De fato, em tempos de “medo social”, de risco de uma “sideração pela violência”, a construção de respostas cada vez mais “penais”, repressivas ou simplificadoras – como temos visto com a criminalização da pobreza, o crescimento do aparato penal e a discussão em torno da redução da idade penal – têm sido hegemônicas. Como evitar o risco de dar munção para essa discursividade e manter a potência de problematização colocada pela psicanálise?

Na via das *atualizações*, ela nos alerta ainda que é necessário, para pensar a violência hoje, inverter o caminho original de Freud que desvendou nas *fantasias* o cenário do temido: “os tempos de hoje são crus. A escuta nesses tempos de horror tem de se haver com o ódio, com a crueldade derramada, sem limites, sem fronteiras. [...] Há que reconhecer o real do traumático, as feridas na carne, o pânico do corpo...” (p. 25).

Mas é preciso também *prudência* no trabalho com a psicanálise. Alinhando-se a Derrida (*Estados da alma da psicanálise*, 2001), a autora entende que à psicanálise não cabe o julgamento do bem e do mal e nenhuma decisão acerca das punições a serem tomadas frente a atos dito violentos. Para tanto, o saber psicanalítico tem a responsabilidade de considerar o que acontece fora do seu campo. “Para passar à decisão é preciso um salto para fora do saber psicanalítico enquanto tal”, citando Derrida (p. 58). Mas, de outro lado, a autora entende que “as decisões a serem tomadas pelo direito, pela ética, pela política, têm, também, a responsabilidade de levar em conta o saber psicanalítico” (p. 58) e ela não se furta a provocar as relações e intercessões possíveis por meio desse livro: seja para tensionar o campo de decisões, seja para produzir nele novas inflexões ou desvios, seja ainda para fazer ressoar uma direção “comum” de ação.

É na perspectiva transdisciplinar, nas relações da psicanálise com o *fora do saber psicanalítico*, que a autora encontrará armas potentes: trabalhando a questão da violência como *produção histórica* e elegendo a via da *política e da construção do espaço público como aquelas estratégicas para desconstruir e prevenir a violência*. Para tanto, os parceiros fundamentais serão especialmente H. Arendt, em seu esforço conceitual de distinguir *força, poder e violência*, e J. Derrida, na tematização da *alteridade*, da tarefa inesgotá-

4 Termo utilizado por Freud em *Totem e tabu* e preferencialmente adotado pela autora para referir-se à “soberana crueldade” (J. Derrida, *Estados gerais da psicanálise*, 2000) como uma das dimensões da pulsão de morte.



vel do encontro com a diferença e especialmente no paradoxo do *hostis* (que tanto pode ser hostil como hóspede).

Mas outra arma, igualmente valiosa, de que se valerá a autora, é a de uma “política da escrita”. Maria Laurinda Ribeiro de Souza nos traz um texto denso conceitualmente, mas também poético, valendo-se de imagens, cenas, fragmentos da clínica que carregam uma expressividade totalmente inversa à da espetacularização da violência, produzindo afetações e inflexões discursivas diferentes das hegemônicas e provocando no leitor outros regimes de percepção, de visibilidade e outras atitudes no tocante à temática da violência. Ou seja, não importa apenas o que se diz, mas como se diz<sup>5</sup>. A autora percebe que é crucial, política e metodologicamente, construir narratividades capazes de variar e de fazer diferir as “expressões” da violência e a produção de sentidos em torno dela. Mais do que apresentar os conceitos de *hospitalidade* e de *alteridade*, Maria Laurinda parece seguir à risca essa aposta: produz um texto “hospitaleiro”, aberto à *inclusão* dos saberes estrangeiros à psicanálise, mas principalmente às demandas da realidade que pedem atualizações para o saber psicanalítico. É por isso que o mote *terra de ninguém*, na sua versão inicial de “estado de exceção”, de “descumprimento do contrato social”, é levado ao final do livro à sua variação: como lugar-fronteira, do “entre”, como um “bom lugar para pensar sem dever nada a ninguém”<sup>6</sup>, lugar de “*hospitalidade pura*”<sup>7</sup>. Fazer da “terra de ninguém” uma “terra para qualquer um...” é o trabalho a que o texto nos convida pelas mãos das ferramentas psicanalíticas na sua intercessão com a política.

5 De fato, o excesso de tematização sobre a violência teve o efeito de construir um determinado imaginário sobre ela, que passou a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas, ou seja, a violência também aparece como linguagem, como ato de comunicação. Daí a importância de uma política da narratividade. A guerra pela produção de sentidos, como sempre insistira Foucault (1988), nos coloca na temática da “produção da verdade” como um ponto nevrálgico das operações de poder.

6 C. Calligaris, *Terra de ninguém*, São Paulo, Publifolha, 2004.

7 J. Derrida, *Da hospitalidade*, São Paulo, Escuta, 2003.

Acompanhemos com mais detalhes os eixos centrais do trabalho conceitual empreendido. É em torno da via da *política e de construção do espaço público* que a autora desenvolverá o argumento principal do livro: para reverter a violência, precisamos de atos positivos que apóiem e realizem uma complexa prática de consolidação de vínculos sócio-comunitários, de tecidos conjuntivos que desarmem os fantasmas da dissolução e da impotência coletiva e que criem novos valores práticos capazes de revolucionar a sociabilidade e escapar do individualismo. Identificam-se, ainda, intercessões importantes entre H. Arendt e a psicanálise no tocante à distinção entre poder e violência: se para Arendt é a desintegração do poder que possibilita o surgimento da violência, para a psicanálise, onde há uma lei simbólica degradada, certamente se farão sentir os efeitos mortíferos da “moção maligna”.

A dualidade colocada na pulsão de morte, a polaridade eu-outro, amor-ódio, que estarão sempre presentes na vida psíquica, tornam tarefa contínua sua metabolização, do mesmo modo que é na perspectiva do trabalho permanente da palavra, do diálogo e da construção política para a gestão contínua do conflito que se constroem o *espaço público* e o *direito a ter direitos*: a “terra de qualquer um”.

Se no enfrentamento da violência são necessárias as narrativas e a palavra, também é necessário *arriscar atos*, diz a autora (p. 152). É na idéia de *ação* (para H. Arendt, uma das mais decisivas experiências humanas, sendo capaz de iniciar processos novos) e de *ato* (em S. Žižek) que novas aproximações ganham relevância.

Se a transformação da realidade – restaurando o valor do espaço público, em atos e palavras – é o caminho possível, a autora também se interroga se as expressões contemporâneas da violência deixam ainda essa esperança.

Afinal, com a fragmentação ou o declínio dos espaços políticos, as expressões da violência indicam, de certa forma, perda, déficit ou ausência



de conflito (como nos sugere Wieviorka)<sup>8</sup>. Ou seja, não remetendo à imagem de um conflito, ou mesmo de crise, a violência pode parecer, em casos extremos, um fim em si mesma, puramente destruidora ou auto-destruidora, podendo tornar-se negação da alteridade e expressão desumanizada do ódio, da destruição do Outro. Nesta circunstância histórica, a violência vai perdendo seu caráter “analisador”, sua função crítica e se torna um novo padrão de relação no cotidiano da vida das pessoas, particularmente das novas gerações socializadas neste novo padrão de convivência.

Se, de um lado, é importante opor a violência ao poder (tal como Arendt e também Foucault formulam) naquilo que ela é ameaça à convivência pública, é fundamental não encarar a violência como uma “situação de exceção”, de “anomia” ou de “caos”, muito menos como resquício de um “barbarismo” em vias de extinção. Cabe lembrar também que, em seus escritos sobre violência, poder e democracia, a filósofa Hannah Arendt reconheceu o papel e o alcance da desobediência civil na construção da vida democrática, a necessária dimensão da ira e da resistência: ver-se desobrigado a cumprir a lei quando a *reciprocidade inerente a toda promessa for rompida* é ato eticamente válido.

De fato, depois de tantas aproximações entre a filosofia política e a psicanálise, que formulam que a saída é o poder, a via da política, fica a questão: o que é agir politicamente nesse tempo e nessa realidade de violência institucionalizada? Realidade na qual tantos seres humanos são integralmente privados de seus direitos e de suas prerrogativas, a ponto de não ser delito qualquer ato cometido contra eles (como o estado de exceção em Agamben).

Não por acaso uma das cenas finais do livro invocará a experiência da ditadura latino-americana em seu período de terror (na figura da tortura, do seqüestro e do genocídio) e a violência de estado: sinistra institucionalização da violência para fazer frente ao processo de democratização que estava em curso. Institucionalização

da violência que persiste hoje, a despeito da redemocratização, na criminalização da pobreza, na construção do medo difuso, de um estado penal e de uma sociabilidade nada hospitaleira<sup>9</sup>. O medo como eixo dos discursos atuais da segurança indicam, para muitos estudiosos, a passagem de um paradigma da segurança para o da insegurança como parte da gestão da sociedade contemporânea: jogar com a confusão entre os sentimentos de incerteza, falta de garantias e insegurança, semeando o medo e a desconfiança entre as pessoas, é um pretexto para tornar mais repressivo o controle social punitivo. Neste contexto, a reocupação do espaço público como estratégia política, tal como indicado pela autora, é crucial.

Ao possibilitar que um pensamento e uma problematização sobre a violência se exercitem em tempos que favorecem a indiscernibilidade e a construção de um objeto difuso – “a violência generalizada” –, a autora já se alinha aos que trazem contribuições relevantes para essa questão. A problematização constitui novas linhas de demarcação, nos permite re-ativar a função de análise (e conseqüentemente política) que a violência pode ter e nos convoca a exercitar palavras e atos que construam *socius*.

- 8 Wieviorka (1997) aponta para a necessidade de pensar um novo paradigma da violência, dadas as profundas transformações no mundo contemporâneo e a centralidade que a violência aí adquire. Sua tese é de que, tanto como realidade histórica quanto como representação coletiva e objeto de análise e reflexão para as ciências sociais, a violência contemporânea parece modelar um novo paradigma: ela apresenta-se ao mesmo tempo globalizada e localizada, mundializada e fragmentada; ela vem sendo atravessada também pelo crescimento do individualismo moderno, estando carregada de significações mais culturais e identitárias que sociais; ela funciona por condutas que, mais além da expressão de uma crise ou de um conflito, parecem “autonomizar-se”. (“O novo paradigma da violência”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 9 (1), p. 5-41).
- 9 Singularidade da experiência latino-americana, que se avizinha das outras experiências do estado de exceção que a autora traz para o texto (Guantánamo e Abhu-Graib no Iraque).

# O que um psicanalista tem a dizer sobre a contemporaneidade?

Alessandra Monachesi Ribeiro

Resenha de Joel Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

Joel Birman – seguramente um desses autores que parecem não recuar em face ao mais inquietante do fazer e do pensar psicanalítico na contemporaneidade – dá continuidade a suas reflexões em seu novo livro: *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Pautado pelo método genealógico de Foucault e pelo conceito de arquivo de Derrida, Birman persiste na construção, cuidadosa e detalhada, de fios que se articulam na tentativa de configurar algum sentido para o que seja a subjetividade atualmente. Através da presente compilação de ensaios, o autor transita pelos temas cuja consistência já tivemos oportunidade de ler em outras obras, e que me parecem ser a base sobre a qual repousam suas reflexões teóricas: as idéias de mal-estar, desamparo e feminilidade.

O percurso do autor, já há algumas décadas, visa à produção de um pensamento sobre a psicanálise – e, a partir dela, sobre a contemporaneidade – tanto mais autoral quanto mais crítico do estado de coisas atual. E, ao dizer crítico, faço referência a um modo de reflexão eminentemen-

te psicanalítico já que, lembremos, a psicanálise se constitui subversiva, engajada, libertária e, conseqüentemente, crítica de um certo existir humano característico da modernidade em que teve origem. O que desperta interesse na obra de Birman é o quanto esse pensar psicanalítico, para se manter crítico e vivo, necessita se articular com o fora de si, tanto para poder olhar e dizer sobre esse fora, quanto para retornar essa crítica à própria psicanálise. Uma psicanálise que se articula com outros campos de conhecimento e deles retira munição para se repensar, se desconstruir e se reafirmar em seus princípios.

Se devemos a Freud a ousadia de cutucar a ferida desde dentro – já que se trata, aqui, de um homem produto da modernidade da Viena do século XIX – apontando ao sujeito aquilo que o transborda e que, com isso, o descentra, parece-me ser nessa subversão originária que se apóia Birman para sustentar – nos tempos atuais, em nosso país e com as instituições da psicanálise em franco estado de crise – uma postura comprometida com esse posicionamento crítico ao qual a psicanálise deve tanto sua origem quanto sua condição de sobrevivência. Não é à toa que ele parte, com frequência, de Freud, e dele depreende as interessantes derivações que faz em seus conceitos sobre o desamparo e a feminilidade, nos quais se vê claramente o resultado de um trabalho autoral, marcado por múltiplas influências, em que tais conceitos avançam por veredas inovadoras.

Por meio do mapeamento das condições de nossa subjetividade contemporânea, dos mais diversos ângulos pelos quais sua construção possa ser abordada, Birman parece endossar a concepção de um momento de ruptura para a humanidade, com tudo aquilo que esse desmoronamento e suas conseqüências implicam para a organização de nossos psiquismos. Tempos difíceis esses, e os textos em que ele se põe a caracterizá-los não se limitam ao retrato perturbador de uma época, mas se ampliam ao perscrutar suas origens, suas condições de configuração e, ainda, suas possíveis conseqüências em termos de sofrimento individual ou social. É assim que

**Alessandra Monachesi Ribeiro** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutoranda em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP.

apontará, por exemplo, na situação brasileira de desigualdade social, para a desigualdade na distribuição do gozo, ou que discorrerá, com igual interesse, sobre a criminalidade, a loucura, o assédio, a soberania e a judeidade, enfatizando sempre as condições para o surgimento desses temas na modernidade, bem como suas implicações no atual estado de mal-estar.

Com isso, o autor faz uma análise em que a crise da modernidade – retratada na decadência da figura do pai como símbolo de poder, autoridade e transcendência, atribuídos outrora às figuras do soberano e de Deus – constrói uma experiência subjetiva marcada pelo desalento, pela perda nos processos de simbolização e pela conseqüente vivência da dor, que desemboca em uma miríade de sintomas sociais ou psíquicos que, trabalhados pelo autor em seus ensaios, constituem exemplos instigadores de um movimento de reflexão por parte do leitor que tem que se haver com a crueza e a tragicidade da catástrofe por eles anunciada. Sigamos, então, seu percurso inquietante.

“[...] o vazio da subjetividade atual é o correlato do mundo que perdeu o sentido” (p. 193).

O mal-estar é decorrência dessa falência dos andaimes sobre os quais nossa cultura – tanto quanto os indivíduos – tem se pautado há tanto tempo para a criação de um lugar e de uma inteligibilidade para o mundo que nos cerca. Em seus ensaios, então, o autor retoma a idéia do mal-estar que se inscreve em três registros psíquicos – corpo, ação e sentimento – e dá mostras de como o sofrimento se nos afigura hoje em dia. O corpo não funciona a contento. A ação se impõe como hiperatividade. Tudo remete a um excesso, subjacente às novas patologias, que fica retido no corpo quando não consegue ser escoado para a ação. O excesso é, antes de tudo, sentido. Com a dificuldade crescente dos indivíduos em regular essas intensidades e absorver os excessos, o que temos é a emergência do trauma e da angústia como modos cotidianos de impacto das experiências nos sujeitos. Com isso, o pensamento se impossibilita e temos um indivíduo cuja capacidade de

recorrer ao simbólico se encontra extremamente prejudicada. Não se consegue mais transformar dor em sofrimento – que demanda, para existir, que haja conflito e, conseqüentemente, que algo se enuncie no campo do pensamento e do simbólico – e perde-se, assim, a forma privilegiada pela qual a subjetividade poderia metabolizar seu mal-estar. Decorre daí o aumento da violência, da crueldade e da barbárie.

Se a barbárie poderia ser entendida como oposta à civilização, Birman nos mostra que ambas compartilham uma mesma fronteira. A barbárie seria fundante da civilização e diretamente implicada no seu estabelecimento. É o que o autor retoma a partir de sua leitura de “Totem e tabu”<sup>1</sup>, em que Freud permite articulá-la com a constituição primitiva do psiquismo. A construção de uma hierarquia entre barbárie e civilização se deve ao paradigma evolucionista que dominou a modernidade, e desembocará na possibilidade de que o reconhecimento do outro e da diferença deixe de existir na contemporaneidade. As respostas catastróficas que se constroem como formas de sofrimento e dor, bem como de convulsão social, são os modos e meios de que dispomos para lidar com as vicissitudes do humano atualmente, em seu confronto com o desamparo, e os quais devemos às formas dessubjetivantes propostas pela biopolítica e pelo biopoder, também retomadas pelo autor ao abordar o tema da barbárie.

Do desamparo, podemos dizer que é a condição existencial do ser humano. A novidade, aqui, reside na proposição de que a lógica fálica, como modo de constituição psíquica, além de não ser um invariante, pode se apresentar, também, como formação defensiva contra tal condição. É assim que Birman nos mostra a maneira pela qual uma posição de submissão decorrente dessa lógica se consagra como o modo de subjetivação da modernidade, já que ela nos preserva no lugar de vinculação a uma referência de autoridade a qual, também com a modernidade, há muito já

1 S. Freud, “Totem e tabu” (1913), in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XII, p. 13-169.

perdemos. Trata-se de um lugar masoquista de constituição subjetiva, relativo e reagente às condições existentes em nossos tempos.

Se nos encontramos em um momento marcado pela servidão e pelo pacto masoquista nas relações, a psicanálise, por sua vez, não escapa de se aferrar a esse *modus operandi*. As instituições psicanalíticas também são permeadas pelas relações de servidão. Em vez do confronto com o desamparo, decorrente da perda inerente às reviravoltas e deslocamentos da identidade promovidos pela experiência analítica, o que encontramos muitas vezes entre nós, psicanalistas, são todas as formas de evitação dessa experiência de desterro por meio das relações servis. E o autor, incomodamente, nos pergunta: “Que modalidade de experiência intersubjetiva é promovida pela psicanálise, afinal de contas, para produzir com tanta frequência a servidão como efeito destacado?” (p. 30).

É interessante pensar que a mesma psicanálise que faz a crítica da modernidade, por meio da afirmação freudiana da positividade das perturbações do espírito e pela ênfase no descentramento do eu como posição fundante da subjetividade – ou seja, aquela que dá voz e vez à barbárie no cerne da civilização, para usarmos o vocabulário construído por Birman em seus ensaios – possa se ver enredada na lógica de funcionamento que sustenta aquilo em oposição ao que ela surgiu. O paradoxo da modernidade e de sua crítica, pelo visto, não escapa aos psicanalistas e às suas instituições e, se a psicanálise encontra-se em crise – devido ao confronto cotidiano com um modo de pensar o sofrimento pautado pela medicalização e pela ausência de sentido – o autor acentua que essa crise se refere a uma psicanálise que se presta em manter o compromisso ético e político de crítica da modernidade que lhe deu origem. E é a essa psicanálise que Birman se alia em suas reflexões, inclusive acerca do campo psicanalítico.

O desamparo, realçado pelo autor daquilo que Freud propõe como pulsão de morte, é “[...] a outra face da modernidade” (p. 47), o preço que pagamos por termos nos comprometido com o pro-

jeto moderno. A psicanálise surge como discurso quando o projeto de modernidade já se encontra em declínio, ou seja, quando as figuras da razão, do eu e da consciência, pautadas e sustentadas por seu correspondente – a figura do pai – já foram destituídas. E, paradoxalmente, tanto Freud quanto Lacan – e esse último em especial – centralizam seus esforços na tentativa de recuperação da metáfora paterna como fundação do psíquico.

Despossuídos das certezas promovidas pela modernidade, como os sujeitos fazem para dominar o desamparo nos tempos de hoje? Birman aponta o masoquismo, a violência, a servidão e a despossessão subjetiva como os principais caminhos trilhados pelos indivíduos, hoje em dia, para se haver com sua precariedade, e realiza uma cartografia do mal-estar que passa pelo sofrimento vivido no corpo, na ação e na intensidade do sentimento, marcado por uma tonalidade traumática.

Contudo, ao contrário de alguns pensadores da ruptura que se detêm na enunciação do atual estado catastrófico de coisas, o autor parece sustentar, juntamente com a análise que faz e, talvez, precisamente em decorrência dela, uma esperançosa posição de aposta no que seriam possibilidades menos esmagadoras e mais criativas de existir. Assim chegamos ao terceiro ponto de amarração de seus textos nesse livro: a feminilidade como via outra de subjetivação.

“[...] como é possível para a individualidade ordenar-se psiquicamente sem contar com a presença e a referência de um pólo único e central de poder?” (p. 209). Esse parece ser o grande desafio da contemporaneidade e o autor, com seu recurso à feminilidade, vislumbra uma maneira. Em seus ensaios, ele aposta na constituição de novos modos de subjetivação – e no estabelecimento de relações a partir deles – como a possibilidade de fazer frente ao desmoronamento do modo de constituição patriarcal.

Assim, é nas relações horizontais, fraternas, nas quais a servidão ao outro perde o sentido, já que não se trata mais de uma questão de poder, mas do compartilhamento de um desamparo de



origem que deixa a todos mancos, que Birman parece encontrar um caminho para as subjetividades contemporâneas. A fraternidade aparece como antídoto contra nossa atual cultura do narcisismo e do espetáculo. Trata-se do resgate da possibilidade de referência a um outro para a constituição subjetiva, ou seja, da consideração da alteridade e da diferença enquanto tais, sem que elas se traduzam em hierarquias.

Com o esvaziamento da metáfora paterna, o autor encontra nas referências ao feminino, feitas por Freud no final de sua obra, o material semeador de suas reflexões acerca da feminilidade como modo de constituição subjetiva que considera o desamparo em sua construção. E, uma vez que essa articulação entre a feminilidade e o desamparo, como formas outras que escapam ao modo patriarcal de subjetivação, seja feita por Birman, resultando em um modo de entender a condição de precariedade humana em sua positividade, cabe a pergunta: seria realmente necessário aproximar tal construção da idéia de vida nua formulada por Agamben<sup>2</sup>? Ou não seria, antes, o desamparo pensado em sua articulação com a feminilidade a possibilidade de algo completamente distinto do que a radicalidade da servidão subentendida na vida nua nos propõe? Pois, se o primeiro aponta para um modo de existir que toma em consideração a dor dessa existência, sinalizando para uma subjetivação conquistada a partir de uma insuficiência fundamental, algo diverso do que ocorre na defesa constante em termos de servidão e masoquismo, a segunda parece falar de um alguém ou de um além no sentido inverso ao delimitado pelo desamparo. Ou seja, a idéia de vida nua, pela qual Agamben nos apresenta seu *homo sacer*, é a de uma condição de existir em um estado de exceção. Mas esse estado não ocorre por se tomar contato com a precariedade de nossa condição, mas como uma extrapolação da defesa contra essa mesma precariedade, quando a retirada dos indivíduos do campo de proteção legal serve como reafirmação de sua sujeição. Ele é, assim, um vazio de direito criado dentro dos liames da lei, o que quer dizer que o estado de exceção no qual se gesta a vida nua

se afigura como forma última e radical de servidão absoluta, como um modo criado para dar nome a essa servidão, no qual o campo da lei se abre não para aquilo que lhe escapa ou excede, nem para outras formas de subjetivação, mas para a negação de qualquer possibilidade.

Por outro lado, com sua idéia de desamparo originário articulado à feminilidade, Birman parece apontar para uma outra via, fora da radicalização dessa mesma lógica a que o estado de exceção propiciador da vida nua se refere. Com isso, percebo uma interlocução entre seu pensamento e o de Maurice Blanchot<sup>3</sup>, naquilo em que ele nos apresenta como uma idéia de experiência-limite personificada pela figura do estrangeiro, uma vez que, para Blanchot, o limite da linguagem, da palavra, do território ou da pertinência subjetiva remetem à fronteira e, conseqüentemente, àquilo que escapa para fora dela. Ou seja, o outro resgatado pelo limite é o que coloca o sujeito em questão, como o desamparo parece fazer em relação à constituição autocentrada.

A fraternidade, para Birman, só é possível a partir da precariedade. O sujeito auto-suficiente de nossos tempos não tem como acessá-la, a não ser por meio da desconstrução de si. A feminilidade seria, então, uma “forma de ordenação erótica pela qual existiria uma positividade conferida ao desamparo e à precariedade” (p. 138). Ele pode, a partir daí, discorrer sobre o desejo de resistência, retomando a proposição freudiana de reação terapêutica negativa como algo da ordem do desejo do analisando que faz frente ao exercício de poder por parte do analista, que o invade de maneira cruel e violenta, respaldado pela idéia de construção.

O não do analisando que, mesmo deslegitimado pelo discurso psicanalítico acerca da reação terapêutica negativa, se faz presente de maneira incontornável nas análises como desejo de resis-

2 G. Agamben, *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002 e G. Agamben, *Estado de exceção*, São Paulo, Boitempo, 2004.

3 M. Blanchot, *L'entretien infini*, Paris, Gallimard, 2004.



tência, ressoa com a idéia de transgressão frente às práticas de controle social, retomadas também pelo autor. Diferenciando-a da perversão, o autor ressalta a positividade do gesto transgressivo que coloca em questão o sistema normativo, propondo outros modos de constituição subjetiva, em um movimento de ruptura e descontinuidade. Nem a subversão servil às normas, nem a proposta de criação de normas substitutivas às primeiras. A transgressão visa à suspensão do sistema normativo, ou seja, a inscrição noutra lógica de subjetivação, diferente daquela que substitui uma norma por outra e que conserva, com isso, o mesmo modo de funcionamento.

No mesmo tempo em que questiona o motivo pelo qual a psicanálise é tão tímida em falar sobre o que se passa na contemporaneidade, Birman sustenta sua aposta em que a própria psicanálise possibilite um saber crítico e criativo a respeito de nossos tempos. E se a timidez da psicanálise se deve a seus fantasmas teóricos e a suas injunções transferenciais, que fazem com que a questão da fraternidade mantenha-se desprezada pela tradição psicanalítica, ou se tais fantasmas dizem respeito ao modo como a própria psicanálise se inscreve em um modo de funcionamento patriarcal, tomando seus conceitos a-historicamente como verdades absolutas, a perspicácia de tais indagações não se presta à execração da psicanálise como inabilitada para dizer algo acerca da contemporaneidade mas, ao contrário, parece visar a uma desconstrução que movimente as relações servis e masoquistas estabelecidas no campo psicanalítico.

O autor afirma que o discurso freudiano é transgressivo, na medida em que rompe consigo mesmo. Parece ser isso o que falta, em larga escala, às instituições psicanalíticas e seus membros: a disposição em se confrontarem com seu não-saber e com a possibilidade de questionamento de suas pretensas certezas. Se a psicanálise traz à tona o fundamento transgressivo no psiquismo – a subversão, para resgatar os termos do co-

meço deste texto – parece despropositado pensar em um psicanalista que não tome como sua função acolher essa potência transgressiva e ajudar a criar meios para sua inscrição. O psicanalista, portanto, não teria como assumir a posição da normalização, pois isso seria, nas palavras do autor, “contrariar os fundamentos da ética psicanalítica” (p. 366). Um psicanalista engajado em uma prática subversiva e libertária, para ater-me aos velhos termos dos quais fiz uso anteriormente.

Como seria de se esperar, uma obra tão extensa quanto essa, em que vários ensaios se conjugam, apresenta-se com diferentes variações de densidade, profundidade, tom e ritmo. Birman mostra seu estilo de delicada insistência em algumas reflexões que, pisadas e repisadas, servem como base para desdobramentos seguros e consistentes. Com isso, elas se fixam como marcas mais profundas e constantes na percepção do leitor que o acompanha. Outras aparecem como pinceladas eventuais, tênues, sementes lançadas para possíveis desenvolvimentos posteriores. A leitura, conseqüentemente, se adensa e se trunca em alguns momentos, do mesmo modo que flui livremente em outros, criando descontinuidade e demandando que algum trabalho de amarração seja feito pelo próprio leitor, à sua maneira.

Mesmo nos momentos mais árduos, entretanto, *Arquivos do mal-estar e da resistência* conserva sua capacidade de texto vivo e pulsante. A honesta e contundente tomada de posição de Birman nos convida a fazer o mesmo. E aqui recordo Barthes<sup>4</sup> ao citar Mallarmé, para quem o autor cede seu lugar à escrita e, portanto, ao leitor que dá forma à obra. Uma consideração à alteridade, em um modo fraternal de compartilhamento de suas reflexões. Uma escrita condizente com a posição de seu autor. E cito o próprio, para finalizar:

Além disso, mediante essa modalidade de reflexão, espero que possa contribuir para a desconstrução da servidão e do pacto masoquista na atualidade. Essa é a minha aposta, pelo menos. É o meu desejo, certamente (p. 31).

4 R. Barthes, “The death of the author”, in: *Image, music, text*, Londres, Fontana Press, 1977, p. 142-148.

# Leituras psicanalíticas de Guimarães Rosa

Yudith Rosenbaum

Resenha de Tania Rivera, *Guimarães Rosa e a Psicanálise*. Ensaios sobre imagem e escrita, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, 103 p.

Em 2006, as comemorações do cinquentenário das obras *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, mostraram, pela quantidade de eventos e artigos sobre o autor, como são inesgotáveis as possibilidades de estudo a seu respeito. Ao lado da crítica literária, é a psicanálise quem mais tem se aproximado da escrita provocadora de Rosa.

Duas parecem ser as direções principais desse encontro entre o saber psicanalítico e a obra literária: numa delas, com o instrumental de Freud e de seus seguidores, busca-se desvendar sentidos latentes nos textos, ampliando o entendimento do estilo e da visão de mundo do escritor; na outra, recorre-se à obra para, por meio dela, iluminar conceitos e questões da própria psicanálise. A despeito dessas diferenças, em ambas é o fundo insondável do humano que acaba por se revelar e se problematizar no processo interpretativo.

Da primeira proposta, temos como exemplo o ensaio de Adélia Bezerra de Menezes, “Grande sertão: veredas e a psicanálise”, no qual

o romance é lido como uma demanda de análise ou de autoconhecimento do protagonista Riobaldo a um interlocutor que o escuta com devoção, pontuando e organizando o relato associativo do jagunço aposentado. Esse doutor da cidade, “de alta opinião”, “sagaz”, e que toma notas por trás dos óculos, ocuparia, então, o lugar do analista, como bem o caracteriza o narrador: “O senhor é de fora, meu amigo, meu estranho. Mas talvez por isso mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito. Faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo”<sup>1</sup>. O texto ganha, assim, uma interpretação, cuja chave desvenda núcleos obscuros da narrativa, além de promover um enriquecimento da própria psicanálise, refletida na dinâmica viva das personagens.

Na segunda linhagem, podemos incluir o livro de Tania Rivera, *Guimarães Rosa e a Psicanálise. Ensaios sobre imagem e escrita* (Jorge Zahar, 2005). Psicanalista e professora da Universidade de Brasília, Rivera é autora também de *Arte e Psicanálise* (Jorge Zahar, 2002) e organizou, com Vladimir Safatle, o livro *Sobre arte e Psicanálise* (Escuta, 2006). Como se vê, as preocupações da ensaísta com as afinidades entre estética e psicanálise estão no centro de seu interesse; veremos aqui que o escritor mineiro será utilizado como uma ponte entre esses dois campos, abrindo perspectivas interessantes.

O ponto inicial que articularia Guimarães Rosa à psicanálise está explicitado na introdução da autora: “A interpretação psicanalítica visa não à produção de um sentido em uma explicação que fixa o sujeito, mas à produção de novas palavras em um estranhamento do sujeito” (p. 9), exatamente o que propõe a linguagem de Rosa ao utilizar a palavra “como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original”, conforme entrevista do escritor a seu tradutor

**Yudith Rosenbaum** é Profa. Dra. de Literatura Brasileira na USP. Autora dos livros: *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência* (Edusp/Imago, 1993), *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector* (Edusp/Fapesp, 1999) e *Clarice Lispector* (Publifolha, 2002).

<sup>1</sup> A.B. de Menezes, “Grande sertão: veredas e a Psicanálise”, *Revista Scripta*, Belo Horizonte, UFMG, 2002, p. 23.

Günter Lorenz<sup>2</sup>. Exemplos de alteração de significantes (por afixação, aglutinação ou outros procedimentos), causando estranheza e desestabilizando o mundo familiar dos leitores, estão espalhados pela obra inteira: sozinhosinho, nenhão, prostitutriz, orfandante, sussurruído, embriagatinhar etc. Outras vezes, são desmontados sintagmas ou provérbios inteiros de modo a ferir nossa percepção e obrigar-nos a refletir sobre seus sentidos: “Nu da cintura para os queixos”, “não sabiam de nada coisíssima”, “infelicidade é questão de prefixo”, “antenasal de mim a palmo” etc.

Essa atenção concentrada nas virtualidades da língua e seus neologismos, arcaísmos, indianismos e estrangeirismos, tão abundantes no léxico rosiano, parece justificar o enorme interesse que Rosa desperta na psicanálise, sobretudo a lacaniana – que é a teoria de referência de Rivera. Não é só como alquimista da palavra que o escritor mobiliza analistas, mas principalmente por seus textos serem fonte de conhecimento sobre o homem. Aliás, é pelo manuseio inventivo do idioma que esse saber se manifesta. Ao definir o conjunto de seu livro, Rivera esclarece: “Os ensaios que o compõem são independentes e podem ser lidos de forma autônoma, aparentando-se contudo não apenas quanto à proposta geral e ao material utilizado, mas por girarem todos em torno do enigma da constituição do sujeito – que coincide com o mistério da literatura” (p. 10).

Dos cinco ensaios que compõem o livro, quatro foram publicados inicialmente em revistas de psicanálise. A autora ocupou-se de contos importantes de Rosa, como “O espelho”, “A menina de lá”, “Nenhum, nenhuma”, “A terceira margem do rio” (todos do livro *Primeiras estórias*, de 1962), além de um texto do livro *Tutaméia*, de 1967, que se intitula “Se eu seria personagem”. Cada uma dessas narrativas rende, para a psicanalista, um olhar sobre conceitos diferentes da teoria freudiana, remetidos ao campo da clínica e suas indagações fundamentais.

2 G. Lorenz, “Diálogo com Guimarães Rosa”, in E. Coutinho (org.), *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*, Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1983, p. 83, (Col. Fortuna Crítica, v. 6).

É assim que o primeiro conto analisado, “O espelho”, é lido sob a ótica da *transferência* em análise, entendida ela mesma como um jogo de espelhos. A análise não se constituiria num “descobrir o outro (o inconsciente) no eu, mas num *transparecer* do outro, num jogo de espelhos sem fim, que suscita uma simbolização criadora, uma *encenação* no sentido forte que demos, com Freud, a este termo: um *tornar-se outro*” (p. 32).

O caminho que a ensaísta faz para chegar ao fenômeno da transferência e seu constante “trânsito reversível entre duas posições” (p. 31) é, de fato, bastante livre em suas associações, passagens e travessias. Outros autores da literatura são convocados para essa “praça de convites” drummondiana: Goethe, Rilke, Guy de Maupassant, Octavio Paz, estabelecendo breves diálogos com momentos dos textos de Rosa, de Freud e de Lacan. Por tais aproximações, Rivera trança idéias e imagens ressonantes, como por exemplo as refrações do conto de Rosa com “O Horla”, de Maupassant.

O movimento é rico, embora os sentidos deslizem, às vezes de forma muito rápida, de uma referência à outra, movidos pelo encanto das frases e das imagens. Transferência, sintoma, metáfora, *unheimlich*, luto, sonho e outros termos desfilam para o leitor, que pode ter certa dificuldade em acompanhar as espirais da escrita. Nessa corrente de palavras que se tocam é o conto que acaba por se esconder atrás das ressonâncias que ele mesmo produziu, tomadas pelas reflexões sobre o jogo analítico.

No caso de “O espelho”, talvez a análise ganhasse ainda mais significações ao confrontar o conto com o texto homônimo de Machado de Assis, ao qual Rosa parece decididamente responder. A comparação renderia dois modos distintos de conceber tanto o sujeito quanto a apresentação literária. Também a análise da forma narrativa escolhida pelo autor – entre o ensaio e o conto – poderia revelar o jogo do narrador tentando usar as armas científicas e positivistas do leitor incrédulo para melhor convencê-lo, em seu próprio terreno, da existência do fantástico e do miraculoso: “Ah, meu amigo, a espécie hu-

mana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então?”<sup>3</sup>. Aqui, salvo engano, é o inconsciente que faz ouvir sua risada, mas a partir de uma visada que leva em conta o efeito estilístico do texto. Aliás, o conto está estrategicamente inserido no meio exato do livro, refletindo, qual espelho, o que veio antes e o que vem depois.

De todo modo, ao final do ensaio sobre “O espelho”, o mais longo e mais detalhado do livro, o leitor sai ganhando com as aproximações entre o trabalho da análise, o trabalho literário e o trabalho do sonho. A leitora que nos guia é sensível e domina o repertório lacaniano no qual transita. As reverberações da literatura na psicanálise e vice-versa acabam por desaguar na palavra-chave do conto, “transverberação”, entendida como “meio para se transitar do outro ao um ou, mais exatamente, para se atravessar ‘a máscara’ [...] Mas se a máscara (que é o *um* – ou o *outro*) termina por cair, o que se descobre é que ela nada oculta e nada revela a não ser a própria travessia – de um a outro” (p. 25). Chegamos, então, ao nó que reúne sujeito, psicanálise e literatura.

No segundo ensaio, em torno do conto “A menina de lá”, a autora mostra que Nhinhinha, a personagem-título, moradora para trás da Serra do Mim e cuja fala espanta pelo “esquisito do juízo ou o enfeitado do sentido”, encarna, nas palavras da autora, a “própria poesia, vagabunda, errante e precisa a um só tempo” (p. 35). À palavra mágica de Nhinhinha, Rivera atrela a eficácia da palavra psicanalítica, capaz de “transformar alguém, de fazer sonhar, de conformar o desejo, de pôr em movimento um sintoma” (p. 37). Mas o núcleo de sua reflexão é o lugar do analista – metaforizado em Nhinhinha –, uma vez que sua fala feita de “vácuos”, “fazendo saudade” (segundo o conto de Rosa), localiza-se em um lugar nenhum, esse “lá” que é o lugar móvel do analista, “flutuante como uma canoa, nunca estável em uma posição determinada” (p. 42).

O contato com o texto mobiliza o relato de um sonho da própria autora, que percebe nele

a condição precária de quem se expõe ao risco constante da transferência. Essa licença poética e analítica é um traço de todo o livro e se deve, talvez, à proposta de o intérprete se fazer autor e criador no processo de interpretação psicanalítica da obra literária. Essa atitude parece estar, por sua vez, inspirada pela estratégia de André Green em seu texto “Literatura e Psicanálise: a desligação”<sup>4</sup>. Nele, o psicanalista sugere o encontro de inconscientes do intérprete e do texto, para assim criarem um terceiro termo, fruto de uma entrega íntima, no qual o analista se faz artista também. Daí a frase de Rivera ao refletir sobre o desejo do analista a partir da vida breve de Nhinhinha: “O analista deve desaparecer, enquanto surge um sujeito à poesia” (p. 44). Ou como o define Green: “O analista torna-se então o analisado do texto”<sup>5</sup>.

Sem dúvida, as possibilidades simbólicas às quais chega a ensaísta são bastante instigantes. Contudo, ressentido-se o leitor de uma atenção ao universo rosiano propriamente dito, por exemplo ao fato de “a menina de lá” e os protagonistas dos demais contos serem habitantes do sertão de Minas, o que pouco é aproveitado pelo olhar crítico. O cenário das estórias não é casual, mostrando o resgate de uma personagem agreste, rústica e longe do mundo letrado e culto. As frases de Rosa são desentranhadas da oralidade sertaneja e da cultura popular brasileira, o que é essencial para uma análise contextual da obra. O campo do sonho, do desejo e do inconsciente surge pela proximidade às raízes de um povo sofrido e sábio.

O capítulo seguinte trata de “Nenhum, nenhuma”, texto difícil e escorregadio, que a autora enfrenta a partir do ensaio de Freud “Um distúrbio de memória na Acrópole”, ensaio/carta a

3 G. Rosa, *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 66.

4 Em L. C. Lima, *Teoria da literatura em suas fontes*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, p. 208-236. Ver, entre outras, a seguinte passagem: “Mas, para desvelar os tesouros ocultos, importa, primeiro, que ele [o crítico psicanalista] tenha feito *in vivo* o percurso que o colocará com aquilo que na sua consciência ignora necessariamente para abrir-se ao âmbito do inconsciente, que é primeiro e antes de tudo seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, ainda que seja o dos textos literários” (p. 211).

5 L. C. Lima, *op. cit.*, p. 215.



Romain Rolland, de 1936, além de outros como o famoso “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914. O percurso pelos escritos freudianos permite a Rivera trazer à tona o problema da interpretação – que se oculta no enredo do conto – mostrando que “a interpretação se situa então no movimento que vai da imagem à escrita. Pois, como vimos, a imagem exige uma escrita, para poder enfim se ler – ser decifrada (em parte, de alguma maneira) por um *sujeito* efêmero surgido enfim, efemeramente surgindo, entre a escrita e sua leitura” (p. 59).

Também a questão da memória, fio condutor de sua análise, é lida como um território de dúvidas, enquanto o narrador busca “os irreversos grandes fatos” que se passaram dentro de uma casa de fazenda. As personagens são nomeadas com maiúsculas genéricas – Moça, Moço, o Homem e a anciã Nenha – como a mostrar que são mais suporte de funções psíquicas do que indivíduos singulares, o que valida ainda mais a visada psicanalítica da autora ao percorrer as vicissitudes edípicas do conto.

Mas é no quarto ensaio que a análise se mostra mais profícua, trazendo descobertas imprevistas. Do conto “Se eu seria personagem” Rivera problematiza o conceito-limite da psicanálise: a feminilidade. Dois homens, o narrador e Titolívio Sérvulo, desenham uma figura de mulher, Orlanda, que será por eles disputada. Como diz Rivera, “a imagem, assim como o amor, constrói-se por palavras” (p. 61). E é justamente sua atenção às palavras do conto, à sua gramática, às suas repetições, às suas combinações reiteradas de três adjetivos, que torna a leitura das mais consistentes do livro. As pontes com textos afins surgem de forma mais espontânea e inerente às significações do conto, além de lançarem uma luz sobre suas zonas sombrias.

Os traços metonímicos de Orlanda levam a leitora à noção de fetiche e a um dos primeiros ensaios de Freud na interface da literatura com a psicanálise, “Delírios e sonhos na *Gradiva*

de Jensen”, de 1906, que tematiza o enigma feminino aos olhos do homem. Também os artigos “Feminilidade”, de Freud, e “O que quer uma mulher?”, de Serge André, são convocados como referência para as questões mobilizadas pelo conto. Desse conjunto, saem boas reflexões sobre a inacessibilidade do feminino e sobre os processos identificatórios no sujeito, culminando na frase: “A feminilidade não é nunca, devemos reconhecer, uma posição estável: ela não é mais do que um destino tangível” (p. 78).

Por fim, a última análise do livro, “A terceira margem do rio: o pai e o gozo”, mostra que o “nosso pai” do conto lança-se enigmaticamente ao rio, sem volta, e com isso ele se subtrai: “O pai *parte* nos dois sentidos da palavra, estabelecendo margens e indo-se embora”<sup>6</sup>. Para Rivera, é assim que o pai cria ausência e deixa culpa no narrador, instaurando uma “operação significante no corpo” (p. 83), entendida como castração – “uma marca de palavra, não uma ferida real” (p. 83).

Mas aqui pode-se propor uma outra leitura: será que a castração se dá mesmo no momento da partida do pai, cujo sentido para o filho é inalcançável, ou o gesto que reconhece a diferença, a verdadeira alteridade do pai em relação ao filho, ocorre apenas no último parágrafo do conto, quando o narrador se recusa a substituir o pai na canoa? O filho se pergunta: “Sou homem, depois desse falimento?” (p. 37), ao que o intérprete poderia responder: “És homem *somente* depois desse falimento”. De fato, o protagonista permanece umbilicalmente ligado ao pai enquanto esse está no rio e só consegue desprender-se dele quando desiste de segui-lo. É aqui que a terceira margem se inscreve efetivamente e o filho passa a ser sujeito de sua própria história, narrando-a para o leitor.

Há momentos muito inspirados na análise de Rivera, como por exemplo a percepção arguta das negações que dominam o conto: “nosso pai não voltou”, “ele não tinha ido a nenhuma parte”, “nosso pai nada não dizia” etc. relacionando esse conjunto de negativas à própria negação como marca do recalçamento. E esse traço, feito como um risco na

6 L. C. Lima, *op. cit.*, p. 83.



água pela canoa que atravessa o rio, leva Rivera a afirmar que: “com o pai a palavra refaz-se, em ‘A terceira margem do rio’, imagem, retomando o momento inaugural em que se inscreve como letra no corpo” (p. 86). E conclui: “A terceira margem talvez seja então a própria escrita – ou melhor: se a escrita estabelece duas margens, a poesia é a exploração de sua terceira margem” (p. 90).

Como analista, Rivera lê Rosa na chave da clínica freudiana e não se propõe a interpretá-

lo como crítica literária. Talvez isso justifique a ausência de referências aos ensaios que se ocuparam dos mesmos textos comentados aqui, sobretudo os de estudiosos inspirados pela psicanálise, como Leyla Perrone-Moisés e Cleusa Rios Pinheiro Passos<sup>7</sup>. Mas o importante é que o percurso da ensaísta revela Rosa como um disparador de questões psicanalíticas profundas que, no limite, são as questões do sujeito e de seu modo de ser no mundo.

7 De Leyla Perrone-Moisés, ver “Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa”, in *Flores da escrivania*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, que aborda o texto “Nenhum, Nenhuma”. Sobre os contos “A menina de lá” e “A terceira margem do rio”, ver da mesma autora o ensaio “Para trás da Serra do Mim”, *Scripta*, op. cit., p. 210-217. De Cleusa Rios, ver *Guimarães Rosa: o feminino e suas estórias*, São Paulo, Hucitec/FAPESP, 2000, que também inclui análises de contos de *Primeiras estórias* e *Tutaméia*.

# Os duros gestos do poder institucional

Sérgio Telles

Resenha de D. W. Winnicott, *O gesto espontâneo*, 2.ed., São Paulo, Martins Fontes, 2005, 246 p.

Pediatra com grande experiência, D. W. Winnicott (1896-1971), ao constatar a importância decisiva dos fatores emocionais e psíquicos nas crianças que atendia em sua clínica, voltou-se para a psicanálise. Analisou-se com James Strachey e, posteriormente, com Joan Riviere, produziu uma contribuição teórica original e ocupou por uma vez a presidência da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Em sua segunda edição brasileira (a primeira é de 1990), *O gesto espontâneo* traz 126 cartas selecionadas por Robert Redman, psicanalista de Los Angeles, também autor da elucidativa nota introdutória em que são fornecidos elementos da vida e da obra de Winnicott.

Um livro de cartas selecionadas (Redman nos diz que há 825 cartas) imediatamente levanta o problema dos critérios de tal seleção, o que, para um analista, resulta sempre suspeito por saber que a omissão de dados importantes, ou seja – a repressão –, pode ser racionalizada e justificada das mais variadas maneiras. Fica,

**Sérgio Telles** é psicanalista e escritor, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autor de *O psicanalista vai ao cinema* (Casa do Psicólogo / Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2004) e *Visita às casas de Freud e outras viagens* (Casa do Psicólogo, 2006), entre outros.

assim, a curiosidade sobre as não publicadas. Além do mais, o próprio Winnicott imaginava que tais cartas um dia seriam publicadas, dado serem cópias retidas e arquivadas por ele mesmo. Se isso evidencia a percepção (correta) de Winnicott sobre sua própria estatura e a importância de suas opiniões, por outro lado, tira-lhes o frescor e a espontaneidade, dado estar ele escrevendo não para o destinatário explícito, mas visando, em última instância, à posteridade, o que implica sempre uma certa pose.

Mesmo assim pode-se ver um Winnicott muito atuante e participante, opinando sobre os eventos científicos da Sociedade Britânica de Psicanálise, criticando com honestidade os trabalhos que julgava merecedores de reparos, escrevendo com frequência e veemência para jornais dando sua opinião sobre os mais variados assuntos. As cartas abordam temas como a política de socialização da medicina na Inglaterra, os efeitos psicológicos na criança decorrentes da aferição da temperatura pelo reto (habitual na Inglaterra), as implicações da fabricação de bonecas com o sexo bem definido, as causas da criminalidade e de como a sociedade reage a ela, a luta contra a psiquiatria organicista, o uso do serviço social em psiquiatria e psicanálise, o problema da análise leiga, as creches, o parto realizado na própria residência da parturiente, a maneira de encarar as enquetes jornalísticas, o autismo, o curandeirismo, a mastectomia.

As cartas mais importantes giram em torno de sua luta para ter um lugar reconhecido como autor de idéias originais na Sociedade Britânica, colhido que foi pela luta que naquele momento ali acontecia.

Em 1926, Melanie Klein, vinda de Berlim, chega a Londres, onde se estabelece definitivamente. Desenvolve teorias sobre a análise de crianças e, em seguida, sobre o psiquismo em geral, teorias que entram em choque direto com as de Anna Freud – ou seja, com as do próprio Freud. Em 1933, Melita Schmideberg (filha de Melanie Klein), apoiada por Edward Glover (seu analista), desfere ataques virulentos contra

Melanie Klein. Em 1938, Freud chega a Londres, fugindo dos nazistas, exacerbando as diferenças teóricas já existentes. O choque entre kleinianos e freudianos atinge intensidade máxima nos inícios dos anos 1940.

A única forma de ultrapassar o problema foi a formação, dentro da Sociedade Britânica de Psicanálise, de dois grupos – o grupo A (kleiniano) e o grupo B (freudiano), com diferentes programas de formação. Fora da polarização, configurou-se o chamado “Middle Group” (Grupo do Meio). Winnicott fazia parte desse grupo, apesar de ter-se analisado com Joan Riviere e ter feito supervisão durante 6 anos com Melanie Klein. De início, Winnicott tinha bom contato com Melanie Klein, que chegou a encaminhar-lhe o próprio filho para análise.

Winnicott aos poucos se afasta de determinadas posições do kleinismo radical, reprovando-lhe o proselitismo incessante dentro da Sociedade, a intolerância, o messianismo.

A importância dos fatores externos (ambiente, pai, mãe, família, etc.), a balança entre eles e os fatores internos (pulsões, “instintos” inatos) na estruturação do psiquismo continua sendo, a meu ver, um problema teórico fundamental em psicanálise. Winnicott defendia a importância desses fatores externos, do “ambiente” (como chamava), na estruturação básica do psiquismo infantil. Nisso se afastava em muito de Melanie Klein, que virtualmente ignorava a mãe real, enfatizando a importância das pulsões, do instinto de morte na formação do que chama “seio bom” e “seio mau”, imagos primitivas da mãe decorrentes não da introjeção de aspectos ou condutas reais, “concretas”, da mãe e sim fruto de distorções decorrentes do jogo pulsional da criança. Tal tendência é levada a extremos quando postula o conceito de inveja primária, avatar direto da pulsão de morte, elemento inato decisivo na constituição do aparelho psíquico.

Como diz Redman:

Klein havia levado a ênfase de Freud [nos fatores internos, pulsionais] a níveis irracionais, virtualmente

excluindo a importância causativa da realidade externa na vida mental (p. xxxvi). [...] O papel da realidade externa foi colocado em questão pela descoberta de Freud de que os relatos de ataques sexuais na infância geralmente eram resultado antes de fantasias edípicas que de eventos reais. Isso abriu o mundo da fantasia ao estudo cuidadoso e lançou Freud ao grande trabalho de demonstrar que os ímpetos pulsionais e a neurose infantil de uma pessoa colorem e dão forma ao curso da vida. Esse ponto de vista, que poderia ser considerado como a espinha dorsal da teoria e da terapia psicanalítica, foi desafiado repetidas vezes. Klein provavelmente representa sua apoteose. Ao virtualmente excluir a realidade externa de um papel formativo no desenvolvimento, sua teoria transmite a impressão de que a técnica por ela gerada irá beneficiar o paciente por meio de *insights* que ‘mexam’ com ele. Winnicott, firmemente enraizado na tradição psicanalítica, mas também um observador prático de crianças e pais aflitos, podia introduzir a realidade externa como influência sem sacrificar o significado da vida de fantasia da criança no processo. Seu senso de realidade, talvez até mesmo seu senso de justiça, exigiam isso dele (p. xxiv).

Em muitas cartas Winnicott aborda esse tema, de fundamental importância teórico-clínica:

A ‘mãe boa’ e a ‘mãe má’ do jargão kleiniano são objetos internos e nada têm a ver com mulheres reais (p. 48). Meu problema, quando começo a falar com Melanie a respeito de sua formulação sobre a primeira infância, é que me sinto falando sobre cores com um daltônico. Ela simplesmente diz que não se esqueceu da mãe e da parte que a mãe desempenha, embora, na verdade, eu ache que ela não dá indício nenhum de ter compreendido a parte que a mãe desempenha bem no início (p. 119).

Não quer Winnicott que sua postura seja considerada como um abandono da importância do interno, da fantasia, do pulsional e diz:

Estremeço ante o perigo de que meu trabalho seja tomado como uma tentativa de fazer a balança da argumentação pender para o lado ambiental, embora

eu realmente seja da opinião de que a psicanálise tem agora condições de dar importância plena aos fatores externos, tanto bons como maus, e, especificamente, à parte desempenhada pela mãe no estágio bem inicial, quando o bebê ainda não separou o “eu” do “não eu” (p.170-1).

Winnicott teve de lutar muito, inclusive contra a própria ex-analista, para manter seus pontos de vista e poder desenvolver suas teorias. Em suas cartas, vemos muito bem como a política institucional pode interferir diretamente no trabalho científico desta mesma instituição.

Diz ele:

Cara Dra. Riviere: Após o ensaio da Sra. Klein, a senhora e ela falaram comigo e, num contexto de amizade, deram-me a entender que ambas estão absolutamente seguras de que não há nenhuma contribuição positiva que eu possa dar à interessante tentativa que Melanie está empreendendo o tempo todo para formular a psicologia dos estágios mais precoces. A senhora concordará que ambas sugeriram que o problema é que sou incapaz de reconhecer que Melanie diz exatamente as coisas que estou pedindo que diga. Em outras palavras, há um bloqueio em mim. Isso naturalmente me preocupa muito e espero sinceramente que possa me dispensar um pouco de seu tempo (p. 117-8) [...] Quero que saiba que não aceito o que a senhora e Melanie insinuam, ou seja, que minha preocupação com a formulação de Melanie da psicologia da infância mais precoce fundamenta-se antes em fatores subjetivos que objetivos (p. 121).

Vê-se a que grau de atuações a política institucional pode levar, fazendo Joan Riviere, respeitada psicanalista, assumir uma atitude antiética, sob todos os aspectos indefensável, que foi a de usar seu poder advindo da transferência e de seu conhecimento do inconsciente de um ex-paciente, para castrá-lo, impedindo-o de desenvolver uma teoria contrária à que ela própria defendia, tachando-a como sintomática, uma manifestação patológica, fruto de uma inibição ou bloqueio.

Por imposição política, Winnicott também foi impedido de ensinar por um longo período:

Durante um bom tempo, como você sabe, não fui convidado para ensinar psicanálise, porque nem a Srta. Freud nem a Sra. Klein queriam me usar ou permitir que seus alunos viessem até mim em busca de ensino regular, mesmo em análise infantil. Eu, portanto, senti falta, num momento crítico de minha vida, do estímulo que teria feito com que eu elaborasse uma série de aulas claramente voltadas para o ensino da técnica. Mais tarde, quando me tornei aceitável e fui convidado a dar algumas aulas, eu já havia tido algumas idéias originais e estas naturalmente me vinham à mente quando eu planejava falar aos estudantes. Isso explica até certo ponto o modo como as coisas são. Não estou reclamando, apenas acho que essas questões de história às vezes são interessantes (p. 215).

Claro que Winnicott está-se queixando, apesar de sua negação (coisa que faz inúmeras vezes em suas cartas) e, a meu ver, as questões de história são *sempre* muito interessantes. A história do movimento psicanalítico e das sociedades de psicanálise é circundada por um campo minado de transferências, idealizações e identificações, que levam a uma quase intransponível resistência, onde imperam a repressão, o pacto de silêncio, a negação, a luta pelo poder, o jogo de interesses nem sempre muito cristalinos.

Assim, o livro de cartas de Winnicott, apesar de expurgado (das 825 apenas 126 vêm a lume), é muito salutar. É sempre saudável a desidealização, ver santidades como Hanna Segall sendo desancada em sua pretensão e arrogância (p. 32) ou Bion sendo ironizado pelo uso excessivo dos clichês kleinianos (p. 108-116), ou ainda a maneira com Winnicott fustiga a formação dos grupelhos e igrejinhas, no caso as kleinianas (p. 28, 87).

Ao responder a um torturado correspondente americano, que lhe fala da angústia insuportável da qual padece, Winnicott diz:

Pode ser que se o senhor estiver 'inteiro' lá, mais cedo ou mais tarde essa angústia que vai além do que pode tolerar se apodere do senhor, e o senhor não consiga mantê-la o suficiente para olhá-la e examinar seu conteúdo. Se conseguisse fazê-lo, perceberia que ela contém – na raiz – a fonte mais profunda de sua própria energia psíquica, de modo que, quando o senhor tem de encobri-la (ou quando ocorre que ela seja encoberta) o senhor, por assim dizer, perde sua raiz principal (p. 219).

Winnicott sintetiza aí, com rara felicidade, a função e o trabalho do analista. Decifra-me ou te devoro, diz a esfinge-angústia para o analisando. O analista é aquele que ajuda o analisando a entender que não deve fugir da angústia e sim enfrentá-la, tolerá-la, olhá-la nos olhos e decifrá-la. Em assim fazendo, o analisando integra em seu psiquismo importantes forças até então paralisadas e inoperantes, provocando com isso seu enriquecimento e crescimento internos.



# A difícil travessia em direção ao masculino

Daniela Danesi

Resenha de Silvia Bleichmar, *Paradojas de la sexualidad masculina*, Buenos Aires, Paidós, 2006, 256 p.

Há cerca de três anos participo de um grupo de estudo e supervisão com a psicanalista argentina Silvia Bleichmar. Ao longo desse período, percorremos temas caros à psicanálise, tais como a sexualidade e outros aparentemente mais distantes, como no seminário sobre inteligência, ambos extremamente inquietantes e desafiadores.

Esses encontros ocorrem aos domingos de manhã, naturalmente acompanhados de certa inércia e preguiça de exercitar os neurônios em um dia consagrado ao descanso. Entretanto, o contato com Silvia rapidamente afasta essa sensação de que o *dolce far niente* está sendo sacrificado. Somos imediatamente capturados pelo seu vigor, acompanhado de bem-vindas doses de humor; pelo seu raciocínio rápido e temperado com o encantamento dos *insights* que vai tendo à medida que responde às perguntas sobre a velha feiticeira.

Acima de tudo, somos convidados a compartilhar de sua clínica, pano de fundo sempre presente à elaboração de conceitos teóricos, como uma bússola a indicar o rumo do qual um psicanalista não pode se afastar.

**Daniela Danesi** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora do curso Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma.

Essas características e, por que não dizer, qualidades, são reencontradas ao acompanhar sua produção escrita. Três de seus livros encontram-se publicados no Brasil: *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história* (Artes Médicas, 1993); *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito* (Artes Médicas, 1994) e *Clínica psicanalítica e neogênese* (Annablume, 2005).

Em *Paradojas de la sexualidad masculina* (Paidós, 2006), ainda inédito no Brasil, Bleichmar, ao mesmo tempo que inaugura um novo campo de interesses, retoma – e em muitos momentos aprofunda – elaborações teóricas já enunciadas em outros escritos seus.

Percebe-se claramente que as novas formulações vão construindo contornos mais precisos e densos, formando verdadeiros alicerces teóricos que caracterizam um pensamento próprio e original dentro da psicanálise. Esses alicerces sustentam a possibilidade de estender suas reflexões para várias ramificações, ligadas tanto à clínica de adultos como àquela de crianças.

Cada capítulo desdobra-se em inúmeras e fecundas direções, tendo, como pano de fundo, a preocupação central de que a psicanálise se mantenha viva e em consonância com as questões e problemáticas que atravessam nossa época.

Nesse sentido, torna-se leitura fundamental para quem busca acolher, trabalhar e problematizar os conflitos e sofrimentos decorrentes das novas constelações familiares, neo-sexualidades, novos modelos de reprodução e criação. Encontramos também um olhar que reafirma, fazendo eco a outros autores, a importância de distinguir homossexualidade de perversão, circunscrevendo esta última à ética das relações humanas.

Bleichmar propõe que a psicanálise tem como grande tarefa e desafio, nesse momento, a busca de uma definição dos aspectos universais da constituição do psiquismo, para poder discriminá-los das formações histórico-culturais de instauração da subjetividade.

A produção de subjetividade é da ordem histórica, social e política; alude aos modos com os quais cada

sociedade determina as formas através das quais um sujeito se constitui como sujeito social e se insere no mundo em que lhe cabe viver. A constituição do psiquismo, por outro lado, busca delimitar um conjunto de variáveis que implicam certa universalidade, cuja permanência se sustenta mais além de certas mudanças na produção de sujeitos históricos (p. 83).

Antes de comentar a temática específica deste livro, gostaria de recortar quatro importantes elaborações teóricas trabalhadas por Silvia, tanto em seus seminários como em sua produção escrita, que formam a trama conceitual a partir da qual ela se debruça sobre esta nova temática.

1. Questionamento da teoria da castração, quando concebida como carência ou presença de pênis, para enfatizar a contribuição lacaniana do caráter ontológico da falta como constitutivo da relação com o outro no processo de humanização.
2. Redefinição do conceito de Édipo, pensado não mais como complexo e sim como estrutura fundante do aparelho psíquico que Bleichmar, percorrendo trilhas já abertas por Laplanche, vai reposicionar como o efeito decorrente da assimetria constitutiva entre a criança e o adulto. Essa assimetria, tanto sexual como simbólica, determina a possibilidade de subjetivação de todo ser humano. Liberto das amarras que o aprisionavam à forma como foi pensado por Freud a partir da sociedade patriarcal do século XIX e ao modelo de família correspondente a esse momento histórico, o Édipo recupera, então, o grande lugar de paradigma universal como proibição que toda cultura exerce com relação à apropriação do corpo da criança como lugar de gozo do adulto.
3. Desenvolvimento de uma crítica severa a algumas interpretações psicanalíticas que apontam para uma intencionalidade do inconsciente. Através dessas formulações, busca recuperar a descoberta freudiana ori-

ginária: o fato de que o inconsciente, fechado a toda referencialidade, funcionando sob a legalidade do processo primário, despojado de subjetividade em sentido estrito, não seja considerado como uma segunda consciência, depositário da única verdade do sujeito. Em função disso, a autora aponta o risco que ocorre em algumas análises de se interpretarem *moções inconscientes* – como, por exemplo, fantasias homossexuais – como se fossem relativas a uma outra “identidade”, e que seria de signo inverso à do ego. Toda identidade, por ser um conglomerado defensivo, só pode estar instaurada no ego; assim sendo, “homossexualidade e heterossexualidade são categorias cuja relação lógica é de articulação-exclusão; definem-se pelo ‘ou’: homossexualidade ou heterossexualidade, o qual a deixa de fora de toda possibilidade de formar parte do estatuto do inconsciente, cujo modo de funcionamento, o da lógica do processo primário, caracteriza-se pela ausência de contradição” (p. 194).

4. Busca da superação da dicotomia entre biologia e estruturalismo, propondo, como enfoque, os modos singulares históricos de constituição do sujeito. Na origem destes encontramos o outro-cuidador, dotado de inconsciente, que ocupa um lugar fundamental na implantação de uma sexualidade sempre traumática que obrigará o *infans* a um processo psíquico de ligação e elaboração.

Em seu novo livro, Bleichmar reafirma essas idéias. Brincando com a imagem de uma música, poderíamos dizer que essas formulações compõem o estribilho e, a cada livro, novas estrofes são acrescentadas.

Adentrando a temática específica de *Paradojas de la sexualidad masculina*, ela propõe a necessidade de reparar “a dívida com os homens que se aventuraram no divã” (p. 13).

Vivemos numa época na qual convive, principalmente nos grandes centros urbanos, uma vasta gama de modelos de masculinidade. A título de

exemplo podemos citar o legítimo representante do ideal de masculinidade, apoiado na força física e na imagem de herói destemido, como o governador da Califórnia Arnold Schwarzenegger, até o metrossexual David Beckman, que aponta para uma modalidade masculina contemporânea que alia as características aparentemente marcantes do sexo masculino com a vaidade feminina. Nesse largo espectro encontramos também as sofridas questões de Agustín/Gabriela, caso narrado por Bleichmar no capítulo 5, cujo pedido, feito ao governo argentino, de autorização para início de um tratamento hormonal que impeça o desenvolvimento de sua puberdade, se apóia na convicção de possuir uma alma feminina aprisionada num corpo de menino.

Em seu livro, Bleichmar lança-nos uma questão: continua sendo possível a idéia da existência de um único sexo, o masculino?

Responde ser esta uma teoria sexual infantil que as crianças fantasiavam no momento da descoberta da diferença anatômica dos sexos. A psicanálise, ao ter se apropriado dela, transformando-a em paradigma universal, viu-se impedida de elaborar uma teoria própria sobre a constituição da masculinidade.

Convida-nos, assim, a observar a grande exploração que foi feita, a partir de Freud, sobre a sexualidade feminina com sua troca de zona e de objeto. A sexualidade masculina, ao contrário, por ter sido pensada dentro de uma certa linearidade, teve como objeto de estudo sua evolução e destinos, mas não sua constituição.

Segundo a autora, a teoria de que o masculino sustenta sua zona e seu objeto desde o início e para sempre, e para a qual o surgimento de fantasmas femininos no homem é efeito da bissexualidade constitutiva, trouxe uma série de enganos nas intervenções clínicas, que precisam ser repensados.

Partindo da idéia de que o animalzinho-bebê se humaniza a partir dos cuidados oferecidos por um outro – cuidados que, ao mesmo tempo que satisfazem as necessidades de sobrevivência, erogenizam o corpo do *infans* – encontramos como

posição de partida da cria humana um lugar passivo com relação ao adulto cuidador.

Essa primeira etapa de passividade, embora siga caminhos distintos para o menino e para a menina, vai ter como conseqüência, também no menino, uma mudança de zona e de objeto, visto que a mãe dos primeiros cuidados sofre uma mudança de olhar no momento edípico.

Prosseguindo nesta construção, encontramos o eixo central da contribuição teórica elaborada pela autora, no qual desenvolve a idéia de que a identificação masculina, no menino, constitui-se na passagem de passivo para ativo, pela introjeção do atributo genital de outro homem que vai lhe outorgar potência e virilidade.

Nesse sentido, assim como é impossível o posicionamento feminino sem passar pelo atravessamento fálico, a masculinidade seria impensável sem submeter-se fantasmaticamente a uma iniciação por meio da qual outro homem oferece à criança as condições da masculinidade (p. 236).

É precisamente aqui que encontramos o grande paradoxo da constituição masculina: o de permanecer suscetível para sempre ao fantasma da homossexualidade.

Conforme seu estilo de escrita, Silvia permite-nos acompanhar essas elaborações, ilustrando-as com uma vinheta clínica.

É preciso comentar que, ao ler o caso do pequeno Manuel, encontramos uma analista comprometida com a ética freudiana: é a clínica que deve conduzir a novas ressonâncias teóricas, caso contrário a teoria corre o risco de engessar a escuta.

Ao ver seu pequeno paciente brincando com soldados que espetavam um ao outro com suas baionetas, num jogo de exercício sádico, interpreta esse conteúdo manifesto como um desejo homossexual inconsciente, desencadeando em Manuel uma intensa crise de angústia acompanhada de uma recusa em permanecer na sessão.

Poder escutar a reação de Manuel como algo não redutível à resistência abre-lhe este novo

campo de reflexões, no qual vai considerar que os fantasmas de masculinização podem se expressar, em muitos casos, por meio da busca de incorporação da virilidade a partir da relação com outro homem.

A autora também transita por interessantes estudos antropológicos que descrevem rituais de masculinização em culturas antigas, como nos gregos e godos, e também em culturas contemporâneas, como os aborígenes da América ou os Sábias da Nova Guiné.

Esse rico diálogo transdisciplinar lhe permite correlacionar as fantasias trazidas por seus pacientes homens, que considera da ordem da constituição masculina, com os rituais de passagem à masculinidade estabelecidos nessas culturas.

Conclui: “não está distante de nossas próprias descobertas em psicanálise o fato de que o começo deste processo, que consiste em romper com a mãe para dar fim à infância, tenha como objetivo suprimir o vínculo de passividade ou dependência e inculcar uma agressiva auto-suficiência” (p. 57).

Impregnados dessa rica e original formulação, adentramos capítulos que nos permitem pensar a forma pela qual a psicanálise pode acolher e possibilitar uma verdadeira atuação sobre o sofrimento de nossos pacientes, afastando-nos de uma escuta preconceituosa que estaria contaminada de formulações teóricas historicamente datadas, para de fato “intervir de modo simbólico no destino psíquico do sujeito” (p. 209).

Silvia apresenta-nos uma série de histórias sobre pessoas que não se adaptam à bipartição, culturalmente estabelecida, entre masculino e feminino, na qual a maioria dos seres humanos busca se acomodar. Compartilhando de seus conflitos, transitamos pelas complexas questões

propostas pela transexualidade, intersexualidade e travestismo.

Tomo a título de exemplo a história do jovem Martín, Marta na atualidade, cujos percalços assemelham-se aos dos personagens apresentados por Pedro Almodóvar no filme *Má educação*. Através dele a autora convida-nos a pensar sobre as articulações e as diferenças entre sexualidade, gênero e sexuação, afirmando a necessidade de reposicionar metapsicologicamente esses elementos:

entre a biologia e o gênero, a psicanálise introduziu a sexualidade em suas duas formas: pulsional e de objeto, que não se reduzem nem à biologia nem aos modos dominantes de representação social, mas que são, precisamente, as que fazem entrar em conflito os enunciados atributivos com os quais se pretende uma regulação sempre ineficiente, sempre no limite (p. 107).

Acompanhando as histórias que a autora nos dá a conhecer com extrema sensibilidade, e acima de tudo respeito, encontramos o aspecto mais vibrante e criativo de seu trabalho, a saber, seu compromisso ético e, do meu ponto de vista, também político, com o momento histórico no qual ela e seus pacientes vivem.

Afinada com seu tempo, Silvia permite-se diálogos enriquecedores com autores e pesquisas de diversas disciplinas, sem nunca perder de vista a especificidade da psicanálise e o trabalho rigoroso com a teoria.

Fazendo jus a esses comentários, aconselho, para finalizar, um olhar pausado sobre o posfácio, cujo título, *A hora de um balanço*, torna-se um verdadeiro convite a repensar nossa própria posição diante da psicanálise e das questões propostas pela contemporaneidade.

# Entre a literatura e a psicanálise: uma poética da dor

Eliane Accioly Fonseca

Resenha de Ana Cecília Carvalho,  
*A poética do suicídio em Sylvia Plath*,  
Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003, 307 p.

A psicanálise sempre se reconheceu próxima ao sonho, ao mito, às religiões e às artes em geral. E à literatura em especial. Tanto uma como a outra têm na linguagem, na língua, na palavra, na voz, na escrita, na fala e na letra o campo de trabalho e a matéria-prima.

Sylvia Plath, poeta norte-americana, viveu em um período histórico, cultural e social entre as décadas de 1930 e 1960. Nessa época, Hiroshima inevitavelmente a atravessou. Outro acontecimento de comoção internacional, ocorrido nos Estados Unidos, foi a morte do casal Rosenberg.

A poeta deu cabo de sua vida em 1963, aos 30 anos. Dois filhos pequenos, vivia um momento efervescente de sua produção, quando sua identidade como poeta viria a se solidificar justamente com o que escreveu ao final de sua vida. Recém-separada de Ted Hughes, poeta inglês, com quem se casara anos antes, saúde frágil, resfriados e febres frequentes, insônia, sem ninguém de sua confiança com quem compartilhar os cuidados com as crianças e a casa.

**Eliane Accioly Fonseca** é psicanalista e poeta. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, autora dos livros *A palavra in-sensata, poesia e psicanálise* (Escuta, 1993), *Corpo-de-sonho arte e psicanálise* (Annablume, 1996), entre outros.

Ganhou inesperada e inesgotável notoriedade após a morte precoce e trágica. A fama póstuma, segundo Ana Cecília, não é comum nos meios literários. No caso de Plath, o que ocorre é que, além das conjunturas de sua vida e morte, seu projeto literário era bastante relevante.

Sylvia Plath é apresentada no livro não apenas como poeta, mas como pessoa. Em nosso tempo fragmentado, que nos fragmenta, preocupamo-nos com o desamparo primário do ser humano e procuramos, em nossas clínicas, recursos para lidar com as ansiedades impensáveis e indizíveis de nossos pacientes. Nos limites da linguagem, deparamos com o *não representável*.

Este é um dos paradoxos apontados por Ana Cecília na singularidade de Sylvia Plath. Sua proposta não foi diagnosticar Plath como melancólica ou suicida e, em nenhum momento, a reduz a um historial psicopatológico. Procura ficar próxima “do que Frieda Hughes apropriadamente sugere a todo aquele que se debruça sobre a obra de sua mãe: embora a escrita e a morte tenham feito de Sylvia Plath um ícone, ela só pode ser definida pelas palavras que deixou” (p. 18).

E diria eu, do que a poeta compartilhou para além das palavras e representações, não apenas no real de sua morte, mas, no silêncio das entrelinhas de seus diários, cartas, poemas, outros, onde deixou rastros de sua luta “para sair da letargia que a horrorizava” (p. 59). No diário, confessa que sua criação literária viria da transformação (lógica) do que viveu na infância, e que talvez, antes de dar uma forma às experiências, “devesse mergulhar na não existência, no medo mais absoluto” (p. 59). No que ainda não possui forma. O informe.

Não há o ser humano universal. Sabemos, entretanto, que não é simples para o psicanalista enxergar, reconhecer, perceber, receber a singularidade do outro, traço primordial de cada humano. Penso que, muitas vezes, não conseguimos alcançá-la no conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas da metapsicologia. Na clínica, entretanto, embora precariamente, almejamos maior sucesso.



Na leitura de *A poética do suicídio em Sylvia Plath*, percebe-se que, para alcançar a singularidade da poeta, de sua pessoa, dos vários aspectos de sua obra, vida e morte, Ana Cecília caminhou por um fio estrito, que ameaçava romper a todo instante. Em estado de risco e sem garantias, embora as referências e o propósito que a orientaram sejam definidos passo a passo. O processo não se deu ao acaso. Como está no resumo, “[...] O que articula psicanálise e literatura neste trabalho é a finalidade da escrita” (p. 19). Especialmente num caso como o de Sylvia Plath.

Um dos recursos usados por Ana Cecília foi o dialogismo com teorias, e com depoimentos de poetisas, escritores, inclusive os de Sylvia Plath. Traça dois eixos estruturantes: o de um discurso da melancolia, e o outro, “os fios autobiográficos e textuais de uma obra onde o ficcional muitas vezes se faz passar pela realidade mais factual” (p. 18). O projeto poético de Sylvia Plath alimenta-se com suas cartas e diários. Sua autobiografia se inscreve no coração do ficcional.

Outro eixo estruturante para Ana Cecília é o da *tradução*, que se desdobra em níveis diferenciados, como veremos. *Traduzir/transcriar/múltiplas-inscrições* são, nesse livro, expressões que se correspondem, revelam e apontam para diferentes camadas. Não apenas as das múltiplas inscrições exaustivamente criadas e reinscritas pela poeta, na busca de transformação, metabolização da dor psíquica, em sua produção – cartas, diários, poemas, contos, romances, peças teatrais.

A tradução encontra-se, também, nos *efeitos* que a obra de Sylvia Plath produz no leitor. Vários de seus leitores comentaram acerca desses efeitos e Ana Cecília diz que os mesmos são conhecidos de longa data pelos estudiosos da obra da poeta.

A psicanalista conta que em vários momentos o *fantasma* da poeta ameaçou fazer sombra ao projeto poético. O curioso é que no livro de Ana Cecília o fantasma de Sylvia Plath continua provocando estranhamentos no leitor, numa peculiar repercussão dos *efeitos* provocados, nela,

durante a pesquisa. Um transbordamento da obra de Sylvia Plath no território da pesquisa, no qual efeitos estéticos ressoam?

Ana Cecília faz uma leitura desses efeitos estéticos pelo viés de teorias da literatura, e através da ótica da escola de psicanálise francesa.

Vou compreender aqui esses efeitos, dentro do que Freud, na *Metapsicologia*, chamou *Das Unheimlich, o estranho-intimo* (1919, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973).

Para Freud, o *estranhamento* é um fenômeno, uma vivência, uma forma de percepção e consciência – a passagem da *familiaridade* para a *intimidade*. Ou seja, o estranhamento para Freud é tanto vivência emocional e estética, como tradução. A familiaridade acachapa, apaga os contornos das coisas e objetos. A intimidade realça o mundo, as situações, o si mesmo e o outro, seus relevos e contornos. O estranhar como forma de tradução tornou-se o procedimento estético que me orientou na leitura crítica para a composição desta resenha.

Esse recorte tornou-se não apenas possível, mas necessário, por ter experimentado estranhamentos na leitura do livro de Ana Cecília. Por exemplo, a sensação de ser empurrada para olhar por um buraco de fechadura. A obra da poeta me atraía em um segundo plano, mais confortável, em relação à curiosidade pela autobiografia, diários, cartas. Psicanálise e literatura, campos estetizantes. O estranhamento, fenômeno da vida, o qual pode ser usado como ferramenta, tanto no trabalho teórico, como no consultório. Penso que os efeitos estéticos da obra de Sylvia Plath em Ana Cecília adensaram o trabalho de sua pesquisa e aguçaram sua lógica crítica.

Já na “Introdução”, Ana Cecília nos fala de *tradução*, quando aponta a conjunção entre a interpretação psicanalítica e a escrita literária. Ambas manifestando-se na linguagem “aferrando-se ao seu aspecto essencial” [...], que é o de não ser unívocas, isto é, “não dizer exatamente tudo”. Para Ana Cecília, o eixo da tradução em seu projeto de doutorado foi muito além do fato de ter escolhido uma poeta de língua inglesa:

As dificuldades que um leitor de língua portuguesa encontra ao ler a poesia de Sylvia Plath não são menores do que as encontradas por um leitor de língua inglesa. O aspecto *estrangeiro* de sua poesia foi aqui considerado tendo-se em vista que uma questão crucial era ligar o estilo singular da poeta a uma busca nostálgica por uma *terceira língua*, que assoma à língua oficial adotada por seus pais (p. 21).

O pai de Sylvia era alemão. Sua mãe, filha de alemães, aprendeu a falar o inglês após os seis anos. Havia para a poeta ao mesmo tempo uma urgência e uma impossibilidade insuperável em aprender a língua de seus antepassados. Ana Cecília chama a poeta de *estrangeira*.

A *terceira língua* não seria, entretanto, apenas a original dos antepassados. (E não apenas no caso de Sylvia Plath, mas para qualquer um de nós). Esta língua nostálgica também não seria somente a *do inconsciente*, mas um desdobramento dos primórdios da vida, em uma *língua materna* e outra *paterna*. A primeira, o lugar nostálgico onde tudo pode ser dito, mas igualmente, vir a ser perdido. Em contraposição, a *língua paterna* traz limites e regras. A língua materna estaria na confluência com o corpo da mãe. E no risco da fenda que se abre onde e quando este corpo falta. Na língua materna, no umbigo da linguagem, o escritor corre o risco de encontrar a morte, o que não significa que ele deva morrer.

As dimensões de dizer tudo, esbarrar em limites, empurrá-los até a borda, extravasá-los, com o risco de romper as membranas do próprio corpo, encontram-se no trabalho de Sylvia Plath, linguagem poética que possui movimentos próprios. Ana Cecília considera o corpo como limite extremo, a pele que o recobre, e que se instaura por meio de inscrições simbólicas. O real perigo estaria em extravasar o próprio limite (simbólico e real) do corpo: “indício da ‘hemorragia interna’ de que nos fala Freud ao descrever o discurso da melancolia?” (p. 129).

#### Cita a autora:

segundo Blanchot, “o escritor é aquele que ‘escreve para morrer’, e que recebe o seu poder de escrever de uma relação antecipada com a morte” [...] – embora o movimento que na obra é aproximação, espaço e uso da morte, [...] não constitui, de modo algum, o mesmo movimento que conduziria o escritor à possibilidade de morrer (p. 231).

Sylvia Plath, além de poeta, deu aulas de literatura, logo abandonadas, pois a radicalidade com que vivia seu projeto poético/literário exigiu “devotar-se exclusivamente à escrita, apesar das dificuldades materiais e das hesitações de ordem emocional que, segundo acreditava, a impediam de criar” (p. 29). Das atividades acadêmicas deixou, porém, uma dissertação de mestrado, dedicada à problemática do duplo em Dostoiévski. Em diversos momentos do livro, Ana Cecília desdobra a duplicidade encontrada na *poética plathiana* – nomes de personagens que se sobrepõem, pseudônimos, o desmentir das cartas nos diários, a diferença entre o tom das cartas à mãe (cheias de idealizações e superlativos) e as enviadas ao irmão (onde disfarça, em humor, as experiências sofridas e difíceis), entre outros.

Em seus diários, Plath se preocupava com o que seria a escrita em sua vida. Sua poética passou pela fase da impessoalidade, influenciada por teorias do momento histórico que viveu. Diz Ana Cecília: “Mas, ao declarar em *Context* que os poetas que mais admirava eram aqueles ‘possuídos por seus poemas do mesmo modo que pelo ritmo da respiração’, deixou clara não apenas sua divergência do *New Criticism*, como também ressaltou aquilo que, no texto, atesta uma *presença* concreta; a *pessoalidade* do escritor.

Será, sobretudo, na poesia que Ana Cecília encontrará as marcas da indissociação entre a experiência interna e a escrita. “Mas é preciso esclarecer que essa indissociação não deve ser tomada no sentido que lhe foi dado por aqueles que, em nome da psicanálise, serviram-se de seus textos como se fossem testes projetivos

para compor um diagnóstico de sua personalidade [...]” (p. 169).

O que a corporeidade significa na materialidade da escrita, e em especial na de Sylvia Plath, foi um aspecto abordado por Ana Cecília, em algumas meditações. Uma delas, ao se voltar para a voz humana. Sylvia almejava escrever poemas que pudessem ser lidos em voz alta. Enquanto viveu, leu seus últimos poemas para mais de uma pessoa. E seus ouvintes viveram efeitos de estranhamento: a voz da poeta podia ser estridente na leitura de um poema, raivosa na leitura de outro. A ressonância dessa voz, entretanto, chocava, e podia tornar os poemas incompreensíveis a uma primeira escuta.

As noções barthesianas desenvolvidas em *O grão da voz* [...] mostrarão o lugar do corpo na escritura. Estabelecendo a diferença entre fala e escritura, Barthes introduz o termo “escriptação” ou transcrição, para mostrar que na escritura não é a fala, não sendo nem o escrito nem “transcrição”: na escritura, o que está demasiado presente na fala e demasiado ausente na transcrição é o corpo. É ele que retorna indiretamente, na escritura, pela via da voz [...] A voz aparece não para comunicar, mas para dar testemunho de resíduos do corpo na escritura (p. 220).

Para Paul Zunthor, autor com quem Ana Cecília trabalhou em seu projeto (na bibliografia), a voz humana não pode ser confundida com a palavra nem com a linguagem, porém não pode ser dissociada dessas. A voz não é palavra nem é linguagem, mas atravessa uma e outra. A voz não é estrutura, é imanência e expressividade. Emanada do corpo de quem fala, tanto na oralidade como na escrita. A voz é o que confere materialidade à linguagem.

“[...] Sylvia Plath confessou que os poemas do livro *The colossus* a aborreciam, porque não podiam ser lidos em voz alta. Para ela, o poeta teria cumprido sua missão se seus poemas pudessem ser declamados, e não apenas lidos em silêncio”. Em seu diário é encontrado que as

palavras deveriam soar, cantar, para ter sentido. “[...] Se o esforço literário de Sylvia Plath almejava alcançar o irrepresentável, é importante pensar que esse intento coincide com o retorno aos limites do corpo, como fica claro em sua preocupação com a leitura da palavra em voz alta” (p. 219).

Mais adiante, Ana Cecília dirá que, afinal, o sopro de ar que a fazia viver podia levá-la à morte: Sylvia aspirou gás mortífero.

Freud se espantou, após a formulação metapsicológica da sublimação, que a angústia e o sofrimento psíquico de escritores não fossem mitigados pela escrita. E no seio da sublimação se *deparou* com a pulsão de morte. Resgate que Ana Cecília faz. Há bálsamo e toxidez na escrita, remédio e veneno. O escritor não escapa de *morrer*, pelo contrário, corre riscos.

*Poética* é uma expressão muito usada no campo da teoria literária. Um dos usos está em enfatizar o trabalho envolvido na escrita, o texto, e não apenas o gênero literário. Ou seja, o texto é uma produção singular, enquanto a questão do gênero é mais generalizável. As *poéticas* usadas por Ana Cecília, como *poética da tradução*, *poética autobiográfica*, *poética da melancolia* e, finalmente, *poética do suicídio* – termo cunhado pela autora – descrevem os vários níveis do trabalho de transformação do sofrimento psíquico de que se nutria a escrita de Sylvia Plath.

Esses termos prestaram-se como verdadeiros operadores ao exame metapsicológico da sublimação, à medida que destacavam os limites desse processo, ou seja, seu lado funcional – no qual a criação literária cumpria seu papel organizador, senão terapêutico, e seu lado disfuncional – a partir do qual a escrita era como que dominada por uma espécie de *toxidez*, revelando a participação disfuncional das pulsões de morte.

Ana Cecília Carvalho traduziu 83 poemas de Sylvia Plath, que limitações impostas pelos atuais controladores do espólio proibiram a publicação em seu livro. Este episódio traz à tona

a existência de *vozes proibidas* de serem ditas, une as *vozes* de Sylvia Plath, e a de Ana Cecília Carvalho.

A autora nos informa que a mãe de Plath censurou suas próprias cartas assim como as da filha, na ocasião de sua publicação. O mesmo fez Ted Hughes, ao alterar a ordem que a mulher, que acabaria por se perpetuar em sua vida, havia estabelecido, suprimindo parte dos textos. Textos inteiros foram destruídos, ou desapareceram. Tragédias humanas.

A poeta, como dito acima, “sabia melhor do que ninguém que o texto literário é a fantástica ‘cidade onde os homens são remendados’ [...] e nele a poeta *sempre* ‘renascerá tão boa quanto nova’” (p. 23).

A apresentação de Sylvia Plath nos fragmentos de sua complexidade e singularidade, a intensidade de sua dor, a prática literária que perpetuou a poeta no legado de suas inscrições. As funções da escrita: cura e toxidez.

Se Ana Cecília correu risco de *generalizar*, driblou-o com o dialogismo entre a psicanálise, a teoria da literatura e depoimentos de escritores. Tentação à qual sobreviveu foi a de não tratar os textos de Sylvia Plath como testes projetivos de seu inconsciente.

*A poética do suicídio em Sylvia Plath* é uma poética da dor na obra, vida e morte de Plath, embora traga a dimensão de que cada ser humano será sempre pleno e misterioso, inacabado e singular em sua dor.

# Tirando a máscara do palhaço

Decio Gurfinkel

Resenha de Maria Silvia Bolguese,  
*Depressão & doença nervosa moderna*,  
São Paulo, Via Lettera/FAPESP, 2004, 171 p.

226

PERCURSO 38 : junho de 2007

A depressão tem sido objeto de atenção crescente no meio psicanalítico<sup>1</sup>. Do ponto de vista teórico-clínico, sua abordagem não é propriamente nova. Ainda que não constitua uma forma clínica tão nitidamente delimitada e reconhecida na psicopatologia psicanalítica como a histeria, a neurose obsessiva ou a paranóia, há certamente um *alicerce metapsicológico* sobre a depressão já assentado nos textos clássicos, a começar pela obra de Freud. Karl Abraham e o desenvolvimento kleiniano, seguidos de diversas outras contribuições pós-freudianas, vieram enriquecer essa base. Ora, por que então diversos autores têm considerado a depressão uma *doença moderna*, ou uma das apresentações típicas da chamada “psicopatologia contemporânea”?

O livro *Depressão & doença nervosa moderna*, de Maria Silvia Bolguese, ajuda-nos a refletir sobre esse ponto. Sua abordagem do tema procura alargar o ângulo de visão da investigação para além da compreensão estritamente psicanalítica, sem porém abandoná-la: a meta

da autora é abordar a depressão dentro de um contexto histórico, social e político. O objeto “depressão” ganha, assim, diversos sentidos: ele é tanto um fenômeno clínico a ser investigado, quanto o efeito complexo, nos indivíduos, da violência da organização social em que vivemos, ou a criação ideológica de uma “doença” para alimentar a máquina de consumo capitalista. O trabalho de Bolguese caracteriza-se por uma abordagem multifacetada não apenas em termos do *objeto* da investigação, mas também em relação ao *ponto de vista conceitual* com que opera: a autora lança mão tanto do arsenal conceitual psicanalítico freudiano quanto de estudos críticos sobre os mecanismos de controle social e de produção de ideologias, com especial destaque para Adorno.

Trata-se de uma pesquisa de doutorado realizada junto ao programa de Psicologia Social da PUCSP, e enquanto tal obedece a um plano de trabalho claro e coerente. O livro subdivide-se em duas partes. A primeira dedica-se à apresentação e ao aprofundamento da abordagem conceitual – que, como disse, é multifacetada –, assim como à introdução paulatina da problemática a ser discutida. A segunda parte do livro contém o que se costuma chamar “trabalho de campo”, ou seja: o estudo da problemática em foco em um material empírico específico, a fim de testar as hipóteses levantadas e fazer avançar a investigação. A escolha do material para tanto foi muito feliz, já que ele serviu perfeitamente – como veremos – ao objetivo almejado.

O trabalho tem como ponto de partida a constatação de uma *disseminação* espantosa do conceito de depressão. Por que – supostamente – os indivíduos padecem tão recorrentemente de depressão hoje? Trata-se mesmo de uma “doença” que se dissemina, ou, talvez, também, de um “diagnóstico” forjado que realimenta a doença e a reproduz? A primeira consideração crítica da autora é a constatação de uma tendên-

**Decio Gurfinkel** é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor dos cursos *Psicanálise: teoria e clínica* e *Psicossomática* no mesmo Instituto, doutor pelo Instituto de Psicologia da USP e autor de *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania e Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*.

<sup>1</sup> A título de exemplo, menciono a pesquisa realizada em nosso meio por Daniel Delouya, cujo livro *Depressão, estação psique* resenhei na *Percurso* n. 29.



cia à *generalização* que banaliza o uso do termo: “hoje, tudo é depressão. E, se tudo é depressão, a depressão não é nada” (p.17). A falta de uniformidade e precisão na definição do conceito só vem complicar o problema. A segunda consideração crítica apontada por Bolguese é a tendência a uma *naturalização* da depressão, ou seja: considerá-la um dado atributo do indivíduo que anula qualquer problematização, e que portanto cumpre uma função de encobrimento ideológico. Esta “naturalidade” é, em geral, atribuída a uma base neuroquímica, mas pode ser também tratada em termos de uma estrutura psíquica do sujeito pré-formada; assim, tanto a psiquiatria quanto a própria psicanálise estão sujeitas a um tratamento ideologizante da depressão.

E qual problematização é anulada com esta *naturalização*? Antes de tudo, a imbricação dialética entre o mal-estar dos indivíduos e as condições sociais, assim como a implicação do sujeito e de sua história em relação a seu sofrimento.

Bolguese nos lembra de que há um profundo e consistente questionamento sobre as estruturas sociais na própria obra de Freud. Já no texto sobre a moral sexual civilizada, Freud demonstrou como a vida em sociedade onera o psiquismo e sobrecarrega o sujeito: uma vez que a civilização repousa sobre a supressão das pulsões, ela promove o confinamento dos indivíduos à neurose. A discussão prossegue e torna-se muito mais complexa em textos mais tardios (sobretudo em *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na cultura*) e, como bem assinala Bolguese, ganha um novo e importante impulso com o conceito-chave de *superego*. Com ele, “fica mais evidente que as marcas culturais ganham um lugar específico na difícil *administração interna* da economia pulsional do sujeito”, e o próprio sujeito torna-se um “estandarte do mal-estar” (p. 37).

Em busca de melhor fundamentação para sua visão de um sujeito imerso no contexto social, Bolguese recorre às formulações de Adorno, Horkheimer e Marcuse, que por sua vez trabalharam também algumas das teses de Freud. Apoiando-se nessa perspectiva, a autora aborda

a depressão em conexão com o advento da sociedade burguesa. Os processos civilizatório e educacional implicam a adesão a dois contratos primordiais – o da propriedade e o do domínio –, e a renúncia imposta ao sujeito burguês como condição da socialização empurra-o em direção à regressão e à neurose, trazendo fortes prejuízos à constituição de sua subjetividade. Ora, por causa da tendência à naturalização, a depressão emerge como um fenômeno “interior” – um sofrimento individual vivido em um foro íntimo – que mascara as tensões sociais e as relações de dominação.

Bem, essas considerações têm implicação direta para o método de pesquisa adotado. Segundo Adorno, o risco dos estudos no campo das ciências humanas é sempre estabelecer uma cisão entre o particular e o universal. No caso específico da abordagem da depressão, esse equívoco pode conduzir a uma oposição estrita entre *psiquiatria* e *psicanálise*, que deve ser evitada. Conforme ressalta Bolguese, “não se trata de conferir o singular (a história e as representações) à psicanálise e as categorias coletivas e universais (o corpo e a biologia) à psiquiatria, pois esta suposta separação acabaria por encobrir – o que seria puramente ideológico – a tensão/cisão enfrentada tanto pelo psicanalista diante da singularidade do desejo do sujeito, atravessado por *violentos processos identificatórios* também constituídos a partir das referências à coletividade (aspectos sociais) e à universalidade da biologia, quanto pelo psiquiatra que se vê indagado por um sujeito com sua história peculiar, que tenta nomear seu mal-estar através de categorias que lhe são próprias” (p. 28). A autora conclui, assim, que a oposição maniqueísta entre os dois campos do saber conduz ao pior dos equívocos: o de se pensar que a resposta estaria na substituição ou na eliminação de uma pela outra.

Se o homem é um ser social, faz-se necessário considerar as inter-relações entre as categorias sócio-políticas e os movimentos psíquicos individuais, e, em nosso caso particular, entre o mal-estar na cultura e a depressão. Coerente

com este princípio metodológico, Bolguese se apóia em trabalhos de psicanalistas que adotam essa mesma perspectiva, tais como Serge André, Roudinesco e Joel Birman. É bastante sugestiva a proposta de Serge André, segundo a qual a ciclotimia, como “bipolaridade simplista da baixa e da alta”, seria própria da estrutura do capitalismo: “o homem – o *doente* – de quem se ocupa a psiquiatria acaba necessariamente sendo concebido como um capital de energia que o tratamento deve manter em um nível adequado de produtividade” (p. 39), e o termo depressão “converteu-se em um dos significantes do sistema econômico cuja finalidade é a criação e a manutenção da mais-valia” (p. 42). Roudinesco, por sua vez, qualificou nossa sociedade de *depressiva*, por ser dominada pela individualidade, pela tristeza, pela apatia e pelo vazio de desejo. O homem sucumbe à psicofarmacologia sem refletir sobre a origem de sua infelicidade, e o antidepressivo permite ao indivíduo voltar à cadeia produtiva da maneira mais silenciosa possível. Joel Birman ressaltou também o evitar sistemático do sofrimento como uma marca da atualidade, o que se reflete na recorrência da solução química. Como resume Bolguese, hoje pretende-se a “normalização”: “encontrar a felicidade média, possível, plausível aos homens que se ajustam ao sistema social” (p. 46).

Temos, assim, um quadro claro do substrato conceitual que sustenta o trabalho de Bolguese. A primeira parte do livro é composta ainda por mais dois capítulos, que buscam analisar criticamente a abordagem da depressão pela psiquiatria e pela psicanálise. O primeiro deles dedica-se à *concepção* de depressão, e o segundo às suas *terapêuticas*.

Ao tratar da visão psiquiátrica da depressão, Bolguese relembra as mudanças ocorridas nessa disciplina no século XX. Se na década de 1950 a psiquiatria conservava uma leitura dinâmica dos fenômenos e incorporava algumas noções psicanalíticas, nas últimas décadas esses elementos foram expurgados, dando lugar a uma concepção pronunciadamente organicista. A

autora nos mostra os reflexos de tais mudanças na abordagem da depressão, e para tanto examina os manuais de psiquiatria DSM e CID-10. Tais instrumentos concentram-se na classificação e na descrição de síndromes e transtornos, cuja explicação tende a ser reduzida à base orgânica do funcionamento cerebral; por outro lado – e sintomaticamente – a histeria desaparece dos manuais. As linhas de força da classificação são subliminarmente determinadas pelos avanços da farmacologia, enquanto o trabalho de pensamento da teorização mingua. Ora, Bolguese vê aqui uma *mitificação da ciência* cujo objetivo é dominar os sujeitos, e propõe um resgate da teorização – com sua salutar “intransigência” – como antídoto para esse estado de coisas.

Em relação à concepção psicanalítica da depressão, a autora retoma os textos de Freud sobre o humor e sobre a melancolia. É sobretudo no primeiro que Bolguese vê a possibilidade de uma abordagem frutífera do tema, já que, se “o humor é sempre rebelde”, ele é por definição um caminho para sair da alienação depressiva de modo crítico e não adaptativo; ora, “ao situar o humor na relação entre o ego e o superego, Freud não deixa de examinar o homem em seus embates com a cultura” (p. 65). Uma vez que na sociedade capitalista se dá uma tradução do desejo em termos da satisfação imediata por meio do consumo, o sujeito impedido de satisfazer-se pelo consumo tende a culpabilizar-se e enclausurar-se em um estado depressivo, perdendo sua capacidade para a *atitude humorística*. Essa observação vai ao encontro da concepção de Hugo Bleichmar, que vê na representação de um desejo como irrealizável a essência do fenômeno depressivo. Ao “fabricar” uma satisfação de consumo irrealizável, a sociedade forja indivíduos de saída entristecidos, pois fracassados em sua busca. Diante da apropriação ideológica do conceito de depressão, Bolguese considera que a psicanálise deve assumir um posicionamento: ela “deve se colocar como um instrumento que, à medida que explicita os conflitos individuais, desvenda os determinantes culturais” (p. 76) –

tarefa que, aliás, Adorno já havia atribuído à psicanálise, sempre no limite tênue entre o aprisionamento e a libertação dos sujeitos.

A análise das propostas terapêuticas da psiquiatria e da psicanálise dá seqüência ao argumento do trabalho. Bolguese nos lembra como o uso de psicotrópicos tornou-se a principal opção de tratamento para a psiquiatria, sendo os antidepressivos os psicotrópicos mais receitados hoje; essa direção tomou proporções espantosas, a ponto de metade do orçamento médico do Estado de Massachusetts ser gasto em medicação psiquiátrica! Trata-se, efetivamente, de um fenômeno que merece muita atenção: o tratamento medicamentoso – esta “saída eficaz, rápida e *asséptica*, prometendo ao sujeito um afastamento pleno de seu mal-estar” (p. 84) – é hoje largamente utilizado e disseminado, sendo encampado inclusive por médicos não psiquiatras. Ao mesmo tempo, os psiquiatras têm dado preferência a psicoterapias cognitivistas e comportamentais. Como fica a prática da psicanálise nesta “era Prozac”? Como pensar a “associação de terapêuticas”, especialmente quando o psicanalista se vê diante de um número cada vez maior de pacientes medicados? E ainda: se há uma *depressividade* própria do psíquico, o que significa procurar extirpá-la por uma estratégia química? Essas são as questões essenciais que Maria Silvia Bolguese nos põe aqui a considerar<sup>2</sup>.

A partir da colocação em cena desses elementos em questão, a autora parte para o “trabalho de campo”; aqui se encontra a parte mais original de seu trabalho. Como investigar a dimensão ideológica da disseminação do conceito de depressão e suas diversas conseqüências? O caminho escolhido foi analisar o material de divulgação da depressão produzido pelos grandes laboratórios farmacêuticos, buscando apreender o modo pelo qual se procura definir e “vender” a depressão. Adotando o método da “análise de conteúdo dos estímulos” como meio de investi-

gação das mentalidade dos grupos, proposto por Adorno, Bolguese examina duas peças publicitárias. Tais peças são, aliás, de uma eloqüência *gritante*! Creio que aqui entra em jogo o talento da autora-psicanalista em escutar e “deixar falar” o material, oferecendo ao leitor a oportunidade de “ver com seus próprios olhos” a engrenagem ideológica e manipulatória em ação.

Uma primeira impressão é que tais peças de divulgação, dirigidas aos médicos, deveriam ser ineficazes, dado seu caráter, simplificação excessiva e intenção ilusionista evidente. Mas, como se dá em geral no mundo do *marketing*, não é isso que ocorre: é justamente essa primariedade e infantilização – assim como as promessas irrealis e mágicas – que falam mais fundo ao coração dos homens. Como nos mostra a autora, a ciência e os “homens do saber” não estão de forma alguma isentos dos mecanismos ideológicos de dominação – inclusive os psicanalistas! Retomando uma sugestão de Luiz Carlos Menezes, ela assinala que estes também têm sido influenciados pela forte publicidade feita em torno da depressão e dos antidepressivos, o que os induziu a encaminhar seus pacientes para tratamento psiquiátrico com muito mais freqüência na última década.

“A alegria da forma mais pura”. Esse é o slogan do primeiro folheto analisado, que contém a figura de um palhaço sorridente na capa e tem como ícone o desenho de um sorriso. Bolguese dissecou em detalhes tanto a forma quanto o conteúdo do material, levantando várias sugestões interpretativas. Assim, “o palhaço, como personagem de uma peça bufa, esconde e revela atrás da máscara da alegria suas tristezas e mazelas” (p.126), e a idéia de “cura” da depressão veiculada pela peça publicitária é a construção de uma máscara de palhaço. Ora, à medida que o remédio torna-se a *pillula da alegria*, aos sujeitos só resta o lugar de palhaço: o “esvaziamento do homem feito de palha” (p.127). A análise empreendida do significativo “pureza” é também sugestiva: ele aludiria a uma infantilização e a um transporte a um mundo

2 Maria Silvia esclarece que sua intenção não é defender uma bandeira anti-medicação, e reconhece os avanços e os benefícios que o uso de psicotrópicos pode trazer.

ingênuo e inocente, assim como a um poder totalizador da pílula mágica: “é como se o remédio possibilitasse a aquisição de um estado original, no qual o sujeito se vê protegido das impurezas e intervenções da existência, uma vez que puro também significa total, completo, exclusivo e uno” (p.128). Diversos outros aspectos são abordados, tais como a relação entre depressão e mundo do trabalho, a incidência da depressão nas mulheres e a necessidade de escamotear os efeitos colaterais do remédio, assim como seu custo financeiro. Um dos elementos trabalhados por Bolguese merece, a meu ver, destaque especial: a tendência de o médico tornar-se um simples *elo* da cadeia de mercado, uma vez que a indústria busca neutralizar sua participação efetiva. Bolguese analisa, ainda, uma segunda peça publicitária – cujo slogan é “dê uma virada no quadro depressivo do seu paciente” –, que revela elementos semelhantes aos da primeira.

Pode-se observar, assim, *in locu*, a ação dos mecanismos ideológicos denunciados pela autora, que conclui: “a alegria questionável e falsa do palhaço está à disposição nas prateleiras, mas obviamente não se pretende a alteração deste estado de coisas [...]; a solução para o mal-estar prescinde da explicação e do enfrentamento dos conflitos sociais” (p.139). Ora, enquanto o “anti-depressivo vende a alegria como meio de escapar daquilo que não se pode escapar de modo algum” (p.140), uma psicanálise orientada pelo modelo da *atitude humorística* encontra-se no lado oposto. Se o humor é sempre rebelde, ele

põe continuamente em questão os mecanismos de poder que buscam naturalizar o *plus* de sofrimento inflingido ao Eu pela vida em sociedade, combatendo o supereu tirânico com um supereu benevolente. Trata-se de lançar mão de uma preciosa arma do psíquico que busca alargar o raio de ação de um Eu alienado, achatado e submetido por este outro-em-mim dominador e escravizante: o supereu primitivo, sádico e violento. A alternativa a esta luta contínua seria engolir uma pílula mágica infligida pelo grande Outro, “tratamento” que pode ter como consequência a anulação do sujeito.

Como se vê, o livro de Maria Silvia Bolguese coloca sobre a mesa uma problemática da maior importância, que certamente toca a todos nós como clínicos e cidadãos do mundo. Ele abre nossos olhos para a necessidade de abordarmos a depressão no entrecruzamento entre as determinações psíquicas e as determinações sócio-políticas, e nos alerta para a necessidade de complementarmos nosso arsenal conceitual psicanalítico com o ponto de vista das ciências sociais e da filosofia. A contribuição da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt constitui, certamente, um dos instrumentos mais ricos para tanto. Creio ter deixado claro, nesta resenha, como o *alcance* do trabalho não se limita ao âmbito acadêmico, mas – como bem ressaltou Nelson da Silva Junior no prefácio do livro – comporta uma dimensão inequivocamente *política*: o trabalho de desvelamento dos mecanismos ideológicos em uma dada situação concreta eleva uma “ação conceitual” ao patamar de uma “ação política”.

# “Que você só tenha pra contar coisas melhores do que eu te contei”

Susan Markusszower

Resenha de Fernando Frochtengarten, *Memórias de vida, memórias de guerra*, São Paulo, Perspectiva, 2005, 223 p.

Fernando Frochtengarten convida o leitor a uma viagem ao passado, onde bifurcam suas próprias origens. A viagem é guiada pelas memórias ou, como o autor prefere chamá-las, as reminiscências dos seus avós, sobreviventes da Shoah. Acompanhamos a trajetória do neto que, desde sua infância, se familiarizou com as tragédias que no passado afligiram sua família, para na idade adulta transformar sua herança num estudo a respeito de memória e desenraizamento.

A viagem junto com o avô e a tia para as cidades de origem na Polônia serve como pano de fundo das reflexões do autor a respeito do fenômeno psicossocial do desenraizamento e sua dimensão psicológica, a ruptura biográfica. Por meio da análise das matrizes de participação social reconstruídas pelas lembranças dos sobreviventes de guerra e a maneira como são elaboradas suas reminiscências traumáticas, o autor pretende contribuir para uma discussão aprofundada sobre esses temas (p. xv).

Na tentativa de capturar algo do passado perdido, o autor observa, na visita à cidade da infância do avô, o estranhamento daquele que um dia pertenceu ao lugar visitado, mas que hoje

definitivamente lhe era estranho (p. 9). O estranhamento agravou-se à medida que não restou qualquer traço material ou idiomático que indicasse a presença da comunidade judaica ou seu extermínio nem qualquer documento na prefeitura da cidade que atestasse sua história familiar (p.14).

Nessa viagem no tempo, Fernando vive na pele aquilo que, citado por ele, Simone Weil afirma a respeito da importância do passado:

Seria vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurdo. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado (p.12).

A ausência absoluta de resquícios do passado nos lugares visitados, apesar de sua intensa presença nas reminiscências do avô, confronta o autor com a impossibilidade de abraçar o presente – *este presente* – como contíguo aos quadros espaço-temporais em que viveram os avós e que lhe eram conhecidos por meio das lembranças contadas (p.14). E o autor acrescenta:

As pessoas e o solo pareciam esconder, como algozes ou testemunhas, alguma participação na biografia dos meus ancestrais. Tinham todos o que dizer sobre sua destruição. Faziam pensar nos pinheiros que hoje cobrem o antigo campo Sobibor: plantados pelos nazistas para sombrear seus crimes, circulam em sua seiva resquícios da gente exterminada (p.14).

O sentimento de estranheza suscitado pela falta absoluta de referências ao passado assume, para o autor, algum parentesco com a dor que acomete os homens desenraizados (p.14).

Conforme citado pelo autor, Simone Weil considera o enraizamento uma das necessida-

**Susan Markuschower** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.



des mais importantes e mais desconhecidas do homem. Ainda de acordo com essa autora, o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro (p.12). As formulações de José Moura Gonçalves Filho, conforme lembrado pelo autor, a respeito do desenraizamento, referem-se à humilhação gerada pelo desaparecimento das condições intersubjetivas demonstrando a natureza política do sofrimento gerado pelo desenraizamento (p.14).

Na investigação que deu origem ao livro, confrontamos-nos com reminiscências do passado; entre o vilarejo do passado, a casa do passado, as guloseimas do passado, a vida familiar do passado, os pais, irmãos, irmãs, avós, tios, tias etc. que foram deixados para trás e a vida nova encontrada num lugar distante e desconhecido, encontramos o horror, o inominável e irrepresentável que pode ser de alguma forma recuperado em reminiscências dizíveis após 60 anos do ocorrido.

O trabalho de campo deste estudo se apóia nas extensas entrevistas do autor com cinco sobreviventes da Shoa: Cesia, D. Elka, Mendel, D. Rosa e D. Sara. Cada um deles dá testemunho do seu escape do aniquilamento. Histórias de verdadeiros heróis e heroínas que se ergueram dos destroços do inferno, sem que eles próprios entendessem como conseguiram. São relatos comoventes, reminiscências de fato, que obscurecem o passado anterior ao horror e contaminam o que se seguiu. Paradoxalmente, são relatos de muita afetividade e amor à vida, amor ao passado dizimado e à vida reerguida. Nas palavras de Cesia, encontramos uma tentativa de elaborar a dor sofrida com a vida reencontrada e suas conquistas: “E eu agüentei tudo isso, Fezinho. Eu ia saber que um neto vai me entrevistar e gravar essa história? Eu sonhava com isso? [...] Só que as feridas da minha família ficaram. E não querem se fechar. Não vão cicatrizar nunca. E nessas entrevistas eu também

não queria deixar tanta tristeza, tanta angústia. A vida continua” (p. 210).

Ao acompanhar o autor nessa sua trajetória dolorosa e difícil, nos sentimos cúmplices desse neto que escuta com pasmo e admiração as reminiscências a ele confiadas. É uma herança, sim, mas é uma herança que nenhum ancestral gostaria de poder oferecer para seu filho ou neto, como afirma a avó: “Te desejo, de todo coração, que um dia um filho ou um neto teu façam também uma entrevista. E que você só tenha pra contar coisas melhores do que eu te contei” (p. 211). Ou seja, nesse caso os tesouros da herança são constituídos por um abismo, marca deixada pela ruptura biográfica, uma vez que os objetos biográficos dos sobreviventes foram postos em cacos (p. 187).

A pesquisa do autor focaliza as memórias dos sobreviventes de eventos extremamente traumáticos. A abordagem psicossocial apresentada pretende incidir sobre esse fenômeno na sua forma intermediária, na fronteira entre a pessoa e a situação, interrogando-se acerca do que a guerra tem feito de suas vítimas e o que essas vítimas têm feito da guerra (p. 23). E nesse sentido a escolha dos participantes é bastante feliz, tanto por estes terem sobrevivido a um dos eventos mais traumáticos do século xx – e nesse caso vale salientar que os campos de concentração representam um acontecimento de choque único na história (p. 33) –, como pelo fato de ter conduzido as entrevistas mais ou menos 60 anos após o ocorrido. Parece que nesse lapso de tempo o sobrevivente começa a permitir-se olhar para trás e narrar algo de sua história, como afirma D. Rosa: “Olha, esses dias que nós conversamos me fizeram voltar todo o passado. E se durante tantos anos eu não quis lembrar nada, agora parece que foi gratificante” (p.166).

A necessidade de lembrar se torna um legado de sua vida, já que o trauma vivido se sobrepõe a esta e a necessidade de lutar para retomar a vida deixou de ser prioridade. Nessas circunstâncias, o autor observa que, sob condições bastante determinadas, a narração de uma

autobiografia pode favorecer o trabalho de elaboração da experiência de guerra (p. 29). A elaboração psicológica de uma experiência traumática envolve sua inscrição e reinscrição na subjetividade. É por sua reprodução e recriação que o sujeito pode organizar as idéias, nomear as experiências e integrá-las a outras representações (p. 28). A narrativa confere ao memorialista a possibilidade de estranhar-se e de comunicar-se com a alteridade da experiência lembrada. Não é outro o motivo do espanto do narrador com aquilo que lembra e com a maneira como toma para si o trabalho de contar sua história (p. 212). Essa relação com o estranhamento do vivido encontramos expressa por um de outros muitos memorialistas, Chanoch Petzenbaum, quando afirma em seu livro *Para que as futuras gerações saibam*:

Se você pensa que escrevi tudo sobre o que vivi, você está totalmente enganado. Eu apenas escrevi sobre coisas que são dificilmente acreditáveis. Eu não escrevi nada sobre aquilo que é totalmente inacreditável. Nem eu mesmo acredito às vezes no que passamos<sup>1</sup>.

O livro *Memórias de vida, memórias de guerra* mostra que se por meio do recolhimento dos fragmentos de sua vida o narrador doa aos seus herdeiros sua experiência no mundo, e se a história de vida dos ancestrais é uma necessidade fundamental para a construção do futuro da nova geração, a narração também toma parte na resistência política de um sobrevivente de guerra (p. 213). Foram justamente eventos traumáticos como as guerras, a Shoa e a bomba nuclear que transformaram a narrativa e o testemunho em modalidades decisivas de relacionamento do homem com os acontecimentos (p. 28). O autor demonstra em seu estudo que as narrativas dos sobreviventes, além de servirem como reelaboração das questões relacionadas com o desenraizamento e a ruptura biográfica, são uma contribuição valiosa para o não-esquecimento e para a investigação constante dos tesouros monstruosos da humanidade. Assim a essência desse legado, denúncia da força poderosa da natureza destrutiva do homem, poderá alertar e contribuir para um mundo futuro quicá menos cruel.

1 C. Petzenbaum, *So that your generations shall know*, 2006, no prelo (p. 95).

# O sentido ético do esquecimento na psicologia dos sonhos

Cibele Ruas

Resenha de Maria Thereza Waisberg,  
*O esquecimento dos sonhos e as ilusões da consciência – Freud e o último caráter da hermenêutica*, Belo Horizonte, C/Arte, 2006, 173 p.

234

PERCURSO 38 : junho de 2007

Maria Thereza Waisberg percorre questões importantes de um texto que, há mais de um século, tem se mostrado inexaurível – *A interpretação de sonhos*, de Sigmund Freud. A partir da tensa fronteira entre a filosofia e a psicanálise, ela segue por um viés pouco explorado: o esquecimento dos sonhos. O livro é versão modificada de sua dissertação de mestrado no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Questionar aspectos teóricos, técnicos e metodológicos da psicanálise é sempre, e muito, refletir sobre a subjetividade. Quem é o sujeito psicanalítico, o sujeito do inconsciente? Qual é sua articulação com o sujeito do *Cogito* cartesiano?

Se interpretar é método científico que visa a explicitar o funcionamento do psiquismo humano, é justo que se parta da genealogia dos modelos e dos referentes epistêmicos que circundaram o saber freudiano, emprestando terminologia e conceituação à linguagem do inédito. *O que é interpretar?* – a autora parte em busca dessa resposta, percorrendo caminhos

que apontam para possíveis soluções da questão. A resenha se manterá fiel aos caminhos privilegiados por Waisberg.

O sonho tem um sentido passível de ser encontrado através da laboriosa operação de interpretação psicanalítica. A busca de sentido envolverá, aponta a autora, a *compreensão ética* como caráter último da tarefa hermenêutica.

O trabalho da interpretação psicanalítica exige que esta se volte sobre si mesma, interpretando-se *ad infinitum*. “Com isso, a interpretação é um método que não se esgota” (p.154). Seu caráter inacabado é, antes de tudo, o reconhecimento de que não há verdade essencial e imutável a ser descoberta. Assim, a interpretação freudiana sempre obriga o intérprete a ela retornar, sem pretender esgotá-la.

O caráter de infinitude do processo interpretativo impõe restrições na escuta clínica. Se a escuta permite um campo infinito de significados ao intérprete, é tarefa do psicanalista fazer que o analisando se reconheça implicado no campo de sentidos do texto que o sonhador constrói. A interpretação psicanalítica deve permitir que se encontre um ponto de basta, justamente onde o sentido de um sonho possa ser traduzido, reconhecido *in limine* como desejo de um sujeito que se formula em texto, na elaboração da cadeia associativa entre os elementos que compõem a imagem onírica, ressalta Waisberg.

*A interpretação de sonhos* é a obra-mestra para se entender como Freud – em meio à tradição científica naturalista e à filosofia consensualista da época – conseguiu expandir a racionalidade, injetando-lhe o que até então permanecia excluído. Os argumentos de Freud em *A interpretação de sonhos* apresentam um modelo que fundamenta novas bases para a Ciência e uma concepção inédita sobre o psiquismo, que obriga a filosofia a retificar o fundamento psicológico tradicional sobre o qual se construíra: ela terá de levar em consideração, a partir do advento da psicanálise, a atividade psíquica inconsciente.

**Cibele Ruas** é psicóloga clínica e escritora, com formação psicanalítica pelo Núcleo de Psicanálise (Belo Horizonte) e membro fundador do Núcleo de Psicanálise, Estudos e Práticas Institucionalistas (Belo Horizonte).

A autora dissecou as tendências que inspiraram Freud – Dilthey e Schleiermacher, bem como as do movimento naturalista – onde Freud deseja encontrar sua identidade epistêmica.

Waisberg destaca o ineditismo de Freud frente às influências sobre as origens da psicanálise. Por ser um pensador que se auto-analisa continuamente, assim como analisa sua construção científica, ele não deixa de refletir e reconsiderar a repercussão das linhas de pensamento em voga sobre as bases e o alcance da interpretação. Essa reflexão leva-o a introduzir o conceito de *sobredeterminação*, de acordo com o caráter evolucionário da interpretação, na sua autêntica vertente darwiniana. Nada o impede de inaugurar, com *A interpretação de sonhos*, a tese de que o sonho mostra de forma emblemática que o homem não possui o centro que acreditava nem no plano universal, nem no plano biológico, nem em seu próprio psiquismo.

Para construir sua teoria científica sobre os sonhos, a autora chama a atenção para o fato de Freud romper com o modelo explicativo, sustentado em bases somáticas, perspectiva epistemológica da psiquiatria e da psicologia explicativas do século XIX, constituindo um campo epistemológico original. *A interpretação de sonhos* marcou a construção de uma teoria psicanalítica do *sentido*. É nesse ponto capital, onde Freud demonstra a decisiva importância do sonho como formação do sistema inconsciente, que Waisberg analisa como a psicanálise se distingue da hermenêutica tradicional.

Segundo a autora, o método de interpretação cria um estilo próprio de hermenêutica, que ultrapassa o modelo consciencialista da Filosofia e da Ciência da época. O descentramento do sujeito é novidade epistemológica e metodológica, e a interpretação, o instrumento necessário à captação do sentido relacionado com a verdade do sujeito.

Se o desejo inconsciente permanece oculto, distorcido e *esquecido*, a interpretação psicanalítica torna-se leitura rigorosa que permite resgatar a matéria-prima produtora da verdade

do sujeito – o sujeito do inconsciente, revelado pelas formações do inconsciente. A psicanálise abandona os conceitos de sujeito da filosofia e da psicologia. A impossibilidade de trânsito entre esses três campos de saber marca a fronteira que delimita a especificidade da psicanálise, diferenciando-a como nova ciência.

Reflexão e consciência não mais coincidem. A interpretação questiona as ilusões da consciência e o caráter auto-evidente do *eu*, fundando novas bases de investigação que, destaca Waisberg, elevarão o estatuto do inconsciente à racionalidade. A nova ciência tem um imperativo: “*não esquecer o inconsciente*, o que implica tratar de lhe fazer justiça, e não abandoná-lo à irracionalidade” (p. 32).

No capítulo VII de *A interpretação de sonhos*, Freud inaugura a psicologia do sujeito dividido. O fenômeno da *transferência* permite apreender *in statu nascendi* os elementos do conflito fundante do sujeito e de sua verdade.

O texto de Waisberg é rigoroso: repassa passagens polêmicas quanto à tradução dos termos empregados por Freud no original em alemão. A autora examina o efeito do termo interpretação (*Deutung*), dependendo da compreensão cultural das diversas tradições dos comentadores da obra freudiana. Ela ressalta as alterações radicais sofridas em suas sucessivas versões, suscitando discussões e equívocos não somente entre as diversas escolas de psicanálise, mas também em outros campos do saber.

A autora convida a psicanálise ao debate sobre a linguagem, especialmente a linguagem onírica, perguntando em que medida a filosofia compreende a psicanálise como um estilo de hermenêutica. Afinal, a psicanálise lida com as aparições lingüísticas do desejo, sendo o sonho uma *formação* do inconsciente que se apresenta como texto. “O ‘inconsciente’ não é o inconsciente do texto formado por essas transformações, mas é a expressão do regime que regula a manifestação conflitual que subjaz a essas transformações” (p. 50).

Descortina-se a complexidade do que a psicanálise propõe: a busca dos pensamentos oníri-

cos, originários do conteúdo manifesto, delinea os processos psíquicos em jogo. A memória, então, não se situa numa disposição contínua em relação à realidade: ela está gravada de diversas maneiras, nos diferentes registros – que serão designados como consciente, pré-consciente e inconsciente. Freud nunca ofereceu um estudo completo sobre a memória, mas várias questões foram sinalizadas.

À medida que o tema se aprofunda, a diferença entre pensamentos oníricos e conteúdo onírico revela a existência de um fato fundamental, a natureza superdeterminada do conteúdo do sonho, e princípios fundamentais, “um verdadeiro ‘aplainamento’ entre realidade e fantasia” (p. 155), no processo de estruturação psíquica.

A psicanálise faz sua contribuição à lingüística, já que aponta para a relação entre palavra e desejo. A linguagem humana, simbólica, é distorcida: “o que é dito freqüentemente quer dizer outra coisa” (p. 53).

Não basta ao analista a familiaridade com a língua da teoria. As palavras do paciente não se deixam encerrar por esquemas preestabelecidos. Toda a conceituação tem sua origem na experiência pessoal, cuja originalidade deve ser reencontrada, destaca a autora.

Como interpretar? Waisberg apóia a tese de que, por meio de sua auto-análise, Freud criou uma forma singular de racionalidade, ao encontrar vínculo entre a racionalidade e o imaginário.

Em *A interpretação de sonhos*, misturam-se os planos da experiência clínica, das experiências pessoais e da experiência teórica – afinal, a obra marca uma grande virada, que emerge da preocupação de estruturar um método, no mesmo tempo em que se revolucionam os paradigmas que embasavam a racionalidade. Os processos das formações do inconsciente estão articulados aos processos de estruturação da linguagem.

Freud intitula o capítulo VII de *A interpretação de sonhos* de “A psicologia dos processos oníricos”. Sendo o inconsciente, por excelência, o objeto da psicanálise, e sendo a consciência o ob-

jeto da psicologia, Freud obriga a questão do inconsciente a ser tomada como objeto da ciência, provocando vertigem nos confins da metafísica e da ciência, conforme salienta Waisberg. O termo *metapsicologia* é utilizado para definir a originalidade de sua tentativa de edificar uma psicologia que leve ao outro lado da consciência, diferentemente das psicologias clássicas da consciência.

*Interpretação*, no vocabulário filosófico, remete sempre à hermenêutica, mas seria a *Deutung* freudiana uma hermenêutica? Waisberg chama a atenção para o fato de que, para o próprio Freud, o método seria utilizado para substituir o conteúdo ininteligível dos sonhos por outro, compreensível e significativo. O inconsciente freudiano coloca a hermenêutica em crise, demonstra a autora, pois esta não pode mostrar como é seu modelo de interpretação. Freud se recusa a subordinar a psicanálise a uma racionalidade hermenêutica, o que é atestado por sua fidelidade obstinada ao ideal explicativo: “Não existem aspectos de um sonho que não possam ser explicados desta maneira”, afirma ele no *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]), referindo-se ao estudo da elaboração onírica.

Seguindo Waisberg, o esquecimento e a dúvida, nos sonhos, são mensagens que insistem em se fazer presentes – funcionam também como espécie de pontuação, operam como a interrupção da trama de um texto. O desejo do sonho é transmitir uma mensagem. Ora, todos os sonhos são realizações alucinatórias de um desejo recalcado; por outro lado é função do sonho impedir que essa mensagem seja transmitida à consciência. Freud observa que os sonhos possuem regras que funcionam como operadores nos processos de linguagem. Tais operadores, sob a censura do sistema pré-consciente/consciência, distorcem e deslocam o conteúdo da mensagem, de maneira a torná-la incompreensível ao sonhador no estado de vigília. Entretanto, Freud faz ver que, embora a mensagem seja incompreensível à consciência, ela não é intraduzível; para tanto, deve ser interpretada pela linguagem da vigília. A censura



opera como resistência à recordação, que ainda assim insiste em ser recordada na sua forma distorcida. O esquecimento é, portanto, o efeito de um trabalho: ele é a resultante de duas forças que operam em sentido contrário para satisfazer o desejo, que é imperativo, frisa Waisberg.

O desejo é a própria condição do trabalho de sonho, de forma a perturbar minimamente o sono. O esquecimento do texto onírico (manifesto por meio da percepção de imagens e palavras) é o operador da censura, que impede ou permite que o sujeito continue a dormir ou acorde, dependendo da intensidade provocada pela apresentação das imagens na tela do sonho. É também o esquecimento que impede que os pensamentos dos sonhos cheguem à consciência. Seu acesso à consciência só é permitido quando são respeitadas as leis vigentes nesse sistema.

O texto de Maria Thereza Waisberg demonstra, de forma peculiar, a originalidade da pesquisa inaugurada por Freud. Seu pensamento instiga a refletir sobre problemas não resolvidos na pesquisa atual sobre os processos que promovem o esquecimento, levando ao apagamento da memória. Ora, se a memória tem a função de recordar – entre outras –, a autora se dá conta da necessidade de examinar, com Freud, quais seriam os mecanismos que a fariam operar em sentido contrário. Por ser um fenômeno universal, a pesquisa sobre o sonho é, por excelência, caminho privilegiado para o conhecimento do funcionamento psíquico humano. A autora ressalta, assim, os efeitos a serem buscados para uma pesquisa que vá além do interesse sobre aspectos psicopatológicos cotidianos do sistema percepção-memória.

Waisberg indaga:

Mas é então cabível ao trabalho interpretativo, em estrito sentido, estender e esgotar o campo científico e, com o saber da associação livre, poder se chegar ao que Freud denomina seu limite, como um “umbigo”? Ou, ainda, não seria esta a pretensão do trabalho interpretativo: esgotar o campo científico e, com o saber da associação livre, se chegar à “castração”? (p. 89).

É a transferência que marcará o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico – suas modalidades, sua interpretação e sua resolução caracterizam o processo, sua função estando classificada por Freud entre os principais *obstáculos* que se opõem à rememoração do recalcado. A transferência põe-se em jogo no momento em que o recalcado ameaça revelar-se – a transferência é, reconhece Freud, em relação à rememoração verbalizada, *resistência de transferência*, constituindo maneira privilegiada de apreender os elementos do conflito infantil, terreno em que se representam, em sua irrecusável atualidade, a existência e a permanência dos desejos e fantasias inconscientes. O fragmento esquecido será revivido, e não eliminado. “[...] ainda que apareça como texto, o sonho é um texto esburacado” (p.160). Se há *furos* no texto, são eles que permitem, pelo viés do analista, enxergar a verdade de uma realidade psíquica.

A autora demonstra que Freud formula, então, uma *lógica do esquecimento*: o que for mais rapidamente esquecido deixa entrever mais nitidamente o efeito da resistência. Quanto mais dúvidas, mais há certeza subjacente.

Ao observar como se estruturam os sonhos, Freud se dá conta de que existem contradições, paradoxos e opacidades entre a teoria e a experiência clínica. Não excluídas do seu campo de reflexão, salienta a autora, são essas contradições e opacidades que lhe permitem revelar, de forma original, onde se apóia o método analítico, e também seu progresso.

Retomando rigorosamente o pensamento de Freud, Maria Thereza Waisberg mostra que a interpretação na transferência é a repetição de uma demanda dirigida do lugar do Outro – é o retorno de uma demanda passada, que, não tendo sido nomeada, retorna pelas formações do inconsciente – e o sonho é o protótipo desse movimento.

Na regra da associação livre – *dizer tudo livremente, sem censura* – objetiva-se resgatar o sentido do que não pode ser dito e está no lugar do esquecimento. “[...] nada do que foi esque-

cido, distorcido ou escolhido é inocente ou arbitrário. Todo o processo onírico está atrelado ao desejo inconsciente e às formas possíveis de sua emergência” (p.131). Freud assinala a questão dos erros: várias interpretações possíveis, as resistências, o esquecimento, as falhas e incoerências no relato do sonho.

Como resume a autora:

O sonho entendido como texto a ser decifrado, ou interpretado, acolhe com igualdade de importância tudo aquilo que for considerado erro ou retificação. Tem-se como pressuposição que qualquer distorção absurda ou ilógica na narrativa não é aleatória, nem obedece a um princípio de causalidade único ou simples. Com a noção de sobre-determinação, o todo determina as partes, bem como a estrutura determina os elementos. (p.134).

Freud propôs uma teoria que torna o sonho “objeto de conhecimento construído pelo pensamento. Então, o que se interpreta não são

as imagens oníricas, mas estas imagens quando transformadas em texto” (p.134). “Em outros termos, a interpretação é operação da representação, que possibilita ao sujeito, sob as condições da realidade psíquica, nomear seu desejo *a posteriori*, em movimento contínuo” (p.135).

Ao finalizar sua obra, a autora reporta-se ao comentário de Lacan sobre a revolução que Freud introduziu nos métodos tradicionais da pesquisa científica. Com o capítulo VII de *A interpretação de sonhos*, a consciência, depositária da Razão Iluminista, é uma ilusão, tanto quanto pode ser um sonho. “O sujeito psicanalítico, sujeito do inconsciente, é aquele referido ao *Cogito* cartesiano, que tem sua origem histórica no sujeito da ciência”, conclui a autora (p.164). Há um sujeito que pensa, antes que advenha à certeza. O *Cogito*, revolucionado e subvertido pela psicanálise freudiana, é uma experiência ética – o que implica uma forma de pensar sobre o sentido da própria existência humana: ele não é, em sua base, uma atividade diferente do fenômeno onírico.

## Colaboradores deste número

### Alan Victor Meyer

R. João Moura, 627, cj. 132  
05412-911 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3062-9810 e 3865-1824  
avmeyer@uol.com.br

### Alessandra Monachesi Ribeiro

R. Mário Amaral, 343  
04002-021 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3885-8755  
alemonachesi@gmail.com  
alemonachesi@uol.com.br

### Alice Paes de Barros Arruda

R. Capote Valente, 432 cj. 106  
05409-001 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3062-0204  
alicepba@uol.com.br

### Ana Cristina Cintra Camargo

R. Purpurina, 155, cj. 44  
05435-030 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3444-3655  
cintracamargo@uol.com.br

### Camila Pedral Sampaio

R. Purpurina, 131, cj. 108  
05435-030 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3819-1432  
camilapedral@uol.com.br

### Camila Salles Gonçalves

R. Dr. Flávio Américo Maurano, 810  
05656-020 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3742-7185  
camila\_salles@uol.com.br

### Carmen Savorani Molloy

Al. dos Jurupis, 452 cj. 142  
04088-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 5051-1349  
carmenmolloy@uol.com.br

### Cecilia Maria de Brito Orsini

R. Arthur de Azevedo, 1857 cj. 74  
05404-030 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3083-0796  
ceciliaorsini@uol.com.br

### Chaim Samuel Katz

R. Garcia D'Ávila, 64, cj. 201  
22421-010 Rio de Janeiro RJ  
chaimsk@globo.com

### Cibele Ruas

Av. Barão Homem de Melo, 4500  
cj. 406-408  
30450-250 Belo Horizonte MG  
Tel.: (31) 3342-2961, 3296-7536 e 3297-8290  
cibele.ruas@gmail.com

### Daniela Danesi

R. Teodoro Sampaio, 744 cj. 54  
05406-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3062-3414  
dandanesi@uol.com.br

### Décio Gurfinkel

R. Maranhão 620 cj. 64  
01240-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3825-9794

### Eduardo Losicer

R. Visconde de Caravelas, 98 ap. 1008.  
22271-030 Botafogo RJ  
Tel.: (21) 2266-4568 e (21) 9999-6081  
losicer@terra.com.br

### Eliane Accioly Fonseca

R. Joaquim Floriano, 871 cj. 94,  
04534-013 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3168-3639  
eliane@acciolyfonseca.psc.br

### Fátima Milnitzky

R. Cel. Artur de Paula Ferreira, 59, cj. 62  
04511-060 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3846-0137  
fatimamil@terra.com.br

### Fernanda Sofio

R. Nove de Julho, 217  
04739-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 7255-0236  
fernanda@alum.bu.edu

### Gisela Haddad

R. Benedito Lapin, 60 Itaim-Bibi  
Tel.: (11) 3845-6482 e 3845-8265  
e-mail: gishaddad@yahoo.com

### Gislainne Magalhães de Sá

R. Alvorada, 103  
11050-130 Santos SP  
Tel.: (13) 3223-5202 (13) 9113-8247  
gidesa@uol.com.br

### Grupo Vórtice de Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos

R. Tenente Virmondos, 1180  
38400-110 Uberlândia MG  
Tel.: (34) 3235-3213  
vorticepsicanalitico@yahoo.com.br

### João A. Frayze-Pereira

R. Joaquim Antunes, 727 cj. 72  
05415-012 São Paulo SP  
Tel.: (11) 4702-4781  
joaofrayze@yahoo.com.br

### Joel Birman

R. Visconde de Pirajá, 336 cj. 101  
22410-000 Rio de Janeiro RJ  
Tel.: (21) 2267-7038

### José Carlos Mohallem

R. Dona Antonia de Queirós, 549 cj. 605  
01307-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 31205530  
jcmohallem@yahoo.com.br

### Leda Herrmann

R. Agrário de Sousa, 106  
01445-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3088-8123  
herrmannfl@globo.com

### Leda Maria Codeço Barone

R. Alceu de Campos Rodrigues, 46 cj. 38  
04544-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3045-9064  
ledabarone@uol.com.br

### Liana Pinto Chaves

R. José de Freitas Guimarães, 304  
01237-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3871-5458  
lpc@terra.com.br

**Luciana Saddi**

Praça Morungaba, 66  
01450-090 São Paulo SP  
Tel.: (11) 9983-7195  
lusaddi@uol.com.br

**Magda Guimarães Khouri**

R. Consolação, 3741 cj. 22  
01416-001 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3083-3002  
magdakhouri@uol.com.br

**Maria Cecília Pereira da Silva**

R. Joaquim Antunes, 490 cj. 94  
05415-001 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3081-9159  
mcpsilv@gmail.com

**Maria Cristina Gonçalves Vicentin**

R. Herculano, 272  
01257-030 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3863-9116 / 9179-2922  
crisvici@uol.com.br

**Marilsa Taffarel**

R. Oscar Freire, 2271  
01409-011 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3081-4071

**Mario Pablo Fuks**

R. Marquês de Itu, 837, cj. 62  
01223-001 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3259-0922  
mfuks@uol.com.br

**Marion Minerbo**

R. Alcides Pertiga, 78  
05413-100 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3898 0074  
marion.minerbo@terra.com.br.

**Miguel Calmon**

R. Carlos Góis, 375, sala 310  
22440-040 Rio de Janeiro RJ  
Tel.: (21) 2511-1744;  
mcalmon.trp@terra.com.br

**Noemi Moritz Kon**

R. Augusta, 2445, cj. 2  
01413-100 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3083-6193  
kononi@aclnet.com.br

**Osmar Luvison Pinto**

R. Capote Valente, 432 cj. 72  
05409-001 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3088-3605  
osmarlp@uol.com.br

**Paulina Schmidtbauer Rocha**

R. João Ramos, 231  
52011-080 Recife PE  
Tel.: (81) 3423-5751 e (81) 3223-4712  
paulinarocha@uol.com.br  
cppl@cppl.com.br

**Pavel V. Katchalov**

Kropotkinsky per., 23  
119992 Moscou  
p\_katchalov@psychanalyo.ru

**Renato Mezan**

R. Amália de Noronha, 198  
05410-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3081-4851  
rmezan@uol.com.br

**Rubens Marcelo Volich**

Av. Washington Luis, 1527 cj. 122-B  
04662-002 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3862-7743  
volichrm@dialdata.com.br

**Rubia Mara do Nascimento Zecchin**

R. Ilhéus, 135  
01251-030 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3862-7743  
rubiazecchin@uol.com.br

**Sandra Lorenzon Schaffa**

R. Cel. Irlandino Sandoval, 122  
01455-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3031-9215  
sandralorens@uol.com.br

**Sandra Regina Moreira de S. Freitas**

R. Maranhão, 598 cj. 73  
01240-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3661-7426  
sousafreitas@uol.com.br

**Sérgio Telles**

R. Maestro Cardim, 560 cj. 194  
01323-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3283-5767  
setelles@uol.com.br

**Sidnei Goldberg****Sonia Soicher Terepins**

R. Joaquim Antunes, 767, cj. 135  
05415-012 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3085-3363  
soniast@picture.com.br

**Suelena Werneck Pereira**

Av. Epirácio Pessoa, 4000/301  
22471-003 Rio de Janeiro RJ  
Tels: (21) 2527-5036 e (21) 2539-6912  
suelena@uol.com.br

**Susan Markuszower**

R. Dr. Franco da Rocha, 488  
05015-040 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3672-9156  
susanmark@uol.com.br

**Suzete Capobianco**

R. Itacolomi, 601 cj.95  
01239-020 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3231-3983  
suzycapo@aclnet.com.br

**Sylvia Salles Godoy de S. Soares**

R. Caçapava 49, cj. 26  
01408-010 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3082-6261  
sylviagodoy@uol.com.br

**Yudith Rosenbaum**

R. Paraguaçu, 174 cj. 52  
05006-010 São Paulo SP  
Tel: (11) 3661-635  
yudith@uol.com.br

# Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na *Revista Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os trabalhos enviados para publicação na *Revista Percurso*, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por uma **página de rosto** contendo o título e o nome do autor, sua qualificação, endereço e telefone (incluir CEP e DDD) e e-mail, um resumo de cinco linhas em português e inglês, até seis palavras-chave em português e inglês, o número exato de **caracteres com espaços** do texto, e a data de remessa. O título (somente este) deverá ser repetido na primeira página. Esta é destacada quando o trabalho é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.

2. Os trabalhos deverão ser entregues em seis cópias, pessoalmente ou por correio, à Coordenação Editorial de *Percurso*: Rua Amália de Noronha, 198, 05410-010 São Paulo. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail.

3. Todos os trabalhos são analisados em detalhe pelo plenário da Comissão Editorial ou da Comissão Editorial de Resenhas, que poderão solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres. Uma vez aceito, um membro destas transmite ao autor eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, em particular – mas não só – a fim de o adequar aos padrões gráficos da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por *Percurso*:

- O que merecer destaque deve vir em *itálico*; não utilizar sublinhado nem negrito.
- Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- Palavras estrangeiras e títulos de livros mencionados no texto: estilo *itálico*, sem aspas.
- Títulos de artigos mencionados no texto: estilo normal, com aspas;
- Citações: entre aspas, com chamada de nota.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada e ser numeradas **consecutivamente** em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

- a. **Nome do autor:** em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.
- b. **Artigos e capítulos de livros:** título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem, cidade, editora, ano de publicação e página citada, precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, “Os Pós-

Kleinianos: Discussão e Comentário”, in *A Psicanálise depois de Freud*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 286. Caso se trate de uma revista ou periódico, colocar em *itálico* o nome da revista, indicando número ou volume, local de publicação, ano e página citada. Exemplo: R. Zygouris, “O Olhar Selvagem”, *Percurso* n° 11, São Paulo, 1993, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

- c. **Livros:** *título em itálico*, cidade, editora, ano de publicação e página(s) citada(s). Exemplo: J. Greenberg e S. Mitchell, “Object Relations”, in *Psychoanalytic Theory*, Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 377 (ou: p. 377-378).
- d. **Textos citados mais de uma vez:** a partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em *itálico*, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder Bacha, *A Arte de Formar*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 45; segunda citação, Marcia Neder Bacha, *Psicanálise e Educação: Laços Refeitos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1009; p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A Arte...*, p. 134; quinta citação, Bacha, *A Arte...*, p. 136; e assim sucessivamente.
- e. Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: Mezan, R.: *Interfaces da Psicanálise*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002; Levisky, D.: *Um monge no divã*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

9. Para resenhas: título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, *título da obra em itálico*, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o Fio e o Pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as Psicoses: Primeiros Estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p. O nome, qualificação, endereço, telefone e e-mail do resenhador devem vir no final do texto, seguindo o solicitado no item 1 destas Normas. Não é necessário colocar resumo ou palavras-chave nas resenhas.

10. Uma vez atendidas as recomendações das Comissões Editoriais, os trabalhos serão entregues no endereço acima, em disquete, no formato Word (.doc), acompanhados de uma cópia impressa.

11. O autor receberá cinco separatas do seu trabalho, além de um exemplar do número em que ele figura. Os trabalhos recusados não são devolvidos; o *copyright* dos aceitos pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na **Revista Percurso**. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no site da revista, [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso).



## Onde encontrar *Percurso*

### Belém

Lúcia Helena Silva Alves  
Travessa Teófilo Conduru  
Passagem 2 Américas, 16  
Tel.: (91) 259.2431

### Belo Horizonte

Livraria do Psicólogo  
Rua Cuverlo, 132 Loja 27  
Tel.: (32) 3273.5808

### Campinas

Livros Neli  
Rua Dr. Pelégio Lobo, 131  
Guanabara  
Fone/Fax: (19) 3243.7649

### Fortaleza

Livraria da Lua  
Av. Carapinima, 2200 Loja 121 B  
Tel.: (85) 223.4336

### Goiânia

Dimensão Editorial e Distribuidora  
R. 1121, nº 249 – setor Marisa  
Tel.: (62) 281.4135

### Porto Alegre

Livraria Cultura  
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302  
Tel.: (51) 3028-4033  
gaalmeida@livrariacultura.com.br

### São Paulo

Casa do Psicólogo  
Rua Mourato Coelho, 1059  
Tel.: (11) 3034.3600

FNAC Brasil – Paulista

Av. Paulista, 901  
Tel.: (11) 2123-2000

FNAC Brasil – Pinheiros

Praça Omaguás, 34  
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271

Livraria Cortez

Rua Bartira, 317  
Tel.: (11) 3873.7111

Livraria Cultura – Villa Lobos

Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245  
Tel.: (11) 3024-3599  
ehnunez@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place

Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 Loja 222  
Tel.: (11) 3024-3599  
ehnunez@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila

R. Fradique Coutinho, 915  
Tel.: (11) 3814-5811

Livraria Espaço Vôo Livros

Instituto Sedes Sapientiae  
Rua Ministro de Godoy, 1484  
Tel.: (11) 3873.2314 ramal 734

Livraria Moisés Limonad

Pós-Graduação PUC/SP  
Rua Monte Alegre, 984  
Tel.: 3871.2023

Livraria Pulsional

Rua Dr. Homem de Mello, 351  
Telefax: (11) 3865.8950 / 3675.1190

Maura Book's

Rua José Gonçalves Gomide, 545  
Fone: (11) 6909.1959

Oriana Livros e Periódicos

Instituto de Psicologia USP  
Av. Prof. Mello de Moraes, 1721 Bl. B  
Tel.: (11) 3037.0874  
orionalivros@hotmail.com

Resposta Editorial

R. Texas, 658  
Tel.: (11) 5044-7565

### Sorocaba

Veronika Martins Hoffmann

Av. Presidente Kennedy, 316 – Jd  
Paulistano  
Tel.: (15) 3417-2014  
wmhoffmann@terra.com.br

### Uberaba

Ilcéa Borba Marquez

Rua Alfen Paixão, 599 – Mercês  
Tel.: (34) 3312.7761





## Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 100,00 (dois números)
- Por telefone:** ligue para (011) 3816-3780, das 8:00 às 21:00, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3816-3780, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Credicard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para  
*Revista Percurso*  
a/c Setor de Assinaturas  
R. Paulistânia, 593  
05440-000 São Paulo SP

### Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

|                             |                            |                            |                            |
|-----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| NOME: _____                 |                            | DATA: ____/____/____       |                            |
| ENDEREÇO: _____             |                            |                            |                            |
| CEP: _____                  | CIDADE: _____              |                            | ESTADO: _____              |
| TELEFONE RES.: (    ) _____ |                            | COM.: (    ) _____         |                            |
| CIC: _____                  |                            | RG: _____                  |                            |
| E-MAIL: _____               |                            |                            |                            |
| <b>Credicard:</b>           | nº _____                   | val.: _____                | _____                      |
| <b>Visa:</b>                | nº _____                   | val.: _____                | _____                      |
| <b>AmEx:</b>                | nº _____                   | val.: _____                | _____                      |
| Quantidade de Parcelas:     | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 | <input type="checkbox"/> 5 |

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS  
R. Paulistânia, 593  
05440-000 São Paulo  
Fone: (11) 3816-3780/3816-1137

Você também pode nos enviar um e-mail ([percurso@uol.com](mailto:percurso@uol.com)) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.







